NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 08811815 7

Digitized by Google

Digitized by Google

(Renan)

ZDDC

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

AMES W HAWES

ORIGENS DO CHRISTIANISMO

OS APOSTOLOS

POR

ERNESTO RENAN

TRADUCÇÃO

DE

EDUARDO AUGUSTO SALGADO

PORTO.
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 62

1866

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

BIBLIOTHECA DO CARROÇÃO

PRIMEIRA SERIE

Digitized by Google

Digitized by Google

BIBLIOTHECA DO CARROÇÃO

PRIMEIRA SERIE

Digitized by Google

J. W. [illegible]
from Portuguese [illegible]
Philad[illegible]
Received March [illegible]

HISTORIA

DAS

ORIGENS DO CHRISTIANISMO

—

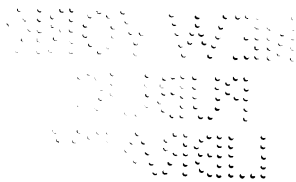
SEGUNDO LIVRO

DESDE A MORTE DE JESUS ATÉ ÁS GRANDES MISSÕES
DE S. PAULO

(33-45)

NEW YORK
PUBLIC
LIBRARY

Digitized by Google



Digitized by Google

OS APOSTOLOS

POR

ERNESTO RENAN

TRADUCÇÃO

DE

EDUARDO AUGUSTO SALGADO

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 62

1866

Digitized by Google

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
522555
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS.
R 1911 L

NEW YORK
PUBLIC
LIBRARY

Digitized by Google

INTRODUCÇÃO

CRITICA DOS DOCUMENTOS ORIGINAES

O primeiro livro da nossa *Historia das Origens do Christianismo* acompanhou os acontecimentos até á morte e sepultura de Jesus. Agora é mister ir buscar as cousas ao ponto onde as deixamos, isto é partir do sabbado 4 de Abril do anno 33. De certo modo será ainda por algum tempo uma continuação da vida de Jesus. Depois dos mezes de aprazivel enlevo, durante os quaes o grande fundador assentou as bases de uma ordem nova para a humanidade, foram estes annos os mais decisivos na historia do mundo. É ainda Jesus que, pelo fogo sagrado de que communicou uma centelha ao coração de alguns amigos, cria instituições da mais alta originalidade, abala, transforma as almas, estampa em tudo o seu sello divino. Temos de mostrar como, sob esta influencia sempre activa e triumphante da morte, se estabeleceu a fé na resurreição, no influxo do Espirito Santo, no dom das linguas, no poder da Egreja. Exporemos a

Digitized by Google

organisação da Egreja de Jerusalem, as suas primeiras provas e conquistas, e as mais antigas missões sahidas do seu gremio. Acompanharemos o christianismo nos seus rapidos progressos na Syria até Antiochia, onde se fórma segunda capital, mais importante em certo sentido do que Jerusalem, que havia de supplantar um dia. N'este novo centro, onde os pagãos convertidos constituem a maioria, veremos o christianismo separar-se do judaismo por modo definitivo e cobrar um nome; veremos surgir a grande idéa de missões remotas, que haviam de levar o nome de Jesus ao seio da gentilidade. Deter-nos-hemos no solemne momento em que Paulo, Barnabé, João Marcos partem para a execução d'esse grande designio. Então, interromperemos o encadeamento dos factos por alongarmos rapido olhar pelo mundo cuja conversão commettem os ousados missionarios. Trabalharemos por averiguar o estado intellectual, politico, moral, religioso e social do imperio romano no anno 45, data provavel da partida de S. Paulo para a sua primeira missão.

Tal é o assumpto d'este segundo livro, que intitulamos *os Apostolos,* porque expõe o periodo de acção commum durante o qual a pequena familia creada por Jesus opéra no melhor accordo, e é reunida moralmente de redor de um ponto unico — Jerusalem. No terceiro livro, que breve virá a lume, sahiremos d'este cenaculo, e veremos, quasi só em scena, S. Paulo, o homem que representa melhor do que qualquer outro o christianismo conquistador e ambulante. Posto que, de certa época, se nomeasse apostolo, Paulo não o era como os Doze [1]; é um obreiro da segunda hora e quasi um intruso. Faz-nos cahir n'este ponto em certa illusão o estado em que chegaram aos nossos tempos os documentos historicos. Como sabemos muito mais de Paulo do que dos Doze, como possuimos os seus escriptos authenticos e memorias originaes de grande exactidão sobre algumas épocas

1 O author dos *Actos* não dá directamente a S. Paulo o titulo de apostolo. Em geral, esse titulo é por elle reservado para os membros do collegio central de Jerusalem.

Digitized by Google

da sua vida, damos-lhe uma importancia de primeira ordem, quasi superior á de Jesus. É um desacerto. Paulo é um homem eminente, e desempenhou na fundação do christianismo um dos papeis de mais peso: mas não devemos pôl-o em balança com Jesus, nem mesmo com os discipulos immediatos de Jesus. Paulo não viu o mestre; não se deliciou com a ambrosia da prégação galiléa. Ora, o homem mais somenos que havia participado do celeste maná era, por isso mesmo, superior áquelle que só lhe sentira o resaibo. Não ha nada mais falso do que a opinião, geralmente acolhida hoje, de ser Paulo o verdadeiro fundador do christianismo. O verdadeiro fundador do christianismo é Jesus. Depois d'elle os primeiros lugares cabem áquelles grandes e obscuros companheiros de Jesus, áquellas socias extremosas e fieis que creram n'elle a despeito da morte. Paulo foi, no primeiro seculo, um phenomeno de certo modo insulado. Não deixou escóla organisada; deixou, pelo contrario, accesos adversarios que quizeram, depois da sua morte, quasi lançal-o da Egreja e igualal-o em importancia a Simão o Mago [1]. Tiraram-lhe o que consideramos como obra propriamente sua, a conversão dos gentios [2]. A Egreja de Corintho, que elle fundára só [3], affirmou que devia a sua origem a elle e a S. Pedro [4]. No seculo II, não fallam d'elle Papias e S. Justino. Só mais tarde, quando a tradição oral deixou de ter valor, quando a Escriptura valeu por tudo, é que Paulo cobrou um lugar de primeira ordem na theologia christã. Paulo, com effeito, tem uma theologia. Não a teve Pedro, não a teve Maria de Magdala. Paulo deixou escripturas valiosas; as dos outros apostolos não podem hombrear com ellas em importancia ou em authenticidade.

Á primeira vista, para o periodo que este volume abrange, são raros e completamente insufficientes os do-

1 Homelias pseudo-clementinas, XVII, 13-19.

2 Justino, *Apol.* I, 39. Nos *Actos* lavra tambem a idéa de ser Pedro o apostolo dos gentios. Veja-se particularmente o cap. X. Compare-se I Pedro, I, 1.

3 I Cor., III, 6, 10; IV, 14, 15; IX, 1, 2; II Cor., XI, 2, etc.

4 Carta de Dyonisio de Corintho, em Eusebio, *Hist. eccles.*, II, 25.

Digitized by Google

cumentos. Os testemunhos directos cifram-se nos primeiros capitulos dos *Actos dos Apostolos*, cujo valor historico dá campo a graves objecções. Mas a luz que projectam sobre este escuro intervallo os ultimos capitulos dos Evangelhos, e mórmente as epistolas de S. Paulo, rareia um pouco as trevas. Um escripto antigo póde servir para dar conhecimento, em primeiro lugar da época em que foi composto, em segundo da época que precedeu a sua elaboração. Não ha escripto que não mova inducções retrospectivas sobre o estado da sociedade onde surgiu. Dictadas do anno 53 ao anno 62 pouco mais ou menos, as epistolas de S. Paulo são ricas em informações para se historiarem os primeiros annos do christianismo. De mais, como aqui se trata de grandes fundações sem datas determinadas, o essencial é mostrar as condições em que se formaram. A este respeito devo dizer — e note-se bem porque não o repetirei — que as datas com que assignalarei o texto não são mais do que aproximações. A chronologia d'estes primeiros annos tem apenas um pequenissimo numero de dados fixos. Comtudo, pelo cuidado que teve o redactor dos *Actos* de não alterar a serie dos factos, pela epistola aos Galatas onde deparamos com indicações numericas de alto valor, e por que Josepho nos apresenta a data de successos da historia profana que se prendem com alguns factos relativos aos apostolos, póde-se traçar para a historia d'estes um esboço copioso em probabilidades, e em que o erro fluctue entre limites muito proximos.

Repetirei aqui o que disse no começo da minha *Vida de Jesus*. Em historias como estas, em que só é certo o todo dos factos, e em que quasi todos os pormenores se prestam mais ou menos á duvida, em consequencia do caracter lendario dos documentos, a hypothese é indispensavel. Sobre as épocas de que nada sabemos não ha para que fazer hypotheses. Querer reproduzir um grupo da estatuaria antiga, que existiu com certeza, mas de que não possuimos fragmentos nem informações escriptas, é commetter uma obra completa-

Digitized by Google

mente arbitraria. Mas tentar a recomposição dos ornatos frontaes do Parthenon com o que d'elles resta, e com auxilio dos textos antigos, dos desenhos feitos no seculo XVII, em uma palavra, de tudo o que d'elles consta, e pedindo inspirações ao estylo d'esses inimitaveis fragmentos, forcejando por bem alcançar-lhe a alma e a vida, haverá cousa mais legitima? Não se diga depois que se achou a obra do esculptor antigo, mas só que se fez o que era possivel para uma imitação perfeita. Ainda mais legitimo é esse processo em historia porque a linguagem permitte as fórmas dubias que o marmore não admitte. Nem mesmo ha nada que obste a que se proponha ao leitor a escolha entre diversas supposições. A consciencia do escriptor deve ficar tranquilla quando dê como certo o que é certo, como provavel o que é provavel, como possivel o que é apenas possivel. Nos passos em que se corre o risco de resvalar entre a historia e a lenda, só se deve fazer por alcançar o effeito geral. O nosso terceiro livro, para o qual teremos documentos absolutamente historicos, em que teremos de desenhar caracteres a traços vivos e contar factos claramente articulados, apresentará um narrar mais firme. Todavia vêr-se-ha que em summa a physionomia d'esse periodo não é conhecida com mais certeza. Os factos consummados dizem mais do que todas as individuações biographicas. Sabemos muito pouco dos incomparaveis artistas que lavraram os primores da arte grega. Mas essas maravilhas dizem-nos mais das pessoas dos seus authores e do publico que as admirou do que nos poderiam dizer as mais circumstanciadas narrações, os textos mais authenticos.

Para o conhecimento dos factos decisivos que se deram nos primeiros dias depois da morte de Jesus, os documentos são os ultimos capitulos dos Evangelhos, que referem as apparições do Christo resuscitado [1]. Jul-

[1] Quem não souber o allemão póde consultar, para mais largos pormenores sobre a discussão e a comparação das quatro escripturas, Strauss, *Vie de Jesus*, 3.ª secção, cap. IV e V (traducção de Littré), e *Nova Vida de Jesus*, liv. I, §. 46 e seg.; liv. II, §. 97 e seg. (traducção de Neffizer e Dollfus).

Digitized by Google

go inutil repetir aqui o que disse na introducção da minha *Vida de Jesus* ácerca do valor d'esses documentos. Para esta parte temos felizmente um auxiliar que muitas vezes nos fez falta na *Vida de Jesus;* é uma valiosissima passagem de S. Paulo (I *Cor.*, xv, 5-8), que estabelece: 1.º a realidade das apparições; 2.º a larga duração d'ellas, ao contrario do que relatam os Evangelhos synopticos; 3.º a variedade dos lugares onde se verificaram, no que não concorda com Marcos e Lucas. O estudo d'este texto fundamental, junto a muitas outras razões, prende-nos ainda mais ao que enunciamos sobre a relação reciproca dos synopticos e do quarto Evangelho. No que diz respeito á narração da resurreição e das apparições, o quarto Evangelho conserva aquella superioridade que tem para tudo o mais da vida de Jesus. Quem quizer uma narrativa seguida, logica, pela qual se póde conjecturar com probabilidade o que se occultou atraz das illusões, ha-de procural-a n'elle. Abico n'este ponto á mais embaraçada das questões que teem relação com as origens do christianismo: « Qual é o valor historico do quarto Evangelho? » O que d'ella me vali na minha *Vida de Jesus* é o ponto que mais objecções suggeriu aos criticos esclarecidos. Quasi todos os sabios que applicam á historia da theologia o methodo racional engeitam o quarto Evangelho como apocrypho em tudo. De novo reflecti muito sobre este problema, e não pude modificar por modo sensivel a minha primeira opinião. Como, porém, n'este ponto me aparto do geral sentir, entendi que devia expôr por miudo os motivos da minha insistencia, e tomei d'elles assumpto para um appendice a uma edição revista e correcta da *Vida de Jesus,* que breve darei ao publico.

Os *Actos dos Apostolos* são o documento mais importante para a historia que temos de contar. Cumpre que dê aqui explicações sobre o caracter d'esta escriptura, sobre o seu valor historico, e sobre o uso que d'ella fiz.

É fóra de duvida que os *Actos* tiveram por author

Digitized by Google

o do terceiro Evangelho, e são uma continuação d'este Evangelho. Não nos deteremos a provar esta proposição que nunca foi seriamente impugnada [1]. Demonstram-n'a de sobejo os prefacios dos dous escriptos, a dedicatoria de ambos a Theophilo, e a perfeita semelhança do estylo e das idéas.

Outra proposição, que não logra igual certeza, mas que todavia se póde ter por muito provavel, é que o author dos *Actos* é um discipulo de Paulo, que o acompanhou em boa parte das suas jornadas. Á primeira vista, parece ella indubitavel. Em muitos passos, do versiculo 10 do capitulo XVI por diante, serve-se o author dos *Actos* do pronome «nós», indicando assim que, n'esse tempo, era um dos da sociedade apostolica que ladeava Paulo. Isto parece demonstrativo. Com effeito, um só expediente se offerece para escapar á força de tal argumento; é o de suppor que as passagens em que se lê o pronome «nós» foram copiadas pelo ultimo redactor dos *Actos* de um escripto anterior, de memorias originaes de um discipulo de Paulo, por exemplo de Timotheo, e que o redactor, por inadvertencia, esquecesse substituir a «nós» o nome do narrador. Mas é bem pouco admissivel esta explicação. Quando muito comprehender-se-hia tal negligencia em grosseira compilação: mas o terceiro Evangelho e os *Actos* formam uma obra mui bem redigida, composta com reflexão e até com arte, escripta por uma só mão e segundo um plano ordenado [2]. Os dous livros juntos constituem um todo absolutamente do mesmo estylo, com as mesmas locuções favoritas e o mesmo modo de citar a Escriptura. Um erro de redacção tão repugnante como esse de que fallamos seria inexplicavel. Portanto, força é concluir que quem escreveu o fim da obra tambem escreveu o principio, e que o narrador de tudo é quem diz «nós» nas passagens a que alludimos.

Mais sensivel se torna isto quando se observa em

1 Ha muito tempo que a admittiu a Egreja como evidente. Vej. o canon de Muratori (*Antiq. Ital.*, III, 854) cotejado por Wieseler e restabelecido por Laurent (*Neutestamentliche Studien*, Gotha, 1866), linh. 33 e seg.

2 Luc. I, 1-4; *Act.*, I, 1.

Digitized by Google

que circumstancias o narrador se dá assim por companheiro de Paulo. O emprego do «nós» começa no momento em que Paulo passa á Macedonia pela primeira vez (XVI, 10), e cessa logo que Paulo sahe de Philippes: começa outra vez no momento em que Paulo, visitando a Macedonia pela ultima vez, torna a passar por Philippes (XX, 5, 6). Desde então o narrador não se separa mais de Paulo até ao fim. Se se nota mais que os capitulos em que o narrador acompanha o apostolo teem um caracter particular de exactidão, deixa-se de duvidar que fosse um Macedonio, ou antes um Philippense [1], que fosse ter com Paulo a Troade, durante a segunda missão, que ficasse em Philippes por occasião da partida do apostolo, e que na derradeira passagem do apostolo n'esta cidade (terceira missão) se juntasse a elle e não mais o deixasse. Concebe-se que um redactor, escrevendo longe, se tivesse deixado dominar a tal ponto pelas recordações de outro? Essas recordações seriam de mau effeito no todo. O discursador que diz «nós» havia de ter o seu estylo, as suas expressões particulares [2]; havia de ser mais pauliniano do que o redactor geral. Ora, não é isso o que se nota; a obra apresenta perfeita homogeneidade.

Talvez para alguem seja causa de admiração que tenha havido contradictores para uma these que parece tão evidente. A critica dos escriptos do Novo Testamento tem muitas d'estas clarezas que se apresentam ouriçadas de incertezas a quem as investiga. Pelo que toca a estylo, pensamentos e doutrinas, quasi não são os *Actos* o que se esperaria de um discipulo de Paulo. Em nada se parecem com as epistolas do apostolo; não teem nem sombra das imperiosas doutrinas que constituem a originalidade do apostolo dos gentios. O temperamento de Paulo é o de um protestante inflexivel e egoista; o author dos

1 Note-se com especialidade *Act.*, XVI, 12.

2 Sabe-se que entre os escriptores do Novo Testamento é grande a pobreza de expressão, e tanto que cada um tem o seu diccionariosinho particular. Tira-se d'ahi uma regra preciosa para determinar o author de escriptos embora de mui pouca extensão.

Digitized by Google

Actos afigura-se-nos um bom catholico, docil, optimista, que chama a cada sacerdote «um santo sacerdote» e a cada bispo «um grande bispo», e está mais disposto para abraçar todas as ficções do que para reconhecer que esses santos sacerdotes e grandes bispos se travam em competencias e ás vezes em aspera guerra. O author dos *Actos* professa alta admiração por Paulo, mas esquiva-se a dar-lhe o titulo de apostolo [1], e quer que pertença a Pedro a iniciativa da conversão dos gentios. Em summa, parece mais um discipulo de Pedro do que de Paulo. Breve mostraremos que, em duas ou tres circumstancias, os seus principios de conciliação o moveram a falsar gravemente a biographia de Paulo; cahe em inexactidões [2] e mórmente em omissões que são na verdade para estranhar-se em um seu discipulo [3]. Não falla em nenhuma das epistolas; abrevia por modo assombroso exposições da mais alta importancia [4]. Mesmo na parte em que de certo foi companheiro de Paulo, é algumas vezes estranhamente arido, sem amplas informações e desattentado [5]. Em fim, a frouxidão e o vago de certas passagens, a parte de convenção que n'ellas se descobre, fazem lembrar um escriptor que não tivesse tido nenhuma relação directa nem indirecta com os apostolos, e que escrevesse pelos annos de 100 ou 120.

Cumpre dar importancia a estas objecções? Entendo que não, e porfio em crêr que o ultimo redactor dos *Actos* é o discipulo de Paulo que diz «nós» nos ultimos capitulos. Todas as duvidas, por mais insoluveis que pareçam, devem ser, se não engeitadas, pelo menos sustidas por um argumento tão decisivo como é o que resulta da palavra «nós». De mais, attribuindo os *Actos* a um companheiro de Paulo, explicam-se duas importantes particularidades: a desproporção das partes da obra, da

1 O emprego d'esta palavra, *Act.*, XIV, 4, 14, é muito indirecto.
2 Compare-se, por exemplo, *Act.*, XVII, 14-16 e XVIII, 5, com I Thess. III, 1, 2.
3 I Cor., XV, 32; II Cor., I, 8; XI, 23 e seg.; Rom., XV, 19; XVI, 3 e seg.
4 *Act.*, XVI, 6; XVIII, 22, 23, comparando a epistola aos Galatas.
5 Por exemplo, a estada em Cesaréa é deixada em escuridade.

Digitized by Google

qual mais de tres quintos são consagrados a Paulo, e a desproporção que se nota na propria biographia de Paulo, cuja primeira missão é exposta com grande brevidade, ao passo que certas partes da segunda e da terceira, com especialidade as ultimas jornadas, são referidas com miudos pormenores. Um homem completamente estranho á historia apostolica não houvera cahido n'estas desigualdades; o todo da sua obra teria sido mais bem concebido. O que distingue a historia composta por documentos da historia em tudo ou em parte original, é justamente a desproporção: o historiador de gabinete traça o plano da sua obra com os proprios acontecimentos, o author de memorias soccorre-se ás suas recordações ou pelo menos ás suas relações pessoaes. Um historiador ecclesiastico, um Eusebio, que escrevesse pelo anno 120, ternos-hia legado um livro distribuido por modo mui differente desde o começo do capitulo XIII. A maneira singular como os *Actos*, n'esse ponto, sahem da orbita em que até ahi giravam, não se explica, no meu entender, senão pela particular situação do author e pelas suas relações com Paulo. Esse resultado será naturalmente confirmado se acharmos entre os collaboradores conhecidos de Paulo o nome do author a quem attribue a tradição o nosso escripto.

Com effeito é o que succede. Os manuscriptos e a tradição dão por author ao terceiro Evangelho certo *Lucanus* [1] ou *Lucas*. Do que fica dito resulta que, se Lucas é na verdade o author do terceiro Evangelho, tambem é o dos *Actos*. Ora, este nome Lucas achamol-o justamente como o de um companheiro de Paulo, na epistola aos Colossianos, IV, 14, na epistola a Philemon, 24, e na segunda a Timotheo, IV, 11. Esta é de uma authenticidade mais do que duvidosa; as outras, posto que com muitas probabilidades de authenticidade, não são, todavia, as epistolas de S. Paulo que movem menos duvidas. Em todo o caso, porém, são do primeiro secu-

[1] Mabillon, *Museum italicum*, I, 1.ª parte, pag. 109.

Digitized by Google

lo esses escriptos, e isso basta para provar por modo incontestavel que entre os discipulos de Paulo houve um com o nome Lucas.

Com effeito, quem lavrou as epistolas a Timotheo não foi de certo o mesmo que compoz as epistolas aos Colossianos e a Philemon (suppondo, contra a nossa opinião, que estas sejam apocryphas). Admittir que um falsificador houvesse attribuido a Paulo um companheiro imaginario seria já pouco verosimil. Mas com certeza dous falsificadores differentes não teriam acertado com o mesmo nome. Ha duas observações que dão a este raciocinio uma força particular. A primeira é que o nome de Lucas ou Lucanus é raro entre os primeiros christãos e não se presta a confusões de homonymos; a segunda é que o Lucas das epistolas não logrou nomeada. Assentar um nome celebre no frontispicio de um escripto, como se fez na segunda epistola de Pedro, e com grande probabilidade nas de Paulo a Tito e a Timotheo, não era cousa incompativel com os costumes de então. Mas que se empregasse n'esse caso um nome supposto, e, de mais, obscuro, não se admitte. A intenção do falsificador era cobrir o livro com a authoridade de Paulo? Mas, então, porque não se servia mesmo do nome de Paulo, ou ao menos do de Timotheo ou Tito, discipulos muito mais conhecidos do apostolo dos gentios? Lucas não era nada na tradição, na lenda ou na historia. As tres passagens mencionadas das epistolas não podiam bastar para fazer d'elle um abonador que todos aceitassem como bom. Provavelmente as epistolas a Timotheo foram escriptas depois dos *Actos*. As vezes que Lucas é mencionado nas epistolas aos Colossianos e a Philemon equivalem a uma só, porque esses dous escriptos fazem um só corpo. Por tanto, é nossa opinião que o author do terceiro Evangelho e dos *Actos* é realmente Lucas, discipulo de Paulo.

Mesmo este nome Lucas ou Lucano, e a profissão de medico que exercia o discipulo de Paulo assim cha-

Digitized by Google

mado [1], quadram bem com as indicações dos dous livros ácerca do seu author. Com effeito, mostramos que o author do terceiro Evangelho e dos *Actos* era provavelmente de Philippes [2], colonia romana em que dominava o latim [3]. Além d'isso, o author do terceiro Evangelho e dos *Actos* conhece mal o judaismo [4] e o que passa na Palestina [5]; tem mui poucas luzes de hebreu [6]; está muito visto nas idéas do paganismo [7], e escreve o grego com bastante correcção. A obra foi composta longe da Judéa, para quem tinha pouca noticia da geographia d'este paiz [8], e não importancia a uma sciencia rabbinica muito solida, nem a nomes hebreus [9]. A idéa dominante do author é que se o povo podesse livremente seguir a sua inclinação, teria de Jesus abraçado a fé, e que foi a aristocracia que lh'o impediu [10]. A palavra « Judeu » é sempre por elle empregada em mau sentido e como synonymo de inimigo dos christãos [11]. Aos hereticos samaritanos mostra-se, pelo contrario, muito favoravel [12].

A que época se póde attribuir a composição d'este importante escripto? Lucas apparece pela primeira vez na companhia de Paulo, por occasião da primeira ida do

1 Col., IV, 14.

2 V. retrò, p. XII.

3 São latinas quasi todas as inscripções n'essa colonia, assim como em Neapolis (Cavala), porto de Philippes. Vej. Heuzey, *Missão da Macedonia*, pag. 11 e seg. Os notaveis conhecimentos nauticos do author dos *Actos* (veja-se mórmente cap. XXVII-XXVIII) poderiam fazer crêr que era de Neapolis.

4 Por exemplo, *Act.*, X, 28.

5 *Act.*, V, 36-37.

6 Os hebraismos do seu estylo podem provir de assidua leitura das traducções gregas do Antigo Testamento, e em especial dos escriptos compostos pelos seus correligionarios da Palestina, que muitas vezes copía textualmente. As suas citações do Antigo Testamento são feitas sem nenhum conhecimento do texto original (por exemplo, XV, 16 e seg.)

7 *Act.*, XVII, 22 e seg.

8 Luc., I, 26; IV, 31; XXIV, 13. Comp. com uma nota que damos adiante, no cap. I, ácerca da situação de Emaús.

9 Luc., I, 31, comparado com Matth., I, 21. O nome de *Joanna*, de que só Lucas tem noticia, é muito suspeito. Não parece que *João* tivesse então correspondente feminino. Comtudo vej. Talm. de Babyl., *Sota*, 22 *a*.

10 *Act.*, II, 47; IV, 33; V, 13, 26.

11 *Act.*, IX, 22, 23; XII, 3, 11; XIII, 45, 50 e muitas outras passagens. Nota-se a mesma cousa no quarto Evangelho, porque tambem foi redigido fóra da Syria.

12 Luc., X, 33 e seg.; XVII, 16; *Act.*, VIII, 5 e seg. Do mesmo modo no quarto Evangelho: João, IV, 5 e seg. Confronte-se com Matth., X, 5-6.

Digitized by Google

apostolo á Macedonia, pelo anno 52. Admittindo que tivesse então vinte e cinco annos, admitte-se como muito natural que vivesse até ao anno 100. A narração dos *Actos* não vai além do anno 63 [1]. Mas, sendo evidentemente a redacção dos *Actos* posterior á do terceiro Evangelho, e estando decidido bem de assento que este Evangelho foi redigido nos annos immediatamente posteriores á destruição de Jerusalem (anno 70) [2], ninguem póde pensar que fossem os *Actos* redigidos antes de 71 ou 72.

Se houvesse a certeza de que os *Actos* foram compostos logo depois do Evangelho, não haveria mais que averiguar. Mas sobre esse ponto podem mover-se duvidas. Ha factos que fazem crêr que decorreu um intervallo entre a composição do terceiro Evangelho e a dos *Actos*. Com effeito, entre os ultimos capitulos do Evangelho e o primeiro dos *Actos* nota-se singular contradicção. Segundo o ultimo capitulo do Evangelho, parece que a ascensão se verificou no mesmo dia da resurreição [3]. Segundo o primeiro capitulo dos *Actos* [4], verificou-se a ascensão ao cabo de quarenta dias. É claro que esta segunda versão nos dá a lenda sob uma fórma que se aparta do caracter primitivo, fórma adoptada quando se sentiu a necessidade de accommodar as diversas apparições e de dar á vida ultra-tumular de Jesus um plano completo e logico. Somos, pois, movidos a suppor que este novo modo de conceber as cousas não chegou á noticia do author, ou não lhe occorreu, senão no intervallo da redacção das duas obras. Em todo o caso, é muito para notar-se que o author, algumas linhas mais adiante, se julga obrigado a acrescentar novas circumstancias á sua primeira narrativa e a desenvolvel-a. Se ainda tinha entre mãos o seu primeiro livro, porque não fazia n'elle as addições que, separadas como estão, dão uns ares tão desgraciosos ao escripto? Comtudo, isto não é decisivo,

1 *Act.*, XXVIII, 30.
2 Vej. *Vida de Jesus*, pag. XIX.
3 Luc., XXIV, 50. É muito semelhante o que se lê em Marc., XVI, 19.
4 *Act.*, I, 3, 9.

Digitized by Google

e ha uma circumstancia grave que faz crêr que Lucas concebeu ao mesmo tempo o plano do todo. É o prefacio do Evangelho, que parece commum aos dous livros [1]. A contradicção que deixamos assignalada explica-se, talvez, pelo pouco cuidado que havia de apresentar um emprego rigoroso do tempo. É o que faz que todas as narrações da vida de além-tumulo de Jesus estão em pleno desaccordo quanto á duração d'essa vida. Ser historico era cousa que se tinha em tão pouca conta, que o mesmo narrador não hesitava para propor successivamente dous systemas inconciliaveis. As tres mapeiras como é contada a conversão de Paulo nos *Actos* [2] apresentam tambem pequenas differenças que provam simplesmente quanto o author curava pouco da exactidão de pormenores.

Portanto, parece que não iremos muito fóra da verdade suppondo que os *Actos* foram escriptos pelo anno 80. Com effeito, o espirito do livro corresponde bem á idade dos primeiros Flavios. O author parece esquivar-se a tudo o que possa descontentar os Romanos. Compraz-se em mostrar como os funccionarios romanos foram favoraveis á nova seita, como alguns a abraçaram [3], como a defenderam contra os Judeus, e quanto a justiça imperial é recta e superior ás paixões dos poderes locaes [4]. Insiste em particular sobre as vantagens que deu a Paulo o seu titulo de cidadão romano [5]. Dá um talho precipitado na narração quando chega Paulo a Roma, talvez para não ter de contar as cruezas de Nero para com os christãos [6]. É mui notavel o contraste com o Apocalypse. O Apocalypse, escripto no anno 68, abunda em recordações das infamias de Nero; desentranha-se em odio

1 Note-se sobre tudo em Luc., I, 1, a expressão *ton peplerophoremenon en emin pragmaton.*

2 Cap. X, XXII, XXVI.

3 O centurião Cornelio, o proconsul Sergio Paulo.

4 *Act.*, XIII, 7 e seg.; XVIII, 12 e seg.; XIX, 35 e seg.; XXIV, 7, 17; XXV, 9, 16, 25; XXVII, 2; XXVIII, 17, 18.

5 *Act.*, XVI, 37 e seg.; XXII, 26 e seg.

6 Precauções d'essas não eram raras. O Apocalypse e a epistola de Pedro indicam Roma por palavras dissimuladas.

Digitized by Google

horrivel contra Roma. Nos *Actos* sente-se um homem affavel, que vive em tempos de tranquillidade. Desde o anno 70, pouco mais ou menos, até aos ultimos do primeiro seculo, a situação foi muito boa para os christãos. Entraram no gremio do christianismo membros importantes da familia flavia. Quem sabe se Lucas conheceria Flavio Clemente, se seria mesmo da sua « familia », e se os *Actos* foram escriptos para esse homem poderoso, cuja posição official exigia attenções? Alguns indicios teem feito crêr que o livro foi composto em Roma. Com effeito, ha apparencias de que pesassem sobre o author os principios da Egreja romana. Essa Egreja, desde os primeiros seculos, teve o caracter politico e hierarchico que a tem sempre assignalado. Póde ser que o bondoso Lucas contribuisse para dar-lhe esse caracter. As suas idéas sobre a authoridade ecclesiastica são muito largas; aponta n'ellas o germe do episcopado. Escreveu a historia no tom de apologista desregrado que caracterisa os historiadores officiaes da côrte de Roma. Fez como faria um historiador ultramontano de Clemente XIV, louvando ao mesmo tempo o papa e os jesuitas, e tratando de persuadir-nos, por um dizer cheio de compunção, que, de ambos os lados, n'esse debate, são observados os preceitos da caridade. De hoje a duzentos annos tambem se ha-de dar por cousa bem assente que o cardeal Antonelli e o snr. de Merode se queriam como irmãos. O author dos *Actos* foi, mas com uma ingenuidade que não teve igual, o primeiro d'aquelles narradores condescendentes, beatamente satisfeitos, que se resolveram a achar que tudo corre evangelicamente na Egreja. Com lealdade de sobra para não condemnar seu mestre Paulo, e de sobejo orthodoxo para se conformar com a opinião official que predominava, esvaeceu as differenças de doutrina para só deixar vêr o ponto para onde todos estes grandes fundadores se dirigiram, com effeito, por vias tão oppostas e affrontando tão energicas rivalidades.

É claro que um homem que se poz por systema em tal disposição de animo é o menos capaz d'este mun-

Digitized by Google

do para representar as cousas como ellas passaram. Dá-se-lhe pouco da fidelidade historica; o que importa é a edificação. Lucas mal se rebuça; diz elle (I, 4): « para que Theophilo reconheça a verdade do que lhe teem ensinado os seus catechisantes. » Já havia, pois, um systema de historia ecclesiastica convencionado, que se ensinava officialmente, e cujo plano, como o da propria historia evangelica (*Act.* I, 22), já estava provavelmente determinado. O caracter dominante dos *Actos*, como o do terceiro Evangelho [1], é dôce sentimento pio, alta sympathia pelos gentios [2], espirito conciliador, extrema preoccupação do sobrenatural, amor aos pequenos e humildes, grande sentimento democratico ou antes a persuasão de que o povo é naturalmente christão, e que são os grandes que impedem que elle siga os seus bons instinctos [3], idéa exaltada do poder da Egreja e dos seus superiores, affeição muito notavel á vida em communidade [4]. Os processos de composição são igualmente os mesmos nas duas obras, de maneira que estamos para com a historia dos apostolos como estariamos para com a evangelica, se, para bosquejar esta, só tivessemos um texto, o Evangelho de Lucas.

São sensiveis as desvantagens de tal situação. A vida de Jesus ordenada segundo o terceiro Evangelho seria em extremo defeituosa e incompleta. Sabemol-o, por que, para a vida de Jesus, a comparação é possivel. Temos (sem fallarmos no quarto Evangelho) Mattheus e Marcos, que, relativamente a Lucas, são, pelo menos em parte, originaes. Atinamos com os violentos processos pelos quaes Lucas desloca ou confunde as anecdotas, com a maneira como modifica a côr de certos factos segundo as suas conveniencias, e com as lendas pias que casa com as mais authenticas tradições. Não é evidente que se podessemos estabelecer identica comparação para

1 Vej. a *Vida de Jesus*, pag. XL e seg.
2 É isto sensivel especialmente na historia do centurião Cornelio.
3 *Act.*, II, 47; IV, 33; V, 13, 26. Confr. Luc., XXIV, 19-20.
4 *Act.*, II, 44-45; IV, 34 e seg.; V, 1 e seg.

Digitized by Google

os *Actos*, acertariamos com erros de genero analogo? Os *Actos*, nos seus primeiros capitulos, haviam até de parecer-nos sem duvida inferiores ao terceiro Evangelho; porque esses capitulos foram provavelmente compostos com documentos menos numerosos e menos universalmente admittidos.

É, de feito, necessaria aqui uma distincção fundamental. Considerado pelo seu valor historico, o livro dos *Actos* divide-se em duas partes: uma comprehende os doze primeiros capitulos e relata os principaes factos da historia da Egreja primitiva; outra abrange os dezeseis capitulos restantes, consagrados todos ás missões de S. Paulo. Esta segunda apresenta duas ordens de passagens distinctas: umas em que o narrador se dá por testemunha ocular, e outras em que não faz mais do que referir o que lhe foi dito. É claro que, mesmo n'este segundo caso, é grande a sua authoridade. Muitas vezes o assumpto procede de conversações de Paulo. Especialmente para o fim, a narração assume um caracter admiravel de exactidão. As derradeiras paginas dos *Actos* são as unicas completamente historicas de que podemos dispor para o estudo das origens do christianismo. As primeiras, pelo contrario, são de todo o Novo Testamento as mais expugnaveis. É mórmente para esses primeiros annos que o author obedece a decisões semelhantes ás que o preoccuparam na composição do seu Evangelho, e ainda mais fallazes. O seu systema dos quarenta dias, a sua historia da ascensão, que fecha por uma especie de rapto final e de theatral solemnidade a vida fantastica de Jesus, o seu modo de contar o descimento do Espirito Santo e as prédicas milagrosas, a maneira como entende o dom das linguas, tão differente da de S. Paulo [1], revelam as preoccupações de uma época relativamente baixa, em que a lenda está muito sazonada, e como aplanada em todas as suas partes. Tudo n'elle tem estranha apresentação e grande desenvolvimento de maravilhoso. Cum-

[1] I. Cor., XII-XIV. Comp. Marc., XVI, 17, e mesmo *Act.*, II, 4, 13; X, 46; XI, 15; XVI, 6.

Digitized by Google

pre não esquecer que o author escreveu meio seculo depois dos acontecimentos, longe do paiz onde se passaram, sobre factos que não viu, e que seu mestre não viu tambem, e segundo tradições em parte fabulosas ou transfiguradas. Lucas não é só de uma geração diversa da dos primeiros fundadores do christianismo; é tambem de outra sociedade; é hellenista, muito pouco judeu, quasi estranho a Jerusalem e aos segredos da vida judaica; não esteve em contacto com a primitiva sociedade christã; mal lhe conheceu os ultimos representantes. Nos milagres que refere sentem-se invenções *a priori* mais do que factos transformados; os milagres de Pedro e os de Paulo formam duas series symetricas [1]. Os seus protogonistas parecem-se; Pedro não differe de Paulo em cousa nenhuma, Paulo não differe de Pedro. Os discursos que attribue aos seus heroes, posto que habilmente accommodados ás circumstancias, são todos de igual estylo, e pertencem mais ao author do que a quem os imputa. Chega a haver n'elles impossibilidades [2]. Os *Actos*, em uma palavra, são uma historia dogmatica, ordenada para favorecer as doutrinas orthodoxas do tempo ou inculcar as idéas que mais quadravam com os sentimentos pios do author. Mas não podia ser de outro modo. Não se conhece a origem de cada religião senão pelo que escreveram crentes. Só o sceptico é que escreve a historia *ad narrandum*.

Não são simples suspeitas; não são conjecturas de uma critica em excesso desconfiada. São solidas inducções: todas as vezes que temos occasião de fazer verificações na narração dos *Actos*, achamol-a incorrecta e systematica. O meio de verificação que não podemos obter

1 Compare-se *Act.*, III, 2 e seg. com XIV, 8 e seg.; IX, 36 e seg., com XX, 9 e seg., V, 1 e seg., com XIII, 9 e seg.; V, 15-16 com XIX, 12; XII, 7 e seg. com XVI, 26 e seg.; X, 44 com XIX, 6.

2 Em um discurso que o author attribue a Gamaliel, em uma circumstancia que é do anno 36 pouco mais ou menos, trata-se de Theudas, cujo commettimento é expressamente declarado anterior ao de Judas Gaulonita (*Act.*, V, 36-37). Ora, a revolta de Theudas é do anno 44 (Jos., *Ant.*, XX, V, 1), e em todo o caso muito posterior á do Gaulonita (Jos., *Ant.*, XVIII, I, 1; *Bel. Jud.*, II, VIII, 1).

Digitized by Google

de textos synopticos, podemos havel-o das epistolas de S. Paulo, especialmente da epistola aos Galatas. É claro que, nos casos em que discordam os *Actos* das epistolas, a preferencia deve ser sempre dada ás epistolas, textos de absoluta authenticidade, mais antigos, de sinceridade completa, e sem lendas. Em historia, tanto mais peso teem os documentos quanto menos historica é a sua fórma. A authoridade de todas as chronicas deve ceder o passo á de uma inscripção, de uma medalha, de uma escriptura ou de uma carta authentica. Assim, as epistolas de authores certos ou de datas certas são a base de uma historia das origens christãs. Sem ellas, póde-se dizer que a duvida subiria a ponto de saltear e destruir completamente a propria vida de Jesus. Ora, em duas circumstancias importantissimas, patenteam as epistolas com a maxima clareza as tendencias particulares do author dos *Actos* e o seu desejo de esvaecer o vestigio das discordias que tinham occorrido entre Paulo e os apostolos de Jerusalem [1].

Quer o author dos *Actos* que Paulo, depois do accidente de Damasco (IX, 19 e seg.; XXII, 17 e seg.), fosse a Jerusalem, em uma época em que mal se sabia da sua conversão, que fosse apresentado aos apostolos, que vivesse com elles e com os fieis na mais alta cordialidade, que disputasse publicamente contra os Judeus hellenistas, e que uma conspiração d'estes e uma revelação celeste o movessem a apartar-se de Jerusalem. Ora, diz-nos Paulo que as cousas passaram por um modo mui differente. Para provar que não depende dos Doze e que é mesmo a Jesus que deve a sua doutrina e a sua missão, assegura (*Gal.*, I, 11 e seg.) que depois da sua conver-

1 Quem não poder lêr ácerca de tudo isto os escriptos allemães de Baur, Schneckenburger, Wette, Schwegler, Zeller, que dão solução quasi definitiva ás questões criticas relativas aos *Actos*, consultarão com fructo os *Estudos historicos e criticos sobre as origens do christianismo*, por A. Stap (Paris, Lacroix, 1864); pag. 116 e seg.; Michel Nicolas, *Estudos criticos sobre a Biblia: Novo Testamento* (Paris, Levy, 1864), pag. 223 e seg.; Reuss, *Historia da theologia christã no seculo apostolico*, liv. VI, cap. v; diversos trabalhos de Kayser, Scherer, Reuss na *Revista de theologia* de Strasburgo, 1.ª serie, tom. II e III; 2.ª serie, tom. II e III.

Digitized by Google

são furtou-se a pedir conselhos fosse a quem fosse [1] e a ir ter em Jerusalem com os que eram apostolos antes de elle; que foi prégar no Hauran de motu-proprio e sem missão de ninguem; que é verdade que, tres annos depois, fez a jornada de Jerusalem por travar relações com Cephas, e que com elle passou quinze dias, mas que não viu mais nenhum apostolo, salvo Thiago, irmão do Senhor, de maneira que o seu aspecto era desconhecido das Egrejas da Judéa. O esforço para suavisar as asperezas do severo apostolo, para apresental-o como collaborador dos Doze, a trabalhar em Jerusalem de concerto com elles, manifesta-se aqui com evidencia. Jerusalem é dada como sua capital e seu ponto de partida; á sua doutrina attribue-se uma identidade tal com a dos apostolos que elle podesse de alguma maneira substituil-os na prégação; o seu primeiro apostolado é reduzido ás synagogas de Damasco; pretende-se que foi discipulo e ouvinte, o que elle nunca foi [2]; encurta-se o tempo decorrido entre a sua conversão e a sua primeira ida a Jerusalem; prolonga-se a sua estada n'esta cidade, onde é apresentado a prégar com geral satisfação; sustenta-se que viveu em intimidade com todos os apostolos, ainda que elle assegure que só viu dous; apontam-se os irmãos de Jerusalem a vigial-o ao passo que Paulo declara que o seu semblante lhes é desconhecido.

O desejo de fazer de Paulo um assiduo visitador de Jerusalem, que moveu o author dos *Actos* a antecipar e a alongar a sua primeira estada n'esta cidade depois da sua conversão, parece que o induzira a attribuir ao apostolo uma jornada de mais. Diz que Paulo foi a Jerusalem com Barnabé, levar a offrenda dos fieis, na occasião da fome do anno 44 (*Act.*, XI, 30; XII, 25). Ora, Paulo declara expressamente que entre a jornada feita tres annos depois da sua conversão e a que fez por causa da cir-

1 Para a leve variante de *oy prosanethemen sarchi chai aimati*, comp. Matth., XVI, 17.

2 É elle que o declara com juramento. Vej. especialmente os cap. I e II da epistola aos Galatas.

Digitized by Google

cumcisão, não foi a Jerusalem (*Gal.*, I e II). Em outros termos, Paulo exclue formalmente uma jornada entre as passagens IX, 26 e XV, 2 dos *Actos*. Quando mesmo, fóra de toda a razão, se negasse a identidade da jornada contada em *Gal.*, II, 1 e seg., com a que referem os *Actos* em XV, 2 e seg., não se alcançaria menor contradicção. « Tres annos depois da mesma conversão, diz Paulo, subi a Jerusalem para tomar conhecimento com Cephas. Quatorze annos depois, subi outra vez a Jerusalem. . . » Tem sido objecto de duvidas se o ponto de partida d'esses quatorze annos é a conversão ou a jornada levada a effeito tres annos depois. Admittamos a primeira hypothese, que é a mais favoravel a quem quizer defender os *Actos*. Haveria onze annos, pelo menos, segundo S. Paulo, entre a sua primeira e a sua segunda ida a Jerusalem; ora, com certeza, não ha onze annos entre o que relatam os *Actos* em IX, 26 e seg., e o que contam em XI, 30. E quem sustentasse o contrario contra toda a verosimilhança, cahiria em outra impossibilidade. Com effeito, o que referem os *Actos* em XI, 30, é coevo da morte de Thiago, filho de Zebedeu (*Act.*, XII, 1), que nos dá a unica data fixa dos *Actos dos Apostolos*, porque succedeu mui pouco antes da morte de Herodes Agrippa I, que foi no anno 44 [1]. Tendo-se verificado a segunda jornada de Paulo pelo menos quatorze annos depois da sua conversão, se realmente houvesse feito Paulo a jornada do anno 44, teria sido essa conversão no anno 30, o que é absurdo. Por conseguinte é impossivel a jornada referida nos *Actos* em XI, 30 e XII, 35.

Parece que estas idas e voltas foram relatadas por modo mui pouco exacto pelo nosso author. Comparando as passagens XVII, 14-16 e XVIII, 5, dos *Actos* com III, 1-2 da primeira epistola aos Thessalonicos, acerta-se com outra discordancia. Mas não fallaremos d'ella porque não se prende com motivos dogmaticos.

O que é essencial para o nosso caso, o que dá um

1 Jos., *Ant.*, XIX, VIII, 2; *Bel. Jud.*, II, XII, 6.

Digitized by Google

raio de luz á critica n'esta embaraçada questão do valor historico dos *Actos*, é o confronto das passagens relativas á circumcisão no cap. xv dos *Actos* e no cap. II da epistola aos Galatas. Segundo os *Actos*, tendo ido a Antiochia irmãos da Judéa e havendo sustentado que era necessaria a circumcisão para os pagãos convertidos, uma deputação, composta de Paulo, Barnabé e muitos outros, foi mandada de Antiochia a Jerusalem para consultar os apostolos e os de mais authoridade sobre esta questão. Foram recebidos por todos com alvoroço e reuniu-se uma grande assembléa. O dissentimento é mui pouco sensivel porque o enfream as effusões de caridade reciproca e o intimo jubilo de se vêrem juntos. Pedro enuncia a opinião que se esperaria ouvir da bocca de Paulo, isto é que os pagãos convertidos não estão sujeitos á lei de Moysés. É de mui pouco peso a restricção a que Thiago submette este parecer [1]. Paulo não diz nada, e, diga-se a verdade, não carece de fallar, porque a sua doutrina é posta na bocca de Pedro. Ninguem defende o parecer dos irmãos da Judéa. Passa-se um decreto solemne em conformidade com a opinião de Thiago. Deputados expressamente eleitos dão conhecimento d'este decreto ás Egrejas.

Confrontemos agora com isto o que refere Paulo na epistola aos Galatas. Quer Paulo que a jornada que fez então a Jerusalem fosse effeito de um impulso espontaneo e mesmo resultado de uma revelação. Chegado a Jerusalem, communica o seu Evangelho a quem cumpre; tem em particular conferencias com os que parecem ser pessoas importantes. Não se lhe faz uma censura; não se lhe communica nada; não se lhe pede senão que se lembre dos pobres de Jerusalem. Se Tito que lhe fez companhia admitte que o circumcidem [2], é em attenção

1 A citação de Amos (xv, 16-17), feita por Thiago conforme a versão grega e em disconcordancia com o hebreu, mostra bem que este discurso é ficção do author.

2 Havemos de demonstrar que é esse o verdadeiro sentido. Em todo o caso a duvida sobre se foi ou não foi Tito circumcidado pouco importa ao raciocinio que expomos.

Digitized by Google

a «falsos irmãos intrusos.» Paulo faz-lhes esta concessão de pouca valia; mas não se lhes submette. Quanto aos homens importantes (Paulo não falla d'elles senão com uns toques de azedume e ironia) não lhe ensinaram nada novo. E ainda mais: tendo ido Cephas posteriormente a Antiochia, Paulo «resiste-lhe abertamente, porque elle erra.» Com effeito, ao principio comia Cephas com todos indistinctamente. Chegam emissarios de Thiago; Pedro esconde-se, esquiva-se aos incircumcisos. «Vendo que elle não seguia o recto caminho da verdade do Evangelho,» Paulo reprehende Cephas perante todos e severo exprobra o seu proceder.

É manifesta a differença. De um lado, solemne concordia; do outro, coleras mal reprimidas, extremas susceptibilidades. Por uma parte, uma especie de concilio; por outro, nada que se lhe assemelhe. D'aqui, um decreto formal lavrado por uma authoridade reconhecida; d'alli, opiniões diversas emittidas por uns e outros, sem que se façam concessões reciprocas, a não ser quanto á fórma. Não é mister dizer qual é a versão que merece a preferencia. O que referem os *Actos* é apenas verosimil, porque dizem que o concilio tem por motivo uma disputa de que não ha mais signaes desde que o concilio é reunido. Os dous oradores discursam n'elle em opposição com o que do papel de cada um colhemos de outras fontes. O decreto attribuido ao concilio é com certeza uma ficção. Se esse decreto, de redacção determinada por Thiago, foi realmente promulgado, que razão de ser tem aquelles transes do bom e timido Pedro na presença dos emissarios de Thiago? Porque se esconde? Elle e os christãos de Antiochia obravam em plena conformidade com o decreto cujos termos foram determinados mesmo por Thiago. O negocio da circumcisão foi pelo anno de 51. Alguns annos depois, pelo anno de 56, está mais accesa do que nunca essa questão a que o decreto teria posto termo. A Egreja da Galatia é inquietada por novos emissarios do partido judai-

Digitized by Google

co de Jerusalem [1]. Paulo responde a esta nova investida dos seus inimigos com a sua fulminante epistola. Se o decreto tivesse alguma realidade, tinha Paulo um meio bem simples de acabar com o debate: era o de citál-o. Ora, tudo o que elle diz suppõe a não-existencia d'esse decreto. Em 57, Paulo, escrevendo aos Corinthios, não tem noticia do mesmo decreto e até lhe transgride as prescripções. Ordena o decreto a abstinencia das carnes immoladas aos idolos. Paulo, pelo contrario, é de opinião que muito bem se póde comer d'essa carne quando isso não escandalise ninguem, mas que é necessaria a abstenção no caso de escandalo (I Cor., VIII, 4, 9; X, 25-29.) Emfim, em 58, quando fez Paulo a ultima jornada a Jerusalem, está Thiago mais renitente do que nunca (*Act.*, XXI, 20 e seg.) Uma das circumstancias mais caracteristicas dos *Actos*, e que bem prova que o author tem em menos a verdade historica e a observancia da logica do que a edificação dos leitores pios, é a de estar sempre resolvida sem nunca o ser a questão da admissão dos incircumcisos. É primeiro resolvida pelo baptismo do eunucho, depois pelo do centurião Cornelio, ambos milagrosamente ordenados, depois pela fundação da Egreja de Antiochia (XI, 19 e seg.), depois pelo supposto concilio de Jerusalem, o que não obsta a que nas ultimas paginas do livro (XXI, 20-21) ainda a questão esteja em duvida. O que é verdade é que assim ficou sempre. As duas fracções do christianismo nascente nunca fizeram liga. O que succedeu foi que uma d'ellas, a que conservou as praticas do judaismo, foi infecunda e extinguiu-se na obscuridade. Paulo esteve tão longe de ser a todos aceito, que depois da sua morte uma porção do christianismo [2] anathematisou-o e não lhe poupou calumnias.

É no nosso livro terceiro que teremos de tratar

1 Comp. *Act.*, XV, 1; Gal., I, 7; II, 12.

2 Com especialidade os ebionitas. Vej. as Homelias pseudo-clementinas; Ireneu, *Adv. hær.*, I, XXVI, 2; Epiphanio, *Adv. hær.*, hær. XXX; S. Jeron., *In Math.*, XII, init.

Digitized by Google

por miudo a questão essencial travada n'estes curiosos incidentes. Só quizemos dar aqui alguns exemplos do modo como o author dos *Actos* entende a historia, do seu systema de conciliação, das suas idéas preconcebidas. Cumpre tirar por conclusão que os primeiros capitulos dos *Actos* são despidos de authoridade, como pensam criticos de nome, e que levam a ficção até ao ponto de inventar pessoas, como são o eunucho, o centurião, e mesmo o diacono Estevão e a pia Tabitha? Entendemos que não. É provavel que o author dos *Actos* não inventasse pessoas [1]; mas é um habil advogado que escreve para provar, e que trata de aproveitar os factos de que ouviu fallar para demonstrar as suas theses favoritas, que são a legitimidade da vocação dos gentios e a instituição divina da hierarchia. Um documento assim carece de grandes precauções no seu emprego; mas engeital-o absolutamente é tão pouco critico como seguil-o ás cegas. De mais, alguns paragraphos, mesmo n'esta primeira parte, teem um valor que todos reconhecem, e representam memorias authenticas, extractos pelo ultimo redactor. O capitulo XII, em particular, é de optimo cunho, e parece provir de João Marcos.

Vê-se em que aperto estariamos se não tivessemos por documentos n'esta historia senão um livro tão lendario. Felizmente, temos outros que se referem, em verdade, directamente ao periodo de que trataremos no nosso livro terceiro, mas que já sobre este derramam muita luz. São as epistolas de S. Paulo. Mórmente a epistola aos Galatas é um verdadeiro thesouro, base de toda a chronologia d'aquelles tempos, chave que abre tudo, testemunho que deve desassombrar os mais scepticos das duvidas sobre a realidade das cousas. Recommendo aos leitores sérios que se sintam inclinados a considerar-me como muito arrojado ou como demasiado credulo, que leiam os dous primeiros capitulos d'este singular escripto. São, incontestavelmente, as duas pagi-

1 Comtudo eu sacrificaria de bom grado Ananias e Saphira.

Digitized by Google

nas mais importantes para o estudo do christianismo nascente. As epistolas de S. Paulo teem, com effeito, uma vantagem sem igual n'esta historia; é a sua absoluta authenticidade. A critica séria nunca suggeriu nenhuma duvida contra a authenticidade da epistola aos Galatas, das duas epistolas aos Corinthios e da epistola aos Romanos. As razões pelas quaes se tem querido impugnar a epistola aos Philippenses e as duas aos Thessalonicos não teem valor. No nosso terceiro livro discutiremos as objecções mais especiosas, mas igualmente pouco decisivas, que teem sido architectadas contra a epistola aos Colossenses e o breve escripto a Philemon; o problema particular que apresenta a epistola aos Ephesios; emfim, as solidas provas que movem a engeitar a epistola a Tito e as duas a Timotheo. As epistolas de que teremos de fazer uso n'este volume são aquellas cuja authenticidade é incontestavel; ou, pelo menos, as inducções que das outras colheremos são independentes da questão se foram ou não dictadas por S. Paulo.

Não exporemos aqui as regras de critica seguidas na composição d'esta obra, porque já o fizemos na introducção da *Vida de Jesus*. Os doze primeiros capitulos dos *Actos* são, com effeito, um documento analogo aos Evangelhos synopticos, e que deve ser tratado do mesmo modo. Estas especies de documentos, meio-historicos, meio-lendarios, não podem ser consideradas como lendas nem como historia. Quasi tudo é falso nos pormenores, e todavia é licito deduzir d'elles preciosas verdades. Traduzir pura e simplesmente esses escriptos não é escrever historia. Com effeito, esses textos são muitas vezes contradictos por outros mais authorisados. Por conseguinte, mesmo nos casos em que só temos um texto, ha sempre razão para recear que, se houvesse outros, existisse a contradicção. Para a vida de Jesus, a escriptura de Lucas é de continuo verificada e rectificada pelos outros dous Evangelhos synopticos e pelo quarto. Repito: não é provavel que, se tivessemos para os *Actos* alguma cousa analoga aos Evangelhos synopticos e ao quarto Evangelho, veria-

Digitized by Google

mos o erro nos *Actos* em copiosas passagens em que elles são agora testemunho unico? Regras mui diversas nos hão-de guiar no nosso livro terceiro, onde estaremos em plena historia positiva, e para o qual teremos entre mãos documentos originaes e ás vezes auto-biographicos. Quando S. Paulo nos relata algum episodio da sua vida que não tinha interesse em apresentar com tal ou tal apparencia, é claro que só temos a inserir palavra por palavra na nossa obra as suas proprias palavras, segundo o methodo de Tillemont. Mas, quando temos de soccorrer-nos de um narrador que só tem na idéa um systema, que escreve por fazer prevalecer certas idéas, e que apresenta aquelle modo de redacção pueril, de contornos vagos e frouxos, de côres absolutas e vivas, de que ha sempre exemplo na lenda, o dever do critico não é aferrar-se ao texto, mas tratar de descobrir a verdade que póde estar occulta no texto, sem nunca pensar que infallivelmente a alcançou. Prohibir á critica interpretações d'essas séria tão pouco razoavel como se se ordenasse ao astronomo que só se occupasse com o estado apparente do céo. Não tem a astronomia de emendar a parallaxe resultante da posição do observador, e de chegar a um estado real verdadeiro por um estado apparente illusorio?

De mais, como querer que sejam seguidos á letra documentos que conteem impossibilidades? Os doze primeiros capitulos dos *Actos* são um tecido de milagres. Ora, é regra absoluta da critica não admittir em historia circumstancias miraculosas. Não é conseqüencia de um systema metaphysico. É simplesmente um facto de observação. Nunca se demonstraram factos milagrosos. Todos os d'esse genero que podemos estudar de perto resolvem-se em illusão ou em impostura. Se houvesse um milagre provado, não poderiamos engeitar todos os das antigas historias por junto; porque, em todo o caso, admittindo que muitos fossem falsos, poderiamos crêr que um ou outro fosse verdadeiro. Mas não é assim. Todos os milagres ao alcance de discussão desapparecem. Não

Digitized by Google

estamos, pois, authorisados para concluir de ahi que os milagres apartados de nós por seculos, e sobre os quaes não ha meio de estabelecer discussão contradictoria, tambem são despidos de realidade? Em outras palavras, não ha milagre senão quando se crê em milagre; o que faz o sobrenatural é a fé. O catholicismo, que affirma que a força miraculosa ainda não está extincta no seu seio, está sob a influencia d'essa lei. Os milagres que diz fazer não se verificam onde cumpriria que se verificassem. Quem tem um meio tão simples de prova, porque não ha-de submettel-o á maxima publicidade? Um milagre em Paris, na presença de sabios competentes, dava fim a tantas duvidas. Mas é o que nos falta. Nunca se realisou um milagre perante um publico que cumprisse converter, isto é perante incredulos. A condição do milagre é a credulidade da testemunha. Ainda não houve nenhum na presença de quem podesse discutil-o e submettel-o á critica. Apontem-me uma excepção. Disse Cicero com o seu ordinario bom senso e subtileza: «Desde quando desappareceu essa força secreta? Não foi desde que os homens são menos credulos [1]?»

— Mas, diz alguem, se é impossivel provar que já se désse um facto sobrenatural, tambem é impossivel provar que nunca houve nenhum. Logo, o sabio positivo que nega o sobrenatural procede tão sem fundamento como o crente que o admitte.

Não é assim. Provar uma proposição compete a quem a affirma. Aquelle perante quem é affirmada tem só uma cousa a fazer: esperar a prova e conformar-se com ella se fôr boa. Supponhamos que ia alguem intimar Buffon para dar lugar na sua *Historia natural* ás sereias e aos centauros. Buffon responderia: «Depois de vêr um exemplar de cada um d'esses seres, admitti-los-hei; em quanto não os vir, não existem para mim. — Mas então prove que não existem. — Compete-lhe provar-me que existem.» Na sciencia, o encargo da de-

[1] De divinatione, III, 57.

Digitized by Google

monstração cabe a quem allega um facto. Porque é que já não se acredita em anjos nem em demonios, posto que muitos textos historicos supponham a sua existencia? É porque nunca se provou a existencia de um anjo nem a de um demonio.

Por amparar a realidade do milagre appella-se para phenomenos que, diz-se, não podiam verificar-se segundo o curso das leis da natureza; por exemplo, o da creação do homem. Eis o argumento: «A creação do homem não podia operar-se sem intervenção directa da Divindade; porque não havia de haver essa intervenção nos outros momentos decisivos do desenvolvimento do universo?» Não insistirei sobre a estranha philosophia e a mesquinha idéa da Divindade que se manifesta n'este modo de raciocinar; porque a historia deve ter o seu methodo independente de toda a philosophia. Sem entrar no terreno da theodicéa, é facil mostrar quanto é viciosa tal argumentação. Equivale a dizer que tudo o que já não acontece no actual estado do mundo, tudo o que não podemos explicar no estado presente da sciencia, é milagroso. Mas então o sol é um milagre, porque a sciencia está longe de haver explicado o sol; a conceição de cada homem é um milagre, porque a physiologia não diz nada sobre esse ponto; a consciencia é um milagre, porque é um mysterio absoluto; qualquer animal é um milagre, porque a origem da vida é um problema para cuja solução temos mui poucos dados. Quem responder a isto que uma vida, uma alma é, com effeito, de ordem superior á natureza, faz jogo com palavras. Se tal admittimos, é mister que nos expliquem o que quer dizer «milagre.» Que vem a ser um milagre que se verifica todos os dias e a todas as horas? O milagre não é aquillo que não se póde explicar; é uma revogação formal de leis conhecidas, em nome de uma vontade particular. O que negamos é o milagre no estado de excepção, são intervenções particulares, como a de um relojoeiro que houvesse feito um relogio, na verdade muito bonito, mas em que tivesse de pôr mãos de

Digitized by Google

tempos a tempos por acudir á insufficiencia das rodas. Que Deus esteja em todas as cousas, especialmente em tudo o que vive, de um modo permanente, essa é justamente a nossa theoria; o que dizemos é que nunca foi demonstrada uma intervenção particular de força sobrenatural. Negamos a realidade do sobrenatural particular, até que nos apresentem demonstrado um facto d'esse genero. Ir buscar esse facto antes da creação do homem, fugir para além da historia, para épocas em que é impossivel hoje a averiguação, com o fim de escapar á apresentação de milagres historicos, é acolher-se atraz da nuvem, é provar uma cousa nebulosa com outra ainda mais nebulosa, é impugnar uma lei conhecida por causa de um facto que não conhecemos. Quem se vale de milagres realisados antes de existir alguma testemunha, é porque não póde citar um que tivesse boas testemunhas.

É fóra de duvida que, em épocas apartadas, se deram no universo phenomenos que já não se manifestam, pelo menos em igual escala, no estado actual. Mas esses phenomenos tiveram a sua razão de ser na hora em que se manifestaram. Achamos nas formações geologicas grande numero de mineraes e de pedras preciosas que parece que já não se produzem hoje na natureza. E comtudo, Mitscherlich, Ebelmen, de Senarmont, Daubrée teem recomposto artificialmente a maior parte d'esses mineraes e d'essas pedras preciosas. Se é para duvidar que um dia se consiga a producção artificial da vida, é porque a reproducção das circumstancias em que começou a vida (se teve começo) estará talvez sempre fóra dos meios humanos. Como se ha-de dar conta do planeta que desappareceu ha milhares de annos? como havemos de fazer uma experiencia que exige um espaço de seculos? A diversidade dos meios e dos seculos de lenta evolução, é o que se esquece quando se dá o nome de milagres a phenomenos de outras épocas, que já não se repetem. N'esta hora estão talvez, em qualquer corpo celeste, a realisar-se factos que de tempo infinito

Digitized by Google

cessaram entre nós. Com certeza a formação da humanidade é a cousa do mundo menos admissivel, mais absurda, se a suppomos subita, instantanea. Entra nas analogias geraes (sem deixar de ser mysteriosa), se n'ella se vê o resultado de lento progresso durante periodos incalculaveis. Não devemos applicar á vida embryonaria as leis da vida da idade madura. O embryão desenvolve, uns após outros, todos os seus orgãos; o homem adulto, pelo contrario, não cria em si mais orgãos. Não cria mais porque já não está na idade de criar, assim como a linguagem já não se inventa porque está inventada.

Mas que vale discutir com adversarios que deslocam a questão? Pedimos um milagre historico bem averiguado, e respondem-nos que se realisaram milagres antes da historia. Em verdade, se fosse precisa uma prova da necessidade das crenças sobrenaturaes para certos estados da alma, tel-a-hiamos no facto de basearem o edificio da sua fé em tão desesperado argumento engenhos dotados de penetração para outra qualquer cousa.

Outros, dando de mão ao milagre de ordem physica, valem-se do milagre de ordem moral, sem o qual asseguram que não podem ser explicados esses acontecimentos. A formação do christianismo é de certo o maior facto da historia religiosa do mundo. Mas nem por isso é um milagre. O buddhismo, o babismo tiveram martyres tão numerosos, tão exaltados, tão resignados como o christianismo. Os milagres da fundação do islamismo são de natureza mui diversa, e confesso que pouco me movem. Todavia cumpre notar que os doutores musulmanos fazem ácerca do estabelecimento do islamismo, da sua afervorada dilatação, das suas rapidas conquistas e da força que em toda a parte lhe dá tão absoluto dominio, os mesmos raciocinios que fazem os apologistas christãos ácerca do estabelecimento do christianismo, e querem que ahi se veja claramente o dedo de Deus. Concedamos mesmo, se o querem, que a fundação do christianismo seja um facto unico. Outra cousa

Digitized by Google

absolutamente unica é o hellenismo, entendendo por esta palavra o ideal de perfeição na litteratura, na arte, na philosophia, que a Grecia realisou. A arte grega leva tanta vantagem a todas as outras artes quanto o christianismo ás outras regiões, e o Acropolo de Athenas, collecção de primores da arte que fazem vêr em tudo o mais umas tentativas mal geitosas ou imitações mais ou menos felizes, é talvez o que, no seu genero, mais desafia a comparação. Em outros termos, o hellenismo é tanto um prodigio de belleza como o christianismo é um prodigio de santidade. Uma cousa unica não é uma cousa milagrosa. Deus está em graus diversos em tudo o que é bello, bom e verdadeiro. Mas nunca está por modo tão exclusivo em uma das suas manifestações, que a presença da sua inspiração em um movimento religioso ou philosophico deva ser considerada como um privilegio ou uma excepção.

Espero que um intervallo de dous annos e meio decorridos desde a publicação da *Vida de Jesus* moverá certos leitores a attentarem n'estes problemas com mais serenidade. A controversia religiosa é sempre de má fé, sem o saber e sem querer. A questão para ella não está em discutir com independencia, em investigar com fervor; está em defender uma doutrina contumaz, em provar que o dissidente é um ignorante ou um homem de má fé. Calumnias, contra-sensos, adulterações de idéas e de textos, ufanos raciocinios sobre cousas que o adversario não disse, clamores de victoria sobre erros em que não cahiu, nada parece desleal a quem pensa ter na sua mão os interesses da verdade absoluta. Se eu fosse muito ignorante em historia não teria esperado tudo isto. Mas tenho frieza de animo de sobra para não o sentir muito, assim como tenho gosto bem arraigado pelas cousas da fé para que me fosse dado acolher benignamente o pathetico que se manifestava no sentimento que inspirou os meus contradictores. Por vezes, vendo tanta ingenuidade, tão pia confiança, uma colera patenteada tão abertamente por tão bellas e boas almas, tenho dito como

Digitized by Google

João Huss, á vista de uma velha que suava com o peso de um feixe de lenha. *O sancta simplicitas!* Só tenho deplorado certas commoções que não podiam deixar de ser estereis. Segundo a bella expressão da Escriptura, «Deus não está na tormenta.» Ah! sem duvida, se toda essa inquietação contribuisse para o descobrimento da verdade, de tanta agitação colher-se-hiam consolações. Mas não é assim; a verdade não é para o homem tomado de paixão; é para os animos que averiguam sem decisão irrevogavel, sem amor persistente, sem odio duravel, com absoluta liberdade e sem tenção bem assente de actuar na direcção do que toca á humanidade. Estes problemas são apenas uma das innumeraveis questões de que está cheio o mundo e que os curiosos examinam. Não offende ninguem quem enuncia uma opinião theorica. Os que estão aferrados á sua fé como a um thesouro teem um meio bem simples de defendel-a: não façam caso das obras escriptas em sentido differente do seu. Para os timidos o melhor é não lêr.

Ha pessoas praticas que, a proposito de uma obra de sciencia, perguntam que partido politico quiz o author satisfazer, e que querem que uma obra de poesia encerre uma lição de moral. Essas não admittem que se escreva senão para uma propaganda. A idéa da arte e da sciencia, como só aspira a achar o verdadeiro e a realisar o bello, fóra de toda a politica, é-lhes estranha. Entre nós e taes pessoas são inevitaveis as equivocações. Dizia um philosopho grego: «Esta gente recebe na mão esquerda o que lhe damos com a direita.» Muitas cartas que recebi, dictadas por avisado sentimento, cifram-se n'isto: «O que quer? qual é a sua intenção?» Valha-nos Deus! a minha intenção é a de quem escreve historia. Se podesse dispor de muitas vidas, empregaria uma na feitura de uma historia de Alexandre, outra na de uma historia de Athenas, outra na de uma historia da Revolução franceza ou da ordem de S. Francisco. Que fim havia eu de ter em vista escrevendo estas obras? Só um: achar o verdadeiro e dar-lhe vida, trabalhar por

Digitized by Google

que as grandes cousas do passado sejam conhecidas com a maior exactidão possivel e expostas de um modo digno d'ellas. Está muito longe de mim a idéa de abalar a fé em alguem. Estas obras devem ser levadas ao cabo com suprema indifferença, como se se escrevesse para um planeta desertó. Qualquer concessão aos escrupulos de ordem inferior é um aggravo ao culto da arte e da verdade. Quem é que não vê que a ausencia de proselytismo é a qualidade e o defeito das obras compostas sob a influencia de taes idéas?

A primeira regra da escóla critica é que cada um admitte em pontos de fé o que carece de admittir, e faz, digamol-o assim, o leito das suas crenças proporcionado com a sua medida e estatura. Quem será tão insensato que se entremetta no que depende de circumstancias que não podemos dominar? Se alguem adhere aos nossos preceitos é porque tem a disposição de animo e a educação necessaria para essa adhesão; todos os nossos esforços não dariam essa educação e essa disposição do animo a quem as não tem. A philosophia differe da fé em se julgar que a fé opera por si, independentemente da intelligencia que temos dos dogmas. Pensamos, pelo contrario, que uma verdade não tem valor senão quando a ella chegamos por esforço proprio, quando vemos toda a ordem de idéas com que se enlaça. Não nos obrigamos a calar das nossas opiniões as que não estão de accordo com a crença de uma porção dos nossos semelhantes; não sacrificamos nada ás exigencias das diversas orthodoxias; mas tambem não pensamos em aggredil-as nem em provocal-as: obramos como se não existissem. No dia em que podesse alguem convencer-me de haver feito um esforço para mover a aceitar as minhas idéas uma pessoa que não adherisse a ellas de motu-proprio, sentiria a mais viva magua. Concluiria de ahi que o meu espirito se deixou abalar na liberdade e serenidade dos seus actos, ou que alguma cousa se alterou em mim visto que já não sou capaz de contentar-me com a jubilosa contemplação do universo.

Digitized by Google

De mais, é evidente que se o meu fim fosse fazer guerra aos cultos estabelecidos, deveria proceder de outro modo, applicando-me unicamente a mostrar o que ha impossivel e contradictorio nos textos e nos dogmas que são tidos por sagrados. Esse fastidioso trabalho tem sido feito mil vezes e muito bem feito. Em 1856 [1] escrevi o seguinte: «Protesto contra a falsa interpretação que alguem dê aos meus trabalhos, tomando como obras de polemica os diversos ensaios sobre a historia das religiões que já tenho publicado ou que venha a publicar. Sou o primeiro em reconhecer que considerados como obras de polemica seriam esses ensaios muito insufficientes. A polemica requer uma estrategia a que sou alheio: é preciso saber escolher o lado fraco dos adversarios, não o largar, nunca tocar em questões incertas, não fazer nenhuma concessão, isto é renunciar ao que constitue a essencia do caracter scientifico. Não é esse o meu methodo. Nunca me occupo com a questão fundamental que deve ser o eixo da discussão religiosa, isto é a questão da revelação e do sobrenatural; não porque ella não esteja resolvida para mim com plena certeza, mas porque a sua discussão não é scientifica, ou, por melhor dizer, porque a sciencia independente suppoem-na anteriormente resolvida. De certo, se eu tivesse em vista a polemica ou o proselytismo, seria um erro capital, seria levar para o campo dos problemas delicados e obscuros uma questão susceptivel de ser tratada com mais evidencia nos termos grosseiros em que de ordinario a estabelecem os controversistas e os apologistas. Longe de me doer das vantagens que d'esta maneira dou contra mim, folgarei se isso poder convencer os theologos de que os meus escriptos são de uma ordem diversa dos seus, que ninguem deve vêr n'elles senão puras investigações de erudição, expugnaveis como taes, em que se tenta ás vezes applicar ás religiões christã e judaica os preceitos de critica que são seguidos nos outros ramos

[1] Prefacio dos *Estudos de historia religiosa.*

Digitized by Google

da historia e da philologia. Quanto á discussão das questões puramente theologicas, nunca n'ellas entrarei. Tambem os snrs. Burnouf, Creuzer, Guigniaut, e muitos mais historiadores criticos das religiões da antiguidade não se julgaram obrigados a lavrar a refutação ou a apologia dos cultos de que tratavam. A historia da humanidade é para mim um vasto complexo em que tudo é essencialmente desigual e diverso, mas tudo da mesma ordem, resultante das mesmas causas, submettido ás mesmas leis. Essas leis procuro-as sómente com a intenção de descobrir a exacta gradação d'aquillo que é. Não ha nada que me mova a trocar um papel obscuro, mas de fructo para a sciencia, pelo de controversista, papel facil porque grangêa ao escriptor favor certo das pessoas que entendem que devem oppor guerra a guerra. Para essa polemica, cuja necessidade estou longe de impugnar, mas que não quadra com os meus gostos nem com a minha aptidão, basta Voltaire. Ninguem póde ser ao mesmo tempo bom controversista e bom historiador. Voltaire, tão fraco quanto erudito, Voltaire, que nos parece tão pobre em sentimento da antiguidade, a nós que estamos iniciados em melhor methodo, triumpha frequentes vezes de adversarios ainda mais despidos de critica do que elle. Uma nova edição das obras d'esse grande homem viria satisfazer a necessidade que parece haver de dar uma resposta ás invasões da theologia; resposta má em si, mas accommodada ao que se quer combater; resposta de eras passadas a uma sciencia de eras passadas. Nós todos os que possuimos o amor do verdadeiro e a grande curiosidade, façamos alguma cousa melhor. Deixemos essas discussões aos que com ellas folgam; trabalhemos para o breve numero de aquelles que vão pela grande estrada do engenho humano. Sei que a popularidade prefere os escriptores que, em vez de investigarem a mais elevada fórma da verdade, se applicam a luctar com as opiniões do seu tempo; mas, por justa compensação, deixam de ter valor desde que deixa de existir a opinião que combateram. Os que refutaram a magia e a astrolo-

Digitized by Google

gia judiciaria, nos seculos XVI e XVII, prestaram á razão um serviço de alta valia: e comtudo os seus escriptos são hoje desconhecidos; da sua propria victoria lhes veio o esquecimento.»

Seguirei invariavelmente esta regra de proceder, que é a unica conforme com a dignidade do sabio. Bem sei que os estudos de historia religiosa tocam em questões vivas, que parece que exigem uma solução. As pessoas pouco familiarisadas com a livre especulação não comprehendem os serenos vagares do pensamento; os engenhos praticos impacientam-se com a sciencia que não corresponde ás suas pressas. Longe de nós estes vãos ferrores. Nada de fundar; deixemos-nos estar nas nossas Egrejas respectivas, aproveitando o seu culto secular e a sua tradição de virtude, participando das suas boas obras e gozando a poesia do seu passado. Não repelliremos senão a sua intolerancia. Perdoemos mesmo a essa intolerancia; ella é, como o egoismo, uma das necessidades da natureza humana. Suppor que se hão-de estabelecer novas familias religiosas, ou que a proporção entre as que hoje existem ha-de chegar a variar muito, é ir contra as apparencias. Breve será o catholicismo angustiado por grandes schismas; não tardarão os tempos de Avinhão, dos anti-papas, dos clementinos e dos urbanistas. A Egreja catholica vai restabelecer o seu seculo XIV; mas, apesar das suas divisões, ficará sendo a Egreja catholica. É provavel que de hoje a cem annos a relação entre o numero dos protestantes, o dos catholicos, e o dos judeus não tenha variado sensivelmente. Mas grande transformação se terá effectuado, ou antes se terá feito sensivel a todos. Cada uma d'essas familias religiosas terá duas ordens de fieis, uns crentes absolutos como na idade media, outros que sacrificarão a letra e só terão em conta a essencia. Esta segunda fracção irá avultando em cada communhão, e, como o espirito concilia tanto quanto a letra divorcia, os espiritualistas de cada communhão chegarão a aproximar-se tanto que não cuidarão em unir-se completamente. O fanatismo sumir-se-ha

Digitized by Google

no meio de geral tolerancia. O dogma virá a ser uma arca mysteriosa, que, por geral accordo, nunca se abrirá. Se a arca está então vazia, que importa? Penso que só uma religião resistirá a este afrouxamento dogmatico; é o islamismo. Ha entre certos musulmanos das antigas escólas e entre alguns homens eminentes de Constantinopla, e especialmente na Persia, germes de espirito vasto e conciliador. Se esses bons germes forem abafados pelo fanatismo dos ulemas, o islamismo fenecerá; porque ha duas cousas evidentes: a primeira é que a civilisação moderna não deseja que os antigos cultos acabem por completo; a segunda é que não soffrerá que ponham peias á sua obra as velhas instituições religiosas. Estas podem escolher entre ceder ou morrer.

Quanto á religião pura, cuja pretenção é justamente não ser uma seita nem uma religião á parte, para que tomará sobre si os inconvenientes de uma posição cujas vantagens não logra? porque arvorará bandeira contra bandeira, sabendo, como sabe, que a salvação é possivel para todos e em toda a parte, e que depende do grau de nobreza que cada um encerra em si? Comprehende-se que o protestantismo, no seculo XVI, viesse a dar em rompimento aberto. O protestantismo procedia de uma fé muito absoluta. Longe de corresponder a um enfraquecimento do dogmatismo, a Reforma assignalou um renascimento do mais rigido espirito christão. O movimento do seculo XIX, pelo contrario, dimana de um sentimento que é o inverso do dogmatismo; não rematará por seitas ou Egrejas separadas, mas por geral correctivo de todas as Egrejas. As divisões bem caracterisadas augmentam o fanatismo e provocam as reacções. Os Luthero e os Calvino fizeram os Caraffa, os Ghislieri, os Loyola, os Philippe II. Se a nossa Egreja nos repelle, não recriminemos; saibamos dar o devido preço á brandura dos costumes modernos, que fez impotentes esses odios; consolemos-nos pensando n'aquella Egreja invisivel que contém os santos excommungados, as melhores almas de cada seculo. Os proscriptos de uma Egreja são

Digitized by Google

sempre o melhor dos fieis; antecipam-se ao tempo; o heretico de hoje é o orthodoxo do futuro. De mais, que é a excommunhão dos homens? O Pae celeste só excommunga as almas aridas e os corações estreitos. Se o padre nos negar a admissão no seu cemiterio, vedemos ás nossas familias a reclamação. É Deus que julga; a terra é uma boa mãe que não admitte differenças; o cadaver do homem de bem que entra no recanto não benzido leva-lhe comsigo a benção.

É certo que ha posições em que é difficil a applicação d'estes principios. O espirito sopra onde quer; o espirito é a liberdade. Ora, ha pessoas que estão como cravadas na fé absoluta; fallo dos homens ligados por ordens sacras ou providos em um ministerio pastoral. Mesmo então, uma bella alma sabe achar expedientes. Um digno sacerdote de povoação rural chega, por seus estudos solitarios e pela pureza da sua vida, a vêr as impossibilidades do dogmatismo litteral; ha-de contristar os que até então consolára, e explicar aos simples umas modificações que elles não podem comprehender? Deus nos livre de tal! Não ha dous homens no mundo que tenham justamente os mesmos deveres. O bom bispo Colenso, escrevendo as suas duvidas desde que se lhe suggeriram, praticou um acto de probidade como nunca viu a Egreja desde a sua origem. Mas o humilde padre catholico, em um paiz de idéas acanhadas e timidas, deve calar-se. Quantas discretas sepulturas, de redor das Egrejas ruraes, encobrem assim poeticos recatos, angelicos silencios? Os que tiveram por dever o fallar igualarão o merito d'estes segredos de que só Deus tem conhecimento?

A theoria não é a pratica. O ideal nunca deve deixar de ser o ideal; deve recear que o inquine o contacto da realidade. Pensamentos bons para aquelles que por sua nobreza estão isentos de todo o perigo moral podem, quando applicados, ter inconvenientes para os que estão maculados de baixeza. Ninguem faz grandes cousas sem idéas estrictamente determinadas; porque a capacidade humana é cousa limitada; o homem absolutamente sem

Digitized by Google

preconceitos seria impotente. Gozemos a liberdade dos filhos de Deus; mas livremos-nos de complicidade na diminuição de virtude que ameaçaria as nossas sociedades se o christianismo viesse a perder forças. Que seriamos sem elle? Quem ha-de substituir essas grandes escólas de seriedade e de respeito como San-Sulpicio, ou o ministerio de dedicação das Irmãs da Caridade? Quem não se ha-de assustar com a aridez de alma e com a pequenhez que invadem o mundo?

A nossa dissidencia com as pessoas que creem nas religiões positivas é unicamente scientifica; pelo coração, estamos com ellas; só temos um inimigo, e é tambem seu inimigo; é o materialismo vulgar, a baixeza do homem interessado.

Paz, em nome de Deus! Vivam em boa harmonia as diversas ordens da humanidade, não falseando o seu engenho proprio para reciprocas concessões que as amesquinhariam, mas esteando-se mutuamente. Nada deve reinar n'este mundo com a exclusão do seu contrario; cumpre que nenhuma força possa supprimir as outras. A harmonia da humanidade resulta da livre emissão das notas mais discordes. Se a orthodoxia conseguir a morte da sciencia, sabemos o que acontecerá; o islamismo e a Hespanha morrem por terem demasiado conscienciosamente levado ao cabo essa tarefa. Se quizer o racionalismo governar o mundo sem dar importancia ás necessidades religiosas da alma, temos a experiencia da Revolução franceza a dizer-nos quaes são as consequencias de tal erro. O instincto da arte, levado ao mais alto requinte, mas sem nobreza, fez da Italia da renascença um perigoso covil. O tedio, a parvoice, a mediocridade são o castigo de certos paizes protestantes, onde, a pretexto de bom senso e de espirito christão, foi supprimida a arte e reduzida a sciencia a certa mesquinhez. Lucrecio e Santa Thereza, Aristophanes e Socrates, Voltaire e S. Francisco de Assis, Raphael e S. Vicente de Paula teem igual razão de ser, e a humanidade seria menor se lhe faltasse um dos elementos que a compõe.

Digitized by Google

OS APOSTOLOS

CAPITULO I

FORMAÇÃO DAS CRENÇAS RELATIVAS Á RESURREIÇÃO DE JESUS. — APPARIÇÕES DE JERUSALEM

(ANNO 33)

Jesus fallára muito de resurreição, de nova vida, mas nunca dissera bem claro que resuscitaria na sua carne [1]. Os discipulos, nas primeiras horas depois da sua morte, não tinham a esse respeito nenhuma esperança bem assente. Os sentimentos que ingenuamente nos revelam fazem até suppor que julgavam tudo acabado. Choram e sepultam o seu amigo, se não como um morto vulgar, ao menos como pessoa cuja perda é irreparavel [2]; estão tristes e em desalento; a esperança que

1 Marc., XVI, 11; Luc., XVIII, 34; XXIV, 11; João, XX, 9, 24 e seg. A opinião contraria expressa em Matth., XII, 40; XVI, 4, 21; XVII, 9, 23; XX, 19; XXVI, 32; Marc., VIII, 31; IX, 9-10, 31; X, 34; Luc., IX, 22; XI, 29-30; XVIII, 31 e seg.; XXIV, 6-8; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 106, procede de que, desde certa época, se quiz muito dar como certo que Jesus houvesse annunciado a sua resurreição. De resto, os synopticos confessam que, se Jesus fallou em tal, nada comprehenderam sobre esse ponto os apostolos (Marc., IX, 10, 32; Luc., XVIII, 34; comp. Luc., XXIV, 8, e João, II, 21-22).

2 Marc., XVI, 10; Luc., XXIV, 17, 21.

Digitized by Google

tinham tido de o vêr realisar a salvação de Israel é decididamente vã. Parecem homens que perderam uma illusão a que muito queriam.

Mas o enthusiasmo e o amor não sabem o que são situações desesperadas: zombam do impossivel, e mais depressa violentam a realidade do que dão de mão á esperança. Muitas palavras do mestre, que não esqueciam, mórmente aquellas com que predissera a sua vinda futura, podiam ser interpretadas no sentido de sahir do tumulo [1]. De mais, essa crença era tão natural, que para formal-a cabalmente bastaria a fé que incendia os discipulos. Os grandes prophetas Henoch e Elias não tinham passado pela morte. Até mesmo se começava a crêr que os patriarchas e os homens de primeira ordem da antiga lei não tinham realmente morrido, e que os seus corpos não estavam nos seus sepulchros em Hebron, vivos e animados [2]. Devia acontecer com Jesus o que acontece com todos os homens que teem movido a attenção dos seus semelhantes. O mundo, costumado a attribuir-lhes virtudes sobre-humanas, não póde admittir que fossem submettidos á lei injusta, escandalosa, iniqua, do trespasso commum. Quando expirou Mahomet, sahiu Omar da tenda de alfange em punho, e declarou que deceparia a cabeça de quem ousasse dizer que o propheta já não vivia [3]. É tão absurda a morte quando leva o homem de engenho ou de grande alma, que não crê o povo na possibilidade de tal desacerto da natureza. Os heroes não morrem. A verdadeira existencia não é a que continúa para nós no coração de quem nos préza? Por espaço de annos aquelle mestre adorado tinha abundado de alegrias e esperanças os que desvelados o seguiam. Haviam estes de consentir que elle apodrecesse na sepultura? Não. Tinha vivido tanto n'aquelles que o ladearam, que se de-

1 Vej. as passagens citadas, mórmente Luc., XVII, 24-25; XVIII, 31-34.
2 Talmud de Babylonia, *Baba Bathra*, 58 *a*, e o extracto arabe dado pelo padre Bargés, no *Bulletin de l'Œuvre des pelerinages en terre sainte*, Fevereiro de 1863.
3 Ibu-Hischam, *Sirat errasoul*, ediç. Wustenfeld, pag. 1012 e seg.

Digitized by Google

via affirmar, depois da sua morte, que a sua vida não cessára [1].

O dia que se seguiu ao do enterro de Jesus (sabbado, 15 de nisan) foi todo dedicado a estes pensamentos. Ninguem se deu a trabalhos manuaes por causa do sabbado: mas nunca houve descanço mais fecundo. N'esse dia a consciencia christã occupou-se sómente com o mestre depositado na sepultura. As mulheres especialmente deram-lhe em imaginação os seus mais ternos carinhos. O seu pensamento não se apartava d'aquelle affavel amigo, que estava deitado na sua myrrha, e que os maus mataram. Ahi, sem duvida o cercam os anjos, velando a face com a sua mortalha. Bem dizia elle que havia de morrer, que a sua morte seria a salvação do peccador, e que reviveria no reino de seu Pae. Sim, ha-de reviver; Deus não permittirá que seu filho seja presa dos infernos; não consentirá que o seu eleito veja a corrupção [2]. Que importa essa pedra da sepultura que pesa sobre elle? Levantal-a-ha, e subirá para a direita de seu Pae, d'onde desceu. E havemos de tornar a vêl-o; havemos de ouvir a sua voz tão suave; havemos de gozar ainda as suas praticas: foi em vão que o mataram.

A crença na immortalidade da alma, que, pela influencia da philosophia grega, veio a ser um dogma do christianismo, permitte que se aceite a morte sem repugnancia, porque a dissolução do corpo n'essa hypothese não é mais do que um livramento da alma, que fica isenta de importunos laços, sem os quaes póde muito bem existir. Mas esta theoria do homem, considerado como um composto de duas substancias, não era bem clara para os Judeus. O reinado de Deus e o do espirito consistiam para elles em completa transformação do mundo e na aniquilação da morte [3]. Entender que a morte podia triumphar de Jesus, d'aquelle que

1 Luc, XXIV, 23; *Act.*, XXV, 19; Jos., *Ant.*, XVIII, III, 3.
2 Ps. XVI, 10. O sentido do original é um pouco differente. Mas é assim que as versões admittidas traduziam essa passagem.
3 I Thess., VI, 12 e seg.; I Cor., XV todo; Apoc., XX-XXII.

Digitized by Google

acabava de supprimir o seu imperio, era o apogeu do absurdo. Só a idéa de que elle podesse soffrer tinha já indignado os seus discipulos [1]. Estes não tiveram, por tanto, de fazer escolha entre a desesperação e uma affirmação absoluta. Um homem perspicaz teria podido annunciar logo no sabbado que Jesus havia de resuscitar. N'esse dia a pequena sociedade christã operou o verdadeiro milagre; resuscitou Jesus em seu coração pelo intenso amor que lhe dedicou. Decidiu que Jesus não morreria. O amor n'estas almas sentimentaes foi verdadeiramente mais forte do que a morte [2], e como é proprio da paixão ser communicativa, e accender á maneira de um facho um sentimento que se lhe assemelha e depois se propaga indefinidamente, Jesus, em certo sentido, na hora a que chegamos está já resuscitado. Um facto material de pouca importancia permitte crêr que o seu corpo já não é d'este mundo, e o dogma da resurreição ficará estabelecido para todo o discurso dos seculos.

Foi o que aconteceu em circumstancias que podemos alcançar com um grau sufficiente de probabilidade [3], posto que em parte obscuras pela incoherencia das tradições, e mórmente pelas contradições que apresentam.

Na madrugada de domingo, as mulheres galiléas que, na sexta feira, tinham embalsamado o corpo á pressa, foram á cova onde fôra provisoriamente depositado. Eram Maria de Magdala, Maria Cleophas, Salomé, Joanna, mulher de Khouza, e outras [4]. Provavelmente foram de differentes partes; porque, se é difficil pôr em duvida a tradição dos tres Evangelhos synopticos, segundo a qual foram á sepultura muitas mulheres [5], por outro lado é certo que nas duas passagens mais authenticas

1 Matth., XVI, 21 e seg.; Marc., VIII, 31 e seg.
2 Jos., *Ant.*, XVIII, III, 3.
3 Leiam-se com cuidado as quatro passagens dos Evangelhos relativas a este ponto e I Cor., XV, 4-8.
4 Matth., XXVIII, 1; Marc., XVI, 1; Luc.; XXIV, 1; João, XX; 1.
5 João, XX, 2, parece mesmo suppôr que Maria não esteve sempre só.

Digitized by Google

ácerca da resurreição [1], Maria de Magdala tem um papel que desempenha só. Em todo o caso, teve, n'esse solemne momento, uma parte de acção inteiramente de excepção. É a ella que cumpre seguir passo a passo; porque ella tomou sobre si, n'esse dia, durante uma hora, todo o trabalho da consciencia christã; o seu testemunho decidiu da fé futura.

Lembremos-nos de que a cava ònde fôra encerrado o corpo de Jesus era de pouco tempo aberta na rocha e estava situada em um jardim perto do lugar do supplicio [2]. Fôra escolhido por ficar proximo, visto que era tarde, e que não se queria violar o sabbado [3]. O primeiro Evangelho, e só esse, acrescenta uma circumstancia: a cava pertencia a Joseph de Arimathia. Mas, em geral, as circumstancias anecdoticas acrescentadas pelo primeiro Evangelho ao fundo commum da tradição não teem valor, especialmente no que diz respeito aos ultimos dias de Jesus [4]. O mesmo Evangelho menciona outra circumstancia que, visto o silencio dos outros, não tem nenhuma probabilidade: é o facto do sello judicial e de uma guarda á sepultura [5].

Lembremos-nos tambem de que as cavas funerarias eram uns espaços baixos, abertos em rocha inclinada, em que se rasgava um corte vertical. A porta, que de ordinario abria de baixo para cima, era fechada com uma pedra muito pesada, que ajustava em um encaixe [6].

1 João, xx, 1 e seg., e Marc., xvi, 9 e seg. Cumpre observar que o Evangelho de Marcos tem, nos nossos textos impressos do Novo Testamento, duas finaes: Marc., xvi, 1-8: Marc., xvi, 9-20, sem fallar de mais duas, uma das quaes nos foi conservada pelo manuscripto L de Paris e a margem da versão philoxeniana (*Nov. Test.*, ediç. Griesbach-Schultz, I, pag. 291, nota), e a outra por S. Jeronymo, *Adv. Pelag.*, liv. II (tom. IV, 2.ª parte, col. 520, ediç. Martianay). A final xvi, 9 e seg. falta no manuscripto B do Vaticano, no *Codex Sinaiticus* e nos mais importantes manuscriptos gregos. Mas em todo o caso é de alta antiguidade, e o seu accordo com o quarto Evangelho é admiravel.

2 Matth., xxvii, 60; Marc., xv, 46; Luc., xxiii, 53.

3 João, xix, 41-42.

4 Vej. *Vida de Jesus*, pag. xxxvii.

5 O Evangelho dos hebreus continha talvez alguma circumstancia analoga (em S. Jeron., *De viris illustribus*, 2).

6 Vogué, *les Eglises de la terre sainte*, pag. 125-126. O verbo *apokylio* (Matth., xxxiii, 2; Marc., xvi, 3; Luc., xxiv, 2) prova bem que era essa a disposição da sepultura de Jesus.

Digitized by Google

Não eram fechados a chave; o peso da pedra era a garantia unica contra os ladrões ou profanadores de sepulturas; por isso se ordenava sempre tudo de maneira que para movel-a fosse mister uma machina ou os esforços reunidos de muitas pessoas. Todas as tradições concordam em que a pedra fôra collocada na abertura da cava na noite de sexta feira.

Ora, quando chegou Maria de Magdala, na manhã do domingo, a pedra não estava no seu lugar. A cava estava aberta; mas faltava o corpo. A idéa da resurreição estava ainda pouco desenvolvida na companheira de Jesus. No que abundava a sua alma era em terna saudade e em desejos de prestar os serviços funebres ao corpo do seu divino amigo. Por isso os seus primeiros sentimentos foram o espanto e a dôr. A desapparição d'aquelle corpo querido privava-a da ultima alegria com que tinha contado. Nunca mais o tocaria com as suas mãos!... E que era feito d'elle?... Occorreu-lhe a idéa de uma profanação e indignou-a. Póde ser que ao mesmo tempo lhe coasse no animo um clarão de esperança. Sem mais dilações, correu para uma casa onde estavam juntos Pedro e João [1]. « Levaram o corpo do mestre, disse ella, e não sabemos onde o pozeram. »

Levantam-se logo os dous discipulos, e correm quanto podem correr. João, que era mais moço, chega primeiro. Abaixa-se para olhar para dentro. Maria tinha razão. A sepultura estava vazia. Os pannos que tinham servido para o enterro estavam espalhados pela cava. Chega Pedro. Entram ambos, examinam os lençoes, de certo ennodoados de sangue, e notam particu-

1 Em tudo isto tem grande superioridade o que relata o quarto Evangelho. Serve-nos de guia principal. Em Lucas, XXIV, 12, só Pedro vai á sepultura. Na final de Marcos dada pelo manuscripto L e pela margem da versão philoxeniana (Griesbach, *loc. cit.*), acha-se *tois peri ton Petron*. S. Paulo (I Cor., XV, 5) tambem faz figurar só Pedro n'esta primeira visão. Lucas, XXIV, 24, suppõe que muitos discipulos foram á sepultura, o que provavelmente se applica a successivas visitas. É possivel que João obedecesse aqui á segunda tenção, que por mais do que uma vez se denuncia no seu Evangelho, de mostrar que teve na historia de Jesus um papel de primeira ordem, até mesmo igual ao de Pedro. Talvez devam tambem applicar-se a esta visita as repetidas declarações de João de ter sido testemunha ocular dos factos fundamentaes da fé christã (Evang., I, 14; XXI, 24; I João, I, 1-3; IV, 14).

Digitized by Google

larmente que estava enrolado e lançado a um canto o panno que envolvera a cabeça [1]. Em extremo torvados, Pedro e João retiraram-se para a sua morada. Se não pronunciaram ainda a palavra decisiva: « Resuscitou! » póde-se dizer que essa consequencia estava irrevogavelmente tirada e que estava já estabelecido o dogma gerador do christianismo.

Sahidos do jardim Pedro e João, ficou só Maria junto da cava. Chorava copiosamente. Um só pensamento a occupava: Para onde teriam levado o corpo? O seu coração de mulher não ia além do desejo de ter ainda em seus braços o cadaver querido. Eis que ouve brando rumor. Vê um homem em pé. Primeiro pensa que é o jardineiro: « Se foste tu que o tiraste, diz-me onde o pozeste porque quero leval-o. » Em resposta, ouve só que a chamam pelo seu nome: « Maria! » Era a voz que tantas vezes a deliciára. Era a voz de Jesus. « Oh, meu mestre!... » exclama ella, e quer tocar-lhe com a mão. Mas por uma especie de movimento instinctivo curva-se para beijar-lhe os pés [2]. A visão aparta-se ligeira e diz-lhe: « Não me toques! » Pouco a pouco a sombra desapparece [3]. Mas o milagre do amor está consummado. O que não pôde fazer Cephas, fel-o Maria. Da sepultura vazia soube tirar a vida, a palavra suave e penetrante. Já não ha para que deduzir consequencias, nem para que formar conjecturas. Maria viu e ouviu. A resurreição tem a sua primeira testemunha immediata.

Em enlevos de amor e de alegria entrou Maria na cidade, e aos primeiros discipulos que encontrou disse [4]: « Vi-o e fallou-me! » A sua imaginação altamente torvada [5], as suas palavras sem sentido completo e sem nexo, fizeram que alguns a tivessem por douda [6]. Pela sua

1 João, xx, 1-10. Compar. Luc., xxiv, 12, 34; I Cor., xv, 5, e a fina de Marcos no manuscripto L.

2 Matth., xxviii, 9-10. Note-se que corresponde a João, xx, 16-17.

3 João, xx, 11-17, de accordo com Marcos, xvi, 9-10. Compare-se a passagem parallela, mas muito menos satisfactoria, de Matth., xxviii, 1-10; Luc., xxiv, 1-10.

4 João, xx, 18.

5 Compare-se Marc., xvi, 9; Luc., viii, 2.

6 Luc., xxiv, 11.

Digitized by Google

o e João contam o que viram. Vão á sepul-
discipulos e veem o mesmo [1]. A convicção
de todos estes foi que Jesus resuscitára.
muitos que duvidavam, mas a firmeza de
lro e de João tinha poder sobre os outros.
e á isto o nome de « visão de Pedro » [2];
especialmente não falla da visão de Maria, e attribue a Pedro toda a honra da primeira apparição. Mas aquella expressão era muito inexacta. Pedro viu só a sepultura vazia, o sudario e a mortalha. Só Maria é que amou com o extremo preciso para exceder a natureza e fazer reviver o phantasma do mestre. Em crises maravilhosas d'esta ordem, vêr depois dos outros não é nada; todo o merecimento está em vêr pela primeira vez; porque os outros modelam depois a sua visão pelo typo admittido. É proprio das bellas organisações conceber a imagem promptamente, com exactidão e por uma especie de sentimento intimo do desenho. Pertence pois a Maria de Magdala a gloria da resurreição. Depois de Jesus foi Maria quem mais fez para o estabelecimento do christianismo. A sombra creada pelos sentidos delicados de Magdalena paira ainda sobre o mundo. Rainha e padroeira dos idealistas, Magdalena soube melhor do que ninguem sustentar o seu sonho, obrigar a todos á crença na santa visão da sua alma sensivel. A sua grande affirmação de mulher: « Resuscitou! » foi a base da fé para a humanidade. Aparta-te, razão impotente! Não vás applicar fria analyse á obra prima do idealismo e do amor. Se a sabedoria desiste de consolar a pobre raça humana, trahida pela sorte, deixe que a loucura tome esse encargo. Onde está o sabio que désse ao mundo tanta alegria como a desvairada Maria de Magdala?

Entretanto, as outras mulheres que tinham ido á

1 *Ibid.*, XXIV, 24.

2 *Ibid.*, XXIV, 34; 1 Cor., XV, 5; a final de Marcos no manuscripto L. O fragmento do Evangelho dos hebreus, em S. Ignacio, *Epist. ad Smyrn.*, 3, e em S. Jeronymo, *De viris ill.*, 16, parece estabelecer que foi de tarde a « visão de Pedro », e confundil-a com a dos apostolos reunidos. Mas S. Paulo distingue expressamente as duas visões.

Digitized by Google

sepultura divulgavam diversos boatos [1]. Não tinham visto Jesus [2]; mas fallavam de um homem branco, que lhes apparecera na cava e lhes dissera: « Elle já aqui não está, voltai para a Galiléa; lá o vereis porque chegará antes de vós [3]. » Foram talvez os pannos brancos que deram lugar a esta allucinação. Tambem póde ser que nada vissem, e que não começassem a fallar da sua visão senão quando Maria de Magdala contou a sua. Com effeito, segundo um dos textos mais authenticos (Marc., XVI, 8), estiveram muito tempo sem dizerem nada, o que depois foi attribuido a terror. Fosse como fosse, esses dizeres iam avultando de hora para hora, e soffriam estranhas desfigurações. O homem branco veio a ser o anjo de Deus; contou-se que o seu vestido era resplandecente como neve, e que o seu semblante pareceu um relampago. Fallavam outras de dous anjos, um dos quaes appareceu á cabeceira e o outro aos pés, na sepultura [4]. Talvez á noite já muitas pessoas acreditassem que as mulheres tinham visto o anjo descer do céo, e remover a pedra, e Jesus romper da cava com ruido [5]. Ellas variavam de certo nos seus depoimentos [6]; soffrendo o effeito da imaginação dos outros, como acontece sempre com o povo, prestavam-se a todos os ornatos, e participavam da creação da lenda que nascia de redor d'ellas e a proposito d'ellas.

Aquelle dia foi tumultuoso e decisivo. A pequena

1 Luc., XXIV, 22-24, 34. Resulta d'estas passagens que as noticias se espalharam separadamente.

2 Marc., XVI, 1-8. — Matth., XXVIII, 9-10, diz o contrario. Mas isto é do systema synoptico em que não veem mais do que um anjo. Parece que o primeiro Evangelho quiz conciliar o systema synoptico e o do quarto, em que só uma mulher vê Jesus.

3 Matth., XXVIII, 2 e seg.; Marc., XVI, 5 e seg.; Luc., XXIV, 4 e seg., 23. Esta apparição chegou a introduzir-se na passagem XX, 12-13 do quarto Evangelho, que desordena completamente sendo applicada a Maria de Magdala. Não quiz o author engeitar este ponto da tradição.

4 Luc., XXIV, 4-7; João, XX, 12-13.

5 Matth., XXVIII, 1 e seg. O Evangelho de Matth. é o que dá mais exageração nas circumstancias. O tremor de terra e o que diz dos guardas é provavel que sejam addições posteriores.

6 As seis ou sete informações que temos d'esta scena da manhã (porque Marcos tem duas ou tres, e Paulo tambem tem a sua, sem fallar do Evangelho dos hebreus) estão em completa disconcordancia.

Digitized by Google

sociedade estava muito dispersa. Uns tinham já partido para a Galiléa; outros haviam-se escondido por medo [1]. A deploravel scena da sexta-feira, o doloroso espectaculo que haviam presenciado, vendo acabar na cruz sem que seu Pae viesse livral-o aquelle de quem tanto esperavam, tinham de mais abalado a fé em muitos. As noticias dadas pelas mulheres e por Pedro só acharam em alguns uma incredulidade mal dissimulada [2]. Cruzavam-se diversos dizeres; as mulheres andavam por uma e por outra parte referindo cousas estranhas e pouco concordes, desbancando umas a outras em exageração. Os mais oppostos sentimentos começavam a romper. Ainda choravam uns o triste acontecimento da ante-vespera; outros já exultavam; e todos estavam dispostos para acolherem as mais extraordinarias noticias. Entretanto, a desconfiança que inspirava a exaltação de Maria de Magdala [3], a pouca authoridade que logravam as mulheres, a incoherencia das suas narrações, eram causa de grandes duvidas. Esperavam-se novas visões, que não podiam deixar de vir. O estado da seita era inteiramente favoravel á propagação de estranhos boatos. Se estivesse junta toda a pequena Egreja, teria sido impossivel a creação lendaria; os que sabiam o segredo do desapparecimento do corpo teriam provavelmente protestado contra o erro. Mas na desordem que lavrava, estava aberta a porta aos mais fecundos equivocos.

Ser contagioso é proprio dos estados da alma em que nascem o extasis e as apparições [4]. A historia de todas as grandes crises religiosas prova que se communicam essas especies de visões: em um ajuntamento de pessoas que tenham todas as mesmas crenças, basta que uma affirme vêr ou ouvir alguma cousa sobrenatural, para que tambem as outras vejam e ouçam. Entre os

1 Matth., XXVI, 31; Marc. XIV, 27; João, XVI, 32; Justino, *Apol.* I, 50; *Dial. cum Tryph.*, 53, 106. O systema de Justino é que no momento da morte de Jesus, houve completa apostasia da parte dos discipulos.

2 Matth., XXVIII, 17; Marc., XVI, 11; Luc., XXIV, 11.

3 Marc., XVI, 9; Luc., VIII, 2.

4 Vej. por exemplo, Calmeil, *De la folie au point de vue pathologique, philosophique, historique et judiciaire.*

Digitized by Google

protestantes perseguidos, corria voz que se tinham ouvido anjos cantar psalmos nas ruinas de um templo destruido de pouco tempo; todos lá iam e ouviam o mesmo psalmo [1]. Nos casos d'esse genero os mais afervorados são os que fazem a lei e que regulam o grau da atmosphera commum. A exaltação de uns transmitte-se a todos; ninguem quer ficar atraz nem convir em que é menos favorecido do que os outros. Os que não veem nada, são movidos pelo que ouvem e acabam por crêr que são menos perspicazes, que não percebem as suas sensações; em todo o caso, não o confessam; turvariam a festa, descontentariam os outros e fariam um papel desagradavel. Portanto, quando se dá uma apparição em taes reuniões, de ordinario todos a veem ou a admittem. De mais, é preciso ter em conta qual era o grau de cultura intellectual dos discipulos de Jesus. O que se chama uma cabeça fraca liga muito bem com excellente bondade da alma. Os discipulos acreditavam em phantasmas [2]; imaginavam-se cercados de milagres; estavam longe da sciencia positiva d'aquelle tempo. Essa sciencia achava-se em alguns centenares de homens, só em terras onde tinha entrado a cultura grega. Mas o vulgo, em todos os paizes, participava d'ella muito pouco. N'esse ponto a Palestina era um dos paizes mais atrazados; os Galileus eram os mais ignorantes dos Palestinos, e os discipulos de Jesus podiam contar-se entre os homens mais simples da Galiléa. Essa mesma simplicidade é que os fizera dignos da sua celeste eleição. Entre tal gente era em extremo facil a propagação da crença em factos maravilhosos. Divulgada a opinião da resurreição de Jesus, deviam verificar-se numerosas visões. Verificaram-se com effeito.

No mesmo dia de domingo, quando a manhã já ia

[1] Vej. as *Lettres pastorales* de Jurieu 1.º anno, 7.ª carta; 3.º anno, 4.ª carta; Misson, *le Theatre sacré des Cevennes* (Londres, 1707) pag. 28, 34, 38, 102, 103, 104, 107; Memorias de Court, em Sayous, *Hist. de la litter. franç. à l'etranger*, seculo XVII, I, pag. 303; *Bulletin de la Societé* de l'hist. du protest. franç. 1862, pag. 174.

[2] Matth., XIV, 26; Marc., VI, 49; Luc., XXIV, 37; João, IV, 19.

Digitized by Google

alta, quando já tinham corrido de bocca em bocca os contos das mulheres, dous discipulos, um dos quaes se chamava Cleopatros ou Cleopas, fizeram uma pequena jornada a uma aldêa de nome Emmaús [1], a breve distancia de Jerusalem [2]. Iam, muito tristes, conversando ácerca dos ultimos acontecimentos. No caminho juntou-se a elles um companheiro desconhecido e perguntou-lhes qual era a causa da sua magua. Disseram-lhe: « Ès pois estranho em Jerusalem porque ignoras o que lá se passou. Não ouviste fallar de Jesus de Nazareth, que foi um homem propheta, poderoso em obras e em palavras perante Deus e o povo? Não sabes que os sacerdotes e os grandes o fizeram condemnar e crucificar? Esperavamos d'elle o livramento de Israel, e já passaram tres dias depois que tal cousa aconteceu. Algumas mulheres que são das nossas pozeram-nos esta manhã em estranho enleio. De madrugada foram á sepultura; não acharam lá o corpo, mas affirmam que viram anjos que lhes disseram que elle está vivo. Alguns dos nossos foram depois á sepultura; acharam tudo como as mulheres tinham dito; mas não viram a elle. » O desconhecido era um homem pio, lido nas Escripturas, que citava Moysés e os prophetas. Aquellas tres boas almas travaram intimidade. Chegando a Emmaús, quiz o desconhecido continuar a sua jornada, mas os dous discipulos pediram-lhes que lhes fizesse companhia na refeição da noite. A tarde ia quasi passada; as recordações dos dous discipulos tornaram-se então mais pungentes. Essa hora de refeição era a que lembrava a todos com mais encantos e melancolia. Quantas vezes não tinham elles visto o querido mestre esquecer as fadigas do dia em deliciosas

1 Marc., XVI, 12-13; Luc., XXIV, 13-33.

2 Compare-se Josepho, *B. J.*, VII, VI, 6. Lucas põe esta aldêa a sessenta stadios e Josepho a trinta de Jerusalem. A palavra *ἑξεκοντα* de certos manuscriptos e certas edições de Josepho, é uma correcção christã. Vej. a ediç. de G. Dindorf. A situação mais provavel de Emmaús é Kulonié, lindo sitio no fundo de um valle, na estrada de Jerusalem a Jaffa. Vej. Sepp., *Jerusalem und das Heiliye Land* (1863), I, pag. 56; Bourquenoud, nos *Etudes rel. hist. et litt.* dos Padres da Sociedade de Jesus, 1863, n.° 9, e, para as distancias exactas, H. Zschokke, *Das neutestamentliche Emmaüs* (Schaffhouse, 1865.)

Digitized by Google

praticas, e, animado por algumas gotas de excellente vinho, quantas vezes o tinham ouvido fallar do fructo da vinha que beberia novo com elles no reino de seu Pae! O gesto que fazia partindo o pão e offerecendo-lh'o, segundo o costume do superior de uma casa entre os Judeus, estava profundamente gravado na sua memoria. Tomados de suave tristeza, esquecem o desconhecido, e não veem senão Jesus, que parte o pão e lh'o apresenta. Estas lembranças enleiam-nos por tal modo que mal attentam em que o seu companheiro, com pressa de continuar a sua jornada, os deixou ficar sós. Quando tornaram em si, disseram um ao outro: «Não parece que sentiamos uma cousa estranha? Não te lembra que nossa alma estava como incendida em quanto fallou comnosco no caminho?» — «E as prophecias que elle citava, provavam bem que o Messias deve soffrer para entrar na sua gloria. Não o conheceste no partir do pão?» — «É verdade, os nossos olhos estavam fechados; abriram-se quando elle desappareceu.» A convicção dos dous discipulos foi que tinham visto Jesus. Voltaram a toda a pressa a Jerusalem.

Os principaes discipulos estavam justamente então reunidos de redor de Pedro [1]. Era noite fechada. Cada um communicava as suas impressões e o que ouvira dizer. A crença geral exigia já que Jesus houvesse resuscitado. Quando entraram os dous discipulos, fallaram-lhes logo no que se chamava «a visão de Pedro [2].» Contaram elles então o que lhes acontecera no caminho e como o tinham conhecido pelo partir do pão. A imaginação de todos ficou altamente excitada. As portas estavam fechadas, porque havia medo dos Judeus. As cidades orientaes são mudas depois do pôr do sol. O silencio era pois por momentos profundissimo; todos os leves rumores que formava o acaso eram interpretados no sentido da espectação universal. De ordinario a especta-

1 Marc., XVI, 14; Luc., XXIV, 33 e seg.; João, XX, 19 e seg.; Evang. dos hebr., em S. Ignacio, *Epist. ad Smyrn.*, 3, e em S. Jeron., *De viris ill.*, 16; I Cor., XV, 5; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 106.

2 Luc. XXIV, 34.

Digitized by Google

ção cria o seu objecto [1]. Durante um instante de silencio, um leve sopro deslisou pela face dos assistentes. N'essas horas decisivas, uma corrente de ar, uma janella que range, um murmurio casual, fixam a crença dos povos para seculos. Ao mesmo tempo que sentiu o sopro, julgou alguem que ouvia sons. Disseram alguns que tinham distinguido a palavra *shalom*, «salvè» ou «paz». Era a ordinaria saudação de Jesus e a palavra com que assignalava a sua presença. Não é possivel a duvida; Jesus está presente; está no ajuntamento. É a sua voz querida; todos a reconhecem [2]. Era muito facil admittir este imaginar porque Jesus lhe tinha dito que, todas as vezes que estivessem juntos em seu nome, estaria com elles. Foi pois uma cousa admittida que, na noite de domingo, apparecera Jesus entre os seus discipulos reunidos. Affirmaram alguns que lhe tinham visto nas mãos e nos pés os signaes dos cravos, e na ilharga o da lançada. Segundo uma tradição muito vulgar, foi n'essa mesma noite que elle cobriu seus discipulos com o sopro do Espirito Santo [3]. Pelo menos foi geralmente admittida a idéa de que o seu sopro correra sobre todos.

Taes foram os incidentes d'esse dia que determinou a sorte da humanidade. A opinião de ter resuscitado Jesus fixou-se então por modo irrevogavel. A seita, que se julgára extinguir pela morte do mestre, alcançou desde então a certeza de immenso porvir.

1 Em uma ilha defronte de Rotterdam, cujos habitantes seguem o mais austero calvinismo, estão persuadidos os rusticos de que Jesus vai, á hora da morte, assegurar aos seus eleitos a sua justificação; ha muitos que o veem com effeito.

2 Para conceber a possibilidade de taes illusões, basta recordar as scenas dos nossos dias em que individuos reunidos confessam unanimemente que ouvem rumores sem realidade, e isso com perfeita boa fé. A espectação, o esforço da imaginação, a disposição para crêr, e ás vezes innocentes condescendencias, explicam os phenomenos d'esta ordem que não são producto directo da fraude. Estas condescendencias veem, em geral, de pessoas convictas, animadas de sentimento benevolo, que não querem que a sessão acabe mal, nem que se veja em embaraços o dono da casa. Quem crê no milagre auxilia-o sempre sem a consciencia da cooperação. N'essas reuniões são impossiveis a duvida e a negação, porque magoariamos os que creem e os que nos convidaram. É por isso que experiencias, que teem bom exito perante pequenas reuniões, se mallogram de ordinario perante um publico que paga, e falham sempre perante as commissões scientificas.

3 João, xx, 22-23, que tem um echo em Lucas, xxiv, 49.

Digitized by Google

Entretanto ainda se manifestavam duvidas [1]. O apostolo Thomé, que não tinha assistido á reunião da noite do domingo, confessou que tinha alguma inveja dos que haviam visto os signaes da lança e dos cravos. Diz-se que, oito dias depois, foi satisfeito [2]. Mas conservou certa perplexidade e uma especie de branda censura. Por uma vista instinctiva de delicada exactidão, comprehendeu-se que o ideal não admitte que o toquem com as mãos, que não tem nenhuma necessidade de verificações da experiencia. *Noli me tangere* é a divisa de todos os grandes amores. O tacto não deixa nada á fé; o olho, orgão mais puro e mais nobre do que a mão, o olho, que nenhuma cousa inquina e que por nenhuma cousa é inquinado, esse mesmo veio a ser um testemunho superfluo. Começou a despontar singular sentimento; uma hesitação foi tida na conta de falta de lealdade e de amor; cada um teve vergonha de ficar áquem dos outros; chegou a ser defeso o desejo de vêr. O dito: « Bemaventurados os que não viram e creram » (João, xx, 29) veio a ser o mote da situação. Achou-se que era mais generoso crêr sem provas. Os verdadeiros amigos de coração não quizeram dizer que tiveram visão [3], do mesmo modo que, seculos depois, S. Luiz não queria ser testemunha de um milagre eucharistico para não se privar do merito da fé. Desde então, em pontos de credulidade, houve uma assombrosa emulação e uma especie de sobrelanço. Como o merecimento consistia em crêr sem ter visto, a fé a todo o custo, a fé gratuita, a fé até ás raias da loucura foi engrandecida como o primeiro dos dons da alma. O *credo quia absurdum* está estabelecido; a lei dos dogmas christãos será uma estranha progressão que nenhuma impossibilidade atalhará. Uma especie de sentimento cavalleiroso obstará a que algum dia se olhe

1 Matth., xxviii, 17; Marc., xvi, 14; Luc., xxiv, 39-40.

2 João, xx, 24-29; compar. Marc., xvi, 14; Luc., xxiv, 39-40, e a final de Marcos, conservada por S. Jeronymo, *Adv. Pelag.*, II (veja-se a pag. 6 d'este livro.)

3 Com effeito, é bem para notar-se que João, em cujo nome nos foi transmittido esse dito, não tenha visão particular para si só. Comfr. I Cor., xv, 5-8.

Digitized by Google

para traz. Os dogmas a que mais quer o sentimento pio, aquelles a que se dá com mais frenesi, serão os mais incompativeis com a razão, em consequencia da pathetica idéa de augmentar o valor moral da fé na proporção da difficuldade de crêr, e de não se dar prova de amor admittindo o que é claro.

Os primeiros dias foram como um periodo de intensa febre, em que os fieis, deslumbrando-se reciprocamente e induzindo uns aos outros á aceitação dos seus sonhos, se impelliam mutuamente para as mais exaltadas idéas. As visões multiplicavam-se de continuo. De ordinario era durante as reuniões nocturnas que ellas se verificavam [1]. Fechadas as portas, e possuidos todos da sua idéa fixa, o primeiro que julgava ouvir a dôce palavra *schalom* «salvè» ou «paz», dava o signal. Todos escutavam e ouviam logo a mesma cousa. Era então uma grande alegria para aquellas almas simples saberem que estava o mestre no meio d'ellas. Cada um saboreava a doçura d'esse pensamento, e se julgava favorecido por algum colloquio interior. Outras visões eram ordenadas por outro modêlo, e faziam lembrar a dos que foram a Emmaús. Na hora da refeição via-se apparecer Jesus, benzer o pão, partil-o e offerecel-o áquelle a quem favorecia com a sua visão [2]. Em poucos dias formou-se e dilatou-se um cyclo completo de contos, muito divergentes nos pormenores, mas inspirados pelo mesmo amor e por fé absoluta. Crêr que a lenda carece de muito tempo para se formar, é um erro grave. A lenda nasce ás vezes em um dia. Na noite do domingo (16 de nisan, 5 de Abril), a resurreição era tida firmemente como uma realidade. Oito dias depois, estava determinado nos traços essenciaes o caracter da vida ultra-tumular que se teve de conceber para elle.

1 João, xx, 26. É verdade que a passagem xxi, 14, faz suppor que não houve em Jerusalem senão duas apparições perante os discipulos reunidos. Mas as passagens xx, 30, e xxi, 25 dão mais largas ás supposições. Comp. *Act.*, i, 3.

2 Luc., xxiv, 41-43; Evang. dos hebreus, em S. Jeronymo, *De viris illustribus*, 2; final de Marcos, em S. Jeronymo, *Adv. Pelag.*, II.

Digitized by Google

CAPITULO II

PARTIDA DOS DISCIPULOS DE JERUSALEM. — SEGUNDA VIDA GALILÉA DE JESUS

O mais acceso desejo de quem perdeu uma pessoa querida, é tornar a vêr os lugares onde com ella viveu. Foi de certo este sentimento que, alguns dias depois dos acontecimentos da Paschoa, moveu os discipulos a regressar á Galiléa. Désde o momento da prisão de Jesus, e logo depois da sua morte, é provavel que muitos tivessem já guiado para as provincias do Norte. No momento da resurreição corrêra voz que era na Galiléa que elle seria visto outra vez. Algumas das mulheres que tinham ido á sepultura voltaram annunciando que lhes dissera o anjo que Jesus já tinha partido para a Galiléa [1]. Diziam outros que era Jesus que havia ordenado a ida de todos para lá [2]. Até mesmo havia quem julgasse lembrar-se de que elle o dissera quando ainda vivo [3]. O que é certo é que, ao cabo de alguns dias, talvez depois de completamente terminadas as festas da Paschoa, os disci-

1 Matth., XXVIII, 7; Marc., XVI, 7.
2 Matth., XXVIII, 10.
3 *Ibid.*, XXVI, 32; Marc., XIV, 28.

Digitized by Google

pulos julgaram ter ordem de regresso á patria, e para lá partiram com effeito [1]. Começavam talvez as visões a rarear em Jerusalem. Tomou-os uma especie de nostalgia. As breves apparições de Jesus não eram sufficientes para compensarem o enorme vacuo que deixára ficar a sua ausencia. Lembravam-se com melancolia do lago e d'aquellas bellas montanhas onde haviam gozado o reino de Deus [2]. Principalmente as mulheres queriam a todo o custo voltar para onde tinham logrado tanta ventura. Note-se que era especialmente d'ellas que procedia a ordem de partida [3]. Era-lhes pesada aquella odiosa cidade; anciavam a vista da terra onde haviam possuido aquelle que amavam, bem convencidas de que lá o haviam de achar.

Partiu pois o mais dos discipulos com grande alegria e esperanças, acompanhando talvez a caravana que levava os peregrinos da festa da Paschoa. O que esperavam encontrar na Galiléa não eram só visões de pouca dura, era o proprio Jesus de uma maneira continua, como antes da sua morte. Ia renovar o reino de Israel, assentar definitivamente o reinado de Deus, e, como se dizia, « revelar a sua justiça [4] » ? Tudo era possivel. Elles afiguravam-se já as deliciosas paisagens onde tinham gozado a sua companhia. Julgavam muitos que elle lhes marcára ponto de reunião em uma montanha (Matth., XXVIII, 16), provavelmente a mesma a que se prendiam as suas mais dôces recordações. De certo nunca ninguem fez jornada mais alegre. Estavam em vesperas de realisação todos os seus sonhos de ventura. Iam tornar a vêl-o.

1 Matth., XXVIII, 16; João, XXI. — Luc., XXIV, 49, 50, 52 e os *Actos*, 1, 3-4, estão aqui em flagrante contradicção com Marcos, XVI, 1-8, e Mattheus. A segunda final de Marcos (XVI, 9 e seg.), e mesmo as outras duas que não fazem parte do texto admittido, parecem concebidas no systema de Lucas. Mas não póde isto prevalecer contra a concordancia de uma parte da tradição synoptica com o quarto Evangelho e mesmo, indirectamente, com Paulo (I Cor., XV, 5-8) sobre este ponto.

2 Matth., XXVIII, 16.

3 *Ibid.*, XXVIII, 7; Marc., XVI, 7.

4 Final de Marcos, em S. Jeron., *Adv. Pelag.*, II.

Digitized by Google

E viram. Apenas entregues ás suas pacificas chimeras, julgaram-se em pleno periodo evangelico. Era pelo fim de Abril. Está então estrellada a terra de anémolas vermelhas, que são provavelmente aquelles «lyrios dos campos» de que Jesus folgava de tirar as suas comparações. A cada passo achavam-lhe os discipulos as palavras, como se estivessem ligadas aos mil accidentes do caminho. Aqui está a arvore, a semente, a flôr de que elle tirou a sua parabola; aqui está a collina onde fez os seus mais patheticos discursos; alli está a barca onde ensinou. Era como um bello sonho começado segunda vez, como uma illusão que desapparecêra e se repetia. O encanto pareceu renascer. Continuou o dôce «reino de Deus» galileu. Aquelle ar transparente, aquellas manhãs na praia ou na montanha, aquellas noites passadas no lago em guarda ás redes, tornaram a achar-se povoadas de visões. Viam-no em toda a parte onde tinham vivido com elle. De certo não era a alegria do gozo a toda a hora. Ás vezes o lago devia parecer-lhes bem solitario. Mas o grande amor contenta-se com pouco. Para todo aquelle que, uma vez por anno, ás furtadellas, durante o espaço sufficiente para dizer e ouvir duas palavras, podesse tornar a vêr as pessoas queridas que perdeu, a morte deixaria de ser a morte!

Tal era o estado d'alma d'aquelles fieis, n'esse breve periodo em que o christianismo pareceu voltar um momento ao seu berço para lhe dizer eterno adeus. Os principaes discipulos, Pedro, Thomé, Nathaniel, os filhos de Zebedeu, encontraram-se á beira do lago e d'ahi em diante viveram juntos (João, XXI, 2 e seg.); tinham volvido ao seu antigo estado de pescadores, em Bethsaida ou em Capharnaum. De certo as mulheres galiléas estavam com elles, porque o regresso á patria, que para ellas era uma necessidade do coração, foram ellas que mais o provocaram. Foi o seu ultimo acto no estabelecimento do christianismo. Desde então não as vemos apparecer mais. Fieis ao seu amor, não quizeram tornar a sahir do

Digitized by Google

paiz onde tinham gozado a sua grande alegria [1]. Foram depressa esquecidas, e como o christianismo galileu quasi não teve posteridade, perdeu-se completamente a sua recordação em certos ramos da tradição. Aquellas tocantes possessas, aquellas peccadoras convertidas, aquellas verdadeiras fundadoras do christianismo, Maria de Magdala, Maria Cleophas, Joanna, Suzanna, passaram ao estado de santas de que ninguem se lembra. S. Paulo não as conhece (I Cor., xv, 5 e seg.) A fé que haviam creado fel-as entrar quasi na sombra. É preciso descer até á idade media para que se lhes fizesse justiça. Uma d'ellas, Maria Magdalena, toma então um lugar importante no céo christão.

Parece que foram muito frequentes as visões á beira do lago. Sobre essas aguas onde tinham estado em contacto com Deus, como não haviam de tornar a vêr os discipulos o seu divino amigo? Mostrava-se-lhes nas mais simples circumstancias. Uma vez, tinham remado toda a noite sem pescarem um só peixe; de repente enchem-se as redes; foi um milagre. Pareceu-lhes que alguem lhes dissera da terra: « Deitem as redes á direita ». Pedro e João olharam um para o outro: « É o Senhor », disse João. Pedro, que estava nu, cobriu-se á pressa com a sua tunica e atirou-se ao mar para ir ter com o invisivel conselheiro [2]. — Outras vezes, ia Jesus tomar parte nas suas simples refeições. Um dia, depois de finda a pesca, ficaram admirados porque acharam carvões accesos, um peixe em cima d'elles e pão ao lado. Salteou-lhes a mente uma viva recordação dos passados banquetes, de que faziam sempre parte essencial o pão e o peixe. Jesus costumava offerecer-lh'os. Depois da refeição ficaram persuadidos de que Jesus se assen-

1 O author dos *Actos*, I, 14, apresenta-os em Jerusalem na occasião da ascensão. Mas procede isso do seu partido systematico (Luc., XXIV, 49; *Act.*, 1-4) de não admittir jornada á Galiléa depois da resurreição, systema que Matheus e João contradizem. Para ser fiel a esse systema, é obrigado a dar a ascensão como realisada em Bethania, o que contradizem todas as outras tradições.

2 João, XXI, 1 e seg. Este capitulo foi ajuntado, como um post-scriptum, ao Evangelho já acabado. Mas é da mesma origem do resto.

Digitized by Google

tára ao lado d'elles e lhes apresentára aquellas iguarias, que já para elles eram eucharisticas e sagradas [1].

Eram principalmente João e Pedro os favorecidos com estas intimas praticas com o phantasma querido. Um dia, Pedro, talvez em sonho (e a vida dos discipulos por aquellas praias não seria um sonho perpetuo?), julgou ouvir Jesus a perguntar-lhe: « Amas-me? » A pergunta foi feita tres vezes. Pedro, completamente tomado de um sentimento de ternura e tristeza, imaginava responder: « Oh, amo, Senhor, bem sabes que te amo »; e de cada vez dizia a visão: « Apascenta as minhas ovelhas ». (João, XXI, 15 e seg.) Em outra occasião, contou Pedro a João um estranho sonho que tivera. Sonhára que passeava com o mestre. João ia atraz a alguns passos de distancia. Jesus fallou-lhe em termos muito escuros, que pareciam annunciar-lhe prisão ou morte violenta, e repetiu-lhe por differentes vezes: « Acompanha-me ». Então Pedro, apontando para João que os seguia, perguntou: « Senhor, e aquelle? — Aquelle, disse Jesus, se quero que elle fique até á minha vinda, que te importa? Segue-me. » Depois do supplicio de Pedro, João lembrou-se d'este sonho, e viu n'elle uma predicção do genero de morte do seu amigo. Contou-o aos seus discipulos; estes julgaram vêr no facto a certeza de que seu mestre não morreria antes da vinda final de Jesus (João, XXI, 18 e seg.)

Estes grandes sonhos melancolicos, estas conversas de continuo interrompidas e renovadas com o fi-

1 João, XXI, 9-14; comp. Luc. XXIV, 41-43. Fez João uma só das duas scenas da pesca e da refeição. Mas Lucas ajunta por outro modo as cousas. Em todo o caso, quem pesar attentamente os versiculos João XXI, 14-15, convencer-se-ha de que as ligações que faz João são aqui um pouco artificiaes. As allucinações nunca nascem a pares. Só depois é que com ellas se fazem anecdotas seguidas. Esta maneira de juntar como consecutivos factos que foram separados por mezes e semanas acha-se de um modo muito notavel confrontando duas passagens do mesmo escriptor, Luc., Evang., XXIV, fim, e *Actos*, I, principio. Segundo a primeira passagem, Jesus subiu ao céo no dia da resurreição; a segunda põe entre os dous acontecimentos um intervallo de quarenta dias. Se tomassemos tambem em rigor Marc., XVI, 9-20, teriamos a ascensão na tarde do mesmo dia da resurreição. Não ha nada como a contradicção de Lucas n'estes dous pontos para provar quanto os redactores dos escriptos evangelicos tinham em pouco as suturas das suas narrativas.

Digitized by Google

nado occupavam os dias e os mezes. A sympathia da Galiléa pelo propheta que os de Jerusalem haviam matado accendêra-se outra vez. Mais de quinhentas pessoas estavam já reunidas de redor das recordações de Jesus (I Cor., xv, 6). Na falta do mestre perdido, obedeciam aos seus discipulos mais authorisados, mórmente a Pedro. Um dia que, seguindo os seus superiores espirituaes, os Galileus fieis tinham subido a uma d'aquellas montanhas para onde Jesus os levára tantas vezes, ainda julgaram vêl-o. O ar n'essas elevações é cheio de reverberações singulares. Repetiu-se a mesma illusão que outr'ora se verificára para os discipulos mais intimos (a Transfiguração). Imaginaram todos que viam o espectro divino desenhar-se no ether. Prostraram-se todos e adoraram com a face em terra [1]. O sentimento que inspira o claro horisonte d'estas montanhas é a idéa da vastidão do mundo com o desejo de conquistal-o. Em um dos picos proximos, Satanaz, indicando a Jesus os reinos da terra e toda a gloria d'elles, tinha-lh'os offerecido, segundo se dizia, se quizesse curvar-se diante d'elle. D'essa vez, foi Jesus que, do alto dos cumes sagrados, mostrou a seus discipulos toda a terra e lhes assegurou o futuro. Desceram da montanha convencidos de que o filho de Deus lhes ordenára que convertessem o genero humano, e promettera estar com elles até ao fim dos seculos. Sahiam sempre d'estas reuniões cheios de estranho fervor, de fogo divino. Consideravam-se como missionarios do mundo, capazes de todos os prodigios. S. Paulo viu muitos dos que assistiram áquella scena extraordinaria. Passados vinte e cinco annos, era ainda tão forte e tão viva a impressão como no primeiro dia [2].

Assim se passou quasi um anno n'essa vida suspensa entre o céo e a terra [3]. O encanto, longe de diminuir, augmentava. É proprio de tudo o que é grande e santo

1 Matth., xxviii, 16-20; I Cor., xv, 6. Compare-se Marcos, xvi, 15 e seg.; Luc., xxiv, 44 e seg.

2 I Cor., xv, 6.

3 João não limita a duração da vida ultra-tumular de Jesus. Parece que a suppõe muito longa. Segundo Mattheus, durou só o tempo necessario para a

Digitized by Google

avultar e purificar-se sempre. O sentimento de uma pessoa querida que perdemos é muito mais fecundo passados tempos do que no dia immediato ao da morte. Quanto mais tempo passa, mais energico se torna. Converte-se em sereno sentimento pio a tristeza que com elle se casava, e que de certo modo o abatia. A imagem do finado transfigura-se, idealisa-se, converte-se em alma da vida, em principio de toda a acção, em manancial de toda a alegria, em oraculo que consultamos, em consolação que procuramos nas horas de desalento. A morte é a condição de uma apotheose. Jesus, tão querido durante toda a sua vida, mais querido foi ainda depois do seu ultimo suspiro, ou antes o seu ultimo suspiro veio a ser o começo da sua verdadeira vida no seio da sua Egreja. Veio a ser o amigo intimo, o confidente, o companheiro de jornada, aquelle que, em uma volta da estrada, se junta ao caminhante, faz-lhe companhia, assenta-se com elle á mesma mesa, e se dá a conhecer desapparecendo (Luc., XXIV, 31). A absoluta falta de rigor scientifico no espirito dos novos crentes fazia que ainda não se estabelecesse nenhuma questão sobre a natureza

jornada á Galiléa e para a ida á montanha indicada por Jesus. Segundo a primeira final incompleta de Marcos (XVI, 1-8), parece que as cousas se passaram como refere Mattheus. Pela segunda final (XVI, 9-20), pelo Evangelho de Lucas e por outros documentos que mencionamos em uma nota do capitulo anterior, parece que a vida de além da sepultura durou apenas um dia. Paulo (I Cor., XV, 5-8), de accordo com o quarto Evangelho, dá-lhe uma duração de annos, por que dá a sua visão, realisada cinco ou seis annos, pelo menos, depois da morte de Jesus, como a ultima das apparições A circumstancia dos «quinhentos irmãos» leva á mesma supposição; porque não parece que no dia seguinte ao da morte de Jesus, fosse tal o numero dos seus amigos que podessem formar tamanho ajuntamento (*Act.*, I, 15.) Muitas seitas gnosticas, em particular os valentinianos e os sethios, avaliavam em dezoito mezes a duração das apparições, e até mesmo estabeleciam sobre isso theorias mysticas (Ireneu, *Adv. hær.*, I, III, 2; XXX, 14.) O author dos *Actos* (I, 3) é o unico que dá quarenta dias á duração da vida ultra-tumular de Jesus. Mas é uma authoridade bem pouco valiosa, mórmente notando-se que se prende a um systema erroneo (Luc., XXIV, 49, 50, 52; *Act.*, I, 4, 12), segundo o qual toda a vida de além da sepultura se passou em Jerusalem ou nos arredores. O numero 40 é symbolico (o povo passa quarenta annos no deserto; Moysés quarenta dias no Sinai; Elias e Jesus jejuam quarenta dias, etc.) Quanto á fórma de narração adoptada pelo author dos doze ultimos versiculos do segundo Evangelho e pelo author do terceiro Evangelho, fórma segundo a qual as circumstancias são restringidas em um dia, vej. a nota da pag. 21. A authoridade de Paulo, que é a mais antiga e mais valiosa, corroborando a do quarto Evangelho, que offerece para esta parte da historia evangelica mais ordem e verosimilhança, parece-nos que dá um argumento decisivo.

Digitized by Google

da sua existencia. Afiguravam-no impassivel, dotado de um corpo subtil, que atravessava opacos repartimentos, ora visivel, ora invisivel, mas sempre vivo. Algumas vezes pensava-se que o seu corpo não tinha nenhuma materia, que era uma pura sombra ou apparencia (João, xx, 19, 26). Outras vezes attribuia-se-lhe materialidade, carne e ossos; por ingenuo escrupulo, e como se a allucinação quizesse precautelar-se contra si mesma, faziam-no comer e beber, e até mesmo se dizia que elle admittira que o tocassem [1]. Sobre este ponto fluctuavam as idéas na maior indeterminação.

Ha uma questão que por frivola e insoluvel não temos tido pressa de estabelecer. Em quanto Jesus resuscitava verdadeiramente, isto é no coração dos que o amavam, em quanto se formava a inabalavel convicção dos apostolos e se preparava a fé, em que lugar consumiam os vermes o corpo inanimado que, na tarde do sabbado, fôra depositado no sepulchro? É ponto que ha-de ser sempre ignorado; porque, naturalmente, nada nos podem dizer sobre elle as tradições christãs. O que vivifica é o espirito; a carne não vale nada (João vi, 4). Pela resurreição triumphou a idéa da realidade. Entrada a idéa na sua immortalidade, que importa o corpo?

Pelo anno de 80 ou de 85, quando o texto do primeiro Evangelho recebeu as suas ultimas addições, já tinham os Judeus uma opinião fixa sobre esse ponto [2]. No seu dizer, os discipulos foram de noite roubar o corpo. A consciencia christã inquietou-se com esse boato, e para dar um talho em tal objecção imaginou a circumstancia dos guardas e do sello judicial no sepulchro [3]. Esta circumstancia, que só achamos no primeiro Evangelho, de volta com lendas de authoridade mui pouco valiosa [4], não é por nenhum modo admissivel [5].

1 Matth., xxviii, 9; Luc., xxiv, 37 e seg.; João, xx, 27 e seg.; xxi, 5 e seg.; Evang. dos hebreus, em S. Ignacio, epistola aos Smyrnianos, 3, e em S. Jeronymo, *De viris ill.*, 16.

2 Matth., xxviii, 11-15; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 17, 108.

3 Matth., xxvii, 62-66; xxviii, 4, 11-15.

4 Matth., xxviii, 2 e seg.

5 Segundo Mattheus, xxvii, 63, sabiam os Judeus que Jesus havia pre-

Digitized by Google

Mas a explicação dos Judeus, posto que irrefutavel, está longe de satisfazer a tudo. Mal se póde admittir que os que creram tão devéras em Jesus resuscitado fossem os que roubaram o corpo. Por muito pouco assento que tivesse a reflexão em taes homens, custa imaginar tão estranha illusão. Não esqueçamos que a pequena Egreja estava então completamente dispersa. Não havia nenhuma espectativa, nenhuma centralisação, nenhuma publicidade regular. As crenças nasciam derramadas, depois juntavam-se como podiam. As contradicções entre os documentos que nos fallam dos incidentes da manhã do domingo provam que os boatos se divulgaram por vias muito diversas, e que não se curou muito de ordenar uma concordancia. É possivel que o corpo fosse tirado do sepulchro por alguns dos discipulos, e por elles levado para a Galiléa [1]. Podia ser que os outros, que ficaram em Jerusalem, não tivessem conhecimento do facto. Por outro lado, os discipulos que levaram o corpo para a Galiléa não teriam logo noticia dos contos que se formaram em Jerusalem, de maneira que a crença na resurreição se formasse atraz d'elles e os surprehendesse depois. Não reclamariam, e, se o fizessem, perderiam tempo e palavras. Quando se trata de milagres, uma rectificação tardia é sem effeito [2]. Um embaraço material nunca tolhe que um sentimento se desenvolva e crie as ficções de que ha mister [3]. Na historia recente do mila-

dicto que resuscitaria. Mas os discipulos de Jesus não tinham sobre esse ponto uma idéa bem fixa. Vej. a nota da pag. 1.

1 O vago sentimento d'isto póde achar-se em Matth., XXVI, 32; XXVIII, 7, 10; Marc., XIV, 28; XVI, 7.

2 Viu-se isto nos milagres da Salette e de Lourdes. Um dos modos mais ordinarios como se fórma a lenda milagrosa é o seguinte. Corre voz que um individuo de santa vida opéra curas. Levam-lhe um doente, que, em consequencia de commoção intima, se sente alliviado. No dia seguinte consta a dez leguas em roda do lugar que houve um milagre. O doente morre cinco ou seis dias depois, ninguem falla n'isso, e, á hora em que se enterra o defuncto, já se conta com admiração a sua cura a quarenta leguas de distancia. O dito attribuido ao philosopho grego ante os *ex voto* da Samothracia (Diog. Laerte, VI, II, 59) tambem é de perfeita exactidão.

3 Um phenomeno d'este genero, e dos mais notaveis, dá-se todos os annos em Jerusalem. Affirmam os gregos orthodoxos que o fogo que se accende espontaneamente no santo sepulchro no sabbado santo da sua Paschoa apaga os peccados de quem o passa por sobre o rosto, e não queima. Milhares de peregrinos fazem a experiencia e sabem muito bem que o tal fogo quei-

Digitized by Google

gre da Salette, o erro foi demonstrado até á evidencia [1]; mas isso não impede que a basilica se levante e que a fé corra para lá.

É licito suppor tambem que o desapparecimento do corpo foi obra dos Judeus. Talvez julgassem prevenir assim as tumultuosas scènas a que podia dar causa o cadaver de um homem tão popular como Jesus. Talvez quizessem impedir ruidosos funeraes ou a erecção de um tumulo a esse justo. Em fim, quem sabe se o desapparecimento do cadaver seria obra do proprietario do jardim ou do jardineiro [2]? Esse proprietario, segundo todas as probabilidades [3], era alheio á seita. Foi escolhido o seu carneiro por ser o mais visinho do Golgotha, e porque havia pressa [4]. Póde ser que o descontentasse aquelle senhoreamento, e que mandasse tirar de lá o cadaver. Mas em verdade os pormenores, referidos pelo quarto Evangelho, dos lençoes deixados na cava, e do sudario lançado em um canto e dobrado com cuidado (João, xx, 6-7), mal se accommodam com tal hypothese. A ultima circumstancia póde fazer suppôr que andou alli mão de mulher [5]. As cinco noticias da visita das mulheres ao sepulchro são tão confusas e tão embaraçadas, que de certo é muito licita a supposição de que disfarçam alguma equivocação. A consciencia feminina, dominada pela paixão, é capaz das mais extraordinarias illusões. Muitas vezes é complice dos seus proprios sonhos [6]. Por

ma (provam-no de sobejo as contorsões d'elles e o cheiro do que elle queima). Todavia nunca appareceu ninguem que contradissesse a crença da Egreja orthodoxa. Seria confessar-se falto de fé e indigno do milagre, e reconhecer, oh céos! que os latinos são a verdadeira Egreja; porque esse milagre é tido pelos gregos como a melhor prova de que a sua Egreja é a unica boa.

1 Questão da Salette, perante o tribunal civil de Grenoble (sentença de 2 de Maio de 1855), e perante o tribunal superior de Grenoble (sentença de 6 de Maio de 1857), discursos de Julio Favre e Bethmont, etc., tudo colligido por J. Sabbatier.

2 João, xx, 15, não parecerá suppol-o?

3 Vej. pag. 6-7 retró.

4 João dil-o expressamente, xix, 41-42.

5 Pensa-se involuntariamente em Maria de Bethania, que, com effeito, não tem papel indicado no domingo de manhã. Vej. *Vida de Jesus*, pag. 306, 323 e seg.

6 Já Celso fazia sobre isto excellentes observações criticas (em Origenes, *Contra Celsum*, II, 55.)

Digitized by Google

introduzir incidentes d'esta ordem considerados como milagrosos, ninguem engana deliberadamente; mas todo o mundo, sem em tal pensar, é levado á connivencia. Maria de Magdala fôra, segundo o dizer d'aquelle tempo, « possessa de sete demonios [1] ». Em tudo isto é mister ter em conta a pouca sagacidade das mulheres do Oriente, a sua falta absoluta de educação e o grau de sinceridade que lhes é particular. A convicção exaltada não nos deixa entrar em nós. Quem vê o céo em toda a parte, é movido a tomar algumas vezes o lugar do céo.

Um véo sobre estes mysterios. Nos estados de crise religiosa, sendo tudo considerado como divino, os maiores effeitos podem surgir das causas mais mesquinhas. Se fossemos testemunhas dos estranhos factos que se attribuem á origem de todas as obras de fé, veriamos circumstancias que não nos pareceriam em proporção com a importancia dos resultados, e outras que nos fariam sorrir. As nossas vetustas cathedraes são contadas entre as mais bellas cousas do mundo; ninguem póde entrar n'ellas sem ficar como alheado no infinito. Pois essas esplendidas maravilhas são quasi sempre o desabafo de alguma pequena trapaça. Mas que importa? Em tal materia tem só importancia o resultado. A fé purifica tudo. O incidente material que fez crêr na resurreição não foi a verdadeira causa da resurreição. O que resuscitou Jesus foi o amor. Esse amor foi tão potente que bastou um pequeno acaso para erguer o edificio da fé universal. Se Jesus houvera sido menos amado, se a fé na resurreição tivesse tido menos razão de estabelecer-se, debalde se apresentariam acasos d'esses; não produziriam nada. Um grão de areia faz cahir uma montanha quando é chegada a hora de cahir a montanha. As cousas maiores procedem ao mesmo tempo de causas muito grandes e de causas muito pequenas. Causas reaes, só as grandes; as pequenas não fazem mais do que determinar a producção de um effeito desde muito tempo preparado.

1 Marc., XVI, 9; Luc., VIII, 2.

Digitized by Google

CAPITULO III

VOLTA DOS APOSTOLOS PARA JERUSALEM. — FIM DO PERIODO DAS APPARIÇÕES

(ANNO DE 34)

Entretanto, as apparições, como acontece sempre com os movimentos de credulidade enthusiasta, começavam a rarear. As imaginações populares assemelham-se ás molestias contagiosas; modificam-se depressa. A actividade das almas ardentes volvia-se já para outro lado. O que os discipulos julgavam ouvir da bocca do mestre resuscitado, era a ordem de caminhar, prégar e converter o mundo. Por onde haviam de começar? Naturalmente por Jerusalem (Luc., XXIV, 47). A volta para Jerusalem foi, pois, resolvida por aquelles que dirigiam então a seita. Como essas jornadas se faziam de ordinario em caravana, na época das festas, póde-se suppor com probabilidade que se verificou na occasião da festa dos Tabernaculos do fim do anno 33 ou na Paschoa de 34.

Assim foi a Galiléa abandonada pelo christianismo e abandonada para sempre. De certo continuou a viver a pequena Egreja que lá ficou; mas nunca mais houve noticias d'ella. Foi provavelmente destruida, como tudo

Digitized by Google

o mais, pelo terrivel desastre que soffreu o paiz com a guerra de Vespasiano; as reliquias da communidade dispersa acolheram-se além do Jordão. Depois da guerra, o que fez assento na Galiléa não foi o christianismo; foi o judaismo. Nos seculos II, III, e IV a Galiléa é um paiz todo judeu, centro do judaismo, terra do Talmud [1]. Assim a Galiléa não figurou por mais do que uma hora na historia do christianismo; mas foi a hora santa por excellencia; deu á nova religião o que a tem feito durar — a sua poesia, os seus attractivos. «O Evangelho», á maneira dos synopticos, foi uma obra galiléa. Ora, havemos de mostrar que «o Evangelho», assim entendido, foi a principal causa do successo do christianismo e é o mais seguro abono do seu futuro.

É provavel que ficasse em Jerusalem uma fracção da pequena escóla que ladeava Jesus nos seus derradeiros dias. Quando se separaram, estava já estabelecida a crença na resurreição. Assim essa crença desenvolveu-se em dous pontos com uma physionomia sensivelmente differente, e é essa por certo a causa das divergencias completas que se notam nas noticias das apparições. Tinham-se formado duas tradições, uma galiléa, outra hierosolymita; segundo a primeira, todas as apparições (salvo as da primeira hora) tinham-se verificado na Galiléa; quer a segunda que se verificassem todas em Jerusalem [2]. O accordo das duas fracções da pequena Egreja quanto ao dogma fundamental serviu naturalmente para confirmar a crença commum. Todos se abraçaram na mesma fé; todos disseram com a mais viva confiança: «Resuscitou»! A alegria e o enthusiasmo que foram a consequencia d'este encontro deram talvez origem a outras visões. É a este tempo que cabe «a visão de Thiago», menciona-

1 Ácerca do nome «Galileu» dado aos christãos, veja-se adiante uma nota do cap. XIII.

2 Mattheus é exclusivamente galileu; Lucas e o segundo Marcos, XVI, 9-20, são exclusivamente hierosolymitas. João reuniu as duas tradições. Paulo (I Cor., XV, 5-8) tambem admitte visões em pontos muito apartados. É possivel que a visão dos «quinhentos irmãos» de Paulo, que identificamos por conjectura com a «da montanha da Galiléa» de Mattheus, seja uma visão hierosolymita.

Digitized by Google

da por S. Paulo [1]. Thiago era irmão ou pelo menos parente de Jesus. Não consta que fizesse companhia a Jesus na sua ultima estada em Jerusalem. É provavel que fosse lá com os apostolos, quando estes sahiram da Galiléa. Todos os grandes apostolos tinham tido a sua visão; era difficil que este « irmão do Senhor » não tivesse tambem a sua. Parece que foi uma visão eucharistica, isto é em que Jesus appareceu partindo o pão [2]. Passado tempo, as partes da familia christã que seguiram Thiago, e que foram chamadas — os hebreus, pozeram esta visão no dia da resurreição, e quizeram que fosse a primeira de todas [3].

É, com effeito, muito notavel que a familia de Jesus, alguns membros da qual, durante a sua vida, se tinham mostrado incredulos e hostis á sua missão (João, VII, 5), faça agora parte da Egreja, tendo n'ella um lugar de muita conta. Dá isto azo a suppôr-se que se fez a reconciliação em quanto estiveram os apostolos na Galiléa. A celebridade que cobrára de repente o nome do seu parente, aquellas quinhentas pessoas que criam n'elle e asseguravam que o viram resuscitado, fizeram talvez impressão em seu animo [4]. Desde o estabelecimento definitivo dos apostolos em Jerusalem, vemos com elles Maria, mãe de Jesus, e os irmãos de Jesus [5]. Quanto a Maria, parece que João, julgando obedecer n'isso a uma recommendação de seu mestre, a adoptou e recebeu em sua casa (João, XIX, 25-27). Póde ser que a levasse a Jerusalem. Essa mulher, cujos actos e caracter ficaram profundamente obscuros, cobrava desde então importancia. As palavras que o evangelista attribue a uma desco-

1 I Cor., XV, 7. Não se póde explicar o silencio dos quatro Evangelhos canonicos sobre esta visão senão attribuindo-a a uma época posterior aos tempos a que elles se limitam. A ordem chronologica das visões, em que S. Paulo insiste tão determinadamente, faz chegar ao mesmo resultado.

2 Evang. dos hebreus, citado por S. Jeronymo, *De viris illustribus*, 2. Compare-se Luc., XXIV, 41-43.

3 Evang. dos hebreus, *loc. cit.*

4 Haverá em Gal., II, 6, uma allusão a esta subita mudança?

5 Act., I, 14; é verdade que é testemunho de pouca valia. Sente-se já em Lucas uma tendencia para engrandecer o papel de Maria. Luc., I e II.

Digitized by Google

nhecida: «Bemaventurado o ventre que te encerrou e o seio que te amamentou!» começavam a verificar-se. É provavel que Maria vivesse poucos annos depois da morte de seu filho [1].

Quanto aos irmãos de Jesus, ainda a questão é mais escura. Jesus teve irmãos e irmãs [2]; e parece provavel que, entre as pessoas a que se dava o nome de «irmãos do Senhor», houvesse parentes no segundo grau. Mas a questão só tem gravidade quanto a Thiago. Este Thiago o Justo, ou «irmão do Senhor», que vamos vêr desempenhar importantissimo papel nos trinta primeiros annos do christianismo, era Thiago, filho de Alpheu, que parece que foi primo com irmão de Jesus, ou verdadeiro irmão de Jesus? Os dados que temos são inteiramente incertos e contradictorios. O que d'este Thiago sabemos dá-nos d'elle uma imagem tão alheia da de Jesus, que custa crêr que dous homens tão differentes nascessem da mesma mãe. Jesus foi o fundador do christianismo; Thiago foi o seu mais perigoso inimigo; esteve a ponto de perder tudo por estreiteza de caracter. Veio tempo em que de certo se julgou que Thiago o Justo era um verdadeiro irmão de Jesus [3]. Mas talvez sobre este ponto se tivesse cahido em confusões.

Fosse como fosse, os apostolos não tornam a separar-se senão para fazerem jornadas temporarias. Jerusalem tornou-se o seu centro [4]; parece que receiam a dispersão, e ha passagens que parecem revelar n'elles o cuidado de obstar a outro regresso á Galiléa, que dissolveria a pequena sociedade. Suppoz-se uma ordem expressa de Jesus, que prohibia a sahida de Jerusalem, pelo menos até ás grandes manifestações esperadas [5]. As apparições eram cada vez mais raras. Fallava-se n'ellas muito menos, e todos começavam a crêr que não tornariam a

1 A tradição sobre a sua estada em Epheso é moderna e sem valor. Vej. Epiph., *Adv. hær.*, LXXVIII, 11.
2 Vej. *Vida de Jesus*, pag. 21.
3 Evang. segundo os hebreus, citado por S. Jeron., *De vir. illustr.*
4 *Act.*, VIII, 1; Galat., I, 17-19; II, 1 e seg.
5 Luc., XXIV, 49; *Act.*, I, 4.

Digitized by Google

vêr o mestre antes da sua vinda solemne nas nuvens. As imaginações iam pendendo muito para uma promessa que se suppunha feita por Jesus. Dizia-se que Jesus fallára muitas vezes do Espirito Santo, concebido como uma pessoalisação da divina sabedoria [1]. Promettêra a seus discipulos que esse Espirito seria a sua força nos combates que houvessem de dar, a sua inspiração nos embaraços, o seu advogado se tivessem de fallar em publico. Quando as visões rarearam, esperavam tudo d'este Espirito, havido como um consolador, como segundo Jesus que o primeiro devia mandar aos seus amigos. Algumas vezes imaginava-se que Jesus, mostrando-se de repente no meio dos seus discipulos reunidos, soprára sobre elles com a sua propria bocca uma corrente de ar vivificador (João, xx, 22-23). Outras vezes, o desapparecimento de Jesus era considerado como condição da vinda do Espirito (João, xvi, 7). Julgava-se que nas suas apparições promettêra a descida d'esse Espirito [2]. Muitos estabeleciam um laço intimo entre essa descida e a restauração do reino de Israel (*Act.*, i, 5-8). Toda a actividade de imaginação que desenvolvêra para crear a lenda de Jesus resuscitado, ia agora a seita applical-a á creação de um conjuncto de crenças pias sobre a descida do Espirito e sobre os seus maravilhosos dons.

Entretanto parece que houve ainda uma grande apparição de Jesus em Bethania ou no monte das Oliveiras [3]. Certas tradições attribuiam a esta visão as recommendações finaes, a promessa reiterada da missão do Espirito Santo, o acto pelo qual investiu seus discipulos do

1 Esta idéa, em verdade, só está desenvolvida no quarto Evangelho (cap. xiv, xv, xvi). Mas é indicada em Matth., iii, 11; Marc., i, 8; Luc., iii, 16; xii, 11-12; xxiv, 49.

2 Luc., xxiv, 49; *Act.*, i, 4 e seg.

3 I Cor., xv, 7; Luc., xxiv, 50 e seg.; *Act.*, i, 2 e seg. De certo seria muito admissivel que a visão da Bethania contada por Lucas fosse a da montanha, em Matth., xxviii, 16 e seg., com transposição de lugar. Mas esta visão em Mattheus não é seguida da ascensão. Na segunda final de Marcos, a visão das recommendações finaes, seguida da ascensão, verificou-se em Jerusalem. Em fim Paulo apresenta a visão «a todos os apostolos» como distincta da visão «aos quinhentos irmãos».

Digitized by Google

poder de perdoar os peccados [1]. Os traços caracteristicos d'estas apparições tornavam-se cada vez mais vagos; eram confundidos uns com outros. Por fim, pouco se pensava n'ellas. Foi admittido que Jesus estava vivo [2], que se manifestára por apparições em numero sufficiente para provar a sua existencia, e que podia manifestar-se ainda em visões parciaes até á grande revelação final em que tudo seria consummado (*Act.*, I, 11). Assim, S. Paulo apresenta a visão que teve na estrada de Damasco como da mesma ordem das que deixamos referidas (I Cor., XV, 8). Em todo o caso, admittia-se, em sentido idealista, que o mestre estava com seus discipulos e com elles estaria até ao fim (Matth., XXVIII, 20). Nos primeiros dias, por serem muito frequentes as apparições, Jesus era concebido como habitando a terra de uma maneira continua, e desempenhando mais ou menos as funcções da vida terrestre. Quando as apparições rarearam, tomou a imaginação outro vôo. Afigurou-se Jesus como entrado na gloria e assentado á direita de seu Pae. Diziam: «Subiu ao céo».

Esta phrase ficou para a maior parte no estado de imagem vaga ou de inducção [3]. Mas traduziu-se para muitos em uma scena material. Disse-se que em seguida á ultima visão commum a todos os apostolos, e em que lhes fez as suas recommendações supremas, Jesus subira ao céo [4]. A scena foi depois desenvolvida e veio a ser uma lenda completa. Contou-se que homens celestes, segundo o apparato das manifestações divinas de grande esplendor [5], appareceram no momento em que o cercava uma nuvem, e consolaram os discipulos abonando-lhes que voltaria nas nuvens da mesma maneira

1 Outras tradições referiam a visões anteriores a outorga d'este poder (João, XX, 23).

2 Luc., XXIV, 23; *Act.*, XXV, 19.

3 João, III, 13; VI, 62; XVI, 7; XX, 17; Ephes., IV, 10; I Pedro, III, 22. Nem Mattheus nem João referem a ascensão. Paulo (I Cor., XV, 7-8) até exclue a idéa d'ella.

4 Marc., XVI, 19; Luc., XXIV, 50-52; *Act.*, 2-12; Justino, *Apol.* I, 50, *Ascensão de Isaias*, versão ethiope, XI, 22; versão latina (Veneza, 1522;) *sub fin.*

5 Compare-se a narração da transfiguração.

Digitized by Google

que acabavam de vêl-o. A morte de Moisés fôra rodeada pela imaginação popular de circumstancias do mesmo genero [1]. Póde ser que lembrasse tambem a ascensão de Elias [2]. Uma tradição [3] assignalou lugar para esta scena perto de Bethania, no alto do monte das Oliveiras. Aquelles sitios não deixavam de ser queridos dos discipulos, de certo porque Jesus residira n'elles.

Quer a lenda que os discipulos, depois d'esta scena maravilhosa, entrassem em Jerusalem « com alegria » (Luc., XXIV, 52). Pela nossa parte, é com tristeza que diremos a Jesus o ultimo adeus. Achal-o ainda vivo na sua vida de sombra tem sido para nós uma grande consolação. Esta segunda vida de Jesus, descórada imagem da primeira, é ainda rica de encantos. Agora está perdido todo o perfume. Erguido na sua nuvem para a direita de seu Pae, deixa-nos ficar com homens. Quanto é dura a quéda! O reinado da poesia esvaeceu-se. Maria de Magdala, acolhida á sua aldêa, sepultou n'ella as suas recordações. Em consequencia da eterna injustiça que faz que o homem attribúa só a si a obra em que a mulher teve tanta parte como elle, Cephas a eclipsou e a fez esquecer. Não mais sermões na montanha; já não ha possessas curadas, nem mulheres de vida solta convertidas; acabaram as estranhas collaboradoras da obra da Redempção, que Jesus não lançára de si. O deus desappareceu na verdade. D'ora em diante a historia da Egreja será o mais das vezes a historia das traições que ha-de padecer a idéa de Jesus. Mas, mesmo assim, essa historia é ainda um hymno á sua gloria. As palavras e a imagem do illustre Nazareno permanecerão, no meio de miserias infinitas, como um ideal sublime. Quando se houver visto quanto foram pequenos os seus discipulos, melhor se comprehenderá quanto elle foi grande.

1 Jos., *Antiq.*, IV, VIII, 48.
2 II Reis, II, 11 e seg.
3 Lucas, ultimo capitulo do Evangelho, e primeiro dos *Actos*.

Digitized by Google

CAPITULO IV

DESCIDA DO ESPIRITO SANTO. — PHENOMENOS EXTATICOS E PROPHETICOS

Pequenos, acanhados, ignorantes, inexperientes, eram-no tanto quanto póde sel-o o homem. A sua simplicidade de espirito era extrema; não tinha limites a sua credulidade. Mas tinham uma boa qualidade: amavam seu mestre até ás raias do desatino. A recordação de Jesus era o unico movel da sua vida; era uma obsessão perpetua, e era claro que nunca viveriam senão d'aquelle que, durante dous ou tres annos, os attrahira com tanta força para si. Para as almas de segunda ordem, que não podem amar a Deus directamente, isto é por si sós achar o verdadeiro, crear o bello, fazer o bem, a salvação é amar alguem em quem brilhe um reflexo do verdadeiro, do bello e do bem. O maior numero dos homens carece de um culto de dous graus. A turba dos adoradores quer um medianeiro entre ella e Deus.

Quando morre uma pessoa que alcançou prender em volta de si muitas outras pessoas por alto laço moral, acontece sempre que os sobreviventes, ás vezes separados até então por dissentimentos e rivalidades, se ligam pela amizade mais intima. Mil queridas imagens

Digitized by Google

do passado que choram constituem entre elles uma especie de thesouro commum. Uma maneira de amarmos o finado é amarmos aquelles com quem o conhecemos. Diligenciamos por nos acharmos juntos para recordarmos o feliz tempo que passou. Um dito profundo de Jesus (Matth., XVIII, 20) acha-se então verdadeiro á letra: o morto está presente no meio das pessoas que estão reunidas por se lembrarem d'elle.

Assim, a affeição mutua dos discipulos durante a vida de Jesus, decuplou-se depois da sua morte. Formavam uma pequena sociedade muito retirada e viviam exclusivamente uns com os outros. Eram em Jerusalem uns cento e vinte [1]. Eram vivos os seus sentimentos pios, e ainda estreitados nas fórmas da piedade judaica. O templo era o seu grande lugar de devoção [2]. De certo trabalhavam para viverem; mas o trabalho manual, na sociedade judaica d'aquelle tempo, occupava poucas horas. Todos tinham uma profissão, e essa profissão estava longe de impedir que cada um fosse um homem instruido ou bem educado. Entre nós, é tão difficil occorrer ás necessidades materiaes, que o homem que vive das suas mãos tem de trabalhar doze ou quinze horas por dia; só os desoccupados é que podem dar-se ás cousas da alma, e a acquisição da instrucção é cousa rara e cara. Mas, n'aquellas antigas sociedades, de que ainda hoje nos dá idéa o Oriente, n'aquelles climas, onde a natureza é tão prodiga para o homem e tão pouco exigente, a vida do trabalhador podia ter muito tempo de ocio. Uma especie de instrucção commum punha as idéas do tempo ao alcance de todos. O comer e o vestir era o que bastava [3]; o comer e o vestir alcançavam-se com algumas horas de trabalho pouco fadigoso. O resto pertencia ao devanear, á paixão. A paixão ergue-

1 *Act.*, I, 15. A maior parte dos «quinhentos irmãos» ficára de certo na Galiléa. O que se lê nos *Act.* II, 41, é sem duvida uma exageração, ou pelo menos uma antecipação.

2 Luc., XXIV, 53; *Act.*, II, 46. Compare-se Luc., II, 37; Hegesippo, em Eusebio, *Hist. eccles.*, II, 23.

3 Deuter., X, 18; I, Tim., VI, 8.

Digitized by Google

ra-se n'aquellas almas a um grau de energia que para nós é incomprehensivel. Os Judeus d'esse tempo [1] afiguram-se-nos verdadeiros possessos, obedecendo cada um como automato á idéa que d'elle se senhoreou.

A idéa dominante, na communidade christã, depois que cessaram as apparições, era a vinda do Espirito Santo. Julgavam recebel-o sob a fórma de um sopro mysterioso que deslisava por cima das pessoas reunidas. Imaginavam muitos que era o proprio anhelito de Jesus (João, xx, 22). Uma consolação intima, um movimento de coragem, um impulso de enthusiasmo, um sentimento de alegria viva e deleitosa que não se sabia de que procedia, tudo era obra do Espirito. Aquellas boas consciencias attribuiam, como sempre, a uma causa externa os sentimentos singulares que n'ellas desabrochavam. Era em particular nos ajuntamentos que se realisavam esses estranhos phenomenos de illuminismo. Quando todos estavam reunidos, e se esperava em silencio a inspiração de cima, um murmurio, qualquer rumor fazia crêr na vinda do Espirito. Nos primeiros tempos, eram as apparições de Jesus que se realisavam do mesmo modo. Agora, estava mudado o curso das idéas. Era o halito divino que corria sobre a pequena Egreja e a enchia de celestes effluvios.

Estas crenças prendiam com concepções bebidas no Antigo Testamento. O espirito prophetico é mostrado nos livros hebreus como um sopro que traspassa o homem e o exalta. Na bella visão de Elias (I Reis, xix, 11-12), Deus passa figurado em leve vento que produz leve susurro. Essas antigas imagens tinham produzido, nas épocas baixas, crenças muito analogas ás dos espiritistas de hoje. Na *Ascensão de Isaias* [2], a vinda do Espirito é acompanhada de certo ruido nas portas [3]. Todavia, o mais das vezes concebia-se essa vinda como outro baptismo, isto é o « baptismo do Espirito », muito su-

1 Leia-se a *Guerra dos Judeus* de Josepho.
2 Esta obra parece que foi escripta no começo do seculo II.
3 *Ascensão de Isaias*, VI, 6 e seg. (versão ethiope).

Digitized by Google

perior ao de João [1]. Como as allucinações do tacto são muito frequentes entre pessoas assim nervosas e exaltadas, a mais leve corrente de ar, acompanhada de um frémito no meio do silencio, era tida como passagem do Espirito. Um julgava sentir; eis que sentiam logo todos [2], e o enthusiasmo communicava-se. É facil alcançar a analogia d'estes phenomenos com os que achamos nos visionarios de todos os tempos. Manifestam-se todos os dias, em parte debaixo da influencia da leitura do livro dos *Actos dos Apostolos*, nas seitas inglezas ou americanas de *quakers, jumpers, shakers,* irvingianos [3], entre os Mormons [4], nos *camp-meetings* e *revivals* da America [5]. Reappareceram entre nós na seita chamada dos « espiritistas ». Mas deve-se fazer immensa differença entre aberrações sem alcance e sem futuro, e illusões que acompanharam o estabelecimento do novo codigo religioso para a humanidade.

Entre todas estas « descidas do Espirito », que parece que foram muito frequentes, houve uma que deixou profunda impressão na Egreja nascente [6]. Um dia estavam reunidos os irmãos, e estalou uma trovoada. As janellas foram abertas por vento violento; o céo parecia arder. As trovoadas n'aquelles paizes são acompanhadas de prodigiosa descarga de luz; toda a atmosphera é atravessada por fitas inflammadas. Ou porque o fluido electrico entrasse mesmo no aposento, ou porque um relampago deslumbrante illuminasse de subito a face de todos, convenceram-se de que o Espirito havia entrado, e se derramara sobre a cabeça de cada um na fórma de linguas de fogo [7]. Era uma opinião vulgar nas escólas

1 Matth., III, 11; Marc., I, 8; Luc., III, 16; *Act.*, I, 5; XI, 16; XIX, 4; I João, V, 6 e seg.

2 Compare-se Misson, *o Theatro sagrado das Cevennes* (Londres, 1797), pag. 103.

3 Revue des Deux Mondes, sept. 1853, pag. 966 e seg.

4 Julio Kemy, Voyage au pays des Mormons, livr. II e III; por exemplo, no vol. I, pag. 259-260; no vol. II, 470 e seg.

5 Astié, *le Reveil religieux des Etats Unis.*

6 *Act.*, II, 1-3; Justino, *Apol.*, I, 50.

7 A expressão « lingua de fogo » significa simplesmente, em hebreu, uma chamma (Isaias, V, 24). Comp. Virgilio, Eneida, II, 682-84.

Digitized by Google

theurgicas da Syria que a insinuação do Espirito se operava por um fogo divino e sob a fórma de mysterioso clarão [1]. Julgaram os discipulos que tinham assistido a todos os esplendores do Sinai [2], a uma manifestação divina analoga á de antigas eras. Desde então o baptismo do Espirito veio a ser tambem um baptismo de fogo. O baptismo do Espirito e do fogo foi opposto e altamente preferido ao da agua, unico que João conheceu [3]. O baptismo do fogo não se verificou senão em raras occasiões. Julgou-se que só o receberam os apostolos e os discipulos do primeiro cenaculo. Mas a idéa de haver-se derramado sobre elles o Espirito na fórma de linguas de fogo, deu origem a uma serie de idéas singulares que influiram muito nas imaginações de então.

Suppunha-se que a lingua do homem inspirado recebia uma especie de sacramento. Dizia-se que muitos prophetas, antes da sua missão, tinham sido gagos [4], e que o anjo de Deus lhes passara sobre os labios um carvão que os purificava e lhes conferia o dom da eloquencia [5]. Na predica, pensava-se que o homem não fallava de per si [6]. A sua lingua era considerada como orgão da Divindade que o inspirava. As linguas de fogo pareceram um symbolo admiravel. Enraizou-se a convicção de que Deus quizera assim dar a entender que derramava sobre os apostolos os seus mais preciosos dons de eloquencia e de inspiração. Mas não ficaram n'isto. Jerusalem era, como a maior parte das grandes cidades do Oriente, uma cidade muito polyglota. A diversidade das linguas era um dos embaraços para uma propaganda de caracter universal. De mais, uma das cousas que mais inquietava os apostolos, na estrêa de uma predica que devia abraçar o mundo, era o numero das linguas

1 Jamblico (*De myst.*, secç. III, cap. 6) expõe toda a theoria d'estas luminosas descidas do Espirito.

2 Compare-se Talmud de Babylonia, *Chagiga*, 14 *b*; Midraschim, *Schir hasschirin rabba*, fol. 10 *b*; *Ruth rabba*, fol. 42 *a*; *Koheleth rabba*, 87 *a*.

3 Matth., III, 11; Luc., III, 16.

4 Exodo, IV, 10; compar. Jeremias, I, 6.

5 Isaias, VI, 5 e seg.; compar. Jeremias, I, 9.

6 Luc., XI, 12; João, XIV, 26.

Digitized by Google

que n'elle se fallavam; perguntavam de continuo uns a outros como aprenderiam tantos dialectos. «O dom das linguas» veio a ser assim um maravilhoso privilegio. Julgou-se a prégação do Evangelho livre do obstaculo que procedia da diversidade dos idiomas. Imaginou-se que, em algumas circumstancias solemnes, cada assistente tinha ouvido a predica apostolica em sua propria lingua, ou por outras palavras que a prégação apostolica se traduzia por si mesma a cada um dos assistentes [1]. Outras vezes era isto concebido por um modo um pouco differente. Attribuia-se aos apostolos o dom de saber, por infusão divina, todos os idiomas e de fallal-os á vontade [2].

Havia n'isto um pensamento liberal; queria-se dizer que o Evangelho não tem lingua propria, que é traduzivel em todos os idiomas, e que a traducção vale tanto como o original. Mas não era esse o sentir do judaismo orthodoxo. O hebreu era para o judeu de Jerusalem a «lingua santa»; nenhum idioma podia ser-lhe comparado. As traducções da Biblia eram tidas em pouca estima; ao passo que o texto hebreu era escrupulosamente respeitado, permittiam-se alterações e modificações nas traducções. Os judeus do Egypto e os hellenistas da Palestina praticavam, em verdade, um systema que era mais tolerante; empregavam o grego nas orações [3], e liam habitualmente as traducções gregas da Biblia. Mas a primeira idéa christã foi ainda mais lata; segundo essa idéa, a palavra de Deus não tem lingua propria; é livre, isenta de qualquer peia de idioma; dá-se a todos espontanea e sem interprete. A facilidade com que o christianismo se desprendeu do dialecto semitico que Jesus havia fallado, a liberdade com que deixou ao principio cada povo crear a sua liturgia e as suas

1 *Act.*, II, 5 e seg. É o sentido mais provavel d'este passo, posto que tambem possa significar que cada um dos idiomas era fallado separadamente por cada prégador.

2 *Act.*, II, 4. Comp. I Cor. XII, 10, 28; XIV, 21-22. Para imaginações analogas, vej. Calmeil, *De la folie*, I, pag. 9, 262; II, pag. 357 e seg.

3 Talmud de Jerusalem, *Sota* 21 *b*.

Digitized by Google

versões da Biblia em dialecto nacional, tinham relações com esta especie de emancipação das linguas. Admittia-se geralmente que o Messias levaria á unidade todas as linguas e todos os povos [1]. O uso commum e a promiscuidade dos idiomas eram o primeiro passo para essa grande era de universal pacificação.

Não tardou que o dom das linguas se transformasse consideravelmente e produzisse mais estranhos effeitos. Da exaltação das cabeças resultou o extasis e a prophecia. N'esses momentos de extasis, o fiel, tomado do Espirito, proferia sons inarticulados e sem nexo, que eram tomados por palavras em lingua estranha, e que ingenuamente se tratava de interpretar [2]. Outras vezes, julgava-se que o extatico fallava linguas novas e até então desconhecidas [3], ou mesmo a linguagem dos anjos [4]. Só mais tarde vieram a ser habituaes essas scenas singulares de que procederam abusos [5]. Mas é provavel que se verificassem desde os primeiros annos do christianismo. As visões dos antigos prophetas tinham sido muitas vezes acompanhadas de phenomenos de excitação nervosa (I Sam., XIX, 23 e seg.) O estado dithyrambico dos Gregos produzia factos do mesmo genero; a Pythia empregava com preferencia as palavras estrangeiras ou obsoletas a que, como no phenomeno apostolico, se dava o nome de *glosses* [6]. Muitas palavras do christianismo primitivo, que são justamente bilingues ou formadas por anagrammas, como *Abba-pater*, *Anathema Maranatha* [7], eram talvez productos d'esses estranhos accessos, entremeados de suspiros (Rom., VIII, 23, 26, 27), de gemi-

1 *Testam. dos doze patr.*, Juda, 25.

2 *Act.*, II, 4; X, 44 e seg.; XI, 15; XIX, 6; I Cor., XII-XIV.

3 Marc., XVI, 17. É preciso notar que, no antigo hebreu, como em todas as linguas antigas (vej. a minha *Orig. du langage*, pag. 177 e seg.) as palavras que designavam «estrangeiro», «lingua estrangeira», vinham de palavras que significavam «gaguejar», «balbuciar», porque um idioma desconhecido se apresentava sempre aos povos simples como um balbuciar indistincto. Vej. Isaias, XXVIII, 11; XXXIII, 19; I Cor., XIV, 21.

4 I Cor., XIII, 1 tendo em conta o que é dito antes.

5 I Cor., XII, 28, 30; XIV, 2 e seg.

6 Plutarco, *De Pythiæ oraculis*, 24. Comp. a prophecia de Cassandra no *Agamemnon* de Eschylo.

7 I Cor., XII, 3; XVI, 22; Rom., VIII, 15.

Digitized by Google

dos abafados, de jaculatorias, de preces, de subitos impulsos que eram tidos por propheticos. Era como uma vaga musica da alma, derramada em sons indistinctos, e que os ouvintes procuravam traduzir em imagens e em palavras determinadas [1], ou antes como preces do Espirito, dirigidas a Deus em lingua que só Deus conhece e sabe interpretar (Rom., VIII, 26-27.) Com effeito, o extatico não comprehendia nada do que dizia; nem, se quer, tinha consciencia do que dizia [2]. Todos escutavam com avidez, e attribuiam a syllabas incoherentes os pensamentos que occorriam immediatamente. Cada um se reportava ao seu dialecto, e procurava ingenuamente explicar os sons inintelligiveis pelo que sabia em materia de linguas. Alcançava-se sempre mais ou menos, porque o ouvinte dava a essas palavras incoherentes o sentido do que mais ao vivo tinha na alma.

A historia das seitas de visionarios é rica em factos da mesma natureza. Os predicantes das Cevennes apresentaram muitos casos de « glossolalia » [3]. Mas o facto mais notavel é o dos « ledores » suecos [4], de 1841 a 1843. Palavras involuntarias, destituidas de sentido para quem as proferia, e acompanhadas de convulsões e desmaios, foram por largo tempo exercicio quotidiano n'esta pequena seita. Isto veio a ser verdadeiramente contagioso, e produziu um grande movimento popular. Entre os irvingianos, o phenomeno das linguas verificou-se com caracteres que reproduzem do modo mais assombroso o que referem S. Paulo e os *Actos* [5]. O nosso seculo tem visto identicas scenas de illusão que não mencionaremos aqui; porque é sempre injusto comparar a credulidade inseparavel de um grande movimento

1 I Cor., XIII, 1; XIV, 7 e seg.

2 I Cor., XIV, 13, 14, 27 e seg.

3 Jurieu, *Lettres pastorales*, 3.º anno, 3.ª carta; Misson, *le Theatre sacré des Cévennes*, pag. 10, 14, 15, 18, 19, 22, 31, 32, 36, 37, 65, 66, 68, 70, 94, 104, 109, 126, 140; Brueys, *Histoire du fanatisme* (Montpellier, 1709), I, pag. 145 e seg. Flechier, *Lettres choisies* (Lyon, 1734), I, pag. 353 e seg.

4 Karl Hase, *Histoire de l'Eglise*, §. 439 e 458, 5; o periodico protestante *l'Esperance*, 1.º de Abril de 1847.

5 Hohl, *Bruchstücke aus dem Leben und den Schriften Ed. Irving's*

Digitized by Google

religioso com a que só tem por causa a imbecillidade.

Estes estranhos phenomenos transpiravam ás vezes fóra dos ajuntamentos. Havia extaticos que, no momento das suas singulares impressões de visionarios, ousavam sahir e mostrar-se ás turbas, que então os tinham por homens ebrios (*Act.*, II, 13, 15). Ainda que moderado em materia de mysticismo, Jesus tinha por mais do que uma vez apresentado em sua pessoa os phenomenos ordinarios do extasis [1]. Os discipulos, durante dous ou tres annos, foram dominados por essas idéas. O prophetismo era frequente e considerado como um dom analogo ao das linguas [2]. A prece, entremeada de convulsões, de modulações cadenciadas, de suspiros mysticos, de enthusiasmo lyrico, de cantos de acção de graças [3], era um exercicio quotidiano. Assim se abriu uma rica veia de «canticos», de «psalmos», de «hymnos» imitados dos do Antigo Testamento [4]. Ora a bocca e o coração acompanhavam-se mutuamente; ora o coração cantava só, acompanhado interiormente pela graça [5]. Como nenhuma lingua exprimiria as sensações novas, era então um balbuciar indistincto, ao mesmo tempo sublime e pueril, em que fluctuava no estado de embryão o que se póde chamar «a lingua christã.» O christianismo desconcertou as linguas antigas porque não lhe davam um instrumento accommodado ás suas necessidades. Mas antes que a religião nova formasse um idioma para seu uso, houve seculos de obscuros esforços e como de vagidos. O estylo de S. Paulo, e em geral dos escriptores do Novo Testamento, o que é, a seu modo, senão o improvisar abafado, arquejante, informe, do «glossólalo»?

(Saint-Gall, 1839), pag. 145, 149 e seg.; Karl Hase, *Hist. de l'Egl.*, § 458, 4. — Para os Mormons, vej. Remy, *Voyage*, I, pag. 176-177, nota; 259-260; II, pag. 55 e seg. — Para os convulsionarios de S. Medard, vej. especialmente Carré de Montgeron, *la Verité sur les miracles*, etc. (Paris, 1737-1741), II, pag. 18, 19, 49, 54, 55, 63, 64, 80, etc.

1 Marc., III, 21 e seg.; João, X, 20 e seg.; XII, 27 e seg.

2 *Act.*, XIX, 6; I Cor., XIV, 3 e seg.

3 *Act.*, X, 46; I Cor., XIV, 15, 16, 26.

4 Col., III, 16; Eph., V, 19 (*Psalmoi, ymnoi, odai pneumatichai.*) Vej. os primeiros cap. do Evang. de Lucas. Compare-se, em particular, Luc., I, 46 com *Act.*, X, 46.

5 I Cor., XIV, 15; Col., III, 16; Eph., V, 19.

Digitized by Google

Era-lhes deficiente a lingua. Como os prophetas, estreavam-se com o *a a a* da creança (Jer., I, 6). Não sabiam fallar. O grego e o semitico trahiam-nos do mesmo modo. D'ahi procedeu a enorme violencia que o christianismo nascente infligiu á linguagem. Lembra-nos um gago em cuja bocca os sons se abafam, se topam, e dão em uma pantomima confusa, mas soberanamente expressiva.

Tudo isto estava muito longe do sentir de Jesus; mas para almas possuidas da crença no sobrenatural, esses phenomenos tinham alta importancia. O dom das linguas, em particular, era considerado como um signal essencial da religião nova e como uma prova da sua verdade (Marc., XVI, 17). Em todo o caso, o resultado eram grandes fructos de edificação. Muitos pagãos eram assim convertidos [1]. Até ao seculo III, a «glossolalia» manifestou-se por modo analogo ao que descreve S. Paulo, e foi considerada como um milagre permanente [2]. Algumas das sublimes palavras do christianismo nasceram d'esses suspiros cortados. O effeito geral commovia suavemente. Este modo de fazer communs as inspirações e de entregal-as á interpretação da communidade devia estabelecer entre os fieis profundo laço de fraternidade.

Como todos os mysticos, os novos sectarios passavam uma vida de jejum e de austeridade [3]. Comiam pouco, como a maior parte dos Orientaes, o que contribuia para que permanecessem em exaltação. A sobriedade do Syrio, causa da sua fraqueza physica, põe-no em um estado perpetuo de febre e de susceptibilidade nervosa. Os nossos grandes e continuos esforços da cabeça são impossiveis com tal regime. Mas essa debilidade cerebral e muscular produz, sem causa apparente, vivas alternativas de tristeza e de alegria, que poem a alma em continua relação com Deus. Passava por ser um dom celeste o que se chamava «a tristeza segundo Deus» (II Cor.,

1 I Cor., XVI, 22. *Pneuma*, nas epistolas de S. Paulo, muitas vezes é quasi o mesmo que *dynamis*. Os phenomenos do espiritismo são considerados como *dynameis*, isto é milagres.

2 Iren., *Adv. hær.*, V, VI, 1; Tertul., *Adv. Marcion.*, V, 8; *Constit. Apost.*, VIII, 1.

3 Luc., II, 37; II Cor., VI, 5; XI, 27.

Digitized by Google

VII, 10). Toda a doutrina dos Paes da vida espiritual, dos João Climaco, dos Basilio, dos Nilo, dos Arsenio, todos os segredos da grande arte da vida interior, uma das mais gloriosas creações do christianismo, estavam em germe no estranho estado da alma que atravessaram, nos seus mezes de extatica espectativa, esses illustres avós de todos os «homens de desejos». O seu estado moral era estranho; viviam no sobrenatural. Não obravam senão por visões; os sonhos, as menos valiosas circumstancias pareciam-lhes advertencias do céo [1].

Assim no nome de dons do Espirito Santo encerravam-se as mais raras e mais delicadas expansões da alma, sentimento pio, amor, temor respeitoso, suspiros vagos, subitos desfallecimentos, espontaneas ternuras. Tudo o que nasce bom no homem, sem que para isso contribua o homem, foi attribuido a um sopro do céo. As lagrimas em especial eram tidas por um favor celeste. Esse dom delicioso, privilegio sómente das almas muito boas e muito puras, patenteava-se com suavidade infinita. Sabe-se que força colhem as naturezas delicadas, mórmente as mulheres, da divina faculdade de poder chorar muito. É a prece d'ellas, e com certeza a mais santa das preces. É mister recorrermos á idade media para acharmos na lacrimosa devoção dos S. Bruno, dos S. Bernardo, dos S. Francisco de Assis, as castas melancolias d'aquelles primeiros dias, em que verdadeiramente se semeou nas lagrimas para colher na alegria. Chorar veio a ser um acto pio; os que não sabiam prégar, nem fallar as linguas, nem fazer milagres, choravam. Chorava-se prégando, orando, admoestando [2]; era a inauguração do reinado das lagrimas. Era como se as almas se fundissem e quizessem, na falta de uma linguagem que podesse exprimir os seus sentimentos, derramar-se exteriormente por uma expressão viva e abreviada de todo o seu ser interior.

1 *Act.*, VIII, 26 e seg.; X todo; XVI, 6, 7, 9, e seg. Confronte-se Luc., II, 27, etc.

2 *Act.*, XX, 19, 31; Rom., VIII, 23, 26.

Digitized by Google

CAPITULO V

PRIMEIRA EGREJA DE JERUSALEM; É PERFEITAMENTE CENOBITICA

(ANNO DE 35)

Do habito de viver em companhia, na mesma fé e na mesma esperança, nasceram necessariamente muitos hábitos communs. Em mui breve espaço se estabeleceram regras, que deram a esta Egreja primitiva alguma analogia com os estabelecimentos de vida cenobitica, como o christianismo os conheceu mais tarde. Muitos preceitos de Jesus levavam a esse resultado; o verdadeiro ideal da vida evangelica é um mosteiro, não um mosteiro fechado com grades de ferro, uma prisão á maneira da idade media, com a separação dos dous sexos, mas um asylo no meio do mundo, um espaço reservado para a vida do espirito, uma associação livre ou pequena confraria intima, com uma barreira de redor de si contra os cuidados que tolhem a liberdade do reino de Deus.

Todos viviam, pois, em commum, com um só coração e uma só alma [1]. Ninguem possuia nada que fosse

1 *Act.*, II, 42-47; IV, 32-37; V, 1-11; VI, 1 e seg.

Digitized by Google

seu. Quem se fazia discipulo de Jesus, vendia o que tinha e dava á sociedade o producto da venda. Os superiores da sociedade distribuiam depois os haveres communs segundo as necessidades de cada um. Habitavam em um só bairro (*Act.* II, 44-47). Comiam juntos, e continuavam a dar ás refeições o sentido mystico que prescrevêra Jesus [1]. Largas horas eram dadas á oração. As orações eram ás vezes improvisadas em voz alta, mas o mais das vezes meditadas em silencio. Os extasis eram frequentes, e cada um se julgava constantemente favorecido pela inspiração divina. A concordia era perfeita; nada de questões dogmaticas, nada de questões de precedencia. A terna recordação de Jesus não permittia dissenções. A alegria estava em todos os corações, viva e profunda [2]. A moral era austera, mas entranhada de um sentimento suave e terno. Os fieis reuniam-se por casas para orarem e se darem aos exercicios extaticos (*Act.*, XII, 12). A recordação d'esses dous ou tres primeiros annos ficou sendo como a de um paraiso terrestre, que o christianismo desde então procurará em todos os seus sonhos, mas a que debalde se esforçará por voltar. Quem não vê, com effeito, que tal organisação não podia ser applicada senão a uma Egreja muito pequena? Mas um dia a vida monastica tomará á sua conta esse ideal primitivo, que a Egreja universal mal pensará em realisar.

É muito possivel que o author dos *Actos*, a quem devemos a pintura d'esta primeira christandade de Jerusalem, forçasse um pouco as côres, e exagerasse em particular a communidade de bens que n'ella se lograva. O author dos *Actos* é o do terceiro Evangelho, que, na vida de Jesus, tem o costume de transformar os factos segundo as suas theorias [3], e em quem é ás vezes muito sensivel a tendencia para as doutrinas do *ebionismo* [4], isto é

1 *Act.*, II, 46; XX, 7, 11.

2 Nunca houve litteratura que tantas vezes repetisse a palavra «alegria» como a do Novo Testamento. Vej. I Thess., I, 6; V, 16; Rom., XIV, 17; XV, 13; Galat., V, 22; Philip., I, 25; III, 1; IV, 4, etc.

3 Vej. *Vida de Jesus*, pag. XXVIII e seg.

4 *Ebionim* quer dizer «pobres». Vej. *Vida de Jesus*, pag. 160.

Digitized by Google

da absoluta pobreza. Todavia, o dizer dos *Actos* não póde ser aqui destituido de algum fundamento. Quando mesmo Jesus não houvera proferido nenhum dos axiomas communistas que lemos no terceiro Evangelho, é certo que a renuncia aos bens d'este mundo e a esmola levada ao ponto de se privar cada um das suas vestiduras, era perfeitamente conforme com o espirito da sua prédica. A crença em que o mundo vai acabar deu sempre em resultado o desapego dos bens do mundo e a vida commum [1]. De mais, o que referem os *Actos* é perfeitamente conforme com o que sabemos da origem das outras religiões asceticas, do buddhismo, por exemplo. Essas religiões começam sempre pela vida cenobitica. Os seus primeiros adeptos são como frades mendicantes. O leigo só apparece mais tarde, quando essas religiões teem conquistado sociedades inteiras, onde a vida monastica não póde existir senão no estado de excepção [2].

Admittimos, pois, na Egreja de Jerusalem, um periodo de vida cenobitica. Passados dous seculos, ainda os pagãos viam no christianismo uma seita communista [3]. Note-se que os essenios ou therapeutas já tinham dado o modêlo d'esse genero de vida, que procedia legitimamente do moisaismo. Como o codigo moisaico era essencialmente moral e não politico, o seu producto natural era a utopia social, a egreja, a synagoga, o convento, e não o estado civil, a nação, a cidade. Havia muitos seculos que o Egypto tinha reclusos e reclusas que o Estado sustentava, provavelmente em execução de caridosos legados, perto do Serapeum de Memphis [4]. Mas te-

1 Lembremos-nos do anno 1000. Todas as escripturas que começam pelas palavras: *Adventante mundi vespera*, ou outras semelhantes, são doações aos mosteiros.

2 Hodgson, no *Journal Asiat. Soc. of Bengal*, t. V, pag. 33, e seg.; Eugenio Burnouf, *Introduction à l'histoire du bouddhisme indien*, I, pag. 278 e seg.

3 Luciano, *Morte de Peregrinus*, 13.

4 Papyrus de Turim, de Londres, de Paris, reunidos por Brunet de Presle, *Mem. sur le Serapeum de Memphis* (Paris, 1852); Egger, *Mem. d'hist. anc. et de philologie*, pag. 151 e seg.; e nas *Notices et extraits*, t. XVIII, 2.ª parte, pag. 264–359. Note-se que a vida eremitica christã teve origem no Egypto.

Digitized by Google

nha-se em conta que tal vida no Oriente está longe de ser o que foi no nosso Occidente. No Oriente póde-se muito bem gozar a natureza e a existencia sem possuir nada. O homem, n'esses paizes, é sempre livre, porque tem poucas necessidades; não conhece a escravidão do trabalho. Entendemos que o communismo da Egreja primitiva não foi tão rigoroso nem tão universal como quer o author dos *Actos:* mas o que é certo, é que havia em Jerusalem uma grande communidade de pobres, governada pelos apostolos, e que recebia esmolas de todos os pontos da christandade [1]. Essa communidade foi de certo obrigada a estabelecer regulamentos muito severos, e, alguns annos depois, foi mesmo preciso, para governal-a, pôr em acção o terror. Corriam lendas assombrosas, segundo as quaes o facto de ter sonegado alguma cousa do que se dava á communidade era reputado crime capital, e punido com a morte (*Act.*, v, 1-11).

Os porticos do templo, especialmente o de Salomão, que ficava sobranceiro ao valle de Cedron, eram os pontos onde de ordinario se reuniam de dia os discipulos (*Act.*, II, 46; v, 12). Recordavam-lhes as horas que Jesus havia passado no mesmo sitio. No meio da extrema actividade que se desenvolvia de redor do templo, de certo se lhes dava pouca attenção. As galerias que faziam parte d'esse edificio eram o assento de escólas e de numerosas seitas, theatro de disputas sem fim. De mais, os fieis de Jesus deviam passar por devotos muito exactos; porque ainda observavam com escrupulo as praticas judaicas, orando nas horas determinadas (*Act.*, III, 1) e guardando todos os preceitos da lei. Eram judeus, que só differiam dos outros em crerem que já tinha vindo o Messias. Os que não tinham noticia do que lhes dizia respeito (e era a maior parte) consideravam-nos como uma seita de *hasidim* ou homens pios. Ninguem era schismatico nem heretico pelo facto de se associar a elles [2],

[1] *Act.*, XI, 29-30; XXIV, 17; Galat., II, 10; Rom., XV, 26 e seg.; I Cor., XVI, 1-4; II Cor., VIII e IX.

[2] Thiago, por exemplo, foi em toda a sua vida um judeu puro.

Digitized by Google

como ninguem deixa de ser protestante por ser discipulo de Spener, ou catholico por ser da ordem de S. Francisco ou de S. Bruno. O povo tinha-lhes affeição pelos seus sentimentos pios, pela sua simplicidade e pela sua affabilidade [1]. Certamente os aristocratas do templo viam-nos com desagrado. Mas a seita não dava que fallar; devia á sua obscuridade o viver tranquilla.

Á noite, os irmãos entravam no seu bairro e tomavam a sua refeição, divididos em turmas (*Act.*, II, 46), em signal de fraternidade e em commemoração de Jesus, que viam sempre presente. O superior da mesa partia o pão, benzia a taça [2], e fazia chegar a todos uma e outra cousa como symbolo de união em Jesus. Assim o acto mais vulgar da vida vinha a ser o mais augusto e mais santo. Essas refeições de familia, sempre queridas dos Judeus [3], eram acompanhadas de evações, de pios affectos, e cheias de dôce alegria. Os fieis julgavam-se ainda no tempo em que Jesus os animava com a sua presença; imaginavam vêl-o, e cedo correu voz que Jesus dissera: « Cada vez que partirdes o pão, fazei-o lembrando-vos de mim [4]. » Mesmo o pão veio de algum modo a ser Jesus, concebido como única origem de força para os que o tinham amado e ainda viviam d'elle. Ao principio essas refeições, que foram sempre o principal symbolo do christianismo e a alma dos seus mysterios [5], eram de todas as noites. Mas breve o uso as limitou á noite do domingo [6]. Depois, o banquete mystico foi transferido para de manhã [7]. É provavel que n'este anno de 35, o dia feriado de cada semana fosse ainda, para os christãos, o sabbado [8].

Os apostolos escolhidos por Jesus e que se suppu-

1 *Act.*, II, 47; IV, 33; V, 13, 26.
2 I Cor., X, 16; Justino, *Apol.* I, 65-67.
3 *Syndeipna.* Jos., *Antiq.*, XIV, X, 8, 12.
4 Luc., XXII, 19; I Cor., XI, 24 e seg.; Justino, *loc. cit.*
5 No anno de 57 é já a eucharistia uma instituição cheia de abusos (I Cor., XI, 17 e seg.), e, por conseguinte, velha.
6 *Act.*, XX, 7, 11; Plinio, Epist., X, 97; Justino, *Apol.*, I, 67.
7 Plinio, *Epist.*, X, 97.
8 João, XX, 26, não basta para provar o contrario. Os ebionitas guardaram sempre o sabbado. S. Jer., *In Matth.*, XII, init.

Digitized by Google

nha haverem recebido d'elle especial mandato para annunciarem ao mundo o reino de Deus, tinham, na pequena communidade, uma superioridade indubitavel. Um dos primeiros cuidados, desde que a seita se viu tranquillamente de assento em Jerusalem, foi o de encher o vacuo que Judas de Kerioth deixára no seu gremio (*Act.*, I, 15-26). Tornava-se cada vez mais geral a opinião de ter este trahido seu mestre e ter sido a causa da sua morte. A lenda casava-se com esses dizeres, e todos os dias se sabia alguma circumstancia nova que carregava a enormidade da sua acção. Elle comprára um campo junto da velha necropole de Hakeldama, ao sul de Jerusalem, e lá vivia retirado [1]. Era tal o estado de singela exaltação em toda a pequena Egreja, que, para substituil-o, resolveu-se recorrer ao sorteio. Em geral, nas grandes commoções religiosas, agrada esse meio de decisão, porque se admitte como principio que nada é casual, e que a participação de Deus em um facto é tanto maior quanto menor é a do homem. Só se determinou que os candidatos fossem dos discipulos mais antigos, que tinham sido testemunhas de toda a serie dos acontecimentos desde o baptismo de João. José Bar-Saba, appellidado Justus [2], e Matthia, foram os unicos elegiveis. Cahiu a sorte em Matthia, que desde então foi contado no numero dos Doze. Mas foi esse o unico exemplo de substituição. De ahi em diante foram tidos os apostolos como nomeados uma vez para sempre por Jesus, sem deverem ter successores. O perigo de uma congregação permanente, que velasse por toda a vida e por toda a força da associação, foi evitado, por algum tempo, com profundo instincto. A concentração da Egreja em uma oligarchia veio muito mais tarde.

É preciso precavermo-nos contra as equivocações que o nome de « apostolo » póde mover, e a que não tem deixado de dar lugar. Desde uma época muito apartada, algumas passagens dos Evangelhos, e mórmente a

1 Vej. *Vida de Jesus*, pag. 393 e seg.
2 Compare-se Eusebio, *Hist. Eccles.*, III, 39 (segundo Papias.)

Digitized by Google

analogia da vida de S. Paulo, fizeram conceber os apostolos como missionarios essencialmente ambulantes, que de certo modo repartiam de ante-mão o mundo entre si, e discorriam como conquistadores por todos os reinos da terra [1]. Sobre este dado formou-se um cyclo de lendas que a historia ecclesiastica aceitou [2]. Não ha nada mais contrario á verdade [3]. O corpo dos Doze esteve habitualmente em permanencia em Jerusalem; pouco mais ou menos até ao anno de 60, os apostolos não sahiram da cidade santa senão para missões temporarias. Assim se explica a obscuridade em que ficaram os mais dos membros do conselho central. Muito poucos foram os que fizeram alguma cousa importante. Foi uma especie de sacra congregação ou de senado (Gal., I, 17-19), destinado unicamente para representar a tradição e o espirito conservador. Por fim foram isentos de funcções activas, de maneira que só tiveram de prégar e orar (*Act.*, VI, 4); e mesmo os papeis brilhantes da predica não lhes cahiram em sorte. Os seus nomes eram quasi desconhecidos fóra de Jerusalem, e, pelo anno de 70 ou 80, as listas que se davam d'esses doze eleitos primitivos só concordavam nos nomes principaes [4].

Os «irmãos do Senhor» apparecem muitas vezes a par dos «apostolos», apesar de serem distinctos d'estes [5]. A sua authoridade era pelo menos igual á dos apostolos. Estas duas classes constituiam, na Egreja nascente, uma especie de aristocracia baseada unicamente nas relações mais ou menos intimas que os seus membros tinham tido com o mestre. Eram esses os homens que Paulo appellidava «columnas» da Egreja de Jerusalem (Gal., II, 9). De mais, vê-se que ainda não existiam as distincções da hierarchia ecclesiastica. O titulo não valia nada; a importancia pessoal era tudo. O prin-

1 Justino, *Apol.* I, 39, 50.
2 Pseudo-Abdias, etc.
3 Compare-se I Cor., XV, 10 e Rom., XV, 19.
4 Compar. Matth., X, 2-4; Marc., III, 16-19; Luc., VI, 14-16; *Act.*, I, 13.
5 *Act.*, I, 14; Gal., I, 19; I Cor., IX, 5.

Digitized by Google

cipio do celibato ecclesiastico já estava bem estabelecido [1]; mas era preciso tempo para que todos esses germes chegassem ao seu completo desenvolvimento. Pedro e Philippe eram casados, tinham filhos e filhas [2].

O termo para designar a reunião dos fieis era o hebreu *Kahal,* que foi traduzido pela palavra essencialmente democratica *ecclesia. Ecclesia* é a convocação do povo nas antigas cidades gregas, a chamada ao Pnyx ou ao *ágora.* Desde o seculo II ou desde o III antes de Jesus Christo, os vocabulos da democracia atheniense tornaram-se de certo modo de direito commum na lingua hellenica; muitos d'esses termos [3], em consequencia do uso que d'elles fizeram as congregações gregas, entraram na lingua christã. Era, com effeito, a vida popular, restringida de seculos, que cobrava o seu curso debaixo de fórmas inteiramente differentes. A Egreja primitiva é uma pequena democracia a seu modo. Até a eleição por sorteio, meio tão presado das antigas republicas, se encontra n'ella ás vezes [4]. Mas menos rispida e menos desconfiada do que as antigas cidades, a Egreja delegava de bom grado a sua authoridade; como sociedade theocratica tendia a abdicar nas mãos de um clero, e era facil prever que não decorreria um seculo ou dous antes que toda essa democracia se convertesse em oligarchia.

Era enorme o poder que se attribuia á Egreja reunida e aos seus superiores. A Egreja conferia qualquer missão, guiando-se unicamente na sua escolha por signaes dados pelo Espirito [5]. A sua authoridade chegava ao ponto de decretar a morte. Contava-se que á voz de Pedro, delinquentes cahiram por terra e expiraram immediatamente (*Act.,* V, 1-11). S. Paulo, algum tempo depois, não hesita, excommungando um incestuoso, em «en-

1 Vej. *Vida de Jesus,* pag. 275.
2 Vej. *Vida de Jesus,* pag. 132. Confr. Papias, em Eusebio, *H. E.,* III, 39; Polycrato, *ibid.,* V, 24; Clem. d'Alex., *Strom.,* III, 6; VII, 11.
3 Por exemplo *episcopos,* e talvez *cleros.* Vej. Wescher, na *Revue archeol.,* Abril de 1866, e o que dizemos no cap. penultimo.
4 *Act.,* I, 26. Vej. adiante, o cap. penultimo.
5 *Act.,* XIII, 1 e seg.; Clem. d'Alex., em Eusebio, *H. E.,* III, 23.

Digitized by Google

tregal-o a Satan para a morte da sua carne, porque seu espirito seja salvo no grande dia do Senhor » (I Cor., v, 1 e seg.) A excommunhão era tida por equivalente a uma sentença de morte. Ninguem duvidava que se perdesse uma pessoa que os apostolos ou os superiores da Egreja separassem do corpo dos santos e entregassem ao poder do mal (I Tim., I, 20). Satan era considerado como o author das molestias; entregar-lhe o membro gangrenado era entregar este ao executor natural da sentença. Uma morte prematura era tida de ordinario como resultado de uma d'essas sentenças occultas, que, segundo a energica expressão hebraica, « extirpava uma alma de Israel [1] ». Os apostolos julgavam-se investidos de direitos sobrenaturaes. Pronunciando condemnações d'essas, pensavam que os seus anathemas não podiam deixar de ter immediato effeito.

A terrivel impressão que faziam as excommunhões, e o odio de todos os confrades contra os membros assim cortados do corpo, podiam, com effeito, em muitos casos, dar em resultado a morte, ou pelo menos forçar o réo a expatriar-se. O mesmo terrivel equivoco se achava na antiga Lei. « A extirpação » comprehendia ao mesmo tempo a morte, a expulsão da communidade, o desterro, um finamento solitario e mysterioso [2]. Matar o apostata, o blasphemo, fulminar o corpo por salvar a alma, devia parecer muito legitimo. Note-se que estamos no tempo dos zelotas, que tinham por acto de virtude apunhalar todo aquelle que transgredia a lei [3], e note-se tambem que certos christãos eram ou tinham sido zelotas [4]. Mortes como as de Ananias e de Saphira [5] não moviam escrupulos. A idéa do poder civil era tão estra-

1 Gen., XVII, 14 e muitas outras passagens do codigo moisaico; Mischa, *Kerithouth*, I, 1; Talmud de Babyl., *Moerkaton*, 28 *a*. Comp. Tertulliano, *De anima*, 57.

2 Vej. os diccionarios hebreus e rabbinicos na palavra *chrth*. Compare-se a palavra *exterminare*.

3 Mischna, *Sanhedrin*, IX, 6; João, XVI, 2; Jos., *B. J.*, VII, VIII, 1; III Macch. (apocr.) VII, 8, 12-13.

4 Luc., VI, 15; *Act.*, I, 13. Compar. Matth., X, IV; Marc., III, 18.

5 *Act.*, V, 1-11. Compar. *Act.*, XIII, 9-11.

Digitized by Google

nha a todo esse mundo que estava fóra do direito romano, e era tal a convicção de que a Egreja é uma cidade completa que tem em si tudo aquillo que lhe é preciso, que, em um milagre de que procedesse a morte ou a mutilação de uma pessoa, ninguem via um delicto punivel perante a lei civil. O enthusiasmo e uma fé ardente disfarçavam tudo, desculpavam tudo. Mas facilmente se percebe o terrivel perigo que essas maximas theocraticas encobriam para o futuro. A Egreja está armada com um gladio; a excommunhão será uma sentença de morte. Ha desde agora no mundo um poder independente do Estado que dispõe da vida dos cidadãos. De certo, se a authoridade romana se houvesse limitado a reprimir entre os judeus e os christãos principios tão condemnaveis, teria tido mil vezes razão. Mas, na sua brutalidade, confundiu a mais legitima das liberdades, a de adorar cada um a seu modo, com abusos que nunca foram impunemente soffridos por nenhuma sociedade.

Pedro tinha entre os apostolos certa primazia, filha especialmente do seu zelo e da sua actividade [1]. N'estes primeiros annos, raro se separa de João, filho de Zebedeu. Andavam quasi sempre juntos [2], e a sua concordia foi sem duvida a pedra angular da nova fé. Thiago, irmão do Senhor, igualava-os quasi em authoridade, pelo menos em uma fracção da Egreja. Quanto a certos amigos intimos de Jesus, como eram as mulheres galiléas e a familia de Bethania, já notamos que não ha mais noticia d'elles. Curando menos de organisar e de fundar, as fieis socias de Jesus contentavam-se com amar morto aquelle que haviam amado vivo. De todo entregues a esperanças, as nobres mulheres que deram a fé ao mundo eram quasi desconhecidas para os homens importantes de Jerusalem. Quando ellas morreram, as linhas mais importantes da historia do christianismo nascente foram com ellas para a sepultura. A nomeada é

1 *Act.*, I, 15; II, 14, 37; V, 3, 29; Galat., I, 18; II, 8.
2 *Act.*, III, 1 e seg.; VIII, 14; Gal., II, 9. Comp. João, XX, 2 e seg.; XXI, 20 e seg.

Digitized by Google

para os activos; os que se contentam com amar em segredo ficam na obscuridade; mas de certo são os que têem a melhor parte.

É inutil dizer que este pequeno bando de creaturas simples não tinha nenhuma theologia especulativa. Jesus conservara-se sempre acertadamente longe da metaphysica. Só teve um dogma, a sua propria filiação divina e a divindade da sua missão. Todo o symbolo da Egreja primitiva podia abranger-se em uma linha: « Jesus é o Messias, filho de Deus. » Esta crença estribava em um argumento decisivo, o facto da resurreição, de que os discipulos se davam como testemunhas. Em verdade, ninguem dizia (nem mesmo as mulheres galiléas) que tivesse visto a resurreição [1]. Mas a falta do corpo e as apparições subsequentes pareciam equivalentes ao facto. Affirmar a resurreição de Jesus era uma tarefa de que todos julgavam terem sido especialmente incumbidos [2]. Além d'isso, breve se imaginou que o mestre predissera esse acontecimento. Lembraram diversas palavras d'elle, que se imaginou não terem sido bem comprehendidas, e em que se viu depois um annuncio da resurreição [3]. Era universal a crença na gloriosa manifestação proxima de Jesus [4]. A palavra secreta com que os confrades se reconheciam e fortaleciam, era *Maranatha*, « o Senhor não tardará » [5]! Julgavam lembrar-se de uma declaração de Jesus, segundo a qual a prégação não teria tempo de chegar a todas as cidades de Israel antes que o Filho do homem apparecesse na sua magestade (Matth., x, 23). Entretanto, Jesus resuscitado está assentado á

1 Segundo Matth., XXVIII, 1 e seg., os guardas foram testemunhas da descida do anjo que tirou a pedra. N'este ponto, muito confuso, tambem se quiz dar a entender que as mulheres foram testemunhas do mesmo facto, mas não se disse expressamente. Em todo o caso, o que, segundo o Evangelista, teriam visto os guardas e as mulheres, não seria Jesus resuscitando, mas só o anjo. Essa redacção, desajudada, inconsistente, é evidentemente a mais moderna de todas.

2 Luc., XXIV, 48; *Act.*, I, 22; II, 32; III, 15; IV, 33; V, 32; X, 41; XIII, 30-31.

3 Vej. a nota da pag. 1.

4 Vej. *Vida de Jesus*, pag. 245 e seg.

5 I Cor., XVI, 22. Estas duas palavras são syro-chaldaicas.

Digitized by Google

direita de seu Pae, onde descança até ao dia solemne em que virá, assentado em nuvens, julgar os vivos e os mortos [1].

A idéa que tinham de Jesus era a que Jesus lhes dera. Jesus foi um propheta poderoso em obras e em palavras (Luc., XXIV, 19), um homem eleito de Deus, que recebeu uma missão especial para a humanidade (*Act.*, II, 22), missão que provou por seus milagres e em especial pela sua resurreição. Deus o ungiu com o Espirito Santo e o revestiu de força; passou fazendo bem e curando aquelles que estavam sob o poder do demonio [2]; porque Deus estava com elle (*Act.*, X, 38). É o filho de Deus, isto é um homem perfeitamente de Deus, um representante de Deus na terra; é o Messias, o salvador de Israel, annunciado pelos prophetas [3]. A leitura dos livros do Antigo Testamento, mórmente dos prophetas e dos psalmos, era habitual na seita. Havia n'esta leitura uma idéa fixa, a de achar em toda a parte o typo de Jesus. Todos se persuadiram de que os antigos livros hebreus o continham em cada passo, e, desde os primeiros annos, formou-se uma collecção de textos tirados dos prophetas, dos psalmos, e de certos livros apocryphos, em que, segundo convicção de todos, estava predita e de ante-mão descripta a vida de Jesus [4]. Este methodo de interpretação arbitraria era então o de todas as escólas judaicas. As allusões messianicas eram uma especie de exercicio do engenho, analogo ao uso que os antigos prégadores faziam das passagens da Biblia, apartadas do seu sentido natural e tomadas como simples ornamentos de rhetorica sagrada.

Jesus, com o seu delicado tacto das cousas religiosas, não tinha instituido nenhum ritual novo. A nova seita ainda não tinha ceremonias especiaes (Thiago, I, 26-27). As praticas pias eram as judaicas. As reuniões não

1 *Act.*, II, 33 e seg.; X, 42.
2 As molestias eram tidas em geral por obra do demonio.
3 *Act.*, II, 36; VIII, 37; X, 22; XVII, 3, etc.
4 *Ibid.*, II, 14 e seg.; III, 12 e seg.; IV, 8 e seg., 25 e seg.; VII, 2 e seg.; X, 43, e toda a epistola attribuida a S. Barnabé.

Digitized by Google

tinham nada de liturgico no sentido exacto da palavra; eram sessões de sociedades consagradas á oração, aos exercicios de glossolalia e de prophecia [1], e á leitura da correspondencia. Nada era ainda sacerdotal. Não ha sacerdote (*cohen* ou *iereus*); o *presbyteros* é o «antigo» da communidade, nada mais. O unico sacerdote é Jesus [2]; em outro sentido, todos os fieis o são [3]. O jejum era tido como pratica muito meritoria [4]. O baptismo era o signal de entrada na seita (Rom., VI, 4 e seg.) O rito era o mesmo que para o baptismo de João, mas administrava-se em nome de Jesus [5]. Todavia o baptismo era considerado como insufficiente iniciação. Devia ser seguido da collação dos dons do Espirito Santo (*Act.*, VIII, 16; X, 47), que se fazia por meio de uma oração pronunciada pelos apostolos sobre a cabeça do neophyto, com a imposição das mãos.

Esta imposição das mãos, já tão familiar a Jesus [6], era o acto sacramental por excellencia [7]. Conferia a inspiração, a illuminação interior, o poder de fazer prodigios, de prophetisar, de fallar as linguas. Era o que se chamava o baptismo do Espirito. Julgavam lembrar-se os fieis de que Jesus dissera: «João baptisou-vos pela agua; mas vós sereis baptisados pelo Espirito [8].» Pouco a pouco amalgamaram-se todas estas idéas, e o baptismo conferiu-se «em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo». (Matth., XXVIII, 19). Mas não é provavel que essa formula fosse já empregada nos primeiros dias de que estamos fallando. Vê-se bem a simplicidade d'este culto christão primitivo. Nem Jesus nem os apostolos o tinham inventado. Certas seitas judaicas

1 Isto veio a chamar-se *leitourgein*. *Act.*, XIII, 2.
2 Hebr., V, 6; VI, 20; VIII, 4; X, 11.
3 Apoc., I, 6; V, 10; XX, 6.
4 *Act.*, XIII, 2; Luc., II, 37.
5 *Act.*, VIII, 12, 16; X, 48.
6 Matth., IX, 18; XIX, 13, 15; Marc., V, 23; VI, 5; VII, 32; VIII, 23, 25; X, 16; Luc., IV, 40; XIII, 13.
7 *Act.*, VI, 6; VIII, 17-19; IX, 12, 17; XIII, 3; XIV, 6; XXVIII, 8; I Tim., IV, 14; V, 22; II Tim., I, 6; Hebr., VI, 2; Thiago, V, 13.
8 Matth., III, 11; Marc., I, 8; Luc., III, 16; João, I, 26; *Act.*, I, 5; XI, 16; XIX, 4.

Digitized by Google

tinham adoptado antes d'elles aquellas ceremonias graves e solemnes, que parecem vir em parte da Chaldéa, onde ainda são praticadas com liturgias especiaes pelos Sabeus ou Mendaitas [1]. A religião da Persia tambem continha muitos ritos do mesmo genero [2].

As crenças de medicina popular, que tinham constituido uma parte da força de Jesus, continuavam em seus discipulos. O poder de curar era uma das graças maravilhosas que conferia o Espirito (I Cor., XII, 9, 28, 30). Os primeiros christãos, como quasi todos os judeus d'aquelle tempo, viam nas molestias o castigo de um erro [3] ou obra de um demonio malefico [4]. Os apostolos eram tidos, como Jesus, por poderosos exorcistas (*Act.*, V, 16; XIX, 12-16). Imaginava-se que abluções de oleo operadas por elles, com imposição das mãos e invocação do nome de Jesus, eram de alto poder para lavar os peccados causa da doença, e para curar o doente [5]. O azeite foi sempre no Oriente o medicamento por excellencia (Luc., X, 34). Mas attribuiam-se iguaes effeitos á imposição das mãos dos apostolos [6]. Essa imposição fazia-se pelo contacto immediato. Não é impossivel que, em certos casos, o calor das mãos, communicando-se sensivelmente á cabeça, désse ao doente algum allivio.

Como a seita tinha ainda pouco tempo de duração e era pouco numerosa, só mais tarde se estabeleceu para ella a questão dos mortos. Foi singular o effeito causado pelos primeiros fallecimentos entre os fieis [7]. Moveu inquietações a sorte dos finados; não se sabia se seriam menos favorecidos do que aquelles que eram reservados para verem a vinda do Filho do homem. Chegou-se geralmente a considerar o espaço entre a morte

1 Vej. o *Cholasté* (Manuscriptos sabeus da Bibl. imp., n.° 8, 10, 11, 13).
2 *Vendidad-Sadé*, VIII, 296 e seg.; IX, 1-145; XVI, 18-19; Spiegel, *Avesta*, II, pag. LXXXIII e seg.
3 Matth., IX, 2; Marc., II, 5; João, V, 14; IX, 2; Thiago, V, 15; Mischna, *Schabbath*, II, 6; Talm. de Babyl., *Nedarim*, fol. 41 *a*.
4 Matth., IX, 33; XII, 22; Marc., IX, 16, 24; Luc., XI, 14; *Act.*, XIX, 12; Tertul., *Apol.*, 22; *Adv. Marc.*, IV, 8.
5 Thiago, V, 14-15; Marc., VI, 13.
6 Marc., XVI, 18; *Act.*, XXVIII, 8.
7 I Thess. IV, 13 e seg.; I Cor., XV, 12 e seg.

Digitized by Google

e a resurreição como uma especie de intervallo na consciencia do defunto [1]. A idéa, exposta no *Phedon*, que a alma existe antes e depois da morte, que a morte é um bem, que até mesmo é o estado philosophico por excellencia, pois que então a alma está inteiramente livre, estava longe de ser cousa assentada entre os primeiros christãos. O mais das vezes, parece que para elles o homem não existia sem corpo. Essa concepção durou muito, e só cedeu quando entrou na Egreja a doutrina da immortalidade da alma, no sentido da philosophia grega, e se combinou bem ou mal com o dogma christão da resurreição e da restauração universal. Mas então a crença na resurreição ainda predominava quasi só [2]. O rito dos funeraes era de certo o rito judaico. Não se lhe dava nenhuma importancia; nenhuma inscripção indicava o nome do finado. A grande resurreição estava proxima; a estada do corpo do fiel na rocha devia ser muito breve. Não deu muito cuidado o saber se a resurreição seria universal; isto é se abrangeria os bons e os maus, ou se seria só para os eleitos [3].

Um dos phenomenos mais notaveis da nova religião foi a reapparição do prophetismo. Havia já muito tempo que pouco se fallava de prophetas em Israel. Parece que renasceu na pequena seita esse genero particular de inspiração. A Egreja primitiva teve muitos prophetas e prophetisas [4], analogos aos do Antigo Testamento. Reappareceram tambem os psalmistas. O modêlo dos psalmos christãos é de certo o que nos apresentam

1 Phil., I, 23 parece divergir um pouco. Entretanto compare-se I Thess., IV, 14-17. Vej. espetialmente Apoc., XX, 4-6.

2 Paulo, nas passagens mencionadas, e em Phil., III, 11; Apoc., XX todo; Papias, em Eusebio, *H. E.*, III, 39. Vê-se despontar ás vezes a crença contraria, mórmente em Lucas (Evang., XVI, 22 e seg.; XXIII, 43-46). Mas é authoridade pouco valiosa em pontos de theologia judaica. Vej. retrò, Introd., pag. XIV-XV. Os essenios já tinham adoptado o dogma grego da immortalidade da alma.

3 Compare-se *Act.*, XXIV, 15, com I Thess., IV, 13 e seg.; Phil., III, 11. Confr. Apoc., XX, 5. Vej. Leblant, *Inscr. chret. de la Gaule*, III, pag. 81 e seg.

4 *Act.*, XI, 27 e seg.; XIII, 1; XV, 32; XXI, 9, 10 e seg.; I Cor., XII, 28 e seg.; XIV, 29-37; Eph., III, 5; IV, 11; Apoc., I, 3; XVI, 6; XVIII, 20, 24; XXII, 9.

Digitized by Google

os canticos que Lucas entremeia no seu Evangelho [1], e que são imitados dos canticos do Antigo Testamento. Quanto á fórma, esses psalmos e essas prophecias não teem originalidade; mas anima-os e repassa-os admiravel espirito de suavidade e piedade. É como um echo enfraquecido das ultimas producções da sacra lyra de Israel. O livro dos Psalmos foi de certo modo o calix de flôr onde a abelha christã sorveu o seu primeiro succo. O Pentateuco, pelo contrario, era, segundo parece, pouco lido e pouco meditado; substituiam-lhe allegorias á maneira dos *midraschim* judaicos, em que era supprimido todo o sentido historico dos livros.

O canto com que eram acompanhados os novos hymnos [2] era provavelmente aquella especie de suspirar sem notas distinctas, que é ainda o cantar de egreja dos Gregos, dos Maronitas e em geral dos christãos do Oriente [3]. É menos uma modulação musical do que um modo de forçar a voz e de emittir pelo nariz uma especie de gemido com inflexões que seguem rapidas umas a outras. Executa-se essa singular melopéa, de pé, com os olhos immoveis, a fronte franzida, as sobrancelhas carregadas, e com ares de esforço. Especialmente a palavra *amen* é dita com voz tremula, garganteada. Esta palavra tinha grande importancia na liturgia. A maneira dos Judeus [4], os nossos fieis empregavam-n'a para assignalarem a adhesão de todos á palavra do propheta ou do psalmeador [5]. Attribuiam-se-lhe já talvez virtudes secretas, e era pronunciada com certa emphase. Ignoramos se esse canto ecclesiastico primitivo era acompanhado de instrumentos [6]. Quanto ao canto intimo, ao que os fieis

1 Luc., I, 46 e seg.; 68 e seg.; II, 29 e seg.

2 *Act.*, XVI, 25; I Cor., XIV, 15; Coloss., III, 16; Eph., V, 19; Thiago, V, 13.

3 A identidade d'este canto entre communidades religiosas separadas desde os primeiros seculos prova que é muito antigo.

4 Num., V, 22; Deuter., XXVII, 15 e seg.; Ps. CVI, 48; I Paral., XVI, 36; Nehem., V, 13; VIII, 6.

5 I Cor., XIV, 16; Justino, *Apol.*, I, 66, 67.

6 I Cor., XIV, 7, 8, não o prova. Tambem não o prova o emprego do verbo *psallo*. Este verbo dava a entender originariamente o uso de um instrumento de cordas, mas com o tempo viera a ser synonymo de « cantar psalmos. »

Digitized by Google

« cantavam em seu coração [1] », e que não era mais do que o trasbordar d'essas almas ternas, ardentes e imaginativas, de certo era executado como as cantilenas dos lollards da idade media, a meia voz [2]. Em geral, era a alegria que se extravasava por esses hymnos. Uma das maximas dos sabios da seita era: « Se estás triste, ora; se estás alegre, canta » (Thiago, v, 13).

Puramente destinada á edificação dos irmãos reunidos, essa primeira litteratura christã não se escrevia. A composição de livros não lembrava a ninguem. Jesus havia fallado; todos se lembravam das suas palavras. Não promettera elle que não feneceria antes da sua vinda a geração dos seus ouvintes [3]?

1 Coloss., III, 16; Eph., v, 19.

2 Vej. Du Cange, na palavra *hollardi* (ediç. Didot). Comparem-se as cantilenas dos habitantes das Cevenes. *Avertissemens prophétiques d'Élie Marion*, pag. 10, 12, 14, etc.

3 Matth., XVI, 28; XXIV, 34; Marc., VIII, 39; XIII, 30; Luc., IX, 27; XXI, 32.

Digitized by Google

CAPITULO VI

CONVERSÃO DE JUDEUS HELLENISTAS E DE PROSELYTOS

(ANNO DE 36)

Até agora temos visto a Egreja de Jerusalem como uma pequena colonia galiléa. Os amigos que Jesus grangeára em Jerusalem e nos arredores, como Lazaro, Martha, Maria de Bethania, José de Arimathia, Nicodemo, tinham desapparecido da scena. A turma galiléa, apinhada de redor dos Doze, foi a unica que ficou compacta e activa. As prégações d'esses discipulos zelosos eram continuas. Passados tempos, depois da destruição de Jerusalem, e longe da Judéa, imaginaram-se os sermões dos apostolos como scenas publicas, effeituadas nas praças, na presença de muita gente [1]. Parece que essa concepção deve ser contada entre as imagens de convenção em que a lenda é tão prodiga. As authoridades que tinham mandado matar Jesus não teriam permittido que se repetissem taes escandalos. O proselytismo dos fieis exercia-se particularmente por conversações penetrantes, em que o fervor de suas almas se communicava gradual-

1 *Actos*, primeiros capitulos.

Digitized by Google

mente (*Act.*, v, 42). As suas predicas debaixo do pórtico de Salomão deviam dirigir-se a auditorios pouco numerosos. Mas mais profundo era o effeito. Os seus discursos cifravam-se particularmente em citações do Antigo Testamento, pelas quaes julgavam provar que Jesus era o Messias [1]. O raciocinar era subtil e de pouca força, mas toda a exegese dos Judeus d'esse tempo é do mesmo genero; as consequencias que os doutores da Mischna tiram dos textos da Biblia não são mais satisfactorias.

Ainda menos valiosa era a prova invocada em favor dos seus argumentos, e tirada de suppostos prodigios. É impossivel duvidar que os apostolos julgassem fazer milagres. Os milagres passavam por signal de missão divina [2]. S. Paulo, o engenho mais maduro da primeira escóla christã, pensou que os operava [3]. Tinha-se por certo que Jesus os fizera. Era natural que continuasse a serie d'essas manifestações divinas. Com effeito a thaumaturgia é um privilegio dos apostolos até ao fim do primeiro seculo [4]. Os milagres dos apostolos são da natureza dos de Jesus, e consistem principalmente, mas não exclusivamente, em curas de molestias e em exorcismos de possessos [5]. Affirmava-se que bastava a sua sombra para operarem curas maravilhosas (*Act.*, v, 15). Esses prodigios eram tidos por dons regulares do Espirito Santo, e havidos em tanto preço como o dom da sciencia, da prégação, da prophecia [6]. No seculo III ainda a Egreja julgava possuir os mesmos privilegios, e exercer como uma especie de direito permanente o poder de curar doentes, de expellir demonios, de predizer

1 Vej. por exemplo, *Act.*, II, 34 e seg.; e em geral todos os discursos dos primeiros capitulos.

2 I Cor., I, 22; II, 45; II Cor., XII, 12; I Thess., I, 5; II Thess., II, 9; Gal., III, 5; Rom., XV, 18-19.

3 Rom., XV, 19; II Cor., XII, 12; I Thess., I, 5.

4 *Act.*, V, 12-16. Os *Actos* estão cheios de milagres. O de Eutyquia (*Act.*, XX, 7-12) é de certo contado por uma testemunha ocular. O mesmo se póde dizer de *Act.*, XXVIII. Comp. Papias, em Eusebio, *H. E.*, III, 39.

5 Os exorcismos judaicos e christãos foram tidos pelos mais efficazes, mesmo pelos pagãos. Damascius, *Vida d'Isidoro*, 56.

6 I Cor., XII, 9 e seg., 28 e seg.; *Const. apost.*, VIII, 1.

Digitized by Google

o futuro [1]. N'esse ponto a ignorancia fazia tudo possivel. Não vemos hoje boas pessoas, mas a quem falta o espirito scientifico, bem enganadas pelas chimeras do magnetismo e por outras illusões [2]?

Não é por estes singelos erros, nem pelos pêcos discursos que lêmos nos *Actos,* que cumpre ajuizar dos meios de conversão de que dispunham os fundadores do christianismo. A verdadeira prégação eram as praticas intimas d'esses homens bons e convictos; era o reflexo, ainda sensivel em seus discursos, da palavra de Jesus; era sobre tudo a sua piedade e a sua affabilidade. Tambem tinha muita força o attractivo da vida commum que viviam. A sua morada era como um hospicio onde todos os pobres e desamparados achavam asylo e amparo.

Um dos primeiros que se filiaram na sociedade nascente foi um Chypriota por nome José Hallevi ou o Levita. Vendeu o seu campo como os outros, e levou o producto da venda aos Doze. Era um homem intelligente, de uma dedicação a toda a prova, de discursar fluido. Os apostolos travaram com elle alta intimidade, e o appellidaram *Bar-naba,* isto é « filho da prophecia » ou « filho da prégação » [3]. Com effeito, era contado no numero dos prophetas (*Act.*, XIII, 1), isto é dos prégadores inspirados. Vel-o-hemos desempenhar um papel de alta importancia. Depois de S. Paulo, foi elle o mais activo missionario do primeiro seculo. Certo Mnason, seu compatriota, converteu-se pelo mesmo tempo (*Act.*, XXI, 16). Chypre tinha muitos bairros de Judeus [4]. Barnabé e Mnason eram por certo Judeus de raça [5]. As intimas e

1 Ireneu, *Adv. hær.*, II, XXXVII, 4; V, VI, 1, Tertul., *Apol.*, 23, 43; *Ad Scapulam*, 2; *De corona*, 11; *De spectaculis*, 24; *De anima*, 57; *Const. apost.*, capitulo citado, que parece tirado da obra de S. Hippolyto sobre os *Charismata.*

2 Para os Mormons, o milagre é cousa quotidiana; cada um tem os seus. Julio Remy, *Voyage au pays des Mormons*, I, pag. 140, 192, 259-260; II, 53 e seg.

3 *Act.*, IV, 36-37. Confr. com *Act.*, XV, 32.

4 Jos., *Ant.*, XIII, X, 4; XVII, XII, 1, 2; Philo, *Leg. ad Caium*, §. 36.

5 Para Barnabé parece que assim é pelo seu nome *Hallevi* e por Col., IV, 10-11. *Mnason* parece ser traducção d'algum nome hebreu em que entrava a raiz *zacar*, como Zacharias.

Digitized by Google

largas relações de Barnabé com a Egreja de Jerusalem fazem crêr que lhe era familiar o syro-chaldaico.

Uma conquista quasi tão importante como a de Barnabé foi a de certo João, que tinha o sobrenome romano de *Marcus*. Era primo de Barnabé, e circumciso (Col., IV, 10-11). Sua mãe Maria devia gozar honesta abastança; converteu-se como seu filho, e a sua morada foi algumas vezes ponto de reunião dos apostolos (*Act.*, XII, 12). Parece que estas duas conversões foram obra de Pedro [1]. Em todo o caso, Pedro tinha muita intimidade com a mãe e com o filho; na casa d'elles estava como na sua [2]. Mesmo admittindo a hypothese de João Marcos não ser o author verdadeiro ou supposto do segundo Evangelho [3], ainda o seu papel seria muito consideravel. Vel-o-hemos acompanhar nas suas jornadas apostolicas Paulo, Barnabé, e provavelmente Pedro.

Assim se propagou o primeiro fogo com grande rapidez. Os homens mais celebres do seculo apostolico foram quasi todos careados em dous ou tres annos, por uma especie de attractivo simultáneo. Foi segunda geração christã, parallela á que se formára, cinco ou seis annos antes, na margem do lago de Tiberiade. Essa segunda geração não vira Jesus, e não podia hombrear com a primeira em authoridade. Mas havia de avantajar-se-lhe pela sua actividade e por seu gosto pelas missões apartadas. Um dos mais conhecidos entre os novos adeptos era Stephanus ou Estevão, que parece que foi um simples proselyto antes da sua conversão [4]. Era um homem de affectos energicos. A sua fé era vivissima, e julgavam-no favorecido por todos os dons do Espirito (*Act.*, VI, 5). Philippe, que, como Stephanus, foi diacono evangelista zeloso, filiou-se na communidade pelo

1 I Pedro, V, 13; *Act.*, XII, 12; Papias, em Eusebio, *H. E.*, III, 39.

2 *Act.*, XII, 12-14. Todo este capitulo, em que são tão intimamente contadas as cousas relativas a Pedro, parece redigido por João Marcos, ou segundo informações suas.

3 Como o nome de *Marcus* não é commum entre os Judeus de então, não parece que se entendam com individuos differentes as passagens em que se falla de uma pessoa d'esse nome.

4 Compare-se *Act.*, VIII, 2 com *Act.*, II, 5.

Digitized by Google

mesmo tempo (*Act.*, VI, 5). Foi muitas vezes confundido com o apostolo seu homonymo [1]. Emfim, n'essa época, converteram-se Andronico e Junia [2], provavelmente esposos, que deram, como depois Aquila e Priscillio, o modêlo de esposos apostolicos, dedicados a todos os cuidados do missionario. Eram do sangue de Israel, e estiveram em mui estreitas relações com os apostolos [3].

Todos os novos convertidos eram da religião judaica quando os tocou a graça; mas pertenciam a duas classes de judeus muito differentes. Uns eram « hebreus » [4], isto é, Judeus da Palestina que fallavam o hebreu ou antes o arameo, e liam a Biblia no texto hebreu; outros eram « hellenistas », ou Judeus que fallavam grego e liam a Biblia em grego. Estes subdividiam-se ainda em duas classes, sendo uns de sangue judeu, e outros sendo proselytos, isto é, individuos de origem não israelitica, filiados no judaismo em graus diversos. Esses hellenistas, que vinham quasi todos da Syria, da Asia Menor, do Egypto ou de Cyrene (*Act.*, II, 9-11; VI, 9), habitavam em Jerusalem bairros distinctos. Tinham as suas synagogas separadas e formavam assim pequenas communidades. Havia em Jerusalem grande numero d'essas synagogas particulares [5]. Foi ahi que a palavra de Jesus achou o terreno preparado para recebel-a e fazel-a fructificar.

Todo o núcleo primitivo da Egreja tinha sido exclusivamente composto de « hebreus »; o dialecto arameo, que foi a lingua de Jesus, fôra o unico conhecido e em-

1 Compare-se *Act.*, XXI, 8-9 com Papias, em Eusebio, *H. E.*, III, 39.

2 Rom., XVI, 7. É duvidoso se *Jounian* vem de *Jounia* ou de *Jounias* = Junianus.

3 Paulo chama-lhes os seus *suggenies;* mas é difficil dizer se isto significa que eram Judeus, ou da tribu de Benjamim, ou de Tarso, ou realmente parentes de Paulo. O primeiro sentido é muito mais provavel do que os outros. Comp. Rom., IX, 3; XI, 14. Em todo o caso, esta palavra faz vêr que eram Judeus.

4 *Act.*, VI, 1, 5; II Cor., XI, 22; Phil., III. 5.

5 O Talmud de Jerusalem, *Megilla*, fol. 73 *d*. dá quatrocentas e oitenta. Comp. Midrasch *Eka*, 52 *b*, 70 *d*. Esse numero não tem nada de incrivel para quem já viu as pequenas mesquitas de familia que se encontram a cada passo nas cidades musulmanas. Mas são de mediocre importancia as noticias talmudicas de Jerusalem.

Digitized by Google

pregado. Mas vê-se que, desde o segundo ou terceiro anno depois da morte de Jesus, o grego invadia a pequena communidade, onde havia de ter brevemente o predominio. Em consequencia das suas relações quotidianas com esses novos irmãos, Pedro, João, Thiago, Judas, e em geral os discipulos galileus, aprenderam o grego com facilidade por já não lhes ser talvez inteiramente estranho. Um incidente de que breve fallaremos mostra que d'essa diversidade de linguas procedeu ao principio certa divisão na communidade, e que as duas fracções não tinham entre si as mais amigaveis relações (*Act.*, VI, 1). Depois da ruina de Jerusalem, veremos os « hebreus » retirados para além do Jordão, nas alturas do lago de Tiberiade, formar uma Egreja separada, que teve destinos á parte. Mas no intervallo d'esses dous factos não parece que tivesse consequencias na Egreja a diversidade de linguas. Os Orientaes teem grande facilidade para aprenderem as linguas; nas cidades, cada pessoa falla habitualmente duas ou tres. É pois provavel que os apostolos galileus que desempenhavam um papel activo adquirissem a pratica do grego [1], e chegassem mesmo a preferil-o ao syro-chaldaico, quando se avantajaram muito em numero os fieis que fallavam grego. O dialecto palestiniano devia ser engeitado desde o dia em que se pensasse em uma propaganda a dilatar-se por longe. Para isso não podia ser menos proprio um dialecto provincial, que mal se escrevia [2], e que não se fallava fóra da Syria. O grego, pelo contrario, foi a lingua que o christianismo teve de aceitar. Era a lingua universal de então, pelo menos para a bacia oriental do Mediterraneo. Era, em particular, a lingua dos Judeus dispersos em todo o imperio romano. Então, como ainda hoje, os judeus adoptavam com grande facilidade os idiomas dos paizes em que residiam. Não se presavam de purismo, e é por essa

1 A epistola de S. Thiago é escripta em grego bastante puro; mas não é certa a sua authenticidade.

2 Os sabios escreviam no antigo hebreu, um pouco alterado. Trechos como os do Talmud de Babylonia, *Kidduschin*, fol. 66 *a*, talvez fossem escriptos por esse tempo.

Digitized by Google

razão que é tão mau o grego do christianismo primitivo. Os Judeus, mesmo os mais instruidos, pronunciavam mal a lingua classica [1]. O seu fraseado era sempre modelado pelo syriaco; nunca se isentaram do peso dos dialectos grosseiros que entre elles introduzira a conquista macedonica [2].

Breve as conversões ao christianismo foram muito mais numerosas entre os « hellenistas » do que entre os « hebreus ». Os velhos Judeus de Jerusalem eram pouco movidos para uma seita de provinciaes, mui pouco lidos na sciencia da lei, que era a unica a que dava preço um phariseu [3]. A posição da pequena Egreja a respeito do judaismo era, como o foi a de Jesus, um pouco equivoca. Mas não ha partido religioso ou politico que não tenha em si uma força que o domine e o obrigue a correr a sua orbita a seu pezar. Os primeiros christãos, fosse qual fosse o seu respeito apparente pelo judaismo, não eram na realidade judeus senão pelo nascimento ou por habitos exteriores. O espirito verdadeiro da seita vinha de outra parte. O que germinava no judaismo official era o Talmud, e o christianismo não tem nenhuma affinidade com a escóla talmudica. É essa a razão porque o christianismo achava bom acolhimento nas partes menos judaicas do judaismo. Os orthodoxos rigidos não queriam conformar-se com elle; mas os que chegavam de novo, individuos apenas catechisados, que não entraram nas grandes escólas, livres da trilha usual e não iniciados na lingua santa, davam ouvidos aos apostolos e aos seus discipulos. Como a aristocracia de Jerusalem lhes désse pouca consideração, esses aventureiros do judaismo tomavam assim uma especie de desforra. São sempre as partes mais recentes de uma communidade as que menos curam da tradição, e as que são mais propensas para a novidade.

1 Jos., *Ant.*, ultimo paragrapho.

2 É o que provam as transcripções do grego em syriaco. Desenvolvi isto nos meus *Esclarecimentos tirados das linguas semiticas sobre alguns pontos da pronuncia grega.* A lingua das inscripções gregas da Syria é muito má.

3 Jos., *Ant.*, ultimo paragrapho.

Digitized by Google

N'estas classes pouco sujeitas aos doutores da lei, parece que a credulidade era tambem mais singela e mais inteira. O que faz notavel o judeu talmudista não é a credulidade. O judeu credulo e amigo do maravilhoso, conhecido dos satyricos latinos, não é o Judeu de Jerusalem; é o judeu hellenista, ao mesmo tempo muito religioso e pouco instruido, por conseguinte muito supersticioso. Nem o sadduceu meio incredulo, nem o phariseu rigorista deviam ter em grande conta a theurgia que estava em tamanha voga na sociedade apostolica. Mas o *Judæus Apella,* de que mofava o epicurista Horacio (Sat., I, v, 105), estava lá para crêr. De mais, as questões sociaes interessavam particularmente aos que não colhiam proveito das riquezas que o templo e as instituições centraes da nação faziam affluir a Jerusalem. Ora, foi combinando-se com necessidades muito analogas ao que se chama agora « socialismo » que a nova seita lançou o solido alicerce em que devia assentar o edificio do seu porvir.

Digitized by Google

CAPITULO VII

A EGREJA CONSIDERADA COMO ASSOCIAÇÃO DE POBRES INSTITUIÇÃO DO DIACONATO AS DIACONISSAS E AS VIUVAS

A historia comparada das religiões revela-nos uma verdade geral: todas as que tiveram um principio, e que não são coevas da origem da linguagem, estabeleceram-se mais por motivos sociaes do que por motivos theologicos. É com certeza o que succedeu com o buddhismo. O que fez o prodigioso prosperar d'essa religião, não foi a philosophia nihilista que lhe servia de base; foi a sua parte social. Foi pela proclamação da abolição das castas, e por estabelecer, segundo a sua expressão, « uma lei de graça para todos », que Çakya-Mouni e seus discipulos attrahiram a si primeiro a India, e depois a maior parte da Asia [1]. Como o christianismo, o buddhismo foi um movimento de pobres. O seu grande meio de attracção consistiu na facilidade offerecida ás classes desherdadas de se rehabilitarem pela profissão de um culto que as exaltava e lhes dava infinitos recursos de soccorro e de piedade.

1 Vej. os textos reunidos e traduzidos por Eugenio Burnouf, *Introd. à l'hist. du bouddh. indien*, I, pag. 137 e seg., sobre tudo 198-199.

Digitized by Google

No primeiro seculo da nossa era o numero dos pobres era muito consideravel na Judéa. O paiz é por sua natureza baldo dos recursos que dão um viver commodo. N'esses paizes sem industria, quasi todas as riquezas particulares proveem de instituições religiosas largamente dotadas, ou de larguezas de um governo. Desde muito tempo as riquezas do templo eram posse exclusiva de um pequeno numero de nobres. Os Asmoneus tinham constituido de redor da sua dynastia uma sociedade de familias ricas; os Herodes augmentaram muito o luxo e a prosperidade em certa classe da sociedade. Mas o verdadeiro Judeu theocrata, por não ter em nenhuma conta a civilisação romana, veio a ser mais pobre do que era. Formou-se uma classe de santos homens, pios, de desregrada fé, rigidos observantes da lei, com exterior de alta miseria. Foi n'essa classe que se recrutaram as seitas e os partidos de fé immoderada, tão numerosos n'essa época. O sonho universal era o reinado do proletario judeu que permanecia fiel, e a humilhação do rico, tido por transfuga, por traidor dado á vida profana, á civilisação de estranhos. Nunca houve mal-querença igual á d'esses pobres de Deus contra as esplendidas construcções que começavam a cobrir o paiz, e contra as obras dos Romanos [1]. Obrigados, por não morrerem de fome, a trabalhar n'esses edificios que lhes pareciam monumentos de soberba e de illicita sumptuosidade, julgavam-se victimas de opulentos perversos, corruptos, infieis á lei.

Concebe-se com quanto alvoroço foi acolhida, em tal estado social, uma associação de soccorros mutuos. A pequena Egreja christã devia parecer um paraiso. Essa familia de irmãos, simples e unidos, chamou adeptos de todas as partes. Em compensação do que levavam, obtinham um futuro certo, deliciosa confraternidade e preciosas esperanças. Era costume de todos a conversão dos haveres em dinheiro antes de entrarem na seita [2]. De

1 Vej. *Vida de Jesus*, pag. 160 e 187.
2 *Act.*, II, 45; IV, 34, 37; V, 1.

Digitized by Google

ordinario esses haveres consistiam em pequenas propriedades ruraes pouco productivas e de laboriosa exploração. Não havia senão vantagem, mórmente para os que não fossem casados, em trocar essas breves porções de terra por um deposito em renda vitalicia em uma sociedade de seguro, com a mira no reino de Deus. Houve mesmo individuos casados que procuraram essa vantagem; tomaram-se precauções para que os associados entrassem realmente com todos os seus haveres, e nada reservassem fóra do capital commum (*Act.*, v, 1 e seg.) Em verdade, como cada um recebia não na proporção do deposito realisado, mas na das suas necessidades (*Act.*, II, 45 e IV, 35), uma reserva de propriedade era um roubó feito á communidade. É muito notavel a semelhança de taes ensaios de organisação do proletariado com certas utopias que surgiram em época que não vai longe. Mas ha uma differença consideravel: o communismo christão tinha uma base religiosa, e o moderno socialismo não a tem. É claro que uma associação em que o dividendo é na razão das necessidades de cada um, e não na do capital depositado, só póde ser baseada em um sentimento de exaltadissima abnegação e em accesa fé n'um ideal religioso.

Em tal constituição social, deviam ser muitos os embaraços administrativos, fosse qual fosse o grau de fraternidade. Entre as duas fracções da communidade, cujo idioma não era o mesmo, eram inevitaveis as equivocações. Os Judeus de raça não podiam deixar de ter algum desdem para com os seus co-religionarios menos nobres. Com effeito, não tardaram murmurações. Os « hellenistas », que eram cada dia mais numerosos, queixavam-se de que as suas viuvas não eram tão bem tratadas nas distribuições como as dos « hebreus » (*Act.*, VI, 1 e seg.) Até então os apostolos tinham sido os directores economicos. Mas, á vista de taes reclamações, conheceram a necessidade de delegarem essa parte dos seus poderes. Propozeram á communidade que fossem confiados os cuidados administrativos a sete homens de dis-

Digitized by Google

crição e porte. A proposta foi admittida. Procedeu-se á eleição. Os sete eleitos foram Stephanus ou Estevão, Philippe, Prochoro, Nicanor, Timon, Parmenau e Nicolau. Este era de Antiochia; era um simples proselyto. Estevão era talvez de igual condição. Parece que, ao inverso do que se praticára na eleição do apostolo Matthia, houve o firme proposito de escolher os sete administradores entre os recem-convertidos, e especialmente hellenistas, e não entre os discipulos primitivos. Com effeito, todos teem nomes puramente gregos. Estevão era o de mais porte entre os sete, e como que seu superior. Foram apresentados aos apostolos, que, segundo um rito já sanccionado, oraram impondo-lhes as mãos sobre as cabeças.

Deu-se a estes administradores o nome syriaco de *Schammaschin*, em grego *Diakonoi*. Tambem foram algumas vezes designados por «os Sete» para os contrapôr aos «Doze» (*Act.*, XXI, 8). Tal foi, pois, a origem do diaconato, que achamos ser a mais antiga funcção ecclesiastica, a mais antiga das ordens sacras. Todas as Egrejas depois organisadas tiveram diaconos, a exemplo da de Jerusalem. Foi maravilhosa a fecundidade d'esta instituição. Era o desvelo com o pobre posto ao nivel de um serviço religioso. Era a proclamação d'esta verdade que as questões sociaes são as primeiras de que se deve curar. Era a fundação da economia politica em quanto cousa religiosa. Os diaconos foram os melhores prégadores do christianismo. Breve veremos o muito que fizeram como evangelistas. Como organisadores, como dispenseiros, como administradores, desempenharam um papel ainda mais importante. Esses homens praticos, em perpetuo contacto com os pobres, com os doentes e com as mulheres, entravam em toda a parte, viam tudo, exhortavam e convertiam do modo mais efficaz [1]. Fizeram muito mais do que os apostolos, immoveis em Jerusalem na sua séde honorifica. Foram os creadores do christianismo no que teve mais solido e mais duravel.

[1] Phil., I, 1; I Thim., III, 8 e seg.

Digitized by Google

Não tardou que para esse cargo fossem admittidas mulheres [1]. Dava-se-lhes o nome de «irmãs [2]». Ao principio foram viuvas (I Tim., v, 9 e seg.); depois tiveram preferencia as virgens [3]. Foi admiravel o tacto que guiou em tudo isto a primitiva Egreja. Aquelles homens simples e bons assentaram com sciencia profunda, porque procedia do coração, as bases da grande cousa christã por excellencia, a caridade. Não houvera nada que lhes désse o modêlo de taes instituições. Um vasto ministerio de beneficencia e de soccorros reciprocos, para o qual os dous sexos concorriam com as suas qualidades diversas, combinando os seus esforços para suavisarem as miserias humanas, tal foi a santa creação que dimanou do trabalho d'estes dous ou tres primeiros annos, que foram os mais fecundos da historia do christianismo. Sente-se que o pensamento ainda vivo de Jesus occupa os seus discipulos e os dirige em todos os seus actos com maravilhosa lucidez. Em verdade, para sermos justos cumpre-nos attribuir a Jesus a honra do que os discipulos fizeram com cunho de grandeza. É provavel que elle houvesse assentado as bases dos estabelecimentos que se desenvolveram com pleno successo logo depois da sua morte.

As mulheres acudiam naturalmente a uma communidade que tanta protecção liberalisava ao fraco. A sua posição na sociedade era então humilde e precaria [4]; mórmente a viuva, apesar de algumas leis protectoras, era o mais das vezes desamparada e pouco respeitada. Queriam muitos doutores que não se désse á mulher nenhuma educação religiosa [5]. O Talmud tanto conta no numero dos flagellos do mundo a viuva palreira e curiosa, que passa a sua vida em chocalhices com as visinhas,

1 Rom., XVI, 1, 12; I Tim., III, 11; V, 9 e seg.; Plinio, *Epist.*, X, 97. As epistolas a Timotheo é provavel que não sejam de S. Paulo, mas em todo o caso são muito antigas.

2 Rom., XVI, 1; I Cor., IX, 5; Philem., 2.

3 *Constit. apost.*, VI, 17.

4 Sap., II, 10; Eccl., XXXVII, 17; Matth., XXIII, 14; Marc., XII, 40; Luc., XX, 47; Thiago, I, 27.

5 Mischna, Sotta, III, 4.

Digitized by Google

como a virgem que perde o seu tempo a rezar [1]. A nova religião deu a estas pobres desherdadas um asylo decoroso e seguro (*Act.*, VI, 1). Algumas mulheres tinham na Egreja uma posição distincta, e as suas casas serviam de lugar de reunião (*Act.*, XII, 12). Com as que não tinham casa organisou-se uma especie de ordem ou de corporação presbyteral feminina [2], que provavelmente tinha virgens no seu gremio, e que contribuiu muitissimo para a organisação da esmola. As instituições tidas por fructo tardio do christianismo, as congregações de mulheres, as recolhidas, as irmãs de caridade, foram uma das suas primeiras creações, o principio da sua força, a mais perfeita expressão do seu espirito. Em particular, a admiravel idéa de consagrar por uma especie de caracter religioso e de sujeitar a uma disciplina regular as mulheres que não estão presas nos laços do matrimonio, é perfeitamente christã. A palavra « viuva » veio a ser synonymo de pessoa religiosa, votada a Deus, e por conseguinte de « diaconissa » (I Tim., v, 3 e seg.) N'esses paizes, onde a esposa de vinte e quatro annos já está desbotada, onde não ha meio termo entre a creança e a velha, era como uma nova vida que se creava para a metade da especie humana mais capaz de dedicação.

Os tempos dos Seleucidas tinham sido uma época terrivel de desregramentos femininos. Nunca foram vistos tantos dramas domesticos, taes series de envenenadoras e de adulteras. Os sabios de então tiveram de considerar a mulher como um flagello na humanidade, como um principio de baixeza e de opprobrio, como um mau espirito que só se occupa em combater o que de nobre germina no outro sexo [3]. O christianismo mudou as cousas. N'essa idade que para nós é ainda a mocidade, mas em que a vida da mulher do Oriente é tão

1 Talm., de Bab., *Sota*, 22 *a*; comp. I Tim., v, 13; Buxtorf, *Lex. chald. talm. rabb.*, nas palavras *tzlinith* e *shobbith*.

2 I Tim., v, 9 e seg. Comp. *Act.*, IX, 39, 41.

3 *Ecclesiastes*, VII, 27; *Ecclesiastico*, VII, 26 e seg.; IX, 1 e seg.; XXV, 22 e seg.; XXVI, 1 e seg.; XLII, 9 e seg.

Digitized by Google

sombria, tão fatalmente entregue ás suggestões do mal, podia a viuva, cingindo a cabeça com um lenço preto [1], vir a ser uma pessoa respeitavel, dignamente occupada, uma diaconissa, igual em importancia aos homens mais estimados. O christianismo sublimou, santificou [2] essa posição tão abrolhada da viuva sem filhos. A viuva veio a ser quasi igual á virgem. Foi a *calogria* ou « bella velha » [3], venerada, util, tratada como mãe. Essas mulheres, sempre activas, eram admiraveis missionarias para o culto novo. Os protestantes enganam-se sujeitando á apreciação d'estes factos o nosso espirito moderno de individualidade. Quando se trata de historia christã, o que é primitivo é o socialismo e o cenobitismo.

O bispo, o padre, como os fez o tempo, ainda não existiam. Mas o ministerio pastoral, essa intima familiaridade das almas, independente dos laços do sangue, já estava fundado. Foi esse sempre o dom especial de Jesus, e como herança d'elle. Jesus havia repetido muitas vezes que era para cada um mais do que seu pae, mais do que sua mãe, que para seguil-o era mister não ter em nenhuma conta os entes mais caros. Havia alguma cousa que o christianismo punha acima da familia : creava a fraternidade espiritual, e o casamento espiritual. O casamento antigo, que entregava a esposa ao esposo sem restricção, sem compensação, era uma escravidão verdadeira. A liberdade moral da mulher começou no dia em que a Egreja lhe deu um confidente, um guia em Jesus, que a dirige e a consola, que sempre a escuta, e ás vezes a move á resistencia. A mulher carece de ser governada, e não é feliz não sendo governada ; mas cumpre que ame áquelle que a governa. É o que não poderam fazer as sociedades antigas, nem o judaismo, nem o islamismo. Até aqui a mulher nunca teve uma

1 Para o trajar das viuvas na Egreja oriental, veja-se o manuscripto grego n.º 64 da Bibliotheca imperial, fol. 11. O trajar das calogrias ainda hoje é quasi o mesmo, sendo a viuva o typo da religiosa oriental, em quanto que o da freira latina é a virgem.

2 Compare-se o *Pastor* de Hermas, vis. II, cap. 4.

3 *Kalogria*, nome das religiosas na Egreja oriental. *Kalos* reune aqui os dous sentidos de « bello » e « bom ».

Digitized by Google

consciencia religiosa, uma individualidade moral, uma opinião propria senão no christianismo. Por meio dos bispos e da vida monastica, uma Kadegonda sabia inventar uma traça para furtar-se aos braços de um esposo barbaro. Como a vida da alma é o que mais importa, é justo e razoavel que o pastor que sabe fazer vibrar as cordas divinas, o conselheiro secreto que tem a chave das consciencias, seja mais do que o pae, mais do que o esposo.

De certo modo o christianismo foi uma reacção contra a amesquinhada constituição da familia na raça aryana. Não só as velhas sociedades aryanas quasi não admittiam senão o homem casado, mas entendiam o casamento no sentido mais estricto. Era uma cousa analoga á familia ingleza, um circulo estreito, fechado, abafadiço, um egoismo de muitos, tão dessecante para a alma como o egoismo de um só. O christianismo, com a sua divina noção da liberdade do reino de Deus, moderou estas exagerações. Em primeiro lugar, absteve-se de fazer pesar sobre todo o mundo os deveres do geral dos homens. Viu que a familia não é o quadro absoluto da vida, ou, pelo menos, um quadro feito para todos, que o dever de reproduzir a especie humana não pesa sobre todos, que deve haver pessoas isentas d'esses deveres, de certo sagrados, mas não accommodados a todos. A excepção que estabeleceu a sociedade grega em favor das *heteres* á maneira de Aspasia, que a sociedade italiana estabeleceu para a *cortigiana* á maneira de Imperia, por causa das necessidades da sociedade policiada, estabeleceu-a o christianismo para o sacerdote, para a religiosa, para a diaconissa, tendo em vista o bem geral. Admittiu estados diversos na sociedade. Ha almas que se deliciam mais com o amor entre quinhentos do que com o amor entre cinco, e para as quaes a familia nas suas condições ordinarias parece insufficiente, fria, fastidiosa. Porque hão-de pesar sobre todos as exigencias das nossas empanadas e mediocres sociedades? A

Digitized by Google

familia temporal não satisfaz o homem. Carece de irmãos e de irmãs fóra dos laços da carne.

Pela sua hierarchia das differentes funcções sociaes (I Cor., XII), a Egreja primitiva pareceu conciliar por um pouco essas exigencias oppostas. Nunca comprehenderemos quanto era feliz quem estava subordinado a essas regras santas, que sustentavam a liberdade sem estreital-a, fazendo possiveis ao mesmo tempo as delicias da vida commum e as da vida privada. Era o contrario da miscellanea das nossas sociedades artificiaes e destituidas de amor, em que a alma sensivel está algumas vezes tão cruelmente insulada. A atmosphera era quente e suave n'esses pequenos retiros chamados Egrejas. Juntos viviam todos da mesma fé e das mesmas esperanças. Mas é claro tambem que essas condições não podiam applicar-se a uma grande sociedade. Quando se christianisaram paizes inteiros, a regra das primeiras Egrejas veio a ser uma utopia e acolheu-se aos mosteiros. N'este sentido a vida monastica é a continuação das Egrejas primitivas [1]. O convento é a consequencia necessaria do espirito christão; não ha perfeito christianismo sem convento, porque só no convento póde realisar-se o ideal evangelico.

Com certeza, deve ser attribuida ao judaismo uma grande parte n'estas grandes creações. Cada uma das communidades judaicas derramadas pelas costas do Mediterraneo, era já uma especie de Egreja, com a sua caixa de soccorros mutuos. A esmola, sempre recommendada pelos sabios [2], viera a ser um preceito; dava-se no templo e nas synagogas [3]; era tida pelo primeiro dever do proselyto (*Act.*, x, 2, 4, 31). Em todos os tempos distinguiu-se o judaismo pelo desvelo com os seus po-

1 As congregações pietistas da America, que são, no protestantismo, a parelha dos conventos catholicos, tambem fazem lembrar em muitos pontos as Egrejas primitivas. Vej. L. Bridel, *Recits americains*.

2 Prov., III, 27 e seg.; X, 2; XI, 4; XXII, 9; XXVIII, 27; Eccli., III, 23 e seg.; VII, 36; XII, 1 e seg., XVIII, 14; XX, 13 e seg.; XXXI, 11; Tobias, II, 15, 22; IV, 11; XII, 9; XIV, 11; Daniel, IV, 24; Talm. de Jer., *Peah*, 15 *b*.

3 Matth., VI, 2; Mischna, *Schekalim*, V, 6; Talm. de Jer.; *Demai*, fol. 23 *b*.

Digitized by Google

bres e pelo sentimento de caridade fraternal que inspira.

Ha suprema injustiça em contrapor o christianismo ao judaismo como injuria, porque tudo o que ha no christianismo primitivo veio em summa do judaismo. Pensando no mundo romano é que nos assombram os milagres de caridade e de associação livre operados pela Egreja. Sociedade profana, que só reconheça por base a razão, nunca produziu tão admiraveis effeitos. A lei de qualquer sociedade profana, deixem-me dizer philosophica, é a liberdade, ás vezes a igualdade, mas nunca a fraternidade. A caridade, olhada pelo lado do direito, não tem nada de obrigatorio; não diz respeito senão aos individuos; até mesmo ha quem desconfie d'ella e veja n'ella certos inconvenientes. Uma tentativa para applicar os dinheiros publicos aos commodos dos proletarios parece communismo. Quando um homem morre de fome, quando classes inteiras definham na miseria, limita-se a politica a achar que é uma cousa deploravel. Sabe mostrar muito bem que sem a liberdade não ha ordem civil e politica; ora, a consequencia da liberdade é que aquelle que não tem nada e nada póde ganhar morra de fome. Isto é logico; mas nada resiste ao abuso da logica. As necessidades da classe mais numerosa acabam sempre por prevalecer. Não bastam instituições puramente politicas e civis; as aspirações sociaes e religiosas tambem tem jus a legitima satisfação.

A gloria do povo judaico está em haver proclamado brilhantemente esse principio, de que procedeu a ruina dos Estados antigos, e que ninguem desarraigará. A lei judaica é social e não politica; os prophetas, os authores de apocalypses são promotores de revoluções sociaes e não de revoluções politicas. Na primeira metade do primeiro seculo, á face da civilisação profana, os Judeus não teem senão uma idéa, a de engeitarem os beneficios do direito romano, d'esse direito philosophico, atheu, igual para todos, e de proclamarem a excellencia da sua lei theocratica, que fórma uma sociedade

Digitized by Google

religiosa e moral. Na lei está a felicidade — é a idéa de todos os pensadores judeus, como Philon e Josepho. As leis dos outros povos velam pelo reinado da justiça; pouco lhes importa que os homens sejam bons e felizes. A lei judaica desce aos mais miudos pormenores da educação moral. — O christianismo não é senão o desenvolvimento da mesma idéa. Cada Egreja é um mosteiro, onde todos teem direitos sobre todos, onde não deve haver pobres nem maus, onde todos por conseguinte velam uns pelos outros, e teem poder uns sobre os outros. O christianismo primitivo póde definir-se uma grande associação de pobres, um heroico esforço contra o egoismo, baseado na idéa de cada um ter só direito ao necessario, e de pertencer o superfluo aos que não teem. É claro que entre tal espirito e o espirito romano se travará uma luta de morte, e que, pela sua parte, o christianismo não chegará a reinar no mundo senão modificando altamente as suas tendencias nativas e o seu programma original.

Mas as necessidades que elle representa hão-de durar eternamente. Como a vida em communidade, desde a segunda metade da idade media, serviu para os abusos de uma Egreja intolerante, e o mosteiro veio a ser muitas vezes um feudo do feudalismo ou quartel de uma milicia perigosa e fanatica, o espirito moderno tem-se mostrado muito severo com o cenobitismo. Esquecemos que é na vida em communidade que a alma do homem tem logrado mais alegrias. O cantico «Oh, quanto é bom, quanto é deleitoso para irmãos o habitar em communidade!» (Ps. CXXXIII) deixou de ser o nosso. Mas quando o individualismo moderno tiver produzido os seus ultimos fructos; quando a humanidade, agorentada, contristada, impotente, se soccorrer ás grandes instituições e ás energicas disciplinas; quando a nossa mesquinha sociedade burgueza, não digo bem, o nosso mundo de pygmeus, tiver sido repellido com desaire pelas partes heroicas e idealistas da humanidade, então a vida em communidade cobrará todo o seu preço. Muitas cousas

Digitized by Google

grandes, como a sciencia, hão-de organisar-se com feição monastica, com hereditariedade independente do sangue. Ha-de diminuir a importancia que o nosso seculo attribue á familia. O egoismo, lei essencial da sociedade civil, não satisfará as grandes almas. Todas, acudindo dos pontos mais oppostos, ligar-se-hão contra a vulgaridade. Achar-se-ha sentido nas palavras de Jesus e nas idéas da idade media sobre a pobreza. Comprehender-se-ha que possuir alguma cousa podesse ser tido por uma inferioridade, e que os fundadores da vida mystica disputassem durante seculos por saberem se Jesus possuiu ao menos « as cousas que se consomem pelo uso. » Estas subtilezas franciscanas virão a ser outra vez grandes problemas sociaes. O esplendido ideal traçado pelo author dos *Actos* será inscripto como prophetica revelação á entrada do paraiso da humanidade: « A multidão dos fieis tinha um só coração e uma só alma, e nenhum d'elles tinha por seu o que possuia, porque tudo era de todos. Por isso não havia pobres entre elles; os que tinham terras ou casas, vendiam-nas e levavam aos apostolos o producto da venda; depois distribuia-se a cada um o que lhe era mister. E cada dia partiam o pão em plena concordia, com alegria e simplicidade do coração! » (*Act.*, II, 44-47; IV, 32-35).

Mas não antecipemos os tempos. Somos chegados ao anno de 36 pouco mais ou menos. Tiberio, em Capréa, mal sabe que inimigo se está apparelhando para o imperio. Em dous ou tres annos, a nova seita havia feito assombrosos progressos. Os fieis eram muitos milhares (*Act.*, II, 41). Já era facil prever que as suas conquistas se effectuariam mórmente pela parte dos hellenistas e dos proselytos. A turma galiléa que ouvira o mestre, sem deixar de conservar a sua primazia, estava como immersa debaixo de uma onda de recem-vindos, que fallavam grego. Já se pressente que o principal será feito por estes. Na hora em que estamos, nenhum pagão, isto é nenhum homem sem ligação anterior com o judaismo, entrou ainda na Egreja. Mas n'ella desempenham prose-

Digitized by Google

lytos funcções muito importantes. O circulo de procedencia dos discipulos tambem se tem alargado muito; já não é uma simples congregaçãosinha de Palestinianos; tem homens de Chypre, de Antiochia, de Cyrene (*Act.*, VI, 5; XI, 20), e em geral de quasi todos os pontos das costas orientaes do Mediterraneo onde se haviam estabelecido colonias judaicas. Só faltava o Egypto n'esta primitiva Egreja, e ainda faltará por largo tempo. Os Judeus d'esse paiz estavam quasi em schisma com a Judéa. Viviam da sua vida propria, superior a muitos respeitos á da Palestina, e mal recebiam a repercussão dos movimentos religiosos de Jerusalem.

Digitized by Google

CAPITULO VIII

PRIMEIRA PERSEGUIÇÃO. — MORTE DE ESTEVÃO. — DESTRUIÇÃO DA PRIMEIRA EGREJA DE JERUSALEM

Era inevitavel que as prégações da nova seita, quando mesmo fossem feitas com muita circumspecção, despertassem as iras que se haviam colligado contra o fundador até ao extremo de lhe darem a morte. A familia sadducéa de Hanan, que déra a morte a Jesus, continuava a reinar. José Kaiapha teve, até ao anno de 36, o soberano pontificado, cujo poder effectivo confiava de seu sogro Hanan, e de seus parentes João e Alexandre [1]. Esses homens arrogantes e despiedosos viam impacientes aquelle grande numero de boas e santas creaturas, que, sem titulo official, careavam os affectos das turbas [2]. Uma ou duas vezes, Pedro, João e os principaes membros do collegio apostolico, foram presos e condemnados a açoutes. Era o castigo que se infligia aos hereticos [3]. Para applical-o não era necessaria a authorisação dos Romanos. É claro que essas brutalidades só podiam servir para crescimento do fervor dos apostolos. Sahiram

1 *Act.*, IV, 6. Vej. *Vida de Jesus*, pag. 326 e seg.
2 *Act.*, IV, 1-31; V, 17-41.
3 Vej. *Vida de Jesus*, pag. 365.

Digitized by Google

do sanhedrim, onde acabavam de soffrer a flagellação, cheios de alegria por terem sido julgados dignos de soffrerem uma affronta por aquelle que amavam (*Act.*, v, 41). Eterna puerilidade das repressões penaes, applicadas ás cousas da alma! E de certo eram tidos por homens de ordem, por modêlos de prudencia e de sisudeza, aquelles desattentados que, no anno de 36, pensaram seriamente que com alguns açoutes punham termo ao christianismo.

Essas violencias procediam mórmente dos sadduceus [1], isto é do alto clero que não desamparava o templo e d'elle colhia immensos interesses [2]. Não consta que os phariseus se desentranhassem contra a seita em odio como o que mostraram contra Jesus. Os novos crentes eram creaturas pias, austeras, muito analogas aos phariseus pelo seu modo de viver. O odio que os phariseus sentiram contra o fundador procedia da superioridade de Jesus, superioridade que elle não curava de dissimular. Os seus agudos motejos, o seu engenho, a sua aversão aos devotos hypocritas, o modo como careava affectos de todos, tinham accendido ferozes mal-querenças. Os apostolos, pelo contrario, eram baldos de engenho, e nunca empregavam a ironia. Ás vezes foram-lhes favoraveis os phariseus, e até muitos se fizeram christãos (*Act.*, xv, 5; xxi, 20). Os terriveis anathemas de Jesus contra o pharisaismo ainda não estavam escriptos, e a tradição das palavras do mestre não era geral nem uniforme [3].

Além d'isso, aquelles primeiros christãos eram pessoas tão inoffensivas, que muitos individuos da aristocracia judaica, sem que em rigor pertencessem á seita, eram benevolos para com elles. Nicodemo e José de Arimathia,

1 *Act.*, iv, 5-6; v, 17. Comp. Thiago, ii, 6.

2 *Genos archieraticon*, nos *Act.*, loc. cit.; *archiereis*, em Josepho, *Ant.*, XX, viii, 8.

3 Acrescentemos que a antipathia reciproca de Jesus e dos phariseus parece ter sido exagerada pelos evangelistas synopticos, talvez por causa dos acontecimentos de que, no tempo da grande guerra, resultou a fuga dos christãos para além do Jordão. Não se póde negar que Thiago, irmão do Senhor, fosse quasi um phariseu.

Digitized by Google

que haviam conhecido Jesus, sem duvida permaneceram ligados fraternalmente com a Egreja. Diz-se que o mais celebre doutor judeu d'aquelle tempo, Rabbi Gamaliel o Velho, neto de Hillel, homem de idéas liberaes e muito tolerante, votou no sanhedrim em favor da liberdade das prégações evangelicas [1]. O author dos *Actos* attribue-lhe um excellente raciocinio, que devia ser norma dos governos quando se manifestam novidades na ordem intellectual ou moral. « Se essa obra é frivola, deixai-a; ella cahirá: se é séria, como ousaes resistir á obra de Deus? Em todo o caso, não conseguireis pôr-lhe barreiras. » Mal se deu ouvidos a Gamaliel. Animos liberaes, no meio de fanatismos oppostos, não teem probabilidades de bom exito.

Terrivel escandalo foi provocado pelo diacono Estevão (*Act.*, VI, 8; VII, 59). Parece que a sua predica era de muito fructo. O povo apinhava-se de redor d'elle, e essas agglomerações de gente vinham a dar em disputas muito accesas. Eram mórmente hellenistas ou proselytos, frequentadores da synagoga chamada dos *Libertini* [2], homens de Cyrene, de Alexandria, da Cilicia, de Epheso, os que se accendiam n'essas altercações. Estevão sustentava com afogo que Jesus era o Messias, que os sacerdotes haviam commettido um crime matando-o, e que os Judeus eram rebeldes, filhos de rebeldes, homens que negavam o que era evidente. As authoridades resolveram perder este audaz prégador. Pozeram-se de atalaia testemunhas que lhe colhessem nos discursos alguma palavra contra Moysés. Como era natural, acharam o que procuravam. Estevão foi preso, e levado perante o sanhedrim. As palavras de que o accusavam eram quasi as mesmas que fizeram condemnar Jesus [3]. Culpavam-no de dizer que Jesus de Nazareth destruiria o templo, e alteraria as tradições attribuidas a Moysés. Em verdade, é muito possi-

1 *Act.*, V, 34 e seg. Vej. *Vida de Jesus*, pag. 196.

2 Provavelmente descendentes dos Judeus que foram levados a Roma como escravos, e depois libertos. Philon, *Leg. ad Caium*, §. 23; Tacito, *Ann.*, II, 85.

3 Vej. *Vida de Jesus*, pag. 326, 354, 379.

Digitized by Google

vel que Estevão dissesse isso. Um christão d'essa época não se lembraria de fallar directamente contra a Lei, porque todos a cumpriam ainda; quanto ás tradições, poderia Estevão impugnal-as como as impugnara Jesus: ora, essas tradições eram desacertadamente attribuidas a Moysés pelos orthodoxos, e imputava-se-lhes um valor igual ao da lei escripta [1].

Estevão defendeu-se expondo a these christã com grande ostentação de citações da Lei, dos Psalmos, dos prophetas, e concluiu censurando aos membros do sanhedrim o homicidio de Jesus. « Obstinados, corações incircumcisos, haveis de resistir sempre ao Espirito Santo como vossos paes! Qual foi o propheta que vossos paes não perseguiram? Mataram os que annunciavam a vinda do Justo, que por perfidia matastes. A lei que havieis recebido da bocca dos anjos [2], não a cumpristes!... » Atalhou-o um brado de colera. Estevão, exaltando-se cada vez mais, cahiu em um d'aquelles movimentos de enthusiasmo a que se dava o nome de inspiração do Espirito Santo. Seus olhos cravaram-se no céo; viu a gloria de Deus, e Jesus ao lado de seu Pae, e clamou: « Vejo os céos abertos e o Filho do homem em pé á direita de Deus. » Todos os assistentes taparam os ouvidos, e arremessaram-se sobre elle, rangendo os dentes. Foi arrastado para fóra da cidade e apedrejado. As testemunhas, que, segundo a Lei (Deut., XVII, 7), deviam atirar as primeiras pedras, tiraram as suas vestiduras e pozeram-nas aos pés de um moço fanatico chamado Saul ou Paulo, que pensava com secreta alegria nos merecimentos que grangeava participando da morte de um blasphemador [3].

Em tudo isto foram observadas á risca as prescri-

1 Matth., XV, 2 e seg.; Marc., VII, 3; Gal., I, 14.

2 Compare-se com Gal., III, 19; Hebr., II, 2; Jos., *Ant.*, XV, V, 3. Imaginava-se que não fôra propriamente Deus que se mostrara nas theophanias da antiga Lei, mas que tinha substituido em seu lugar uma especie de medianeiro, o *maleak Jehovah*. Vej. os diccionarios hebreus, na palavra *mlach*.

3 *Act.*, VII, 59; XXII, 20; XXVI, 10.

Digitized by Google

pções do Deuteronomio (cap. XIII). Mas, olhada pelo lado do direito civil, essa tumultuaria execução, effeituada sem cooperação dos Romanos, não era regular (João, XVIII, 31). Para Jesus, vimos que foi precisa a ratificação do procurador. Póde ser que igual ratificação fosse alcançada para Estevão, e que a execução não seguisse tão de perto a sentença como quer o narrador dos *Actos*. Tambem póde ser que a authoridade romana se tivesse afrouxado na Judéa. Pilatos acabava de ser suspenso do exercicio das suas funcções ou estava para sel-o. A causa d'esse desvalimento foi exactamente a extrema firmeza que elle mostrara na sua administração (Jos., *Ant.*, XVIII, IV, 2). O fanatismo judaico fizera-lhe incomportavel a vida. Estava talvez cançado de recusar áquelles freneticos as violencias que lhe pediam, e póde ser que a soberba familia de Hanan houvesse chegado a estado de não carecer de licença para decretar sentenças de morte. Lucius Vitellius, pae do que foi imperador, era então legado imperial da Syria. Trabalhava por carear a affeição dos povos, e mandou entregar aos Judeus as vestiduras pontificaes que, desde Herodes o Grande, estavam guardadas na torre Antonia [1]. Não só não favoreceu Pilatos nos seus actos de rigor, mas até deu razão ás queixas dos indigenas, e fez ir Pilatos a Roma para responder ás accusações dos seus administrados (principio do anno de 36). A principal queixa d'estes era que o procurador não se prestava de boa mente aos seus desejos de intolerancia [2]. Vitellius substituiu-o provisoriamente pelo seu amigo Marullus, que de certo curou mais de não descontentar os Judeus, e por conseguinte lhes permittiu mais facilmente homicidios religiosos. A morte de Tiberio (16 de Março do anno de 37) serviu para aguilhoar esta politica de Vitellius. Os dous primeiros annos do reinado de Caligula foram uma época de afrouxamento geral da authoridade romana na Syria.

1 Jos., *Ant.*, XV, XI, 4; XVIII, IV, 2. Comp. XX, I, 1, 2.
2 Prova-o todo o processo de Jesus. Comp. *Act.*, XXIV, 27; XXV, 9.

Digitized by Google

A politica d'este principe, antes de começar a desatinar, foi dar aos povos do Oriente a sua autonomia e administradores indigenas. Foi assim que estabeleceu as soberanias ou principados de Antiocho de Comagene, de Herodes Agrippa, de Soheym, de Cotys, de Polemon II, e que permittiu o engrandecimento da de Hareth [1]. Quando Pilatos chegou a Roma, achou no seu começo o novo reinado. É provavel que Caligula não lhe fosse favoravel, porque fiou de outro funccionario o governo de Jerusalem. Parece que Marullus não excitou da parte dos Judeus as violentas accusações que sobrecarregaram com embaraços o pobre Pilatos, e o encheram de desgostos [2].

O que, em todo o caso, importa observar é que, na época de que tratamos, os perseguidores do christianismo não são os Romanos; são os Judeus orthodoxos. Os Romanos conservavam, no meio d'esse fanatismo, certo principio de tolerancia e de razão. Se de alguma cousa se póde accusar a authoridade imperial, é de ter sido muito frouxa, e de não haver atalhado a tempo as consequencias civis de uma lei sanguinaria, que ordenava a pena de morte por delictos religiosos. Mas o dominio romano ainda não era um poder completo como veio a ser depois; era uma especie de protectorado ou de suzerania. A condescendencia desceu até ao ponto de não pôr a effigie do imperador nas moedas cunhadas no tempo dos procuradores, para não aggravar as idéas judaicas [3]. Roma ainda não tratava, pelo menos no Oriente, de prescrever aos povos vencidos as suas leis, os seus deuses e os seus costumes; deixava-lhes as praticas locaes independentes do direito romano. A sua meia independencia era como mais um signal da sua inferioridade. O poder imperial no Oriente, n'essa época, assemelhava-se muito á authoridade turca, e o estado dos

1 Suetonio, *Caius*, 16; Dion. Cassius, LIX, 8, 12; Jos., *Ant.*, XVIII, v, 3; VI, 10; II Cor., XI, 32.

2 Ventidius Cumanus passou por aventuras muito semelhantes. É verdade que Josepho exagera o desvalimento de todos os que foram adversos á sua nação.

3 Maddeu, *History of Jewish Coinage*, pag. 134 e seg.

Digitized by Google

povos indigenas ao dos *raias*. Não existia a idéa de direitos iguaes e de iguaes garantias para todos. Cada sociedade provincial tinha a sua jurisdicção, como hoje as diversas Egrejas christãs e os judeus no imperio ottomano. Ha poucos annos, na Turquia, os patriarchas das diversas communidades de *raias*, ainda que pouco estivessem de intelligencia com a Porta, eram soberanos para com os seus subordinados, e podiam decretar contra elles as penas mais crueis.

Como não se póde averiguar se a morte de Estevão se verificou no anno de 36, no de 37 ou no de 38, não se sabe se a Kaiapha cabe a responsabilidade. Kaiapha foi deposto por Lucius Vitellius, no anno de 36, pouco tempo depois de Pilatos (Jos., *Ant.*, XVIII, IV, 3); mas a mudança foi pouco consideravel. Succedeu-lhe seu cunhado Jonathan, filho de Hanan. A este succedeu seu irmão Theophilo, filho de Hanan (Jos., *Ant.*, XVIII, V, 3), que alargou o pontificado na casa de Hanan até ao anno de 42. Hanan ainda vivia, e, verdadeiro possuidor do poder, sustentava na sua familia os principios, por assim dizer hereditarios, de orgulho, de dureza e de odio aos innovadores.

A morte de Estevão fez alta impressão. Os proselytos fizeram-lhe funeraes acompanhados de prantos e gemidos [1]. A separação entre os novos sectarios e o judaismo ainda não era absoluta. Os proselytos e os hellenistas, menos severos em orthodoxia do que os judeus puros, entenderam que deviam prestar homenagens publicas a um homem que honrava a sua corporação e que por suas crenças particulares não fôra posto fóra da lei.

Assim se abriu a era dos martyres christãos. O martyrio não era cousa inteiramente nova. Sem fallar de João Baptista e de Jesus, o judaismo, na época de Antiocho Epíphanio, tinha tido suas testemunhas fieis até á morte. Mas a serie de animosas victimas que começa

1 *Act.*, VIII, 2. As palavras *anér eulabés* designam um proselyto e não um judeu puro. Confr. *Act.*, II, 5.

Digitized by Google

em S. Estevão, exerceu particular influencia na historia do espirito humano. Introduziu no mundo occidental um elemento que lhe faltava, a fé exclusiva e absoluta, a idéa de que ha uma só religião boa e verdadeira. N'este sentido, os martyres abriram a era da intolerancia. Póde-se dizer com muita probabilidade que quèm dá a sua vida pela sua fé seria intolerante se fosse dominador. O christianismo, que passára por trezentos annos de perseguições, quando veio a ser dominador foi mais perseguidor do que nenhuma outra religião o havia sido. Quem derramou o seu sangue por uma causa, tende muito a derramar o sangue dos outros para conservar o thesouro que conquistou.

A morte de Estevão não foi um facto destacado. Aproveitando-se da frouxidão dos funccionarios romanos, os judeus fizeram pesar sobre a Egreja uma verdadeira perseguição [1]. Parece que as vexações cahiram principalmente sobre os hellenistas e sobre os proselytos, cujas liberdades irritavam os orthodoxos. A Egreja de Jerusalem, já organisada tão solidamente, foi forçada a dispersar-se. Os apostolos, segundo um principio que parece ter sido bem arraigado no seu animo [2], não sahiram da cidade. O mesmo fizeram provavelmente os puramente judeus a que se dava o nome de « hebreus » [3]. Mas a grande congregação, com as suas refeições em communidade, com os seus cargos de diaconos, com os seus varios exercicios, cessou desde então, e nunca mais se reformou pelo primeiro modêlo. Tinha durado tres ou quatro annos. Foi uma grande fortuna para o christianismo nascente què tão cedo se reduzissem a nada os seus primeiros ensaios de associação, essencialmente communistas. Ensaios d'essa natureza occasionam

1 *Act.*, VIII, 1 e seg.; XI, 19. A passagem *Act.*, XXVI, 10 póde mesmo fazer crêr que houve mais mortos além de Estevão. Mas não se deve abusar das palavras em redacções de estylo tão frouxo. Comp. *Act.*, IX, 1-2 com XXII, 5 e XXVI, 12.

2 Comp. *Act.*, I, 4; VIII, 1, 14; Gal., I, 17 e seg.

3 *Act.*, IX, 26-30, prova, com effeito, que, na mente do author, as expressões de VIII, 1, não tinham um sentido tão absoluto como se poderia julgar.

Digitized by Google

abusos tão repugnantes, que os estabelecimentos communistas são condemnados a desmoronar-se em breve espaço [1], ou a muito breve desconhecerem o principio que os creou [2]. Á perseguição do anno de 37 deve a Egreja cenobitica de Jerusalem o livrar-se da prova do tempo. Cahiu em flôr, antes que a houvessem solapado os embaraços internos. Ficou sendo um sonho esplendido, cuja recordação alentou na sua vida de provas todos os que d'elle haviam participado, um ideal que o christianismo aspirará a alcançar de novo, mas sem o conseguir (I Thess., II, 14). Os que sabem que preciosissimo thesouro é para os membros ainda existentes da Egreja san-simoniana a lembrança de Menilmontant, que amizade estabelece entre elles, e que alegria raia em seus olhos quando n'elle se falla, comprehenderão o solido laço que dispoz entre os novos irmãos o facto de haverem amado, e depois soffrido juntos. As grandes vidas teem quasi sempre por principio alguns mezes durante os quaes é sentido Deus, e cujo perfume basta para encher annos de força e de suavidade.

O primeiro papel, na perseguição que acabamos de referir, coube áquelle moço Saul, que já vimos contribuindo, tanto quanto podia, para a morte de Estevão. Esse furioso, provido de uma licença dos sacerdotes, entrava nas casas suspeitas de asylo dos christãos, lançava mãos violentas aos homens e ás mulheres, e levava uns para a prisão, outros para o tribunal [3]. Gabava-se Saul de que nenhum homem da sua geração zelava tanto como elle as tradições [4]. Na verdade, muitas vezes assombrava-o a mansidão e a resignação das suas victimas; sentia alguma cousa como remorsos; imaginava ouvir aquellas mulheres pias, que havia encarcerado, e que esperavam o reino de Deus, que lhe diziam, de noite, em voz

1 É o que aconteceu com os essenios.
2 É o que aconteceu com os franciscanos.
3 *Act.*, VIII, 3; IX, 13, 14, 21, 26; XXII, 4, 19; XXVI, 9 e seg.; Galat., I, 13, 23; I Cor., XV, 9; Phil., III, 6; I Tim., I, 13.
4 Gal., I, 14; *Act.*, XXVI, 5; Phil., III, 5.

Digitized by Google

suave: «Porque nos persegues?» O sangue de Estevão, que quasi rebentára sobre elle, ennevoava-lhe ás vezes a vista. Coavam-se-lhe no coração muitas cousas que ouvira dizer de Jesus. Aquella creatura sobrehumana, na sua vida ethérea, de que sahia algumas vezes para revelar-se em breves apparições, perseguia-o como um espectro. Mas Saul repellia com horror taes pensamentos. Confirmava-se com certo frenesi na fé em suas tradições, e meditava novas crueldades contra quem as impugnava. O seu nome viera a ser o terror dos fieis, que temiam da parte d'elle as mais atrozes violencias, as mais sanguinolentas perfidias (*Act.*, IX, 13, 21, 26).

Digitized by Google

CAPITULO IX

PRIMEIRAS MISSÕES. — O DIACONO PHILIPPE

(ANNO DE 38)

A consequencia da perseguição do anno de 37 foi, como sempre acontece, uma expansão da doutrina a que se queria empecer. Até agora, a prégação christã tem-se encerrado dentro de Jerusalem ou pouco mais; nenhuma missão tem sido commettida; apertada no seu communismo exaltado mas estreito, a Egreja mãe não tem irradiado de redor de si nem formado Egrejas filiaes. A dispersão do pequeno cenaculo arremessou a boa semente aos quatro ventos do céo. Os membros da Egreja de Jerusalem, violentamente expulsos do seu bairro, espalhavam-se por todas as partes da Judéa e da Samaria (*Act.*, VIII, 1, 4; XI, 19), e por lá prégaram o reino de Deus. Os diaconos, em particular, despidos das suas funcções administrativas pela dissolução da communidade, vieram a ser excellentes evangelistas. Foram o elemento activo e tenro da seita, ao contrario do elemento um pouco pesado constituido pelos apostolos e « hebreus ». A lingua que fallavam seria o sufficiente para dar inferioridade a estes na prégação. Fallavam, pelo menos co-

Digitized by Google

mo lingua habitual, um dialecto de que mesmo os judeus não se serviam a algumas leguas fóra de Jerusalém. Foi aos hellenistas que coube toda a honra da grande conquista de que vamos agora tratar com especialidade.

O theatro da primeira d'essas missões, que breve haviam de abraçar toda a bacia do Mediterraneo, foi a região visinha de Jerusalem, em um circuito de dous ou tres dias de jornada. O diacono Philippe [1] foi o heroe d'essa primeira expedição santa. Evangelisou a Samaria com grande successo. Os Samaritanos eram schismaticos; mas sobre essas questões de orthodoxia a seita nova, a exemplo do mestre, era menos susceptivel do que os judeus rigorosos. Dizia-se que Jesus se mostrára por vezes muito favoravel aos Samaritanos [2].

Parece que Philippe foi um dos homens apostolicos que mais curaram de theurgia (*Act.*, VIII, 5-40). O que d'elle se refere transporta-nos para um mundo estranho e phantastico. Foram explicadas por prodigios as conversões que fez entre os Samaritanos, e em particular em Sebasta, sua capital. Esse paiz estava inçado de idéas supersticiosas sobre a magia. No anno de 36, dous ou tres annos antes da chegada dos prégadores christãos, um fanatico movera entre os Samaritanos um abalo muito serio, prégando a necessidade de voltarem ao primitivo moisaismo, cujos sagrados utensilios affirmava haver achado [3]. Certão Simão, da aldêa de Gitta ou Gitton [4], que de-

1 *Act.*, VIII, 5 e seg. Que não fosse o apostolo, é o que se deduz da comparação das passagens *Act.*, VIII, 1, 5, 12, 14, 40 e XXI, 8. É verdade que o versiculo *Act.*, XXI, 9, comparado com o que dizem Papias (em Eusebio, *H. E.*, III, 39), Polycrates (ibid., V, 24), Clemente de Alexandria (*Strom.*, III, 6) faz identificar o apostolo Philippe, de que fallam estes tres escriptores ecclesiasticos, com o Philippe que tem um papel importante nos *Actos*. Mas é mais natural admittir que n'esse versiculo ha uma inadvertencia e foi interpolado, do que contradizer a tradição das Egrejas da Asia e de Hierapolis, para onde se retirou aquelle Philippe que teve filhas prophetisas. Os dados particulares que possue o author do quarto Evangelho (escripto, como parece, na Asia Menor) ácerca do apostolo Philippe ficam assim explicados.

2 Vej. *Vida de Jesus*, cap. XIV. Mas póde ser que se ache aqui a tendencia habitual do author dos *Actos*.

3 Jos., *Ant.*, XVIII, IV, 1, 2.

4 Hoje *Jit* na estrada de Naplouse a Jaffa, a hora e meia de jornada de Naplouse de Sebastieh. Vej. Robinson, *Biblical researches*, II, pag. 308, nota; III, 134 (2.ª ediç.) e o seu mappa.

Digitized by Google

pois cobrou alta nomeada, já começava a fazer-se conhecido pelos seus prestigios [1]. Doe-nos que o Evangelho tenha em taes chimeras uma preparação e um arrimo. Muita gente foi baptisada em nome de Jesus. Philippe tinha o poder de baptisar, mas não o de conferir o Espirito Santo, privilegio que só cabia aos apostolos. Quando em Jerusalem houve noticia da formação de uma sociedade de fieis em Sebasta, resolveu-se mandar Pedro e João a completar a sua iniciação. Os dous apostolos foram, impozeram as mãos sobre os novos convertidos, oraram sobre as suas cabeças; estes ficaram immediatamente dotados dos maravilhosos poderes inherentes á collação do Espirito Santo. Os milagres, a prophecia, todos os phenomenos do illuminismo se manifestaram, e por esse lado a Egreja de Sebasta não teve nada que invejar á de Jerusalem (*Act.*, VIII, 5 e seg.)

Se cumpre crêr na tradição, Simão de Gitton entrou desde então em relações com os christãos. Convertido, segundo o que se diz, pela prédica e milagres de Philippe, pediu o baptismo e travou intimidade com este evangelista. Depois, quando chegaram os apostolos Pedro e João, e elle viu os poderes sobrenaturaes que se alcançavam pela imposição das mãos, diz-se que foi offerecer-lhes dinheiro para que lhe dessem tambem a faculdade de conferir o Espirito Santo, e que Pedro lhe deu esta admiravel resposta: « Morra comtigo o teu dinheiro, por que julgaste que o dom de Deus se compra! Não tens parte nem herança em tudo isto, porque o teu coração não é recto perante Deus. » (*Act.*, VIII, 9 e seg.)

Fossem ou não proferidas, parece que essas pala-

1 São tão fabulosas as noticias que d'este homem dão os authores christãos, que se tem chegado a duvidar da realidade da sua existencia. Plausiveis se tornam essas duvidas pelo facto de na litteratura pseudo-clementina ser muitas vezes « Simão Mago » um pseudonymo de S. Paulo. Mas não podemos admittir que assente só n'esta base a lenda de Simão. Como é que o author dos *Actos*, tão favoravel a S. Paulo, havia de admittir um dado cujo sentido hostil não podia escapar-lhe? A ordem chronologica da escóla simoniana, os escriptos que d'ella temos, os apontamentos exactos de topographia e de chronologia dados por S. Justino, compatriota d'este thaumaturgo, não se explicam na hypothese de ser imaginaria a pessoa de Simão (Veja-se em especial Justino, *Apol.*, II, 15, e *Dial. cum Tryph.*, 120).

Digitized by Google

vras desenham exactamente a situação de Simão em relação á seita nascente. Com effeito, veremos que, segundo todas as apparencias, Simão de Gitton foi o promotor de um movimento religioso, parallelo ao do christianismo, que póde ser considerado como uma especie de fraudulosa imitação samaritana da obra de Jesus. Simão já teria começado a dogmatisar e a fazer prodigios quando Philippe chegou a Sebasta? Entrou desde logo em relações com a Egreja christã? Terá alguma realidade a anecdota que fez d'elle o pae de toda a « simonia »? Dever-se-ha admittir que o mundo visse um dia na presença um do outro dous thaumaturgos, um dos quaes era um impostor, e o outro era a « pedra » que serviu de base á fé? Seria possivel que um feiticeiro podesse contrapesar os destinos do christianismo? Ignoramol-o por falta de documentos, porque o que dizem os *Actos* a este respeito tem pouca authoridade, e, desde o primeiro seculo, Simão foi para a Egreja christã um assumpto de lendas. Na historia, só a idéa geral é pura. Seria injusto que tivessemos em alguma conta o que ha de desagradavel n'esta triste pagina das origens christãs. Para os auditorios rudes, o milagre prova a doutrina; para nós, a doutrina faz esquecer o milagre. A uma crença que tem consolado e melhorado a humanidade, desculpa-se o haver empregado provas proporcionadas á fraqueza do publico a quem se dirigia. Mas se prova o erro pelo erro, que desculpa póde allegar? Não é uma condemnação que queremos formular contra Simão de Gitton. Teremos occasião de nos explicarmos ácerca da sua doutrina e do papel que desempenhou no reinado de Claudio [1]. O que só cumpria notar aqui é que á sua conta parece que se introduziu um principio importante na theurgia christã. Obrigada a admittir que impostores tambem faziam milagres, a theologia orthodoxa attribuiu esses milagres ao demonio. Por conservar nos prodigios algum valor demonstrativo, foi forçado imaginar regra para estremar os verdadeiros milagres dos falsos. Para

1 Justino, *Apol.*, I, 26, 56.

Digitized by Google

isso desceu-se até uma ordem de idéas muito pueril [1].

Pedro e João, depois de haverem confirmado a Egreja de Sebasta, tornaram-se a Jerusalem, evangelisando de caminho as aldêas samaritanas (*Act.*, VIII, 25). O diacono Philippe continuou as suas lidas evangelicas descendo para o sul ao antigo paiz dos Philisteus (*Act.*, VIII, 26-40). Este paiz, desde o começo do governo dos Macchabeus, tinha sido muito tenteado pelos Judeus [2]; não se dava porém o caso de dominar n'elle o judaismo. N'esta excursão, operou Philippe uma conversão que deu muito que fallar por causa de uma circumstancia particular. Um dia, indo pela estrada de Jerusalem a Gaza, estrada que é muito deserta [3], encontrou um rico viandante, que era evidentemente um estrangeiro, porque ia em carro, modo de locomoção que foi sempre quasi desconhecido dos habitantes da Syria e da Palestina. Ia de Jerusalem, e, assentado gravemente, ia lendo a Biblia em voz alta, segundo um costume muito em voga [4]. Philippe, que em tudo julgava obrar por inspiração do céo, sentiu-se como attrahido para aquelle carro. Acercou-se d'elle, e de manso foi travando conversa com o opulento personagem, offerecendo-se para explicar-lhe as passagens que não comprehendesse. Foi para o evangelista uma boa occasião de desenvolver a these christã sobre as figuras do Antigo Testamento. Provou que, nos livros propheticos, tudo se referia a Jesus, que Jesus era a chave do grande enigma, que era d'elle em particular que o Vidente fallára n'esta bella passagem: « Foi levado a morrer como uma ovelha; como um cordeiro, mudo ante aquelle que o tosquia, não abriu a bocca » (Isaias, LIII, 7). O viajante creu, e quando chegaram a sitio onde havia agua, disse: « Alli está agua; não posso ser baptisado? » Fizeram parar o carro; Phi-

1 Homil. pseudo-clem., XVII, 15, 17; Quadratus, em Eusebio, *Hist. Eccl.*, IV, 3.

2 I Macchab., X, 86, 89; XI, 60 e seg.; Jos., *Ant.*, XIII, XIII, 3; XV, VII, 3; XVIII, XI, 5; *Bel. Jud.*, I, IV, 2.

3 Robinson, *Bibl. researches*, II, pag. 41 e 514-515 (2.ª ediç.)

4 Talm. de Bab., *Erubin*, 53 *b* e 54 *a*; *Sota*, 46 *b*.

Digitized by Google

lippe e o viandante foram á beira da agua, e este foi baptisado.

Ora, o viandante era um homem poderoso. Era um eunucho da candace da Ethiopia, seu ministro da fazenda e guarda dos seus thesouros; fôra adorar a Jerusalem, e regressava a Napata [1] pela estrada do Egypto. *Candace* ou *candaoce* era então o titulo da realeza feminina da Ethiopia [2]. O judaismo tinha por esse tempo entrada na Nubia e na Abyssinia [3]; muitos indigenas haviam-se convertido, ou pelo menos eram contados no numero d'aquelles proselytos que, sem serem circumcidados, adoravam o Deus unico [4]. O eunucho era talvez d'esta classe, simples pagão pio, como o centurião Cornelius, de quem breve fallaremos. Em todo o caso, é impossivel suppor que fosse completamente iniciado no judaismo [5]. Passado isso, não se ouviu mais fallar do eunucho. Mas Philippe contou o successo, e veio tempo em que se lhe deu importancia. Quando veio a ser questão capital a admissão dos pagãos na Egreja christã, achou-se n'isto um precedente muito grave. Julgava-se que Philippe obrára por inspiração divina (*Act.*, VIII, 26, 29). Aquelle baptismo, dado por ordem do Espirito Santo a um homem que mal era judeu, e notoriamente incircumciso, que havia apenas algumas horas que cria no christianismo, teve alto valor dogmatico. Foi um argumento para os que pensavam que as portas da Egreja nova deviam ser abertas para todos [6].

1 Hoje Merawi, perto do Gebel-Barkal (Lepsius, *Denkmœler*, I tab. 1 e 2 *bis*). Strabo, XVII, I, 54.

2 Strabo, XVII, I, 54; Plin., VI, XXXV, 8; Dion. Cass., LIV, 5; Eusebio, *H. E.*, II, 1.

3 Ainda existem com o nome de *Falâsiân* os descendentes d'esses judeus. Sahiram do Egypto os missionarios que os converteram. A sua versão da Biblia foi feita da versão grega. Os Fâlasyân não são israelitas de sangue.

4 João, XII, 20; *Act.*, X, 2.

5 Vej. Deuter., XXIII, 1. É verdade que *eunouchos* póde tomar-se por catachresis para designar um camarista ou funccionario de côrte oriental. Mas *dynastes* bastava para representar essa idéa; por tanto *eunouchos* aqui deve tomar-se no sentido proprio.

6 Seria temeridade concluir d'ahi que toda esta historia foi inventada pelo author dos *Actos*. Elle folga de insistir nos factos que favorecem as suas opiniões; mas não nos parece que se sirva de factos puramente symbolicos ou imaginados com intenção.

522555

Digitized by Google

Philippe, depois d'essa aventura, foi a Aschdod ou Azote. Era tal o singelo estado de enthusiasmo d'esses missionarios, que julgavam a cada passo ouvir vozes do céo, receber inspirações do Espirito [1]. Cada um dos seus passos parecia-lhes dirigido por uma força superior, e quando iam de uma cidade a outra, pensavam que obedeciam a uma inspiração sobrenatural. Ás vezes, imaginavam que faziam viagens aéreas. N'esse ponto era Philippe um dos mais exaltados. Por indicação de um anjo cuidava ter ido da Samaria ao sitio onde encontrou o eunucho; depois do baptismo d'este, estava persuadido de que o Espirito o arrebatára e o transportára a Azote [2].

Azote e a estrada de Gaza foram o termo da primeira predica evangelica para o lado do sul. Além havia o deserto e a vida nomada em que o christianismo nunca pôde influir muito. De Azote, o diacono Philippe volveu-se para o norte e evangelisou toda a costa até Cesaréa. Foram talvez fundadas por elle as Egrejas de Joppé e de Lydda, que breve veremos florescentes (*Act.*, IX, 32, 38). Em Cesaréa, estabeleceu assento e fundou uma Egreja importante (*Act.*, VIII, 40; XI, 11). Lá o acharemos ainda passados vinte annos (*Act.*, XXI, 8). Cesaréa era uma cidade nova e a mais consideravel da Judéa [3]. Tinha sido edificada no sitio de uma fortaleza sidonia chamada « torre de Abdastarte, ou de Straton », por Herodes o Grande, que lhe deu, em honra de Augusto, o nome que as suas ruinas ainda hoje teem. Cesaréa era o melhor porto de toda a Palestina, e tendia a vir a ser sua capital. Descontentes da residencia em Jerusalem, brevemente iam estabelecer n'ella os procuradores da Judéa a sua morada habitual [4]. Os seus habitantes eram na maior parte pagãos [5]; mas os judeus

1 Para o estudo analogo dos primeiros Mormons, vej. Julio Remy, *Voyage au pays des Mormons*, I, pag. 195 e seguintes.
2 *Act.*, VIII, 39-40. Comp. Luc., IV, 14.
3 Jos., *Bel. Jud.*, III, IX, 1.
4 *Act.*, XXIII, 23 e seg.; XXV, 1, 5; Tacito, *Hist.*, II, 79.
5 Jos., *B. J.*, III, IX, 1.

Digitized by Google

eram numerosos, e muitas vezes se haviam travado desapiedadas rixas entre as duas classes [1]. A lingua grega era a unica que lá se fallava, e até mesmo os Judeus haviam chegado a recitar em grego certas partes da liturgia [2]. Os austeros rabbis de Jerusalem consideravam Cesaréa como residencia profana, perigosa, e onde o judeu se tornava quasi pagão [3]. Por todas as razões allegadas, essa cidade ha-de ter muita importancia n'esta historia. Foi por assim dizer o porto do christianismo, o ponto pelo qual a Egreja de Jerusalem communicou com todo o Mediterraneo.

Muitas outras missões, cuja historia ignoramos, se realisaram parallelamente á de Philippe (*Act.*, XI, 19). A rapidez com que se levou a effeito essa primeira prégação foi exactamente a causa do seu successo. No anno de 38, cinco annos depois da morte de Jesus, e talvez um anno depois da morte de Estevão, toda a Palestina áquem do Jordão ouvira a boa nova da bocca dos missionarios que partiram de Jerusalem. A Galiléa, pela sua parte, guardava a semente santa, e provavelmente lançava-a pelos arredores. Nada se sabe de missões que partissem d'esse paiz. Póde ser que a cidade de Damasco, que, desde esta época, tambem tinha christãos (*Act.*, IX, 2, 10, 19), recebesse a fé de prégadores galileus.

1 Jos., *Ant.*, XX, VIII, 7; *Bel. J.*, II, XIII, 5; XIV, 5; XVIII, 1.
2 Talmud de Jerusalem, *Sota*, 21 *b*.
3 Jos., *Ant.*, XIX, VII, 3-4; VIII, 2.

Digitized by Google

CAPITULO X

CONVERSÃO DE S. PAULO

Mas o anno de 38 deu á Egreja nascente uma conquista de ordem muito differente. Com effeito, é a este anno [1] que se póde referir com probabilidade a conversão d'aquelle Saul que já vimos complice na lapidação de Estevão, agente principal da perseguição do anno de 37, e que, por mysterioso effeito da graça, vai ser o mais ardente discipulo de Jesus.

Saul nascera em Tarso, na Cilicia [2], no anno de 10 ou 12 da nossa era [3]. Segundo a moda d'aquelle tempo, haviam-lhe alatinado o nome em « Paulo » [4]; mas não foi sempre chamado Paulo, salvo desde que se

1 Deduz-se esta data da comparação dos cap. IX, XI, XII dos *Actos* com Gal., I, 18; II, 1, e do synchronismo que apresenta o cap. XII dos *Actos* com a historia profana, synchronismo que determina a data dos factos contados n'esse cap. no anno de 44.

2 *Act.*, IX, 11; XXI, 39; XXII, 3.

3 Na epistola a Philemon, escripta em 61, elle mesmo diz que é velho (v. 9). Em *Act.*, VII, 57, é dado como mancebo para um facto relativo ao anno 37 pouco mais ou menos.

4 Do mesmo modo que os Jesus eram Jason; os José, Hegesippo; os Eliacim, Alcimo, etc. S. Jeronymo (*De viris ill.*, 5) suppõe que Paulo tomou o seu nome do proconsul Sergio Paulo (*Act.*, XIII, 9). Esta explicação parece pouco admissivel. Se os *Actos* não dão a Saul o nome de Paulo senão desde as suas relações com este personagem, é talvez porque o primeiro acto notavel de Paulo como apostolo dos gentios foi a conversão supposta de Sergio.

Digitized by Google

incumbiu do papel de apostolo dos gentios [1]. Era do mais puro sangue judaico [2]. A sua familia, oriunda talvez da cidade de Gischala na Galiléa [3], dizia que pertencia á tribu de Benjamin [4]. Seu pae tinha de posse o titulo de cidadão romano (*Act.*, XXII, 28). Algum dos seus avós havia comprado essa qualidade, ou a adquirira por serviços. Póde-se suppôr que seu avô a alcançasse por haver ajudado Pompeu na conquista romana (63 annos antes de J.-C.) A sua familia, como todas as boas e antigas casas judaicas, pertencia ao partido dos phariseus (*Act.*, XXIII, 6). Paulo foi creado nos mais severos principios d'essa seita [5], e, se veio a engeitar-lhe os dogmas acanhados, conservou sempre a fé ardente, a rispidez e a exaltação.

Era Tarso, no tempo de Augusto, uma cidade muito florescente. Os habitantes eram, na maior parte, da raça grega e araméa; mas entre elles havia judeus em grande numero, como em todas as cidades commerciaes [6]. O gosto pelas letras e pelas sciencias era muito vulgar em Tarso, e não havia nenhuma cidade, sem exceptuar Athenas e Alexandria, que fosse tão rica em escólas e em institutos scientificos [7]. É verdadeiramente extraordinario o numero dos homens sabios que deu esta cidade ou que n'ella estudaram [8]. Mas não se deve concluir d'isto que Paulo recebeu uma educação hellenica muito apurada. Raro cursavam os judeus os estabelecimentos de instrucção profana [9]. As mais celebres escólas de Tarso eram as de rhetorica [10]. A primeira cousa que n'ellas se aprendia era o grego classico. Não é

1 *Act.*, XIII, 9 e o resto; a assignatura de todas as epistolas; II Pedro, III, 15.
2 As calumnias ebionitas (Epiph., *Adv. hær.*, XXX, 16 e 25) não devem ser tomadas a serio.
3 S. Jeron., *loc. cit.* Esta tradição parece ter algum fundamento, apesar de inadmissivel como a apresenta S. Jeronymo.
4 Rom., XI, 1; Phil., III, 5.
5 Phil., III, 5; *Act.*, XXVI, 5.
6 *Act.*, VI, 9; Philo, *Leg. ad Caium*, §. 36.
7 Strabo, XIV, x, 13.
8 *Ibid.*, XIV, x, 14-15; Philostrato, Vida d'Apollonio, I, 7.
9 Jos., *Ant.*, ultimo paragrapho. Confr. *Vida de Jesus*, pag. 29-30.
10 Philostrato, *loc. cit.*

Digitized by Google

crivel que um homem com lições mesmo só elementares de grammatica e de rhetorica escrevesse na linguagem extravagante, incorrecta e de fórmas tão pouco hellenicas que vemos nas cartas de S. Paulo. Fallava por costume e com facilidade o grego (*Act.*, XVII, 22; XXI, 37); escrevia ou antes dictava n'essa lingua [1]; mas o seu grego era o dos judeus hellenistas, grego cheio de hebraismos e de syriacismos, que mal poderia entender um letrado do tempo, e que só se comprehende bem procurando-se a fórma syriaca que Paulo tinha na idéa quando dictava. Elle mesmo confessa o caracter popular e grosseiro da sua lingua (II Cor., XI, 6). Quando podia, fallava «o hebreu», isto é o syro-chaldeu de então [2]. Era n'essa lingua que elle pensava; foi n'essa lingua que lhe fallou a voz intima do caminho de Damasco (*Act.*, XXVI, 14).

A sua doutrina tambem não accusa nenhum emprestimo directo da philosophia grega. A citação de um verso da *Thais* de Menandro, que se lê nos seus escriptos [3], é um d'aquelles proverbios monosticos que andavam em todas as boccas e que qualquer pessoa podia allegar sem haver lido os originaes. Mais duas citações, uma de Epimenides, outra de Aratus, que figuram em seu nome [4], tambem se explicam por obra em segunda mão [5]. A cultura de Paulo é quasi exclusivamente judaica (Gal., I, 14). É mais no Talmud do que na Grecia classica que devemos procurar-lhe semelhantes. Algumas idéas geraes que a philosophia divulgára por toda a parte, e de que podia ter noticia quem nunca abrisse um livro dos philosophos [6], foram as unicas que

1 Gal., VI, 11; Rom., XVI, 22.

2 *Act.*, XXI, 40. Na minha *Historia das linguas semiticas* (II, I, 5; III, I, 2) expliquei o sentido de *ebraisti*.

3 I Cor., XV, 33. Confr. Meinecke, *Menandri frag.*, pag. 75.

4 Tit., I, 12; *Act.*, XVII, 28. É muito duvidosa a authenticidade da epistola a Tito. Quanto ao discurso que lemos no cap. XVII dos *Actos*, é mais obra do author dos *Actos* do que de S. Paulo.

5 O verso citado de Aratus (Phœnom., 5) acha-se, com effeito, em Cleantho (*Hymno a Jupiter*, 5). De certo o colheram ambos de algum hymno religioso anonymo.

6 *Act.*, XVII, 22 e seg.; tendo em conta o que dissemos na nota penultima.

Digitized by Google

alcançou. É altamente singular o seu modo de raciocinar. Com certeza não sabia nada da logica peripatetica. O seu syllogismo não é por modo nenhum o de Aristoteles; pelo contrario, a sua dialectica tem a maior semelhança com a do Talmud. Paulo, em geral, deixa-se mover mais pelas palavras do que pelas idéas. Uma palavra que tem na mente domina-o e o leva para uma ordem de pensamentos muito apartada do objecto principal. As suas transições são precipitadas, os seus desenvolvimentos interrompidos, os seus periodos atalhados com frequencia. Não houve escriptor mais irregular. Debalde procurariamos em todas as litteraturas um phenomeno tão singular como o de uma pagina sublime, qual é o capitulo decimo terceiro da primeira epistola aos Corinthios, ao lado de frouxas argumentações, de desagradaveis repetições, de fastidiosas subtilezas.

Seu pae destinou-o cedo para rabbi: mas, segundo o costume geral [1], deu-lhe uma profissão. Paulo era tapeceiro (*Act.*, XVIII, 3), ou, se quizerem, trabalhava nos grandes pannos da Cilicia a que se dava o nome de *cilicium*. Exerceu algumas vezes essa profissão [2]. Não tinha bens patrimoniaes. Teve pelo menos uma irmã, e esta teve um filho que residiu em Jerusalem (*Act.*, XXIII, 16). São muito vagos e muito incertos os indicios que temos de um irmão (II Cor., VIII, 18, 22; XII, 18) e de outros parentes [3], de quem se diz que abraçaram o christianismo.

Como a delicadeza de maneiras está, segundo o pensar da moderna burguezia, na razão dos haveres, poder-se-hia fazer de Paulo, pelo que fica dito, a idéa de um homem do povo mal educado e rustico. Pois seria uma idéa inteiramente falsa. Quando elle queria, era extrema a sua urbanidade. Apesar da incorrecção do estylo, revelam as suas cartas um homem de engenho [4],

1 Veja-se *Vida de Jesus*, pag. 64.
2 *Act.*, XVIII, 3; I Cor., IV, 12; I Thess., II, 9; II Thess., III, 8.
3 Rom., XVI, 7, 11, 21. Sobre o sentido de *syggenes* n'estas passagens, vej. a pag. 67, nota 3.
4 Especialmente a epistola a Philemon.

Digitized by Google

que da elevação dos seus sentimentos colhe expressões altamente felizes. Não ha outra correspondencia que manifeste attenções mais apuradas, mais finas delicadezas, mais amaveis hesitações e acanhamentos. Repugna-nos em um ou dous gracejos [1]. Mas que veia! que opulencia de bellissimas phrases! que naturalidade! Sente-se que o seu caracter, quando a paixão não lhe dava rudes agastamentos, devia ser o de um homem cortez, solicito, affectuoso, ás vezes melindroso, e um pouco invejoso. Somenos perante um publico numeroso (II Cor., x, 10), logram homens assim, no gremio das pequenas Egrejas, vantagens immensas pela affeição que inspiram, por seus talentos praticos, e pela sua maneira habil de se furtarem aos maiores embaraços.

Paulo tinha côr doentia, e o seu aspecto parece que não correspondia á grandeza da sua alma. Era feio, baixo, grosso e derreado. Era de um effeito esquipatico a sua cabeça pequena e calva sobre as suas espaduas robustas. O rosto pallido era, digamol-o assim, invadido por espessa barba, nariz aquilino, olhos perspicazes, sobrancelhas pretas que se juntavam na fronte [2]. A sua palavra tambem não tinha nada que lhe désse authoridade [3]. Certo acanhamento, embaraço e incorrecção davam logo uma pobre idéa da sua eloquencia [4]. Como homem de delicado tino, fallava com frequencia nos seus defeitos exteriores, e tirava d'elles partido [5]. É notavel na raça judaica a existencia de typos da mais alta belleza e da mais rematada fealdade; mas a fealdade judaica é verdadeiramente singular. Ha d'esses aspectos caprichosos que movem o sorriso, que, desde o momento

1 Gal., v, 12; Phil., III, 2.

2 *Acta Pauli et Theclæ*, 3, em Tischendorf, *Acta apost. apocr.* (Leipzig 1851), pag. 41 e as notas (texto antigo, quando mesmo não fosse o original de que falla Tertulliano); o *Philopatris*, 12 (obra composta no anno de 363); Malala, *Chronogr.*, pag. 257, ediç. Bonn., Nicephoro, *Hist. Eccles.*, II, 37. Todas estas passagens, mórmente a do *Philopatris*, fazem suppôr o exame de retratos muito antigos. O que lhes dá authoridade é que Malala, Nicephoro, e mesmo o author dos *Actos de S. Thécla* querem, apesar de tudo isso, que Paulo fosse um homem bello.

3 I Cor., II, 1 e seg.; II Cor., x, 1-2, 10; XI, 6.

4 I Cor., II, 3; II Cor., x, 10.

5 II Cor., XI, 30; XII, 5, 9, 10.

Digitized by Google

em que se illuminam, patenteam certa magestade e certa luz que vem do intimo.

O temperamento de Paulo não era menos singular do que o seu exterior. A sua compleição, que evidentemente era muito resistente, porque aturou uma vida cheia de fadigas e soffrimentos, não era saudavel. Elle allude muitas vezes á sua fraqueza corporal; apresenta-se como homem que só tem um sopro, homem doente, sem forças, e, de mais, timido, sem boa representação, sem prestigio, sem cousa nenhuma do que produz effeito, de maneira que havia merito em quem não attendesse a tão mesquinhas apparencias [1]. Além d'isso, falla com ares de mysterio de uma prova secreta, de « um espinho cravado na sua carne », que compara a um anjo de Satanaz, occupado em esbofeteal-o, e a quem Deus permittiu que não se desaferrasse d'elle para tolher-lhe assomos de soberba (II Cor., XII, 7-10). Tres vezes pediu ao Senhor que o livrasse d'aquelle espinho; tres vezes o Senhor lhe respondeu: « Basta-te a minha graça ». Era provavelmente alguma enfermidade: mal se póde crêr que fosse o attractivo dos deleites carnaes, porque elle mesmo nos diz que era insensivel a essas deleitações [2]. Parece que não casou [3]; manifesta-se em toda a sua vida a completa frieza do seu temperamento, consequencia dos fervores sem igual do seu cerebro. Paulo jacta-se d'isso com uma confiança que não era talvez isenta de alguma affectação, e que, em todo o caso, é para nós um pouco desagradavel (I Cor., VII, 7-9).

Foi a Jerusalem quando moço (*Act.*, XXII, 3; XXVI, 4), e diz-se que cursou a escóla de Gamaliel o Velho [4].

1 I Cor., II, 3; II Cor., I, 8-9; X, 10; XI, 30; XII, 5, 9-10; Gal., IV, 13-14.

2 I Cor., VII, 7-8 e o contexto.

3 I Cor., VII, 7-8; IX, 5. Este segundo passo está longe de ser demonstrativo. Phil., IV, 3, faria suppôr o contrario. Comp. Clemente de Alex., *Strom.*, III, 6, e Euseb., *H. E.*, III, 30. A passagem I Cor., VII, 7-8, é a unica que tem aqui valor.

4 *Act.*, XXII, 3. Paulo não falla d'este mestre em certos pontos onde seria natural que o mencionasse (Phil., III, 5). Não é impossivel que o author dos *Actos* pozesse premeditadamente o seu heroe em relações com o mais celebre doutor de Jerusalem cujo nome sabia. Ha absoluta contradicção entre os principios de Gamaliel (*Act.*, V, 34 e seg.) e o proceder de Paulo antes da sua conversão.

Digitized by Google

Gamaliel era o homem de mais letras de Jerusalem. Como se applicava o nome de phariseu a todo o Judeu de consideração que não pertencia a familias sacerdotaes, era tido Gamaliel por membro d'essa seita. Mas não tinha o caracter mesquinho e exclusivo dos phariseus. Era homem liberal, erudito, que comprehendia os pagãos, e que sabia o grego [1]. Póde ser que as idéas liberaes que S. Paulo professou depois de christão fossem uma reminiscencia das lições do seu primeiro mestre; mas é preciso confessar que não aprendeu d'elle a moderação. Na ardente atmosphera de Jerusalem, chegou a um grau extremo de fanatismo. Era cabeça do novo partido phariseu, rigorista e exaltado, que levava até ao ultimo extremo a dedicação ao passado nacional [2]. Não conheceu Jesus [3], e não assistiu ao sangrento espectaculo do Golgotha. Mas já o vimos tomando parte activa na morte de Estevão, e figurando como um dos maiores perseguidores da Egreja. Respirava só morte e ameaças, e corria Jerusalem como verdadeiro furioso, com um mandato que authorisava todas as suas ferocidades. Andava de synagoga em synagoga, obrigando os timidos a renegarem o nome de Jesus, e mandando açoutar ou prender os outros [4]. Dispersa a Egreja de Jerusalem, cahiram as suas iras sobre as cidades visinhas (*Act.*, XXVI, 11); os progressos que realisava a fé nova exasperavam-no, e, tendo noticia de que se formára em Damasco uma sociedade de fieis, pediu ao summo sacerdote Theophilo, filho de Hanan [5], cartas para a synagoga d'aquella cidade, que lhe conferissem o poder de prender os de idéas desvairadas, e de os levar amarrados para Jerusalem [6].

A perturbação da authoridade romana na Judéa,

1 Vej. *Vida de Jesus*, pag. 196.
2 Gal., I, 13-14; *Act.*, XXII, 3; XXVI, 5.
3 II Cor., V, 16 está longe de affirmal-o. As passagens *Act.*, XXII, 3; XXVI, 4, fazem crêr que Paulo esteve em Jerusalem quando lá esteve Jesus. Mas não é isso uma razão para que visse um ao outro.
4 *Act.*, XXII, 4, 19; XXVI, 10-11.
5 Summo sacerdote de 37 a 42. Jos., *Ant.*, XVIII, V, 3; XIX, VI, 2.
6 *Act.*, IX, 1-2, 14; XXII, 5; XXVI, 12.

Digitized by Google

desde a morte de Tiberio, explica estas arbitrarias vexações. Imperava o desassisado Caligula. A administração desconcertava-se em toda a parte. O fanatismo ganhára tudo o que havia perdido o poder civil. Depois da demissão de Pilatos e das concessões feitas aos indigenas por Lucio Vitellio, assentou-se em que o paiz se governasse pelas suas leis. Mil tyrannias locaes aproveitaram-se da frouxidão de um poder perdido na indolencia. De mais, Damasco acabava de passar para o governo do rei nabateu Hartat ou Hâreth, cuja capital era em Petra [1]. Esse principe, poderoso e esforçado, depois de haver derrotado Herodes Antipas e de resistir ao exercito capitaneado pelo legado imperial Lucio Vitellio, fôra grandemente favorecido da sorte. A noticia da morte de Tiberio (16 de Março de 37) havia detido subitamente Vitellio [2]. Hareth assenhoreou-se de Damasco e deu-lhe um ethnarca ou governador [3]. Os judeus, quando succedeu esta mudança de governo, formavam um partido importante. Eram numerosos em Damasco, onde exerciam grande proselytismo, mórmente entre as mulheres [4]. Convinha contental-os; o meio de carear-lhes as sympathias consistia em fazer concessões á sua autonomia, e qualquer concessão á sua autonomia era uma licença para violencias religiosas [5]. Dar castigos e a morte aos que não pensavam como elles, é o que chamavam independencia e liberdade.

Paulo, sahindo de Jerusalem, metteu-se de certo na estrada ordinaria, e passou o Jordão na « ponte das Filhas de Jacob ». Era extraordinario o grau de exaltação do seu cerebro; ás vezes sentia-se torvado e agitado. A paixão não é uma regra de fé. O homem tomado

1 Vej. *Revue numismat.*, nova serie, tomo III (1858), pag. 296 e seg.; 362 e seg.; *Revue archeol.*, Abril 1864, pag. 284 e seg.

2 Jos., *B. J.*, II, XX, 2.

3 II Cor., XI, 32. A serie das moedas romanas de Damasco mostra, com effeito, uma lacuna nos reinados de Caligula e de Claudio. Eckhel, *Doctrina num. vet.*, parte 1.ª, vol. III, pag. 330. A moeda damasquina do typo de « Aretas philhellena » (*ibid*) parece ser do Hareth de que fallamos (communicação de Waddington).

4 Jos., *Ant.*, XVIII, V, 1, 3.

5 Comp. *Act.*, XII, 3; XXIV, 27; XXV, 9.

Digitized by Google

de paixão passa de uma crença para outra muito diversa; mas não se modifica o fervor. Como todas as almas energicas, tinha Paulo o amor perto do odio. Por ventura tinha a certeza de não contrariar a obra de Deus? Talvez lhe salteassem a mente as idéas tão circumspectas e tão justas do seu mestre Gamaliel (*Act.*, v, 34 e seg.) Almas assim ardentes passam muitas vezes por terriveis conversões. Fascinavam-no aquelles que torturava [1]. Aquelles bons sectarios, quanto mais alguem os conhecia, mais os amava. Ora, ninguem os conhecia tão bem como o seu perseguidor. Ás vezes afigurava-se-lhe que via o affavel aspecto do mestre que tanta paciencia inspirava aos seus discipulos, a olhar para elle com mostras de dó e de terna censura. Abalava-o o que se contava das apparições de Jesus, concebido como um ser aereo e ás vezes visivel; porque, nas épocas e nos paizes em que se crê no maravilhoso, os contos de milagres produzem igual effeito nos partidos oppostos; os musulmanos teem medo dos milagres de Elias, e pedem, como os christãos, curas sobrenaturaes a S. Jorge e a S. Antonio.

Paulo, depois de haver atravessado a Ituréa, entrára na grande planicie de Damasco. Acercava-se da cidade, e provavelmente já tinha entrado nos jardins que a cercam. Era meio dia [2]. Paulo tinha muitos companheiros de jornada, e parece que a fazia a pé [3].

A estrada de Jerusalem a Damasco tem mudado mui pouco. É a que, sahindo de Damasco contra o sudoeste, corta a bella planicie regada ao mesmo tempo pelos ribeiros affluentes do Abana e do Pharphar, e na qual se assentam hoje as aldêas de Dareya, Kaukab, Sasa. Não se póde acertar com o sitio de que fallamos, e em que vai dar-se um dos factos mais importantes da historia da humanidade, além de Kaukab (a quatro ho-

1 Veja-se um facto analogo na conversão de Omar. Ibn-Hischam, Sirat errasoul, pag. 226 (ediç. Wustenfeld).
2 *Act.*, IX, 3; XXII, 6; XXVI, 13.
3 *Act.*, IX, 4, 8; XXII, 7, 11; XXVI, 14, 16.

Digitized by Google

ras de jornada de Damasco) [1]. Até mesmo é provavel que esse ponto fosse muito mais proximo da cidade, e que se acertasse com a verdade collocando-o em Dareya, a uma hora e meia de jornada de Damasco, ou entre Dareya e a extremidade do Meidan [2]. Paulo tinha diante de si a cidade, enxergando já provavelmente alguns dos seus edificios atravez das arvores; atraz ficava-lhe o magestoso cimo do Hermon, com a sua coma de neve, que o faz parecer a cabeça encanecida de um ancião; á direita, o Hauran, as duas pequenas cordilheiras parallelas que estreitam o curso inferior do Pharphar (*Nahr el-Awadj*), e os tumulos da região dos lagos; á esquerda, os ultimos contrafortes do Anti-Libano, que vão prender-se ao Hermon. É de tranquillidade e de intimo contentamento a impressão d'essas campinas ricamente cultivadas, d'esses deliciosos vergeis, separados por sargetas e opulentos dos mais bellos fructos. Afigure-se uma estrada sombreada, aberta em espessa camada de terra vegetal, sempre humedecida pelos canaes de rega, orlada de escarpas, e colleando-se por entre oliveiras, damasqueiros, nogueiras, ameixieiras, ligadas umas a outras por vinhas dispostas em fórma de girandola, e ter-se-ha a representação do lugar do singular acontecimento que tão alta influencia teve na fé. Mal parecem do Oriente estas cercanias de Damasco [3], e sobre tudo, quando sahe o viajante das escabrosas e adustas regiões da Gaulonitida e da Ituréa, o que delicia a alma é a alegria de tornar a vêr os trabalhos do homem e as bençãos do céo. Das mais apartadas eras até hoje, toda essa zona que cerca Damasco de frescor e de abundancia só tem tido um nome, só tem inspirado um sonho, o do « paraiso de Deus ».

Se ahi teve Paulo terriveis visões é porque as levava na mente. Cada passo que dava para Damasco movia n'elle

1 É onde a tradição da idade media assentava o lugar do milagre.
2 É o que se deduz de *Act.*, IX, 3, 8; XXII, 6, 11.
3 A planicie fica a mais de mil e setecentos metros acima do nivel do mar.

Digitized by Google

pungentes perplexidades. Começava a ser-lhe insupportavel o odioso papel de algoz. As casas que começa a enxergar são talvez as das suas victimas. Essa idéa molesta-o e afrouxa-lhe os passos; quizera não ir ávante; imagina resistir a um aguilhão que o espicaça (*Act.*, XXVI, 14). Abate-o a fadiga da jornada [1], junta a esta preoccupação. Parece que levava os olhos inflammados [2], talvez por um principio de ophthalmia. Em largas jornadas, as derradeiras horas são as mais perigosas. Juntam-se todas as causas debilitantes dos dias passados; as forças nervosas afrouxam-se; opera-se uma reacção. Tambem póde ser que a subita passagem da planicie abrasada pelo sol para as frescas sombras dos jardins produzisse um abalo na organisação doentia [3] e gravemente agitada do fanatico viandante. N'aquellas paragens, as febres perniciosas, acompanhadas de tresvario, são perfeitamente subitas. Em alguns minutos fica o viandante como fulminado. Passado o accidente, conserva a impressão de uma noite de trevas, cortada de relampagos, em que viu imagens delineadas em um centro escuro [4]. O que é certo é que uma terrivel commoção tirou a Paulo o que ainda lhe restava de consciencia distincta, e o derribou sem accordo.

É impossivel, com as noticias que temos d'este singular acontecimento [5], dizer se algum facto externo occasionou a crise que deu ao christianismo o seu mais fervoroso apostolo. Mas em taes casos, pouca valia tem o facto exterior. O estado da alma de Paulo, os seus remorsos ao acercar-se da cidade onde ia pôr o remate aos seus erros, foram as verdadeiras causas da sua con-

1 De Jerusalem a Damasco ha oito jornadas grandes.
2 *Act.*, IX, 8, 9, 18; XXII, 11, 13.
3 II Cor., XII, 1 e seg.
4 Tive em Byblos um d'esses accidentes; com outros principios, de certo tomára por visões as allucinações que então senti.
5 Temos tres noticias d'este importante episodio: *Act.*, IX, 1 e seg.; XXII, 5 e seg.; XXVI, 12 e seg. As differenças entre estas passagens mostram que o apostolo variava no modo como contava a sua conversão. Mesmo o que se conta em *Actos*, IX, não é homogéneo, como breve mostraremos. Comp. Gal., I, 15-17; I Cor., IX, 1; XV, 8; *Act.*, IX, 27.

Digitized by Google

versão [1]. Pela minha parte dou preferencia á hypothese de um facto pessoal a Paulo e só por elle sentido [2]: mas não é inverosimil que de repente estalasse uma trovoada [3]. Os flancos do Hermon são o ponto de formação de trovoadas cuja violencia não tem igual. Os animos mais frios não passam sem abalo atravez d'aquellas espantosas chuvas de fogo. Note-se que, para toda a antiguidade, os accidentes d'essa natureza eram revelações divinas, que, com as idéas que então havia da Providencia, nada era casual, que cada homem costumava referir a si os phenomenos naturaes que surgiam de redor d'elle. Para os Judeus, em particular, o trovão era sempre a voz de Deus, o raio o fogo de Deus. Paulo estava submettido á mais viva excitação. Era natural que attribuisse á voz da trovoada o que tinha em seu coração. Que fosse tomado de repente de um delirio febril, resultado da impressão do sol ou de uma ophthalmia; que um relampago occasionasse longo deslumbramento; que uma centelha electrica o derribasse e lhe causasse uma commoção cerebral, que por algum tempo obliterou o sentido da vista, — pouco importa. Parece que a esse respeito as recordações do apostolo foram muito confusas. Elle estava persuadido de que o facto fôra sobrenatural, e esse pensar não permittia que tivesse clara luz das circumstancias materiaes. Essas commoções cerebraes produzem ás vezes uma especie de effeito retroactivo, e turbam completamente as recordações dos momentos que precederam a crise [4]. Além d'isso, mesmo Paulo nos

1 Entre os Mormons e nos « despertadores » americanos, quasi todas as conversões procedem tambem de grande tensão da alma, que produz allucinações.

2 Póde muito bem ser que seja lendaria a circumstancia de ouvirem e verem os companheiros de Paulo o que elle vê e ouve, mesmo porque as noticias, n'este ponto, estão em expressa contradicção. Comp. *Act.*, IX, 7; XXII, 9; XXVI, 13. Não se conforma com estas noticias a hypothese de ir Paulo a cavallo, e cahir do cavallo. Quanto á opinião que engeita tudo o que referem os *Actos*, fundando-se em *en moi* de Gal., I, 16, é exagerada. *En moi*, n'este passo, significa « para mim ». Confr. Galat. I, 24. De certo teve Paulo, em um momento determinado, uma visão que moveu a sua conversão.

3 *Act.*, IX, 3, 7; XXII, 6, 9, 11; XXVI, 13.

4 É o que senti no meu accidente de Byblos. Cahiram-me completamente da lembrança os acontecimentos da vespera.

Digitized by Google

diz que era sujeito a visões (II Cor., XII, 1 e seg.); uma circumstancia de pouco peso para qualquer outro homem seria bastante para alheal-o.

No meio das allucinações a que estavam submettidos todos os seus sentidos, que viu elle? que ouviu? Viu a imagem que de muitos dias o perseguia; viu o fantasma de que tanto se fallava. Viu Jesus [1] que lhe dizia em hebreu: «Saul, Saul, porque me persegues?» As compleições impetuosas passam por completo de um a outro extremo [2]. Ha para ellas o que não existe para os temperamentos frios — momentos solemnes, minutos que decidem do resto da vida. Os homens de muito reflectir não mudam; transformam-se. Pelo contrario, os homens fogosos mudam e não se transformam. O dogmatismo é como uma tunica de Nessus que não podem despir. Carecem de um protexto para o amor e para o odio. Só as nossas raças occidentaes é que tem sabido produzir caracteres desafogados, delicados, fortes e flexiveis, que não se deixam mover de uma illusão momentanea, nem seduzir por uma van affirmação. O Oriente nunca teve homens assim. Em alguns segundos, conglobaram-se na alma de Paulo todos os seus mais profundos pensamentos. Viu bem ao vivo o que havia de horroroso nos seus actos. Viu-se aspergido com sangue de Estevão; esse martyr appareceu-lhe como seu pae, como seu iniciador. O abalo não podia ser mais violento. Mas, em summa, tinha mudado de fanatismo; nada mais. A sua sinceridade, a sua necessidade de fé absoluta não lhe consentiam meios termos. Era claro que desenvolveria um dia por Jesus um zelo de fogo igual áquelle com que o perseguira.

Paulo entrou em Damasco com auxilio dos seus companheiros que o levaram pela mão (*Act.*, IX, 8; XXII, 11) para casa de certo Judas, que morava na rua Direita, grande rua de columnatas, de mais de uma milha

1 *Act.*, IX, 27; Gal., I, 16; I Cor., IX, 1; XV, 8. Homelias pseudo-clem., XVII, 13-19.

2 Compare-se o que aconteceu a Omar. *Sirat errasoul*, pag. 226.

Digitized by Google

de comprido e de cem pés de largo, que atravessava a cidade de leste a oeste, por onde ainda hoje passa, com pequenos desvios, a principal arteria de Damasco [1]. A intensidade do deslumbramento (*Act.*, XXII, 11) e do tresvario não diminuia. Por espaço de tres dias, Paulo, tomado de febre, não comeu nem bebeu. Adivinha-se facilmente o que passou durante essa crise n'aquella cabeça ardente, desvairada por violenta commoção. Na presença d'elle fallou-se nos christãos de Damasco e em particular em certo Hananias, que parece que foi o superior da communidade [2]. Paulo ouvira celebrar muitas vezes os milagrosos poderes dos novos crentes relativamente a doenças; apossou-se d'elle a idéa de livrar-se do estado em que estava pela imposição das mãos. Continuava a inflammação dos olhos. Entre as imagens que lhe iam atravessando o cerebro [3], julgou vêr entrar Hananias e fazer-lhe o gesto familiar aos christãos. Desde então ficou persuadido de que havia de dever a sua cura a Hananias. Hananias, avisado, foi vêl-o, falloulhe com affabilidade, chamou-lhe irmão, e impoz-lhe as mãos. Entrou o socego na alma de Paulo. Julgou-se curado, e, como a doença era mais que tudo nervosa, ficou curado. Diz-se que lhe cahiram dos olhos umas crustasinhas ou escamas [4]; comeu e cobrou forças.

Pouco tardou em receber o baptismo (*Act.*, IX, 18; XXII, 16). Eram tão simples as doutrinas da Egreja que não teve nada novo a aprender. Ficou sendo logo christão e perfeito christão. E de quem havia elle de receber

1 O seu antigo nome arabe era *Tarik el-Adhwa*. Chama-se hoje *Tarik el-Mustekim*, que responde a *Rime eytheia*. A porta oriental (*Bab Scharki*) e alguns vestigios das columnatas ainda existem. Vej. os textos arabes dados por Wustenfeld na *Zeitschrift fur vergleichende Erdkunde* de Ludde, anno de 1842, pag. 168; Porter, *Syria and Palestine*, pag. 477; Wilson, *The hands of the Bible*, II, 345, 351, 352.

2 O que refere o capitulo IX dos *Actos* parece composto de dous textos entremeiados; um, mais original, comprehende os versiculos 9, 12, 18; o outro, mais desenvolvido, mais dialogado, mais lendario, abrange os versiculos 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18. Com effeito, o versiculo 12 não faz liga com os antecedentes, nem com os seguintes. O que vem relatado em XXII, 12-16, é mais conforme com o segundo dos textos mencionados do que com o primeiro.

3 *Act.*, IX, 12. Deve lêr-se *andra en oramati*, como no manuscripto B do Vaticano. Comp. com o versiculo 10.

4 *Act.*, IX, 18; comp. *Tobias*, II, 9; VI, 10; XI, 13.

Digitized by Google

lições? Apparecêra-lhe o proprio Jesus. Tivera a sua visão de Jesus resuscitado, como Thiago, como Pedro. Aprendêra tudo por immediata revelação. Reapparece a altiva e indomavel indole de Paulo. Derribado na estrada, aprouve-lhe submetter-se, mas submetter-se só a Jesus, a Jesus que se apartára da direita de seu Pae para convertel-o e doutrinal-o. Tal é a base da sua fé; será um dia o ponto de partida das suas pretenções. Sustentará que muito de proposito não foi a Jerusalem logo depois da sua conversão para travar relações com os que eram apostolos antes d'elle; que recebeu a sua revelação particular e que nada tomou dos homens; que é apostolo como os Doze por instituição divina e por directa incumbencia de Jesus; que a sua doutrina é a boa doutrina, quando mesmo um anjo diga o contrario [1]. Foi um immenso perigo a entrada d'este orgulhoso no gremio da pequena sociedade de pobres de espirito que até então constituira o christianismo. Se as suas violencias e o seu inflexivel egoismo não deitarem tudo a perder, será um verdadeiro milagre. Mas tanto como a sua audacia, a sua força de iniciativa e a sua firmeza vão ser precioso elemento a par do caracter estreito, timido, indeciso dos santos de Jerusalem! Com toda a certeza, se o christianismo permanecesse nas mãos d'aquella boa gente, encerrado em um conventiculo de illuminados que viviam em communidade, ter-se-hia extinguido como o essenismo quasi sem deixar recordações. Será o indocil Paulo quem o fará prosperar, e que, succeda o que succeder, o levará ousado ao alto mar. A par do fiel submisso, que do seu superior recebera a sua fé sem fazer observações, haverá o christão desprendido de toda a authoridade, que não crerá senão por convicção pessoal. O protestantismo já existe cinco annos depois da morte de Jesus; é S. Paulo o seu illustre fundador. Certamente Jesus não havia previsto taes dis-

1 Gal., I, 1, 8-9, 11 e seg.; I Cor., IX, 1; XI, 23; XV, 8, 9; Col., I, 25; Ephes., I, 19; III, 3, 7, 8; *Act.*, XX, 24; XXII, 14-15, 21; XXVI, 16; Homelias pseudo-clem., XVII, 13-19.

Digitized by Google

cipulos, e são talvez elles os que mais contribuirão para a vida e para a eternidade da sua obra.

Os temperamentos violentos e inclinados ao proselytismo nunca variam senão o objecto da sua paixão. Tão fervoroso com a fé nova como o fôra com a antiga, Paulo, como Omar, passou em um dia de perseguidor a apostolo. Não voltou a Jerusalem (Gal., I, 17) onde poderia ser um pouco perigosa a sua posição junto dos Doze. Deixou-se ficar em Damasco e no Hauran [1], onde, por tempo de tres annos (38-41) prégou que Jesus era filho de Deus [2]. Herodes Agrippa I tinha a soberania do Hauran e das terras visinhas; mas o seu poder era em muitos pontos annullado pelo do rei nabateu Hareth. O afrouxamento da authoridade romana, na Syria, dera ao ambicioso Arabe a grande e rica cidade de Damasco, assim como uma parte das regiões além do Jordão e do Hermon, onde desabrochava então a civilisação [3]. Outro emir, Soheym [4], talvez parente ou delegado de Hareth, alcançava de Caligula a investidura da Ituréa. Foi no meio d'este grande despertar da raça arabe [5], sobre aquelle extraordinario tracto de terra, onde uma geração energica desenvolvia brilhantemente a sua febril actividade, que Paulo derramou o primeiro fogo da sua alma de apostolo [6]. O admiravel movimento material que transformava o paiz foi talvez prejudicial ao successo de uma prédica perfeitamente idealista e baseada na crença em proximo acabamento do mundo. Com effeito, não

1 Em grego *Arabia* é «a provincia da Arabia», cuja parte principal é a Araunitida (Hauran).

2 Gal., I, 17 e seg.; *Act.*, IX, 19 e seg.; XXVI, 20. O author dos *Actos* crê que foi breve essa primeira estada em Damasco e que Paulo, pouco depois da sua conversão, foi a Jerusalem e lá prégou. (Comp. XXII, 17). Mas é decisiva a passagem da epistola aos Galatas.

3 Vejam-se as inscripções descobertas por Waddington e de Vogué (*Revue archeol.*, Abril de 1864, pag. 284 e seg.; *Comptes rendus* de l'Acad. des Inscr. et B.-L., 1865, pag. 106-108). Compare-se com o que fica dito n'este capitulo ácerca de Hareth.

4 Dion. Cassius, LIX, 12.

5 Desenvolvi isto no *Bulletin archeologique* de Longperier e de Witte, Setembro de 1856.

6 A ligação do versiculo Gal., I, 16 com os seguintes, prova que Paulo prégou immediatamente depois da sua conversão.

Digitized by Google

achamos rastos de uma Egreja da Arabia fundada por S. Paulo. Se a região do Hauran é, no anno de 70, um dos centros mais importantes do christianismo, deve-o á emigração dos christãos da Palestina, e são justamente os inimigos de S. Paulo, os ebionitas, que teem n'essas partes o seu principal estabelecimento.

Em Damasco, onde havia muitos judeus [1], Paulo foi ouvido com mais attenção. Entrava nas synagogas, e dava-se a vivas argumentações para provar que Jesus era o Christo. Era extremo o pasmo dos fieis. Aquelle que perseguira seus irmãos de Jerusalem e que fôra a Damasco para agrilhoal-os, convertera-se em seu primeiro apologista! (*Act.*, IX, 20-22). Na sua audacia, na sua singularidade havia alguma cousa que os assustava; elle era só; não pedia conselhos a ninguem [2]; não formava escóla; movia mais curiosidade do que sympathia. Bem se via que era um irmão, mas um irmão de especie muito particular. Julgavam-no incapaz de uma traição; mas as almas bondosas e limitadas sentem sempre certa desconfiança e susto ao pé das energicas e originaes, porque presentem que um dia lhes fugirão.

1 Jos., *B. J.*, I, II, 25; II, XX, 2.
2 Gal., I, 16. É o sentido de *oy prosanethamen sarchi chai aimati*. Comp. Matth., XVI, 17.

Digitized by Google

CAPITULO XI

PAZ E DESENVOLVIMENTOS INTERIORES DA EGREJA DA JUDÉA

Do anno de 38 ao anno de 44 parece que nenhuma perseguição pesou sobre a Egreja (*Act.*, IX, 31). Certamente os fieis tomavam precauções a que haviam dado pouca importancia antes da morte de Estevão, e evitaram o fallar em publico. Tambem póde ser que o desvalimento dos Judeus que, durante toda a segunda parte do reinado de Caligula, estiveram em luta com este principe, contribuisse para a prosperidade da seita nascente. Com effeito, os Judeus eram tanto mais perseguidores quanto melhores eram as relações em que estavam com os Romanos. Para alcançarem ou recompensarem a sua tranquillidade, estes augmentavam-lhe os privilegios, e, em particular, o que elles tinham em mais conta, que era o direito de matarem as pessoas que haviam por infieis á Lei [1]. Ora, os annos de que estamos tratando foram dos mais tormentosos da historia, sempre tão cheia de perturbações, d'este povo singular.

A antipathia que os Judeus, por sua superioridade moral e estranhos costumes, e tambem pela sua dureza,

1 Veja-se a confissão atrozmente sincera de III Macch., VII, 12-13.

Digitized by Google

moviam entre os povos com quem viviam, tinham chegado ao seu apogeu, mórmente em Alexandria [1]. Esses odios accumulados aproveitaram-se, para serem satisfeitos, da enthronisação de um dos mais perigosos doudos que tem sido soberanos. Caligula, pelo menos desde a molestia que completou o desconcerto das suas faculdades mentaes (Outubro de 37), dava o espantoso espectaculo de um mentecapto a governar o mundo com os mais enormes poderes que um homem tem tido na sua mão. A desastrosa lei do cesarismo dava possibilidade a esses horrores, e fazia que fossem sem remedio. Durou isto tres annos e tres mezes. Corremos-nos de contar em uma historia séria o que se vai lêr. Antes de abrir a narração d'essas saturnaes, é mister dizer com Suetonio: *Reliqua ut de monstro narranda sunt.*

O passatempo mais innocente d'aquelle tresloucado era cuidar na sua propria divindade [2]. Dispunha para isso de certa ironia amarga, de um mixto de serio e de comico (porque o monstro não era baldo de espirito), de profundo desprezo do genero humano. Os inimigos dos Judeus viram que partido se podia tirar d'aquella mania. Era tal o abatimento religioso do mundo que não se ergueu um protesto contra os sacrilegios do cesar; cada culto se deu pressa em conferir-lhe os titulos e as honras que só dava aos seus deuses. É de eterna gloria para os Judeus o haverem erguido, no meio d'essa ignobil idolatria, o brado da consciencia indignada. Apparecia aqui pelo seu lado bom o principio de intolerancia que existia n'elles, e que os movia a tantos actos deshumanos. Sendo os unicos que affirmavam que a sua religião era a religião absoluta, não se curvaram ao odioso capricho do tyranno. Foi para elles a origem de continuas inquietações. Bastava que houvesse em uma cidade um homem descontente da synagoga, malevolo, ou simplesmente travesso, para que succedessem cousas terriveis.

1 Leia-se todo o terceiro livro (apocrypho) dos Macchabeus, comparando-o com o de Esther.

2 Suetonio, *Caius*, 22, 52; Dion. Cassius. LIX, 26-28; Philon, *Legatio ad Caium*, §. 25, etc.; Jos., *Ant.*, XVIII, VIII; XIX, I, 1-2; *B. J.*, II, X.

Digitized by Google

Um dia era um altar a Caligula levantado no sitio onde os Judeus podiam menos soffrel-o [1]. Em outro dia, era um bando de gaiatos que gritavam — escandalo! — por que só os Judeus é que não queriam pôr a estatua do imperador nos seus lugares de oração. Não faltava então quem corresse ás synagogas e aos oratorios, onde era collocado o busto de Caligula [2], e viam-se os mal-aventurados na alternativa de renunciarem á sua religião ou de commetterem um crime de lesa-magestade. Vinham em seguida terriveis vexações.

Já muitas vezes se tinham repetido chocarrices d'esta laia, quando alguem suggeriu ao imperador uma idéa ainda mais diabolica; foi a de pôr a sua estatua de ouro no santuario do templo de Jerusalem, e de mandar elle mesmo dedicar o templo á sua divindade [3]. Essa odiosa machinação esteve para antecipar trinta annos a revolta e a perda da nação judaica. A moderação do legado imperial, Publio Petronio, e a intervenção do rei Herodes Agrippa, valido de Caligula, preveniram a catastrophe. Mas, até á hora em que a espada de Chœréa livrou a terra do mais odioso tyranno que ella tem soffrido, viveram em terrores os Judeus em toda a parte. Devemos a Philon a narração circumstanciada da inaudita scena que se passou quando a deputação de que elle era presidente foi admittida á presença do imperador [4]. Caligula recebeu-os andando a visitar as casas de campo (*villas*) de Mecenas e de Lamia, ao pé do mar, nas cercanias de Pouzzola. N'esse dia estava em maré de jovialidade. Helicon, o seu chocarreiro predilecto, havia-lhe encampado mil facecias ácerca dos Judeus. « Ah, sois vós, disse-lhes com riso amargo e mostrando os dentes, vós que sois os unicos que não quereis reconhecer-me por deus, e que preferis adorar um cujo nome não podeis dizer? » E acom-

1 Philon, *Legat. ad Caium*, §. 30.
2 Philon, *In Flaccum*, §. 7; *Legat. ad Caium*, §. 18, 20, 26, 43.
3 Philon, *Leg. ad Caium*, §. 29; Jos., *Antiq.*, XVIII, VIII; *B. J.*, II, X; Tacito, *Ann.*, XII, 54; *Hist.*, V, 9, completando a primeira passagem com a segunda.
4 Philon, *Legat. ad Caium*, §. 27, 30, 44 e seg.

Digitized by Google

panhou estas palavras com uma espantosa blasphemia. Os Judeus tremiam, os seus adversarios alexandrinos foram os primeiros que fallaram: « Muito mais detestarieis esta gente, senhor, e toda a sua nação, se soubesseis quanto elles vos detestam; porque só elles é que não tem sacrificado pela vossa saude, quando todos os povos sacrificavam. » Ouvindo isto, clamaram os Judeus que era uma calumnia, e que tres vezes tinham offerecido pela prosperidade do imperador os sacrificios mais solemnes que tinha a sua religião. « Pois sim, disse Caligula com uma seriedade muito comica, vós sacrificastes; não digo que não; mas não foi a mim que sacrificastes. Que ganho eu com isso? » E voltando-lhes as costas, poz-se a correr os aposentos, dando ordens para os reparos, subindo e descendo sem parar. Os pobres deputados (um dos quaes era Philon, que tinha oitenta annos, e era talvez o homem mais veneravel d'aquelle tempo desde que morrera Jesus) iam atraz d'elle subindo e descendo, estafados, sobresaltados, chacoteados por todos. Caligula, voltando-se de repente para traz, disse-lhes: « A proposito, porque é que não comem carne de porco? » Os aduladores riram ás gargalhadas; alguns officiaes, em tom severo, advertiram-lhes que o rir immoderado offendia a magestade do imperador. Os Judeus gaguejaram; um d'elles disse com o maior desgeito: « Tambem ha pessoas que não comem carneiro. » — « Ah! mas esses teem muita razão, disse o imperador, porque é uma carne sem gosto. » Depois fingiu que queria saber o que pretendiam; mas logo que começaram a pratica, deu-lhes as costas e foi dar ordens para os ornatos de uma sala que queria mandar guarnecer com pedra especular. Em seguida fingindo moderação, perguntou aos enviados se tinham mais alguma cousa a dizer, e, quando estes atavam o quebrado discurso, voltou-lhes outra vez as costas para ir vêr outra sala que se estava ornando com pinturas. Este escarneo de tigre que brinca com a sua presa, durou algumas horas. Os Judeus já esperavam a morte. Mas, por fim, as garras da

Digitized by Google

fera recolheram-se. « Vamos! disse Caligula, decididamente esta gente é menos merecedora de castigo do que de lastima por não crêr na minha divindade. » Era assim que as mais graves questões podiam ser tratadas sob horrivel regime que a baixeza do mundo creára, que uma vil soldadesca e uma gentalha igualmente vil tinham em apreço, e que a indignidade de quasi todos amparava.

É claro que uma situação tão critica devia ter tirado aos Judeus, no templo de Marullus, muito d'aquella audacia que os fazia fallar com tanta arrogancia a Pilatos. Já quasi desprendidos do templo, os christãos deviam assustar-se muito menos do que os Judeus com os sacrilegos projectos de Caligula. De mais, eram muito pouco numerosos para que fosse conhecida em Roma a sua existencia. A borrasca do tempo de Caligula, como a que deu em resultado a tomada de Jerusalem por Tito, passou por alto para elles, e a muitos respeitos foi-lhes de vantagem. Tudo o que diminuia a independencia judaica era-lhes favoravel, porque era outro tanto que perdia em poder uma orthodoxia suspeitosa, que estribava as suas pretenções em severas penalidades.

(ANNO DE 39)

Este periodo de paz foi fecundo em desenvolvimentos internos. A Egreja nascente dividia-se em tres provincias: Judéa, Samaria e Galiléa, (*Act.*, IX, 31) a que de certo se ligava Damasco. Jerusalem tinha a sua primazia absolutamente incontestada. A Egreja d'esta cidade, que se dispersára depois da morte de Estevão, depressa se reconstituiu. Os apostolos nunca haviam deixado a cidade, onde continuavam a residir os irmãos do Senhor e a lograr alta authoridade (Gal., I, 18-19; II, 9). Parece que esta nova Egreja de Jerusalem não foi organisada com tanto rigor como a primeira; a communidade dos bens não foi estrictamente restabelecida. Sómente se fundou uma grande caixa dos pobres, onde deviam ser depositadas as esmolas que as Egrejas parti-

Digitized by Google

culares mandassem á Egreja mãe, origem e permanente manancial da sua fé [1].

Pedro fazia frequentes jornadas apostolicas aos arredores de Jerusalem (*Act.*, IX, 32), continuando a lograr alta reputação de thaumaturgo. Em particular em Lydda (hoje Ludd), foi-lhe attribuida a cura de um paralytico chamado Enéas, milagre que deu em resultado, segundo os *Actos* (IX, 32-35), numerosas conversões na planicie de Saron. De Lydda passou a Joppé (Jaffa), cidade que parece ter sido um centro para o christianismo. Cidades de obreiros, de marinheiros, de gente pobre, onde não dominavam os Judeus orthodoxos [2], era onde a seita achava as melhores disposições. Pedro passou muito temppo em Joppé, em casa de um cortidor chamado Simão, que morava ao pé do mar [3]. A industria dos pelles era um mister quasi impuro; ninguem devia frequentar as casas de quem o exercesse, e os surradores viam-se forçados a residir em bairros separados. Pedro, escolhendo aquella casa, dava mostras da sua indifferença pelos preconceitos judaicos, e trabalhava para aquella nobilitação dos misteres humildes que é, em grande parte, obra do espirito christão.

(ANNO DE 40)

A organisação das obras de caridade era o que mórmente movia mais a actividade. A Egreja de Joppé tinha uma mulher admiravel chamada em arameo *Tabitha* (gazella), e em grego *Dorcas* [4], que dedicava todos os seus cuidados aos pobres (*Act.*, IX, 36 e seg.) Parece que era rica, e gastava em esmolas os seus haveres. Havia formado uma reunião de viuvas pias, que passavam com ella os dias [5] a tecer fato para os indigentes. Como

1 Jos., *Ant.*, XIV, X, 6.
2 *Act.*, IX, 43; X, 6, 17, 32.
3 Mischna, *Ketuboth*, VII, 10.
4 Comp. Gruter, pag. 891, 4; Reinesius, *Inscript.*, XIV, 91; Mommsen, *Inscr. regni Neap.*, 622, 2034, 3092, 4985; Pape, *Wort. der griech. Eigenn.*, n'esta palavra. confr. Jos., *B. J.*, IV, III, 6.
5 Act., IX, 39. O grego tem: *osa epoiei met auton ousa.*

Digitized by Google

ainda não estava consummado o schisma do christianismo com o judaismo, é provavel que os Judeus aproveitassem com esses actos de caridade. Assim « os santos e as viuvas » (*Act.*, IX, 32, 41) eram pessoas pias, que faziam bem a todos, uns como begardos e beguinas, que só os rigoristas de pedantesca orthodoxia tinham por suspeitos, *fratricelli* queridos do povo, devotos, caridosos, cheios de piedade.

O germe d'essas associações de mulheres, que são uma das glorias do christianismo, existiu assim nas primeiras Egrejas da Judéa. Em Jaffa começou a geração d'aquellas mulheres de véo, vestidas de linho, que deviam prolongar atravez dos seculos a tradição dos caritativos segredos. Tabitha foi a mãe de uma familia que não acabará, em quanto houver miserias para suavisar e bons instinctos de mulher para satisfazer: Contou-se mais tarde que Pedro a havia resuscitado. Ai! a morte, embora muito insensata e muito repugnante em tal caso, é inflexivel. Desprendida do corpo a mais excellente de todas as almas, a sentença fica irrevogavel; a mulher sublime não attende mais do que a vulgar e frivola á voz amiga que chama por ella. Mas a idéa não está sujeita ás condições da materia. A virtude e a bondade não podem ser conquista da morte. Tabitha não carecia de ser resuscitada. Para passar mais quatro dias n'esta triste vida, havia de ir alguem incommodal-a na sua deliciosa e immutavel eternidade? Deixem-na repousar em paz; lá virá o dia dos justos.

N'aquellas cidades de muitas seitas instava por solução o problema da admissão dos pagãos ao baptismo, problema que muito desvelava Pedro. Um dia que elle orava em Joppé, no eirado da casa do cortidor, tendo diante de si aquelle mar que breve levaria a fé nova a todo o Imperio, teve um extasis prophetico. No meio-somno em que estava entranhado, pareceu-lhe sentir fome, e pediu alguma cousa. Ora em quanto lhe preparavam de comer, viu o céo aberto, e descer d'elle uma toalha atada pelas quatro pontas. Alongando os olhos

Digitized by Google

para dentro da toalha, viu animaes de todas as espécies, e pareceu-lhe ouvir uma voz que lhe dizia: « Mata e come. » E replicando que muitos d'aquelles animaes eram impuros, foi-lhe respondido: « Não chames impuro ao que Deus purificou ». Parece que se repetiu isto tres vezes. Pedro ficou persuadido de que aquelles animaes representavam symbolicamente os gentios, que o proprio Deus acabava de habilitar para a communhão santa do reino de Deus (*Act.*, x, 9-16; xi, 5-10).

Breve chegou occasião de applicar esses principios. De Joppé passou Pedro a Cesaréa, onde travou relações com um centurião chamado Cornelio (*Act.*, x, 1 — xi, 18). A guarnição de Cesaréa era formada, pelo menos em parte, por uma das cohortes compostas de voluntarios italianos, a que se dava o nome de *Italicæ* [1]. O nome completo d'esta foi talvez *cohors prima Augusta Italica civium romanorum* [2]. Cornelio era centurião d'essa cohorte, e, por conseguinte, Italiano e cidadão romano. Era um bom homem, que de muito tempo sentia sympathias pelo culto monotheista dos Judeus. Orava, dava esmolas, em uma palavra praticava os preceitos de religião natural que suppõe o judaismo; mas não era circumciso; não era proselyto em nenhum grau; era um pagão pio, um israelita do coração; mais nada [3]. Diz-se (*Act.*, x, 2, 7) que toda a sua casa e alguns soldados da sua centuria estavam nas mesmas disposições. Cornelio pediu para entrar na Egreja nova. Pedro, de natural franco e benevolo, concedeu-lh'o, e o centurião foi baptisado [4].

Póde ser que ao principio não visse Pedro para isso nenhuma difficuldade; mas quando voltou a Roma

1 Havia pelo menos trinta e duas (Orelli e Henzen, *Inscr. lat.*, n.os 90, 512, 6756).

2 Comp. *Act.*, xxvii, 1, e Henzen, n.º 6709.

3 Comp. Luc., vii, 2 e seg. É verdade que Lucas compraz-se com esta idéa de centuriões virtuosos e judeus pela alma sem a circumcisão (veja-se a Introd., pag. xviii). Mas o exemplo de Izate (Jos., *Ant.*, XX, ii, 5) prova que eram possiveis essas situações. Comp. Jos., *B. J.*, II, xxviii, 2; Orelli, *Inscr.*, n.º 2523.

4 É verdade que parece estar isto em contradicção com Gal., ii, 7-9. Mas Pedro é sempre muito firme no que diz respeito á admissão dos gentios.

Digitized by Google

ouviu grandes censuras. Tinha violado abertamente a lei; entrára em casa de incircumcisos e comêra com elles. Com effeito, a questão era de primeira ordem; tratava-se de saber se a Lei era abolida, se era licito violal-a por proselytismo, se os gentios podiam ser equiparados a outros para a admissão na Egreja. Pedro, por defender-se, contou a sua visão de Joppé. Depois, o facto do centurião veio a servir de argumento na grande questão do baptismo dos incircumcisos. Por se lhe dar mais força, suppoz-se que cada phase havia sido assignalada por uma ordem do céo. Contou-se que depois de largo orar, Cornelio vira um anjo que lhe ordenára que fosse ter com Pedro a Joppé; que a visão symbolica de Pedro passára exactamente na hora em que chegaram os mensageiros de Cornelio; que, de mais, se encarregára Deus de legitimar tudo o que havia sido feito, pois que, tendo descido o Espirito Santo sobre Cornelio e mais pessoas da sua casa, todos fallaram as linguas e psalmodiaram á maneira dos outros fieis. Era natural que se negasse o baptismo a quem recebera o Espirito Santo?

A Egreja de Jerusalem era ainda exclusivamente composta de Judeus e de proselytos. O Espirito Santo a descer sobre incircumcisos, antes do baptismo, pareceu um facto muito extraordinario. É provavel que desde então existisse um partido opposto á admissão dos gentios na essencia, e que não admittissem todas as explicações de Pedro. O author dos *Actos* (XI, 18) quer que a approvação fosse unanime. Mas, passados alguns annos, veremos renascer a questão com muito mais ardor (*Act.*, XV, 1 e seg.) Admittiu-se talvez o facto do bom centurião, como o do eunucho ethiope, na qualidade de facto excepcional, justificado por uma revolução e por ordem expressa de Deus. A questão estava longe de ser solvida. Foi a primeira controversia no seio da Egreja; o paraiso da paz interna havia durado seis ou sete annos.

Desde o anno de 40 pouco mais ou menos, parece ter sido assim estabelecida a questão de que dependia o futuro do christianismo. Pedro e Philippe, com muito

Digitized by Google

acerto, presentiram a verdadeira solução e baptisaram verdadeiros pagãos. Nas duas passagens dos *Actos* relativas a este ponto, e que são em parte modeladas uma pela outra, é difficil deixar de conhecer um systema. O author dos *Actos* pertence a um partido de conciliação, favoravel á introducção dos pagãos na Egreja, e que não quer confessar a violencia das discordias resultantes da questão. Vê-se perfeitamente que escrevendo os episodios do eunucho, do centurião, e até mesmo da conversão dos Samaritanos, o author não quer só contar, mas que procura sobre tudo precedentes para uma opinião. Mas, por outro lado, não podemos admittir que invente os factos que refere. As conversões do eunucho da candace e do centurião Cornelio são provavelmente factos reaes, apresentados e transformados segundo as necessidades da these em vista da qual foi composto o livro dos *Actos*.

Paulo, aquelle que havia de dar, passados dez ou doze annos, um impulso tão decisivo a esta disputa, ainda então não se entremettia n'ella. Estava no Hauran ou em Damasco, prégando, refutando os Judeus, dispondo de tanto fervor para a nova fé como havia mostrado a combatel-a. O fanatismo, de que fôra instrumento, não tardou que contra elle se volvesse. Os Judeus resolveram perdel-o. Do ethnarcha que governava Damasco em nome de Hareth, alcançaram ordem para prendel-o. Paulo escondeu-se. Soube-se que havia de retirar-se da cidade; o ethnarcha, que queria contentar os Judeus, poz guardas ás portas para que o capturassem; mas os irmãos ordenaram modo como escapasse de noite descendo-o, em um cesto, pela janella de uma casa que dava para fóra da muralha [1].

(ANNO DE 41)

Livre d'este perigo, volveu Paulo os olhos para Je-

1 II Cor., II, 32-33; *Act.*, IX, 23-25.

Digitized by Google

rusalem. Havia tres annos que era christão (Gal., I, 18), e ainda não tinha visto os apostolos. Ao principio o seu caracter inflexivel, pouco docil, pouco affecto a intimidades, fizera que, por assim dizer, désse as costas á grande familia em que acabava de entrar involuntariamente, e preferisse para seu primeiro apostolado um paiz novo, onde não tinha de achar nenhum collega. Surgira, porém, n'elle o desejo de vêr Pedro (Gal., I, 18). Reconhecia-lhe a authoridade e designava-o, como todos, com o nome de *Kepha* « a pedra ». Foi pois a Jerusalem, seguindo em sentido contrario a estrada que tres annos antes havia percorrido com disposições tão differentes.

A sua posição em Jerusalem foi em extremo falsa e embaraçada. Bem se sabia lá que o perseguidor viera a ser o mais zeloso dos evangelistas e o primeiro defensor da fé que havia querido destruir (Gal., I, 23). Mas ainda havia contra elle grandes prevenções. Receavam muitos que fosse capaz de alguma machinação horrivel. Tinham-no visto tão enraivado, tão cruel, tão solicito em entrar nas casas e rasgar o segredo das familias para procurar victimas, que o julgavam capaz de representar odiosa comedia para melhor perder aquelles que detestava (*Act.*, IX, 26). Parece que morava na casa de Pedro (Gal., I, 18). Muitos dos discipulos conservavam-se surdos ás suas tentativas de reconciliação e apartavam-se d'elle (*Act.*, IX, 26). Barnabé, homem de energia e vontade, desempenhou então um papel decisivo. Como Chypriota e recem-convertido, comprehendia melhor do que os discipulos galileus a posição de Paulo. Foi para elle, tomou-o, por assim dizermos, pela mão, apresentou-o aos mais suspeitosos e deu-se por seu fiador [1]. Por este acto de siso e perspicacia, muitissimo deve o christianis-

1 *Act.*, IX, 27. É de mui pouco valor historico toda esta parte dos *Actos* para que se possa affirmar que a bella acção de Barnabé se verificasse durante os quinze dias que passou Paulo em Jerusalem. Mas ha de certo no modo como os *Actos* apresentam o facto um sentimento verdadeiro das relações de Paulo e de Barnabé.

Digitized by Google

mo a Barnabé. Foi elle quem adivinhou Paulo; é a elle que deve a Egreja o mais extraordinario dos seus fundadores. A fecunda amizade d'esses dous homens apostolicos, amizade nunca alterada apesar de muitos dissentimentos, veio a dar em resultado a sua associação com a vista em missões entre os gentios. Póde-se dizer que essa associação data da primeira estada de Paulo em Jerusalem. Entre as causas da fé deve ser contado o generoso movimento de Barnabé estendendo a mão a Paulo suspeito e tido em pouco, a alta intelligencia que lhe fez descobrir uma alma de apostolo sob aquelle ar humilhado, e a franqueza com que desfez os estorvos que os tristes antecedentes do convertido, e talvez tambem certas qualidades do seu caracter, haviam posto entre elle e os seus novos irmãos.

Paulo evitou como systematicamente vêr-se com os apostolos. É elle mesmo que o diz e chega a affirmal-o com juramento: só viu Pedro e Thiago, irmão do Senhor (Gal., I, 19-20). A sua estada em Jerusalem não foi de mais de duas semanas [1]. É muito possivel que na época em que escreveu a epistola aos Galatas (pela volta do anno 56), Paulo fosse movido, por necessidades da occasião, a falsear um pouco a côr das suas relações com os apostolos, e a apresental-os como mais severos e mais imperiosos do que elles foram na realidade. Em 56 empenhava-se essencialmente em provar que nada havia recebido de Jerusalem, e que não era por modo nenhum um mandatario do conselho dos Doze, estabelecido n'aquella cidade. Em Jerusalem devia mostrar o termo altivo de mestre que evita as relações com os outros mestres, para não parecer que se subordina a elles, e não o aspecto humilde e contricto de um réo envergonhado do seu passado, como quer o author dos *Actos*. Não podemos crêr

1 Gal., I, 18. Por conseguinte é impossivel admittir como exactos os versiculos 28-29 do cap. IX dos *Actos*. O author dos *Actos* abusa d'estas ciladas e d'estes projectos homicidas. Os *Actos* differem da epistola aos Galatas em supporem a primeira estada de S. Paulo em Jerusalem mais dilatada e mais proxima da sua conversão. Naturalmente merece a epistola a preferencia, pelo menos quanto á chronologia e ás circumstancias materiaes.

Digitized by Google

que, desde o anno de 41, andasse Paulo incendido n'essa especie de inquieto desvelo pela conservação da originalidade propria que depois mostrou. A raridade das suas conferencias com os apostolos e a brevidade da sua estada em Jerusalem, resultaram provavelmente do seu embaraço, na presença de homens de outra natureza e cheios de preconceitos a seu respeito, muito mais do que de refinada politica, que lhe fizesse vêr, quinze annos antes, os inconvenientes que podia haver no trato intimo com elles.

Na realidade, o que devia erguer certa barreira entre os apostolos e Paulo, era sobre tudo a differença de caracter e de educação. Todos os apostolos eram Galileus, não tinham cursado as grandes escólas judaicas; tinham visto Jesus; recordavam-se do que elle dissera; eram boas e pias creaturas, ás vezes um pouco ingenuas e apparatosas. Paulo era homem de acção, cheio de fogo, mui pouco mystico, alistado como por força superior em uma seita que estava muito longe de ser a da sua primeira adopção. A revolta, o protesto, eram os seus sentimentos habituaes [1]. A sua instrucção judaica era de muito mais valia do que a dos seus novos collegas. Mas, como não ouvisse Jesus e não fosse instituido por elle, tinha, segundo as idéas christãs, grande inferioridade. Ora, Paulo não era homem que aceitasse um lugar de segunda ordem. A sua altiva individualidade exigia um papel em que mais ninguem tivesse parte. Foi provavelmente por esse tempo que surgiu n'elle a singular idéa que por fim de contas nada tinha que invejar aos que haviam conhecido Jesus e por elle haviam sido eleitos, porque tambem elle vira Jesus e de Jesus recebêra uma revelação directa e o mandato do seu apostolado. Até mesmo os que foram honrados com uma apparição pessoal do Christo resuscitado não tiveram mais do que elle. Por ter sido a ultima, não fôra menos notavel a sua visão. Manifestara-se em circumstancias que lhe davam um

1 Veja-se sobre tudo a epistola aos Galatas.

Digitized by Google

cunho particular de importancia e de distincção [1]. Que erro! O echo da voz de Jesus ouvia-se nos discursos do mais humilde dos seus discipulos, e com toda a sua sciencia judaica não podia Paulo supprir a immensa desvantagem que para elle resultava da sua tardia iniciação. Dissesse Paulo o que dissesse, o Christo que vira na estrada de Damasco não era o Christo da Galiléa; era o Christo da sua imaginação, do seu proprio sentir. Por mui desvelado que fosse em colleccionar as palavras do mestre [2], é claro que era apenas um discipulo de segunda ordem. Póde-se duvidar que Paulo se houvesse prendido a Jesus se o tivesse encontrado vivo. A sua doutrina será a sua, e não a de Jesus; as revelações de que tanto se ufana são fructo do seu cerebro.

Essas idéas, que ainda não ousava communicar a ninguem, faziam-lhe desagradavel a morada em Jerusalem. Ao cabo de quinze dias, despediu-se de Pedro e partiu. Tinha visto tão pouca gente que affirmava que nas Egrejas da Judéa ninguem o conhecia nem sabia d'elle alguma cousa senão por o que ouvia dizer (Gal., I, 22-23). Algum tempo depois, attribuiu a uma revelação aquella subita partida. Contava que um dia, estando a orar no templo, teve um extasis, viu Jesus em pessoa, e recebeu ordem d'elle para sahir immediatamente de Jerusalem, « porque ninguem estava disposto n'essa cidade para receber o seu testemunho ». Em troca d'esses obstinados promettera-lhe Jesus o apostolado de nações apartadas e auditorio mais docil á sua voz (*Act.*, XXII, 17-21). Quanto aos que quizeram apagar o rasto das numerosas lacerações a que deu causa na Egreja a entrada d'esse discipulo indomado, esses affirmaram que Paulo viveu mui largo tempo em Jerusalem, vivendo com os irmãos na mais ampla liberdade, mas que, tendo começado a prégar aos Judeus hellenistas, esteve para

1 Epistola aos Galatas, I, 11-12 e quasi toda; I Cor., IX, 1 e seg.; XV, 1 e seg.; II Cor., XI, 21 e seg.

2 Acha-se o sentimento mais ou menos directo d'isto em Rom., XII, 14; I Cor., XIII, 2; II Cor., III, 6; I Thess., IV, 8; V, 2, 6.

Digitized by Google

ser morto por elles, e por isso tiveram de velar pela sua segurança e de o fazer passar para Cesaréa (*Act.*, IX, 29-30).

Com effeito, é provavel que elle fosse de Jerusalem a Cesaréa. Mas demorou-se ahi pouco, e foi percorrer a Syria, e depois a Cilicia (Gal., I, 21). De certo já prégava, mas por sua conta e sem accordo com alguem. Tarso, sua patria, foi a sua residencia habitual durante esse periodo da sua vida apostolica, que póde ser orçado em dous annos [1]. É possivel que as Egrejas da Cilicia lhe devessem os seus principios [2]. Mas a vida de Paulo não era, n'essa época, como a vemos mais tarde. Não tomava o titulo de apostolo, que era então estrictamente reservado para os Doze [3]. Só desde que se associa com Barnabé (anno de 45) é que entra n'aquella carreira de peregrinações sagradas e de prégações que haviam de fazer d'elle o typo do missionario viandante.

1 *Act.*, IX, 30; XI, 25. O dado chronologico capital para esta época da vida de S. Paulo é Gal., I, 18; II, 1.

2 A Cilicia tinha uma Egreja no anno de 51. *Act.*, XV, 23, 41.

3 É na epistola aos Galatas (vers. 56) que Paulo se põe pela primeira vez com pompa no numero dos apostolos (I, 1 e o que se segue). Segundo Gal., II, 7-10, recebeu esse titulo em 51. Comtudo, ainda não usa d'elle na assignatura das duas epistolas aos Thessalonicos, que são do anno de 53. I Thess., II, 6 não involve um titulo official. O author dos *Actos* nunca dá a Paulo o nome de «apostolo». Para elle «os apostolos» são «os Doze». *Act.*, XIV, 4, 14 é uma excepção.

Digitized by Google

CAPITULO XII

FUNDAÇÃO DA EGREJA DE ANTIOCHIA

Eram assombrosos os progressos da fé nova. Os membros da Egreja de Jerusalem que haviam sido dispersados logo depois da morte de Estevão, dilatando as suas conquistas pela costa da Phenicia, chegaram a Chypre e a Antiochia. Não prégar senão aos Judeus é o que elles tinham primeiro por principio absoluto (*Act.*, XI, 19).

Antiochia, «a metropole do Oriente», a terceira cidade do mundo [1], foi o centro d'essa christandade da Syria do Norte. Era uma cidade de mais de quinhentas mil almas, com capacidade quasi igual á de Paris antes dos seus recentes alargamentos [2], residencia do legado imperial da Syria. Levada pelos Seleucidas a alto grau de esplendor, tivera tudo a ganhar com a occupação romana. Em geral, os Seleucidas haviam antecedido os

1 Jos., *B. J.*, III, II, 4. Roma e Alexandria eram as duas primeiras. Comp. Strabo, XVI, II, 5.

2 C. Ottfried Muller, *Antiq. Antiochenæ* (Gœttingœ, 1839), pag. 68. João Chrysostomo, *In sanct. Ignatium*, 4 (Opp. tom. II, pag. 597, edic. Montfaucon); *In Matth.*, homilia LXXXV, 4 (tom. VII, pag. 810), avalia em duzentos mil os moradores de Antiochia, sem contar os escravos, as creanças, e os immensos suburbios. A cidade actual não tem mais de sete mil almas.

Digitized by Google

Romanos no gosto das decorações theatraes applicadas ás grandes cidades. Templos, aqueductos, banhos, basilicas, nada faltava a Antiochia do que constituia uma grande cidade syriaca d'aquella época. As ruas orladas de columnatas, com as suas encruzilhadas adornadas com estatuas, tinham mais symetria e regularidade do que em outra qualquer parte [1]. Um *Corso* com quatro linhas de columnas, formando duas galerias cobertas com larga avenida no meio, atravessava toda a cidade [2], n'uma extensão de mais de trinta e seis estadios (mais de uma legua) [3]. Mas Antiochia não tinha sómente immensas construcções de utilidade publica [4]; tambem tinha, como poucas cidades syriacas, primores da arte grega, admiraveis estatuas [5], obras classicas de uma delicadeza que o seculo já não sabia imitar. Antiochia, desde a sua fundação, havia sido uma cidade completamente hellenica. Os Macedonios de Antigono e de Seleuco tinham levado a essa região do baixo Oronte as suas mais vivas recordações, os cultos e os nomes do seu paiz [6]. A mythologia grega creara ahi uma segunda patria; mostrava-se com presumpção grande numero de «lugares santos» que prendiam com essa mythologia. A cidade abundava no culto de Apollo e das nymphas. Daphne, delicioso lugar que ficava a menos de duas horas de jornada, recordava aos conquistadores as mais deleitosas ficções. Era uma especie de plagio, de imitação fraudulosa dos mythos da mãe patria, analoga aos arrojados transportes pelos quaes as tribus primitivas faziam jornadear com ellas a sua geographia mythica, o seu Berecyntho, Ar-

1 As ruas analogas de Palmyra, Gerasia, Gadara, Sebasta eram provavelmente imitações do grande *Corso* de Antiochia.

2 Acham-se alguns vestigios na direcção de *Bab Bolos*.

3 Dion. Chrysostomo, Orat. XLVII (tom. II, pag. 229, ediç. de Reiske); Libanius, *Antiochicus*, pag. 337, 340, 342, 356 (ediç. Reiske); Malala, pag. 232 e seg., 276, 280 e seg. (ediç. de Boun). O constructor d'essas grandes obras foi Antiocho Epiphanio.

4 Libanius, *Antioch.*, 342, 344.

5 Pausanias, VI, II, 7; Malala, pag. 201; Visconti, *Mus. Pio-Clem.*, tom. III, 46. Vejam-se sobre tudo as medalhas de Antiochia.

6 Pierio, Bottia, Peneu, Tempe, Castalia, jogos olympicos, Iopolis (a que se ligava a idéa de Io). Jactava-se a cidade de dever a sua celebridade a Inacho, Orestes, Daphne e Triptolemo.

Digitized by Google

vanda, Ida, Olympo. Essas fabulas gregas constituiam uma religião decrepita e pouco mais séria do que as *Metamorphoses* de Ovidio. As antigas religiões do paiz, em particular a do monte Casius [1], davam-lhe alguma gravidade. Mas baralhando-se n'esse limite dos dous mundos a leviandade syriaca, o charlatanismo babylonico, todas as imposturas da Asia, haviam feito de Antiochia a capital da mentira, o receptaculo de todas as infamias.

Com effeito, a par da povoação grega, que em nenhuma parte do Oriente (salvando Alexandria) foi tão cerrada como aqui, Antiochia teve sempre no seu seio um numero consideravel de indigenas syriacos, que fallavam o syriaco [2]. Esses indigenas constituiam uma baixa classe, que habitava nos arrabaldes da grande cidade e nas aldêas bem povoadas que formavam de redor d'ella um vasto suburbio [3], Charandama, Ghisira, Gandigura, Apate (nomes quasi todos syriacos) [4]. Como eram ordinarios os casamentos entre esses Syrios e os Gregos, e como além d'isso Seleuco estabelecera por uma lei que todo o estrangeiro que ahi fizesse assento ficaria sendo cidadão d'ella, Antiochia, ao cabo de tres seculos e meio de existencia, era um dos pontos do mundo onde a raça era mais mixta, e onde era mais horroroso o aviltamento das almas. É proprio d'esses fócos de podridão moral reduzir todas as raças ao mesmo nivel. A ignominia de certas cidades levantinas, dominadas pelo espirito de intriga, de todo dadas a pensamentos baixos e subtis, mal póde dar-nos uma idéa do grau de corrupção a que chegou a especie humana em Antiochia. Era uma incrivel agglomeração de pelotiqueiros, charlatães, saltimbancos [5], magos, thaumaturgos, feiticeiros [6], sacerdotes imposto-

1 Vej. Malala, pag. 199; Spartiano, *Vida de Adriano*, 14; Juliano, *Misopagon*, pag. 361-362; Ammiano Marcellino, XXII, 14; Enckel, *Doct. num. vet.*, parte 1.ª, III, pag. 326; Guigniaud, *Relig. de l'ant.*, estampas, n.º 268.

2 João Chrysostomo, *Ad pop. Antioch.*, homil. XIX, 1 (tom. II, pag. 189); *De sanctis martyr.*, 1 (tom. II, pag. 651).

3 Libanius, *Antioch.*, pag. 348.

4 *Act. SS. Maii*, V, pag. 383, 409, 414-416; Assemani, *Bib. Orient.*, II, 323.

5 Juvenal, Sat. III, 62 e seg.; Stacio, *Silves*, I, VI, 62.

6 Tacito, *Annaes*, II, 69.

Digitized by Google

res; uma cidade de corridas de cavallos, de jogos, de danças, de procissões, de festas, de bacchanaes; um luxo desregradissimo, todas as loucuras do Oriente, as mais insalubres superstições, o fanatismo das orgias [1]. Ora servis ora ingratos, já cobardes já insolentes, eram os Antiochinos o perfeito modêlo d'aquellas turbas votadas ao cesarismo, sem patria, sem nacionalidade, sem honra de familia, sem um bom nome cuja conservação zelassem. O grande *Corso* que atravessava a cidade era como um theatro onde se colleavam todo o dia as ondas de um vulgacho futil, leviano, variavel, alvorotador [2], ás vezes espirituoso [3], dado a cantilenas, a parodias, a chufas, a destemperos de todo o lote [4]. A cidade era muito letrada [5], mas de pura litteratura de rhetoricos [6]. Os espectaculos eram assombrosos; houve-os em que foram vistos córos de raparigas nuas tomando parte em todos os exercicios com uma faxa apenas [7]; na celebre festa de Maiouma, bandos de mulheres publicas nadavam á vista de todos em tanques [8] cheios de agua limpida [9]. Era como uma embriaguez, como um sonho de Sardanapalo, em que se desenvolviam promiscuamente todas as volupias, todas as incontinencias, sem exclusão de certas elegancias. Aquelle rio de lama que, sahindo pela bocca do

1 Malala, pag. 284, 287 e seg.; Libanio, *De ungarüs*, pag. 555 e seg.; *De carcere vinctis*, pag. 455 e seg.; *Ad Timocratem*, pag. 385; *Antioch.* pag. 323; Philostr., *Vida de Apollonio*, I, 16; Luciano, *De saltatione*, 76; Diod. Sic., fragm. livro XXXIV, n.º 34 (pag. 538, ediç. Dindorf); João Chrys., Homil. VII *in Matth.*, 5 (tom. VII, pag. 113); LXXIII *in Matth.*, 3 (*ibid.*, pag. 712); *De consubst. contra Anom.*, 1 (tom. I, pag. 501); *De Anna*, 1 (tom. IV, pag. 730); *De Dav. et Saule*, III, 1 (tom. IV, 768-770); Juliano, *Misopagon*, pag. 343, 350, ediç. Spanheim; *Actos de sancta Thecla*, attribuidos a Basilio de Seleucia, publicados por Pantinus (Antuerpia, 1608), pag. 70.

2 Philostr., *Apoll.*, III, 58; Ausonio, *Clar. Urb.*, 2; J. Capitolino, *Verus*, 7; *Marco Aur.*, 25; Herodiano, II, 10; João de Antiochia, nos *Excerpta Valesiana*, pag. 844; Suidas, na palavra *Iobianos*.

3 Juliano, Misopagon, pag. 344, 365, etc.; Eunapio, *Vidas dos Soph.*, pag. 496, ediç. Boissaunade (Didot); Ammiano Marcellino, XXII, 14.

4 João Chrys., *De Lazaro*, II, 11 (tom. I, pag. 722, 723).

5 Cic., *Pro Archia*, 3, tendo em conta a exageração ordinaria no advogado.

6 Philostr., *Vida de Apollonio*, III, 58.

7 Malala, pag. 287-289.

8 João Chrys., Homil. VII, *in Matth.*, 5, 6 (tom. VII, pag. 113). Vej. O. Muller, *Antiq. Antioch.*, pag. 33, nota.

9 Libanio, *Antiochicus*, pag. 355-356.

Digitized by Google

Oronte, ia inundar Roma [1], tinha alli o seu principal manancial. Duzentos decuriões eram occupados na direcção das liturgias e dos festejos [2]. A municipalidade possuia vastos dominios publicos, cujo uso-fructo repartiam os duumviros pelos cidadãos pobres [3]. Como todas as cidades de grandes folgares, tinha Antiochia uma plebe infima, que vivia do publico ou de sordidas ganancias.

A belleza dos primores de arte e o infinito encanto da natureza [4] atalhavam que esse abatimento moral degenerasse inteiramente em desformidade e vulgaridade. A situação de Antiochia é das mais pittorescas do mundo. A cidade occupava o intervallo entre o Oronte e as vertentes do monte Silpius, que é um dos ramos do monte Casius. A abundancia e a formosura das aguas não tinham igual [5]. O contorno, trepando rochedos a prumo por um verdadeiro esforço de architectura militar [6], abraçava o cume dos montes, e formava com as rochas, a uma altura enorme, uma corôa denteada de maravilhoso effeito. Essa disposição de muralhas, que juntava as vantagens das antigas acropoles ás das grandes cidades fechadas, foi em geral preferida pelos tenentes de Alexandre, como se vê em Seleucia de Pieria, em Epheso, em Smyrna, em Thessalonica. Resultavam d'ahi admiraveis perspectivas. Antiochia tinha, dentro dos seus muros, montanhas de setecentos pés de altura, rochedos a pique, torrentes, precipicios, profundos corregos, cascatas, grutas inaccessiveis; e no meio de tudo isto, deleitosos jardins [7]. Espessa capa de murta, de buxo florido, de loureiros, de plantas sempre verdes e do verde mais delicado, rochas alcatifadas com cravos,

1 Juvenal, III, 62 e seg., e Forcellini, na palavra *ambubaja*, observando que a palavra *ambuba* é syriaca.

2 Libanio, *Antioch.*, pag. 315; *De carcere vinctis*, pag. 455, etc., Juliano, *Misopagon*, pag. 367, ediç. Spanheim.

3 Libanio, *Pro rhetoribus*, pag. 211.

4 Libanio, *Antiochicus*, pag. 363.

5 *Ibid.*, pag. 354 e seg.

6 O actual contorno, que é do tempo de Justiniano, apresenta as mesmas particularidades.

7 Libanio, *Antiochicus*, pag. 337, 338, 339.

Digitized by Google

jacinthos e cyclamens, tudo dá a essas agrestes eminencias o aspecto de taboleiros suspensos. A variedade das flôres, a frescura da relva, composta de extraordinaria multidão de gramineas, a belleza dos platanos què orlam o Oronte, inspiram a alegria, e não sei o quê de suave perfume com que se inebriaram aquelles bellos engenhos de João Chrysostomo, de Libanio, de Juliano. Na margem direita do rio dilata-se uma vasta planicie, limitada de um lado pelo Amanus e pelos montes singularmente talhados da Pieria, e do outro pelas chans da Cyrrhestica [1], atraz das quaes se sente a perigosa visinhança do Arabe e do deserto. O valle do Oronte, que se abre ao Occidente, põe essa bacia interior em communicação com o mar, ou, por melhor dizermos, com o vasto mundo em cujo seio o Mediterraneo constituiu sempre uma especie de estrada neutra e de laço federal.

Entre as diversas colonias que os liberaes decretos dos Seleucidas chamaram á capital da Syria, a dos judeus era uma das mais numerosas [2]; datava do tempo de Seleuco Nicator e lograva direitos iguaes aos dos Gregos [3]. Posto que os Judeus tivessem um ethnarcha particular, eram muito frequentes as suas relações com os pagãos. Em Antiochia, como em Alexandria, essas relações degeneravam muitas vezes em rixas e aggressões [4]. Por outro lado, davam lugar a activa propaganda religiosa. Como o polytheismo official viesse a ser cada vez mais insufficiente para as almas sérias, a philosophia grega e o judaismo attrahiam todos aquelles a quem não podiam satisfazer as vans pompas do paganismo. O numero dos proselytos era consideravel. Logo nos primeiros dias do christianismo, dera Antiochia á Egreja de Jerusalem um dos seus homens mais influentes, Nicolau, que era um dos diaconos (*Act.*, VI, 5). Havia em

1 O lago Ak-Deniz, que constitue d'esse lado o actual limite do territorio de Antakieh, parece que não existia antigamente. Vej. Ritter, *Erdkunde*, XVII, pag. 1149, 1613 e seg.

2 Jos., *Ant.*, XII, III, 1; XIV, XII, 6; *B. J.*, II, XVIII, 5; VII, III, 2-4.

3 Josepho, *Contra Apio*, II, 4; *B. J.*, VII, III, 3-4; V, 2.

4 Malala, pag. 244-245; Jos., *B. J.*, VII, V, 2.

Digitized by Google

Antiochia excellentes germes que só esperavam um raio da graça para desabrocharem e para darem os mais bellos fructos ainda não vistos até então.

A Egreja de Antiochia deveu a sua fundação a alguns crentes oriundos de Chypre e de Cyrene, que já tinham prégado muito (*Act.*, XI, 19 e seg.) Até então tinham-se dirigido sómente aos Judeus. Mas, em uma cidade onde viviam promiscuamente [1] os Judeus puros, os Judeus proselytos, os «homens tementes a Deus» ou pagãos meio-judeus, e os puros pagãos, tornavam-se impossiveis pequenas predicas limitadas a certo numero de casas juntas. O sentimento de aristocracia religiosa que abundava de orgulho os Judeus de Jerusalem, não existia nas grandes cidades de civilisação toda profana, onde o horisonte era mais dilatado e eram menos arraigados os preconceitos. Os missionarios chypriotas e cyreneus tiveram pois de renunciar á sua regra, e de prégar indifferentemente a Judeus e a Gregos [2].

Parece que foram então muito más as disposições reciprocas dos judeus e dos pagãos [3]. Mas circumstancias de outra ordem favoreceram talvez as idéas novas. Ainda estava bem vivo na lembrança de todos o terramoto que causara graves prejuizos á cidade em 23 de Março de 37. No que mais se fallava em toda a cidade era em um impostor por nome Debborius, que presumia de atalhar por talismans ridiculos a repetição de taes accidentes [4]. Isto movia os animos para as cousas sobrenaturaes. Fosse como fosse, é certo que foi mui avantajado o successo da prédica christã. Uma Egreja de pouco tempo, fervorosa, innovadora, esperançosa, porque era composta dos elementos mais diversos, foi estabelecida em breve espaço. Desceram sobre ella todos os dons do

1 Comp. Josepho, *B. J.*, II, XVIII, 2.

2 *Act.*, XI, 20-21. O que deve lêr-se é *Ellenas*. *Ellenistas* procedeu de falsa conciliação com IX, 29.

3 Malala, pag. 245. Mas o que refere Malala não póde ser exacto. Nada diz Josepho ácerca da invasão de que falla o chronógrapho.

4 *Ibid.*, pag. 243, 265-266. Comp. *Comptes rendus de l'Acad. des Inscr. et B.-L.*, sessão de 17 de Agosto de 1865.

Digitized by Google

Espirito Santo, e desde logo era facil prever que essa Egreja nova, livre do estreito moisaismo que traçava um circulo intransitavel de redor de Jerusalem, seria o segundo berço do christianismo. Sem duvida Jerusalem ficará sendo sempre a capital religiosa do mundo: mas o ponto de partida da Egreja dos gentios, o foco primordial das missões christãs foi em verdade Antiochia. Foi lá que pela primeira vez se organisou uma Egreja christã desprendida de laços com o judaismo; foi lá que se estabeleceu a grande propaganda da idade apostolica, e que se formou definitivamente S. Paulo. Antiochia assignala a segunda paragem dos progressos do christianismo. Em materia de nobreza christã, nem Roma, nem Alexandria, nem Constantinopla poderiam ser-lhe comparadas.

Está tão apagada a topographia da antiga Antiochia que baldadamente procurariamos n'aquelle terreno, quasi despido de antigos vestigios, o ponto a que devem prender-se tão grandes recordações. Lá, como em toda a parte, de certo se estabeleceu o christianismo nos bairros pobres, entre gente de misteres pouco lucrosos. A basilica que se chamava « Antiga » e « Apostolica [1] » no seculo IV, estava situada na rua chamada de Singon, perto do Pantheon [2]. Mas não se sabe onde era esse Pantheon. A tradição e certas analogias vagas movem a procurar-se o bairro christão primitivo do lado da porta que ainda hoje tem o nome de Paulo, Bâb Bolos [3], e ao pé da montanha a que Procopio dá o nome de Stavrin, e em que assenta o lado sudoeste das muralhas de Antiochia [4]. Era uma das partes da cidade menos ricas em

1 S. Athan., *Tomus ad Antioch.* (Opp. tomo I, pag. 771, ediç. Montfaucon), S. João Chrys., *Ad pop. Ant.* homil. I e II, init. (tomo II, pag. 1 e 20); *In inscr. Act.*, II, init. (tomo III, 60); *Chron. Pasch.*, pag. 296 (Paris); Theodoreto, *Hist. Eccl.*, II, 27, III, 2, 8, 9. A conciliação d'estas passagens não permitte que se traduza *en te caloumene Palaia* por «no que se chamava a antiga cidade» como algumas vezes teem feito os editores.

2 Malala, pag. 242.

3 Pococke, *Descript. of the East*, vol. II, parte I, pag. 192; Chesney, *Expedition for the survey of the rivers Euphr. and Tigris*, I, 425 e seg.

4 Isto é do lado opposto da parte da cidade antiga que ainda é habitada.

Digitized by Google

monumentos pagãos. Ainda hoje se encontram lá reliquias de antigos santuarios dedicados a S. Pedro, S. Paulo e S. João. Parece que foi ahi o bairro onde o christianismo permaneceu mais tempo, depois da conquista musulmana. Tambem parece que foi ahi o bairro dos « santos » por contraposição á profana Antiochia. N'esse local a rocha é crivada, como um cortiço de abelhas, de grutas que parece terem servido a anachoretas. Quem andar por esses ingremes declives, onde, no seculo IV, bons stylitas, discipulos ao mesmo tempo da India e da Galiléa, de Jesus e de Çakya-Mouni, olhavam com desdem para a voluptuosa cidade do alto do seu pilar ou da sua caverna florida [1], é provavel que não esteja muito longe dos sitios onde moraram Pedro e Paulo. A Egreja de Antiochia é aquella cuja historia se desenreda melhor e abrange menos fabulas. A tradição christã, em uma cidade onde o christianismo teve tão vigorosa continuidade, póde ter algum valor.

A lingua dominante da Egreja de Antiochia era o grego; mas é muito provavel que os arrabaldes, onde se fallava o syriaco, déssem á seita numerosos adeptos. Já, por conseguinte, Antiochia tinha em si o germe de duas Egrejas rivaes e depois inimigas, uma das quaes fallava o grego, representada agora pelos gregos da Syria, orthodoxos ou catholicos, e a outra, cujos representantes actuaes são os Maronitas, fallava outr'ora o syriaco e ainda o conserva como lingua sagrada. Os Maronitas, que debaixo do seu catholicismo inteiramente moderno encobrem alta antiguidade, são provavelmente os ultimos descendentes d'aquelles Syrios anteriores a Seleuco, d'aquelles burguezes ou *pagani* de Ghizira, Charandama, etc. [2], que desde os primeiros seculos da Egreja constituiram Egreja á parte, foram perseguidos pelos imperadores orthodoxos como hereticos, e se acolheram ao Li-

1 Veja-se a primeira nota do capitulo seguinte.

2 Acha-se o typo dos Maronitas de um modo muito notavel em toda a região de Antakieh, de Soucidieh e de Beylan.

Digitized by Google

bano [1], onde, por odio á Egreja grega e em consequencia de mais profundas affinidades, fizeram alliança com os latinos.

Quanto aos Judeus convertidos de Antiochia, tambem foram muito numerosos (*Act.*, XI, 19-20; XIII, 1). Mas deve-se crêr que aceitaram primeiro que tudo a fraternidade com os gentios [2]. Foi nas margens do Oronte que se converteu em realidade a fusão religiosa das raças, sonhada por Jesus, ou antes, por seis seculos de prophetas.

1 F. Naironi, *Evoplia fidei cathol.* (Roma, 1694), pag. 58 e seg., e a obra de S. Emin. Paulo Pedro Masad, actual patriarcha dos Maronitas, intitulada *Kitab ed-durr el-manzoun* (em arabe, impressa no convento de Tamiseh no Kesrouan, 1863).

2 Assim o suppõe a passagem Gal., II, 11 e seg.

Digitized by Google

CAPITULO XIII

IDÉA DE UM APOSTOLADO DOS GENTIOS

S. BARNABÉ

(ANNO DE 42)

Quando se soube em Jerusalem o que era passado em Antiochia, foi grande o alvoroço (*Act.*, XI, 22 e seg.) Apesar da boa vontade de alguns dos principaes membros da Egreja de Jerusalem, em particular de Pedro, o collegio apostolico continuava a vêr-se apertado em estreito circulo de idéas mesquinhas. Cada vez que se sabia que a boa nova fôra annunciada a pagãos, manifestavam-se signaes de descontentamento da parte de alguns dos authorisados. O homem que d'essa vez triumphou d'essa miseravel inveja, e atalhou que as maximas exclusivas dos « hebreus » perdessem o futuro do christianismo, foi Barnabé. Barnabé era o engenho mais esclarecido da Egreja de Jerusalem. Era a cabeça do partido liberal, que queria o progresso e a Egreja aberta para todos. Já tinha altamente contribuido para destruir as desconfianças que haviam surgido contra Paulo. Agora, ainda exerceu grande influencia. Enviado a An-

Digitized by Google

tiochia como delegado do corpo apostolico, viu e approvou tudo o que fôra feito; declarou que a Egreja nova devia proseguir na via que encetára. As conversões continuavam a operar-se em grande numero (*Act.*, XI, 22-24). A força viva e creadora do christianismo parecia ter-se concentrado em Antiochia. Barnabé, cujo zelo queria estar sempre no ponto onde a acção era mais viva, ficou em Antiochia. Esta cidade será d'ora ávante a sua Egreja; é de lá que vai exercer o mais fecundo ministerio. O christianismo tem sido injusto com este grande homem, não lhe dando um dos primeiros lugares entre os seus fundadores. Todas as idéas avantajadas e boas foram apadrinhadas por Barnabé. O seu intelligente ousar foi o contra-peso ao que teria tido de funesto a pertinacia d'aquelles Judeus de curta capacidade que formavam o partido conservador de Jerusalem.

Uma magnifica idéa germinou em Antiochia n'aquelle grande coração. Paulo estava em Tarso em uma inercia que, para homem tão activo, devia ser um supplicio. A sua falsa posição, a sua inflexibilidade, as suas pretenções exageradas annullavam uma parte das suas qualidades. Estava-se consummindo, e era quasi inutil. Barnabé soube applicar á sua obra verdadeira aquella força que se dissipava em uma solidão morbosa e perigosa. Segunda vez estendeu a mão a Paulo, e levou aquelle caracter agreste á sociedade de irmãos de quem queria fugir. Foi a Tarso, procurou-o e fel-o ir a Antiochia (*Act.*, XI, 25). É o que os velhos pertinazes de Jerusalem nunca teriam sabido fazer. Conquistar aquella grande alma retractil e melindrosa; accommodar-se ás fraquezas e aos assomos de um homem cheio de fogo mas muito egoista; fazer-se seu inferior, apparelhar o campo mais favoravel para o desenvolvimento da sua actividade, esquecendo-se de si, é de certo o mais que tenha podido fazer a virtude: é o que Barnabé fez por Paulo. A maior parte da gloria d'este cabe ao homem modesto que o antecedeu em tudo, que quiz ser nada na presença d'elle, que descobriu o que elle valia, que

Digitized by Google

fez que o notassem bem, que obstou mais do que uma vez a que seus defeitos deitassem tudo a perder e a que o levassem á revolta as idéas acanhadas dos outros, que preveniu o mal irremediavel que o mesquinho egoismo teria podido fazer á obra de Deus.

Durante um anno inteiro estiveram unidos Barnabé e Paulo n'essa activa collaboração (*Act.*, XI, 26). Foi um dos annos mais brilhantes, e de certo o mais feliz da vida de Paulo. A fecunda originalidade d'estes dous grandes homens ergueu a Egreja de Antiochia a uma altura a que nenhuma tinha ainda chegado. A capital da Syria era um dos pontos do mundo onde havia mais agitação nas idéas. As questões religiosas e sociaes, na época romana como hoje, manifestavam-se principalmente nas grandes agglomerações de homens. Era já sensivel uma especie de reacção contra a geral immoralidade, reacção que veio a fazer de Antiochia a patria dos stylitas e dos solitarios [1]. Assim a boa doutrina achava n'essa cidade boas condições de successo como ainda não havia encontrado.

(ANNO DE 43)

De mais, uma circumstancia capital prova que a seita teve pela primeira vez em Antiochia plena consciencia de si. Foi n'essa cidade que recebeu um nome distincto. Até então os adherentes haviam dado uns aos outros o nome de « crentes », « fieis », « santos », « irmãos », « discipulos » ; mas não havia nome official e publico com que fossem designados. Foi em Antiochia que se formou o nome *christianus* (*Act.*, XI, 26). A terminação é latina e não grega, o que parece indicar que foi creado pela authoridade romana, como appellido policial [2], do mesmo modo que *herodiani, pompeiani, cæ-*

1 Libanio, *Pro templis*, 164 e seg.; *De carcere vinctis*, 458; Theodoreto, *Hist. ecc.*, IV, 28; João Chrys., Homil LXXII *in Matth.*, 3 (tomo VII, 705); *In Epist. ad Ephes.* hom. VI, 4 (tomo XI, 44); *In* I *Thim.* hom. XIV, 3 e seg. (*ibid.* 628 e seg.); Nicephoro, XII, 44; Glycas, 257 (ediç. de Paris).

2 As passagens I Pedro, IV, 16 e Thiago, II, 7, comparadas com Suetonio, *Nero*, 16, e com Tacito, *Ann.*, XV, 44, confirmam esta idéa. Vej. *Act.*, XXVI, 28.

Digitized by Google

sariani [1]. Em todo o caso, é certo que esse nome foi formado pela povoação pagã. Encerrava uma equivocação, porque suppunha que *Christus*, traducção do hebreu *Maschiah* (o Messias), era um nome proprio [2]. Até mesmo muitos dos que tinham pouco conhecimento das idéas judaicas ou christãs, deviam ser levados a crêr por esse nome que *Christus* ou *Chrestus* era um cabeça de partido ainda vivo [3]. Com effeito, o modo vulgar de pronunciar era *chrestianus* [4].

Em todo o caso, os Judeus não adoptaram, pelo menos seguidamente [5], o nome dado pelos romanos aos seus co-religionarios schismaticos. Continuaram a chamar aos novos sectarios « Nazarenos » ou « Nazorenos », [6] de certo porque costumavam appellidar Jesus *Han-nasri* ou *Han-nosri*, o « Nazareno ». Este nome tem prevalecido até hoje em todo o Oriente [7].

Chegamos a um momento muito importante. É solemne a hora em que uma creação nova recebe o seu nome; porque o nome é o signal definitivo da existencia. É pelo nome que um ser individual ou collectivo se torna em si mesmo e sahe de outro. A formação da palavra « christão » fixa assim a data em que a Egreja de Jesus se separou do judaismo. Ainda por largo tempo

1 É verdade que se acha *Asianos* (*Act.*, xx, 4; Philon, *Legatio*, 36; Strabo, etc.) Mas parece que é um latinismo, do mesmo modo que *Daldianoi*, e os nomes das seitas *Simonianoi*, *Kerinthianoi*, *Sethianoi*, etc. O derivado hellenico de *christos* teria sido *christeios*. Nada vale dizer que a terminação *anus* é uma fórma dorica do grego *enos;* ninguem se lembrava d'isso no primeiro seculo.

2 Como tal o toma Tacito, *loc. cit.*

3 Suetonio, *Claudio*, 25. Discutiremos este passo no nosso livro seguinte.

4 *Corpus inscr. gr.*, n.os 2883 *d*, 3857 *g*, 3857 *p*, 3865 *l*; Tertull., *Apol.*, 3; Lactancio, *Divin. Inst.*, IV, 7. Comp. a fórma franceza *chrestien*.

5 Thiago, II, 7, não indica senão um uso momentaneo e incerto.

6 *Act.*, XXIV, 5; Tertulliano, *Adv. Marcionem*, IV, 8.

7 *Nesârâ*. Os nomes de *merchioio* em syriaco, *mesihi* em arabe, são relativamente modernos, e modelados por *christianos*. O nome de « Galileus » é muito mais recente. Foi Juliano que lhe deu voga, e até mesmo o fez official, dando-lhe certo ar de mofa e de desprezo. Juliano, *Epist.* VII; Greg. de Nazianz. *Oratio*, IV (invect. I), 76; S. Cyrillo de Alexandria, *Contra Juliano*, II, pag. 39. (edic. Spanheim); *Philopatris*, dialogo falsamente attribuido a Luciano, e que é realmente do tempo de Juliano, §. 12; Theodoreto, *Hist. eccl.*, III, 4. Penso que, em Epicteto (Arriano, *Dissert.*, IV, VII, 6), e em Marco Aurelio (*Pensamentos*, XI, 3), este nome não designa os christãos, mas que é preciso entender-se com os « sicarios » ou zelotas, discipulos fanaticos de Judas o Galileu ou o Gaulonita e de João de Gischala.

Digitized by Google

se confundiram as duas religiões; mas essa confusão só se verá nos paizes onde, deixem-nos dizer assim, está ainda atrazado o crescimento do christianismo. De mais, a seita aceitou o nome creado para ella e teve-o por titulo de honra [1]. Pensando em que, dez annos depois da morte de Jesus, a sua religião já tem um nome em lingua grega e em lingua latina na capital da Syria, passmamos com os progressos realisados em tão pouco tempo. O christianismo está completamente apartado do seio de sua mãe; a verdadeira idéa de Jesus triumphou da indecisão dos seus primeiros discipulos; a Egreja de Jerusalem é excedida; o arameo, a lingua de Jesus, é desconhecida de uma parte da sua escóla; o christianismo falla grego; colheu-o definitivamente o grande torvelinho do mundo grego e romano, de que nunca mais se desprenderá.

A actividade, a febre de idéas que se manifestava n'esta Egreja recente teve de certo alguma cousa de extraordinario. Eram n'ella frequentes as grandes manifestações « spiritistas » (*Act.*, XIII, 2). Todos se julgavam inspirados, por modos diversos. Uns eram « prophetas », outros « doutores » (*Act.*, XIII, 1). Barnabé, como indica o seu nome [2], tinha de certo o grau de propheta. Paulo não tinha titulo especial. Tambem se citavam, entre os notaveis da Egreja de Antiochia, Simeão appellidado *Niger*, Lucio de Cyrene, Menahem, que fôra irmão de leite de Herodes Antipas, e que, por conseguinte, devia ser de bastante idade (*Act.*, XIII, 1). Todos estes eram Judeus. Do numero dos pagãos convertidos era já talvez um Evhode que parece, em certa época, ter tido o primeiro lugar na Egreja de Antiochia [3]. Sem duvida os pagãos da primeira prédica tiveram ao principio alguma inferioridade; deviam brilhar pouco nos exercicios publicos de glossolalia, de prédica e de prophecia.

Paulo, no meio d'essa sociedade que o impellia, deixou-se levar da corrente. Depois veio a mostrar-se

1 I Pedro, IV, 16; Thiago, II, 7.
2 Veja-se a pag. 65.
3 Eusebio, *Chron.*, no anno de 43; *H. E.*, III, 22; Ignat., *Epist. ad Antioch.* (apocr.), 7.

Digitized by Google

contrario á glossolalia (I Cor., XIV) e é provavel que nunca a pozesse em pratica. Mas teve muitas visões e revelações immediatas (II Cor., XII, 1-5). Parece que foi em Antiochia [1] que teve aquelle grande alheamento que relata nos termos seguintes: «Conheço um homem em Christo que, ha quatorze annos (passaria isto corporeamente ou fóra do corpo? Eu ignoro-o; sabe-o Deus), foi arrebatado ao terceiro céo [2]. E sei que esse homem (só Deus poderia dizer se foi em corpo ou sem corpo) foi arrebatado ao paraiso [3], onde ouviu palavras ineffaveis, que a um mortal não é permittido dizer [4].» Em geral, sobrio e pratico, Paulo admittia comtudo as idéas do seu tempo ácerca do sobrenatural. Julgava que fazia milagres [5], como todo o mundo; e era impossivel que lhe fossem negados os dons do Espirito Santo, que eram tidos como de direito commum na Egreja (I Cor., XII todo).

(ANNO DE 44)

Mas almas tomadas de tão viva chamma não podiam prender-se com essas chimeras de exuberante sentimento pio. Breve se volveram para a acção. Entranhou-se em todas as cabeças a idéa de grandes missões com o fim da conversão dos pagãos, começando pela Asia Menor. Essa idéa não teria podido realisar-se em Jerusalem se lá houvera nascido. A Egreja de Jerusalem era destituida de recursos pecuniarios. Um grande estabelecimento de propaganda exige certa entrada de capital. Ora, toda a caixa commum de Jerusalem esgotava-se em soccorros aos bons pobres, e ás vezes era insufficiente. De todas as partes era preciso que acudissem auxilios para que não morressem de fome aquelles nobres men-

1 Elle dá com effeito esta visão quatorze annos antes d'aquelle em que escrevia a segunda aos Corinthios, que é do anno de 57 pouco mais ou menos. Mas não é impossivel que ainda estivesse em Tarso.

2 Para as idéas judaicas ácerca dos céos sobrepostos, veja-se *Testam. dos 12 patr.*, Levi, 3, *Ascensão de Isaias*, VI, 13; VII, 8 e tudo mais do livro; Talm. de Bab., *Chagiga*, 12 *b.*, Midraschim, *Bereschith rabba*, secç. XIX, fol. 19 *c*; *Schemoth rabba*, secç. XV, fol. 115 *d*; *Bammidbar rabba*, secç. XIII, fol. 218 *a*; *Debarim rabba*, secç. II, fol. 253 *a*; *Schir hassechirim rabba*, fol. 24 *d*.

3 Compare-se Talm. de Babyl., *Chagiga*, 14 *b*.

4 Compare-se *Ascensão de Isaias*, VI, 15; VII, 3 e seg.

5 II Cor., XII, 12; Rom., XV, 19.

Digitized by Google

dicantes [1]. O communismo havia creado em Jerusalem uma miseria irremediavel e completa incapacidade para os grandes commettimentos. A Egreja de Antiochia estava isenta de tal flagello. Os Judeus, n'aquellas cidades profanas, tinham chegado a um viver commodo, e ás vezes á opulencia [2]; os fieis entravam na Egreja com haveres importantes. Foi Antiochia que deu os capitaes para a fundação do christianismo. Concebe-se bem a total differença de costumes e de caracter que esta circumstancia por si só estabeleceria entre as duas Egrejas. Jerusalem ficou sendo a cidade dos pobres de Deus, dos *ebionim*, dos bons sonhadores galileus, enlevados e como estonteados com as promessas do reino dos céos (Thiago, II, 5 e seg.) Antiochia, quasi alheia á palavra de Jesus, que não ouvira, foi a Egreja da acção do progresso. Antiochia foi a cidade de Paulo; Jerusalem, a cidade do velho collegio apostolico, embebecido em seus sonhos, impotente para os novos problemas que se manifestavam, mas fascinado pelo seu incomparavel privilegio, e rico de inestimaveis recordações.

Não tardou que uma circumstancia viesse patentear isto bem claramente. Era tal a imprevidencia na pobre Egreja famelica de Jerusalem, que o mais leve accidente punha em transes a communidade. Ora, em um paiz onde era nulla a organisação economica, onde o commercio tinha pouco desenvolvimento e onde eram mediocres as fontes de riqueza, não podiam deixar de haver fomes. Houve uma terrivel no quarto anno do reinado de Claudio, no anno de 44 [3]. Quando se manifestaram os seus symptomas, os irmãos de Jerusalem tiveram a idéa de recorrerem aos irmãos das Egrejas mais ricas da Syria. Foi a Antiochia uma embaixada de prophetas

1 *Act.*, XI, 29; XXIV, 17; Gal., II, 10; Rom., XV, 26; I Cor., XVI, 1; II Cor., VIII, 4, 14; IX, 1, 12.

2 Josepho, *Ant*, XVIII, VI, 3, 4; XX, V, 2.

3 *Act.*, XI, 28; Jos., *Ant.*, XX, II,6; V, 2; Eusebio, *Hist. eccl.*, II, 8 e 12. Comp. *Act.*, XII, 20; Tacito, *Ann.*, XII, 43; Suetonio, *Claudio*, 18; Dion. Cassio, LX, 11; Aurelio Victor, Cæs., 4; Eusebio, *Chron.*, annos de 43 e seg. Em quasi todos os annos do reinado de Claudio se soffreram fomes parciaes no Imperio.

Digitized by Google

hierosolymitas (*Act.*, XI, 27 e seg.) Um dos enviados, por nome Agab, a quem se attribuia alto grau de penetração, viu-se de repente tomado do Espirito, e annunciou o flagello com todos os seus rigores. Os fieis de Antiochia ficaram muito sentidos pelos males que ameaçavam a mãe Egreja, de que se tinham ainda por tributarios. Fizeram uma collecta, para a qual concorreu cada um segundo as suas posses. Barnabé foi encarregado de levar o producto aos irmãos da Judéa [1]. Jerusalem será ainda muito tempo a capital do christianismo. Estão lá centralisadas as cousas unicas; só lá ha apostolos (Gal., I, 17-19). Mas está dado um grande passo. Por espaço de muitos annos, não houve se não uma Egreja completamente organisada, que foi a de Jerusalem, centro absoluto da fé, d'onde emana toda a vida, para onde toda a vida reflue. Agora já não é assim. Antiochia é uma Egreja perfeita, tem toda a hierarchia dos dons do Espirito Santo. De lá partem (*Act.*, XVIII, 3; XV, 36; XVIII, 23) e para lá voltam as missões (*Act.*, XIV, 25; XVIII, 22). É outra capital, ou, por melhor dizermos, é outro coração, que tem a sua acção propria, e cuja força se exerce em todas as direcções.

Até mesmo é facil prever desde já que a segunda capital brevemente levará vantagem á primeira. Com effeito, a decadencia da Egreja de Jerusalem foi rapida. É proprio das instituições baseadas no communismo terem um primeiro momento brilhante, porque o communismo suppõe sempre uma grande exaltação, mas degenerarem muito depressa por ser o communismo contrario á natureza humana. Em seus assomos de virtude, pensa o homem que póde bem dispensar o egoismo e o interesse proprio; o egoismo desforra-se provando que o absoluto desinteresse gera males mais graves do que aquelles que o homem julga evitar pela suppressão da propriedade.

1 O livro dos *Actos* (XI, 30; XII, 25) diz que Paulo foi um dos da jornada. Mas Paulo declara que desde a sua primeira estada de duas semanas até á sua jornada para a questão da circumcisão, não foi a Jerusalem (Gal., II, 1 tendo em conta a argumentação geral de Paulo n'este ponto). Veja-se o que dissemos na Introd., pag. XXIV.

Digitized by Google

CAPITULO XIV

PERSEGUIÇÃO DE HERODES AGRIPPA I

Barnabé achou em grande torvação a Egreja de Jerusalem. Foi para ella muito tormentoso o anno de 44, porque, além da fome, viu accender-se de novo o fogo da perseguição, que havia afrouxado desde a morte de Estevão.

Herodes Agrippa, neto de Herodes o Grande, havia conseguido, desde o anno de 41, recompor a realeza de seu avô. Favorecido por Caligula, chegara a juntar debaixo do seu dominio a Batanéa, a Trachonitida, uma parte do Hauran, o Abilene, a Galiléa, a Perea [1]. O ignobil papel que desempenhou na tragi-comedia que deu a Claudio o imperio [2], completou a sua boa fortuna. Esse vil Oriental, em galardão das lições de baixeza e de perfidia que déra a Roma, obteve para si a Samaria e a Judéa, e para seu irmão Herodes a pequena realeza de Chalcis [3]. Tinha deixado em Roma as mais tristes recordações, e as crueldades de Caligula eram em parte attri-

1 As inscripções d'estas terras confirmam plenamente as indicações de Josepho (*Comptes rendus de l'Acad. des Inscr. et B.-L.*, 1865, pag. 106-109).
2 Josepho, *Ant.*, XIX, IV; *B. J.*, II, XI.
3 Jos., *Ant.*, XIX, V, 1; VI, 1; *B. J.*, II, XI, 5; Dion. Cass., LX, 8.

Digitized by Google

buidas aos seus conselhos [1]. As suas tropas e as cidades pagans de Sebasta e de Cesaréa, que elle sacrificava a Jerusalém, não lhe eram affectas [2]. Mas os Judeus achavam-no generoso, magnifico, propenso a sympathisar com elles pelos males que soffriam. Trabalhava por fazer-se popular entre elles, e fingia uma politica muito differente da de Herodes o Grande. Este vivera muito mais para o mundo grego e romano do que para os Judeus. Herodes Agrippa, pelo contrario, presava Jerusalem, observava religiosamente a religião judaica, fingia escrupulos, e nunca deixava passar um dia sem cumprir as suas devoções [3]. Chegava ao ponto de ouvir com benevolencia os pareceres dos rigoristas, e dava-se ao trabalho de justificar-se do que elles lhe reprovavam [4]. Moderou o tributo que lhe devia cada casa hierosolymita [5], e, em uma palavra, tiveram n'elle os orthodoxos um rei á sua vontade.

Era inevitavel que um principe de tal caracter perseguisse os christãos. Sincero ou não, Herodes Agrippa era um soberano judeu em todo o rigor da palavra [6]. A casa de Herodes ao passo que enfraquecia dava-se á devoção. Esvaecera-se a grande idéa profana do fundador da dynastia, que aspirava a fazer viver juntos e sob o imperio commum da civilisação os mais diversos cultos. Quando Herodes Agrippa depois de rei entrou pela primeira vez em Alexandria, foi como rei dos Judeus que o receberam; foi esse titulo que irritou os habitantes e deu campo para innumeraveis chocarrices [7]. Ora, que podia ser um rei dos Judeus se não o depositario da Lei e das tradições, um soberano theocrata e perseguidor? Desde Herodes o Grande, durante cujo reinado foi inteiramente comprimido o fanatismo, até á explosão da guerra que causou a ruina de Jerusalem, houve assim uma

1 Dion. Cass., LIX, 24.
2 Jos., *Ant.*, XIX, IX, 1.
3 Jos., *Ant.*, XIX, VI, 1, 3; VII, 3, 4; VIII, 2; IX, 1.
4 *Ibid.*, XIX, VII, 4.
5 *Ibid.*, XIX, VI, 3.
6 Juvenal, Sat. VI, 158-159; Persio, Sat. V, 180.
7 Philon, *In Flaccum*, §. 5 e seg.

Digitized by Google

progressão sempre crescente de ardor religioso. Da morte de Caligula (24 de Janeiro de 41) resultara uma reacção favoravel aos Judeus. Claudio foi-lhes em geral benevolo [1], pelo muito que com elle valiam Herodes Agrippa e Herodes rei de Chalcis. Não só deu razão aos judeus de Alexandria nas suas questões com os habitantes, e lhes conferiu o direito de elegerem um ethnarcha, mas publicou, segundo se diz, um edicto pelo qual concedia aos Judeus em toda a extensão do Imperio, o que havia concedido aos de Alexandria, isto é a liberdade de viverem segundo as suas leis, com a condição unica de não ultrajarem os outros cultos. Foram reprimidas algumas tentativas de vexações analogas ás do tempo de Caligula [2]. Jerusalem dilatou-se muito; foi ajuntado á cidade o bairro de Bezetha [3]. Mal se sentia a authoridade romana, posto que Vibius Marsus, homem prudente, amadurecido por altos encargos, e de engenho muito cultivado [4], que havia succedido a Publius Petronius na legacia imperial da Syria, fizesse de tempos a tempos notar em Roma o perigo d'essas realezas meio independentes do Oriente [5].

A especie de feudalismo que, desde a morte de Tiberio, tendia a estabelecer-se na Syria e nos paizes visinhos [6], era, com effeito, um embargo á politica imperial, e mal dava resultados que não fossem maus. Os «reis» indo a Roma eram altos personagens que exerciam detestavel influencia. A corrupção e o aviltamento do povo, especialmente no tempo de Caligula, procederam em grande parte do espectaculo que davam esses miseraveis, arrastando a sua purpura já no theatro, já no palacio dos cesares, já nas prisões [7]. No que diz respeito aos Judeus,

1 Jos., *Ant.*, XIX, v, 2; XX, vi, 3; *B. J.*, II, xii, 7.
2 Jos., *Ant.*, XIX, vi, 3.
3 Jos., *Ant.*, XIX, vii, 2; *B. J.*, II, xi, 6; V, iv, 2; Tacito, *Hist.*, V, 12.
4 Tacito, *Ann.*, VI, 47.
5 Jos., *Ant.*, XIX, vii, 2; viii, 1; XX, i, 1.
6 *Ibid.*, XIX, viii, 1.
7 Suetonio, *Caius*, 22, 26, 35; Dion. Cass., LIX, 24; LX, 8; Tacito, *Ann.*, XI, 8. Como typo d'esse papel dos pequenos reis do Oriente, estude-se a carreira de Herodes Agrippa I em Josepho (*Ant.*, XVIII e XIX). Comp. Horacio, *Sat.* I, vii.

Digitized by Google

já vimos [1] que a autonomia significava a intolerancia. O soberano pontificado não sahia por instantes da familia de Hanan senão para entrar na de Boethus, não menos orgulhosa e cruel. Um soberano desvelado em agradar aos Judeus não podia deixar de conceder-lhes o que elles mais queriam, isto é severidades contra tudo o que se apartava da rigorosa orthodoxia (*Act.*, XII, 3).

Com effeito, Herodes Agrippa veio a ser nos ultimos tempos do seu reinado um violento perseguidor (*Act.*, XII, 1 e seg). Algum tempo antes da Paschoa do anno de 44, mandou cortar a cabeça a Thiago, filho de Zebedeu e irmão de João, e um dos principaes membros do collegio apostolico. A questão não se apresentou como religiosa; não houve processo inquisitorial perante o sanhedrim; a sentença foi proferida em virtude do poder arbitrario do soberano, como succedeu com João Baptista [2]. Animado pelo bom effeito que fez sobre os Judeus essa execução (*Act.*, XII, 3 e seg.), Herodes Agrippa não quiz parar em veio tão facil de popularidade. Era nos primeiros dias da festa da Paschoa, época ordinaria de crescimento do fanatismo. Agrippa mandou encarcerar Pedro na torre Antonia. Queria mandal-o julgar e matar com grande apparato, perante a grande cópia de povo então junto.

Uma circumstancia que não conhecemos, e que foi tida por milagrosa, abriu a prisão de Pedro. Uma tarde, estando reunidos muitos fieis na casa de Maria, mãe de João Marcos, onde Pedro de ordinario residia, ouviu-se de repente bater á porta. A serva, chamada Rhodé, foi escutar. Conheceu a voz de Pedro. Tomada de intima alegria, em lugar de abrir a porta, voltou para dentro de corrida e annunciou que estava alli Pedro. Chamaram-lhe douda e ella jurou que era verdade o que dizia. «É o seu anjo», disseram alguns. Ouviu-se bater repetidas vezes; era elle com certeza. A alegria foi infinita. Pedro mandou logo annunciar o seu livramento a Thiago, irmão do Senhor, e aos outros fieis. Julgou-se que fôra

1 Veja-se pag. 89-90, 109, e principio do capitulo XI.
2 Com effeito, Thiago foi decapitado e não apedrejado.

Digitized by Google

o anjo de Deus que entrára na prisão do apostolo, e fizera cahir as cadêas e os ferrolhos. Com effeito, Pedro contava que tudo isso havia succedido estando elle em uma especie de extasis; que depois de haver passado a primeira e a segunda sentinella e a porta de ferro que dava para a cidade, ainda o anjo o acompanhou em uma rua, e depois deixou-o; que então cahiu em si e conheceu a mão de Deus, que havia mandado um mensageiro celeste para o seu livramento [1].

Pouco viveu Agrippa depois d'estas violencias [2]. N'este anno de 44 foi a Cesaréa para celebrar jogos em honra de Claudio. Foi extraordinaria a affluencia de gente; os de Tyro e de Sidonia, que andavam desavindos com elle, tambem compareceram, e pediram-lhe o esquecimento de aggravos. Esses festejos descontentavam muito os judeus por duas razões: verificavam-se na cidade impura de Cesaréa e no theatro. Já uma vez, tendo o rei sahido de Jerusalem em iguaes circumstancias, certo rabbi Simeão propozera que elle fosse declarado alheio ao judaismo e excluido do templo. O rei levara a condescendencia até ao ponto de mandar assentar o rabbi ao seu lado no theatro, para provar-lhe que nada do que alli se fazia era contrario á Lei [3]. Julgando que havia assim contentado os rigoristas, Herodes Agrippa entregou-se todo ao seu gosto pelas pompas profanas. No segundo dia dos festejos, entrou de manhã muito cedo no theatro, com uma tunica de estofo de prata, de maravilhoso esplendor. Foi extraordinario o effeito d'aquella tunica a scintillar aos raios do sol nascente. Os Phenicios que ladeavam o rei não pouparam adulações com sabor de paganismo, dizendo: «É um Deus e não um homem». O rei não deu mostras de irritado nem censurou essas palavras. Passados cinco dias morreu. Judeus e christãos entenderam que fôra castigado com a morte por não ter

1 *Act.*, XII, 9-11. O dizer dos *Actos* é tão vivo e justo, que é difficil achar ahi lugar para demorada elaboração lendaria.
2 Jos., *Ant.*, XIX, VIII, 2; *Act.*, XII, 18-23.
3 Jos., *Ant.*, XIX, VII, 4.

Digitized by Google

repellido com horror uma lisonja blasphema. A tradição christã quiz que elle morresse de uma molestia vermicular, castigo que só cabia aos inimigos de Deus [1]. Os symptomas apontados por Josepho levam a crêr antes em um envenenamento, e o que se lê nos *Actos* ácerca do comportamento equivoco dos Phenicios e do cuidado que empregaram para alcançarem intimidade com Blastus, guarda-roupa do rei, dá força a esta hypothese.

Da morte de Herodes Agrippa I resultou o acabamento da independencia para Jerusalem. A cidade começou a ser outra vez administrada por procuradores, e esse regime durou até á grande revolta. Foi uma felicidade para o christianismo; porque é muito para notar-se que essa religião que havia de vir a sustentar tão terrivel luta contra o imperio romano, crescesse á sombra do principio romano e sob a sua protecção. Era Roma, como já por muitas vezes temos dito, que atalhava que o judaismo se désse plenamente aos seus instinctos de intolerancia, e que tolhesse os livres desenvolvimentos que se operavam em seu seio. Um talho na authoridade judaica era um beneficio para a seita nascente. Cuspius Fadus, que foi o primeiro d'essa nova serie de procuradores, foi outro Pilatos, cheio de firmeza ou pelo menos de boa vontade. Mas Claudio continuava a mostrar-se favoravel ás pretenções judaicas, mórmente a instancias do moço Herodes Agrippa, filho de Herodes Agrippa I, que tinha na sua companhia e a quem queria muito [2]. Depois da breve administração de Cuspius Fadus, foram as funcções de procurador fiadas de um Judeu, d'aquelle Tiberio Alexandre, sobrinho de Philon, e filho do alabarcha dos Judeus de Alexandria, que chegou a altos cargos e figurou muito nas cousas politicas do seculo. É verdade que os Judeus não lhe eram affectos e o tinham, não sem razão, por apostata [3].

1 *Act.*, XII, 23. Comp. II Macch., IX, 9; Jos., *B. J.*, I, XXXIII, 5; Talmud de Bab., *Sota*, 35 *a*.

2 Jos., *Ant.*, XIX, VI, 1; XX, I, 1, 2.

3 Jos., *Ant.*, XX, V, 2; *B. J.*, II, XV, 1; XVIII, 7 e seg.; IV, X, 6; V, I, 6; Tacito, *Annaes*, XV, 28; *Hist.*, I, 11; II, 79; Suetonio *Vesp.*, 6; *Corpus inscr. græc.*, *n.°* 4957 (confr. *ibid.*, III, p. 311).

Digitized by Google

Para atalhar essas disputas sempre vivas, recorreu-se a um expediente conforme com os bons principios. Fêz-se uma especie de separação entre o espiritual e o temporal. O poder politico ficou sendo dos procuradores; mas Herodes, rei de Chalcis, irmão de Agrippa I, foi nomeado prefeito do templo, depositario das vestiduras pontificaes, thesoureiro da caixa sagrada, e investido do direito de nomear os summos sacerdotes [1]. Por sua morte (anno de 48), Herodes Agrippa II, filho de Herodes Agrippa I, succedeu a seu tio n'estes cargos, que conservou até á grande guerra. Em tudo isto mostrava-se Claudio cheio de bondade. Os altos funccionarios romanos na Syria, posto que menos propensos para concessões do que o imperador, tambem usaram de muita moderação. O procurador Ventidius Cumanus levou a condescendencia ao extremo de mandar degolar, no meio de um quadrado formado por Judeus, um soldado que rasgára um exemplar do Pentateuco [2]. Tudo era inutil; Josepho tem razão em datar da administração de Cumanus as desordens que só acabaram com a destruição de Jerusalem.

O christianismo não tinha parte nenhuma n'estas rixas [3]. Mas estas agitações eram, como o proprio christianismo, um dos symptomas da extraordinaria febre que consumia o povo judaico, e do trabalho divino que n'elle se realisava [4]. O templo de Jerusalem era um dos sanctuarios do mundo cuja reputação chegava mais longe, e em que se faziam mais offrendas [5]. O judaismo viera a ser a religião dominante de muitas partes da Syria. Os principes asmoneus tinham convertido a elle por violencia povos inteiros, como os Idumeus, os Itureus, etc. [6] Havia muitos exemplos da circumcisão forçada [7],

1 Jos., *Ant.*, XX, I, 3.
2 Jos., *Ant*, XX, V, 4; *B. J.*, II, XII, 2.
3 Josepho, que expõe muito por miudo a historia d'essas agitações, nunca faz entrar n'ellas os christãos.
4 Jos., *Contra Apio*, II, 39, Dion. Cassius, LXVI, 4.
5 Jos., *B. J.*, IV, IV, 3; V, XIII, 6; Suet., *Aug.*, 93, Strabo, XVI, II, 34, 37; Tacito, Hist., V, 5.
6 Jos., *Ant.*, XIII, IX, 1; XI, 3; XV, 4; XV, VII, 9.
7 Jos., *B. J.*, II, XVII, 10; *Vita*, 23.

Digitized by Google

e era muito energico o fervor de fazer proselytos (Matth., XXIII, 13). A casa de Herodes tambem valia muitissimo á propaganda judaica. Por casarem com princezas d'essa familia, cujas riquezas eram immensas, faziam-se judeus [1] os principes das pequenas dynastias, vassallas dos Romanos, de Emesia, de Ponto e de Cilicia. Na Arabia e na Ethiopia havia tambem grande numero de convertidos. As familias reaes de Mesene e de Adiabene, tributarias dos Parthas, tinham sido movidas ao judaismo, mórmente as mulheres [2]. Era crença vulgar que achava a felicidade quem conhecesse e pozesse em pratica a Lei [3]. Mesmo quem não se submettia á circumcisão, modificava mais ou menos a sua religião no sentido judaico; transformava-se n'uma especie de monotheismo o espirito geral da religião na Syria. Em Damasco, cidade que estava muito longe de ser de origem israelita, quasi todas as mulheres haviam abraçado a religião judaica [4]. Á sombra do judaismo pharisaico, formava-se assim uma especie de judaismo livre, de mais baixa liga, que não sabia todos os segredos da seita [5], que só entrava com a sua boa vontade, mas que promettia muito mais futuro. A situação era, em certos pontos, a do catholicismo de hoje, em que vemos, de um lado, theologos orgulhosos e de curta capacidade, que por si sós não chamariam mais almas para o catholicismo do que chamaram os phariseus para o judaismo; e do outro, pios leigos, mil vezes hereticos sem saberem que o são, mas cheios de pathetico zelo, ricos em boas obras e em poeticos sentimentos, desvelados em dissimular ou em reparar os erros dos seus doutores por meio de indulgentes explicações.

Um dos mais extraordinarios exemplos d'este pendor que levava para o judaismo as almas religiosas, foi o que deu a familia real do Adiabene no Tigre [6]. Essa

1 Jos., *Ant.*, XX, VII, 1, 3. Comp. XVI, VIII, 6.
2 *Ibid.*, XX, II, 4.
3 Jos., *Ant.*, XX, II, 5, 6; IV, 1.
4 Jos., *B. J.*, II, XX, 2.
5 Seneca, fragm. em S. Agost, *De civ. Dei*, VI, 11.
6 Jos., *Ant.*, XX, II–IV.

Digitized by Google

casa, persa na origem e nos costumes [1], já em parte iniciada na cultura grega [2], quasi toda se fez judia, e entrou na alta devoção; porque, como já dissemos, esses proselytos eram muitas vezes mais pios do que os Judeus de nascimento. Izate, superior da familia, abraçou o judaismo por ouvir prégar um mercadar judeu, chamado Ananias, que, entrando para os seus negocios no serralho de Abennerig, rei de Mesene, convertera todas as mulheres e se constituira seu director espiritual. As mulheres fizeram que Izate se relacionasse com elle. Pelo mesmo tempo, Helena, sua mãe, colhia de outro Judeu lições sobre a verdadeira religião. Izate, no seu zelo de recem-convertido, tambem queria ser circumcidado; mas dissuadiram-no d'isso sua mãe e Ananias. Provou-lhe Ananias que a observancia dos mandamentos de Deus era mais importante do que a circumcisão, e que ninguem carecia d'essa ceremonia para ser bom Judeu. Essa tolerancia era dom de mui limitado numero de intelligencias esclarecidas. Algum tempo depois, um Judeu da Galiléa, chamado Eleazar, encontrando o rei a lêr o Pentateuco, mostrou-lhe, pelos textos, que não podia observar a Lei sem ser circumciso. Izate persuadiu-se de que assim era, e a operação foi logo feita [3].

A conversão de Izate foi seguida da de seu irmão Monobaze e de quasi toda a familia. No anno de 44, Helena foi residir em Jerusalem, onde mandou fabricar para a casa real de Adiabene um palacio e um mausoleu de familia, que ainda existe [4]. Fez-se muito querida dos Judeus pela sua affabilidade e pelas suas esmolas. Era um excellente exemplo o que dava aquella pia judia frequentando o templo, consultando os doutores,

1 Tacito, *Ann.*, XII, 13, 14. São persas quasi todos os nomes d'esta familia.

2 Prova-o o nome « Helena ». Mas é notavel que o grego não figure na inscripção bilingue (syriaco e syro-chaldaico) do tumulo de uma princeza d'esta familia, descoberto e levado para Paris pelo snr. de Saulcy. Vej. *Journal Asiatique*, Dezembro de 1865.

3 Confr. *Bereschith rabba*, XLVI, 51 *d*.

4 Segundo todas as apparencias, é o monumento conhecido hoje com o nome de « tumulo dos reis ». Veja *Journal Asiat.*, loc. cit.

Digitized by Google

lendo a Lei e ensinando-a a seus filhos. Durante a peste do anno 44, aquella santa mulher foi a providencia da cidade. Mandou comprar grande quantidade de trigo no Egypto, e de figos seccos em Chypre. Izate, pela sua parte, deu grandes quantias para serem distribuidas pelos pobres. As riquezas eram consumidas em parte em Jerusalem. Os filhos de Izate foram lá aprender os usos e a lingua dos Judeus. Assim toda essa familia foi o amparo d'quelle povo de mendigos. Já era na cidade como quem tinha direito de cidade; lá estavam muitos dos seus membros quando a cercou Tito [1]; outros figuram nos escriptos talmudicos como modélos de devoção e de desapego [2].

É por isso que a familia real de Adiabene pertence á historia do christianismo. Com effeito, sem ser christã, como querem certas tradições [3], essa familia representou a certos respeitos as premicias dos gentios. Abraçando o judaismo, obedeceu ao sentimento que havia de levar ao christianismo todo o mundo pagão. Os verdadeiros Israelitas segundo Deus eram muito mais depressa esses estrangeiros, movidos de um sentimento religioso tão profundamente sincero, do que o phariseu soberbo e malevolo, para quem a religião era só um pretexto para mal-querenças e desdens. Esses bons proselytos estavam longe de ser fanaticos porque eram verdadeiramente santos. Admittiam que a verdadeira religião podia praticar-se debaixo do imperio dos mais diversos codigos civis. Estremavam completamente a religião da politica. A distincção entre os sediciosos sectarios que haviam de defender Jerusalem com sanha, e os pacificos devotos, que, ao primeiro rumor de guerra, haviam de fugir para as montanhas (Luc., XXI, 21), tornava-se cada vez mais manifesta.

1 Jos., *B. J.*, II, XIX, 2; VI, VI, 4.

2 Talm. de Jer., *Péah*, 15 *b*, attribue a um dos Monobazes algumas maximas que fazem logo lembrar o Evangelho (Matth., VI, 19 e seg.); Talm. de Bab., *Baba Bathra*, 11 *a*; *Joma*, 37 *a*; *Nazir* 19 *b*, *Schabbath*, 68 *b*; *Sifra* 70 *a*; *Bereschith rabba*, XLVI. fol. 51 *d*.

3 Moysés de Khorene, II, 35; Orosio, VII, 6.

Digitized by Google

Vê-se, ao menos, que a questão dos proselytos se estabelecia da mesma maneira no judaismo e no christianismo. De uma e de outra parte, sentia-se a necessidade de alargar a porta de entrada. Para os que assim pensavam, a circumcisão era uma pratica inutil ou nociva; as observancias moisaicas eram mero signal de raça, que só tinha valor para os filhos de Abrahão. Antes de vir a ser religião universal, o judaismo era forçado a reduzir-se a uma especie de deismo, que só exigia o cumprimento dos deveres da religião natural. Havia uma sublime missão a cumprir, e uma parte do judaismo, na primeira metade do primeiro seculo, prestou-se a ella com muita intelligencia. Por um lado, o judaismo era um d'aquelles innumeraveis cultos nacionaes [1] de que estava cheio o mundo, e cuja santidade procedia unicamente de haverem os antigos adorado do mesmo modo; por outro lado, o judaismo era a religião absoluta, feita para todos, destinada para ser abraçada por todos. O assombroso excesso de fanatismo que se avantajou a tudo na Judéa, e que deu causa á guerra de exterminio, abreviou esse futuro. Foi o christianismo que tomou á sua conta a tarefa que a synagoga não soubera levar ao cabo. Deixando de parte as questões rituaes, o christianismo continuou a propaganda monotheista do judaismo. O que fizera valer o judaismo entre as mulheres, no serralho de Abennerig, com Helena e com tantos proselytos pios, foi o que deu força ao christianismo em todo o mundo. N'este sentido, a gloria do christianismo confunde-se na verdade com a do judaismo. Uma geração de fanaticos privou o judaismo da sua recompensa, e não lhe permittiu que colhesse o fructo do que havia semeado.

1 *Ta patria etc.*, expressão tão familiar a Josepho, quando defende a posição dos Judeus no mundo pagão.

Digitized by Google

CAPITULO XV

MOVIMENTOS PARALLELOS AO CHRISTIANISMO OU IMITADOS DO CHRISTIANISMO. — SIMÃO DE GITTON

(ANNO DE 45)

Agora está o christianismo realmente fundado. Na historia das religiões, só os primeiros annos são difficeis de atravessar. Logo que uma crença tenha resistido ás duras provas que soffrem todas as novas instituições, o seu futuro está seguro. Mais habeis do que os outros sectarios do mesmo tempo, essenios, baptistas, partidarios de Judas Gaulonita, que não sahiram do mundo judeu e com elle acabaram, os fundadores do christianismo, com rara perspicacia, entraram muito cedo no vasto mundo e n'elle tomaram assento. Não deve causar-nos admiração o pouco que dos christãos nos dizem Josepho, o Talmud e os escriptores gregos e latinos. Os escriptos de Josepho foram-nos transmittidos por copistas christãos, que supprimiram tudo o que era desagradavel para a sua crença. Póde-se suppor que elle fallasse mais largamente de Jesus e dos christãos do que lêmos na edição que possuimos. O Talmud tambem soffreu, na

Digitized by Google

idade media e na occasião da sua primeira publicação [1], muitos córtes e alterações, porque a censura christã foi muito severa com o texto, e grande numero de desventurados judeus foram queimados por estarem de posse de um livro que continha passagens havidas por blasphematorias. Não é para admirar que os escriptores gregos e latinos curem pouco de um movimento que não podiam comprehender, e que passou em um pequeno mundo que desconheciam. Para elles perde-se o christianismo no fundo escuro do judaismo; era uma rixa de familia no seio de uma nação abjecta; para que se lhe havia de dar importancia? As duas ou tres passagens em que Tacito e Suetonio fallam dos christãos provam que, posto que estivesse de ordinario fóra do circulo visual da grande publicidade, a seita nova era um facto de muito peso, pois que, por uma ou duas abertas, vemol-a, atravez da nuvem da inadvertencia geral, delinear-se com muita clareza.

De mais, o que contribuiu para obliterar um pouco os lineamentos do christianismo na historia do mundo judaico no primeiro seculo da nossa era, foi não ser elle n'essa historia um facto destacado. Era finda a carreira de Philon, toda dedicada ao amor do bem. A seita de Judas Gaulonita continuava a existir. O agitador tivera por continuadores do seu pensamento seus filhos Thiago, Simão e Menahem. Thiago e Simão foram crucificados por ordem do procurador renegado Tiberio Alexandre [2]. Quanto a Menahem, ha-de ter um papel importante na catastrophe final da nação [3]. No anno de 44 erguera-se um enthusiasta, por nome Theudas [4], a annunciar o proximo livramento, movendo as turbas a seguil-o ao deserto, promettendo, como outro Josué, fazer-lhes passar o Jordão a pé enxuto; essa passagem era, dizia elle,

1 Sabe-se que não ha nenhum manuscripto do Talmud para verificação das edições impressas.
2 Jos., *Ant.*, XX, v, 2.
3 Jos., *B. J.*, II, XVII, 8-10; *Vita*, 5.
4 A conciliação do christianismo com os dous movimentos de Judas e de Theudas é feita pelo proprio author dos *Actos* (v, 36-37).

Digitized by Google

o verdadeiro baptismo que havia de iniciar cada um dos seus fieis no reino de Deus. Seguiram-no mais de quatrocentas pessoas. O procurador Cuspius Fadus mandou contra elle cavallaria, que lhe dispersou os seguidores e o matou [1]. Alguns annos antes, toda a Samaria se movera á voz de um visionario, que dizia ter tido a revelação do lugar de Garizim onde Moysés escondera os instrumentos sagrados do culto. Pilatos havia reprimido esse movimento com grande rigor [2]. Quanto a Jerusalem, acabou para ella a paz. Desde a chegada do procurador Ventidius Cumanus (anno de 48) as desordens foram continuas. Subira a tal ponto a excitação que viera a ser impossivel viver n'essa cidade; as circumstancias de menos peso davam lugar a explosões [3]. Sentia-se por toda a parte uma fermentação extraordinaria, uma especie de turbação mysteriosa. De todos os lados surgiam impostores [4]. Começava a apparecer o terrivel flagello dos zelotas (*Kenaim*) ou sicarios. Miseraveis, armados com punhaes, mettiam-se entre as turbas, feriam as suas victimas, e eram depois os primeiros que gritavam: homem morto! Não se passava um dia sem que se ouvisse fallar de algum assassinato d'esses. Correu por todos extraordinario terror. Josepho apresenta os crimes dos zelotas como puros actos de perversidade [5]; mas não é para duvidar que tambem fossem obra do fanatismo [6]. Era em defeza da Lei que esses miseraveis se armavam de punhal. Todo aquelle que na presença d'elles faltava a qualquer das prescripções legaes, via a sua sentença proferida e logo executada. Criam que d'essa maneira faziam a obra mais meritoria e mais agradavel a Deus.

Em toda a parte apontavam desvarios como o de Theudas. Homens que se diziam inspirados, alvorotavam o povo e o moviam para o deserto, dizendo-lhe que lhe

1 Jos., *Ant.*, XX, v, 1; *Act.*, v, 36. Note-se o anachronismo em que cahe o author dos *Actos*.
2 Jos., *Ant.*, XVIII, iv, 1-2.
3 Jos., *Ant.*, XX, v, 3-4; *B. J.*, II, xii, 1-2; Tacito, *Ann.*, XII, 54.
4 Jos., *Ant.*, XX, viii, 5.
5 Jos., *Ant.*, XX, viii, 5; *B. J.*, II, xiii, 3.
6 Jos., *B. J.*, VII, viii, 1; Misclina, Sanhedrim, ix, 6.

Digitized by Google

fariam vêr, por signaes manifestos, que Deus ia libertal-o. A authoridade romana exterminava a milhares os que davam credito a estes alvorotados [1]. Um Judeu do Egypto, que foi á Jerusalem no anno de 56, teve arte para, por seus prestigios, mover após si trinta mil pessoas, das quaes eram sicarios quatro mil. Do deserto quiz leval-as á montanha das Oliveiras, para vêr de lá, dizia elle, cahirem á sua voz os muros de Jerusalem. Felix, que era então procurador, marchou contra elle, e destruiu-lhe o bando. O Egypcio escapou e nunca mais appareceu [2]. Mas, como em corpo achacoso succedem uns a outros os males, não tardou que apparecessem varias catervas de magos e ladrões, que abertamente moviam o povo a revoltar-se contra os Romanos, ameaçando com a morte os que continuassem a obedecer-lhes. Com este pretexto, matavam os ricos, roubavam os seus haveres, queimavam as aldêas, e enchiam toda a Judéa com os signaes do seu furor [3]. Annunciava-se uma guerra horrorosa. Lavrava em toda a parte certo espirito de vertigem, que sustentava as imaginações em um estado visinho da loucura.

Não é impossivel que houvesse em Theudas idéas de imitar Jesus e João Baptista. Pelo menos essa imitação patenteou-se evidente em Simão de Gitton, se merecem alguma fé as tradições christãs relativas a este personagem [4]. Já o vimos em relações com os apostolos, a proposito da primeira missão de Philippe a Samaria. Foi no reinado de Claudio que elle alcançou nomeada [5]. Dizia-se que os seus milagres eram constantes, e todos na Samaria o tinham por creatura sobrenatural (*Act.*, VIII, 9 e seg.)

Mas não eram os seus milagres o unico fundamento da sua reputação. Parece que os acompanhava com uma

1 Jos., *Ant.*, XX, VIII, 6, 10; *B. J.*, II, XIII, 4.
2 Jos., *Ant.*, XX, VIII, 6; *B. J.*, II, XIII, 5; *Act.*, XXI, 38.
3 Jos., *Ant.*, XX, VIII, 6; *B. J.*, II, XIII, 6.
4 Vej. o que dissemos na nota da pag. 96.
5 Justino, *Apol.* I, 26, 56. É singular que Josepho, tão conhecedor das cousas samaritanas, nunca falle d'elle.

Digitized by Google

doutrina que não podemos facilmente avaliar, porque a obra intitulada *a Grande Exposição,* que lhe é attribuida e de que se conhecem extractos, provavelmente é apenas uma expressão muito modificada das suas idéas [1]. Simão, em quanto esteve em Alexandria [2], parece que colheu dos seus estudos de philosophia grega um systema de theologia syncretica e de exegese allegorica analoga á de Philon. Este systema tem sua grandeza. Ora faz lembrar a cabbala judaica, ora as theorias pantheistas da philosophia indiana; considerado por certos lados, dá idéas do buddhismo e do parsismo [3]. Superior a todas as cousas é « Aquelle que é, que foi e que será [4] », isto é o *Jahveh* samaritano, entendido segundo a força etymologica do seu nome, o Ser eterno, unico, que gera a si mesmo, que por si mesmo se engrandece, que a si mesmo procura e a si mesmo acha, pae, mãe, irmã, esposo, filho de si mesmo [5]. No seio d'esse infinito, tudo existe eternamente em potencia; tudo passa ao acto e á realidade pela consciencia do homem, pela razão, pela linguagem e pela sciencia [6]. O mundo explica-se por uma hierarchia de principios abstractos, analogos aos Æons do gnosticismo e á arvore sephirotica da cabbala, ou por um systema de anjos que parece colhido nas crenças da Persia. Ás vezes estas abstracções são apresentadas como interpretações de factos physicos e physiologicos. Outras vezes, as « potencias divinas », consideradas como

1 Não póde ser tido por composição totalmente apocrypha, visto o accordo que existe entre o systema enunciado n'esse livro e o pouco que os *Actos* nos dizem da doutrina de Simão sobre as « potencias divinas ».

2 Homil. pseudo-clem., II, 22, 24.

3 Justino, *Apol.*, I, 26, 56; II, 15; *Dial. cum Tryphone*, 120; Ireneu, *Adv. hær.*, I, XXIII, 2-5; XXVII, 4; II, præf.; III, præf.; Homiliæ pseudo-clementinæ, I, 15; II, 22, 25, etc.; *Recogn.*, I, 72; II, 7 e seg.; III, 47; *Philosophumena*, IV, VII; VI, I; X, IV; Epiphanio, *Adv. hær.*, heres. XXI; Origenes, *Contra Celsum*, V, 62; VI, 11; Tertulliano, *De anima*, 34; *Constit. apost.*, VI, 16; S. Jeronymo, *In Matth.*, XXIV, 5; Theodoreto, *Hæret. fab.*, I, 1. É nos extractos textuaes que dão os *Philosophumena*, e não nas desfigurações dos outros Padres da Egreja, que se deve procurar uma idéa da *Grande Exposição.*

4 *Philosophum.*, IV, VII; VI, I, 9, 12, 13, 17, 18. Compare-se Apocalypse, I, 4, 8; IV, 8; XI, 17.

5 *Philosophum.*, VI, I, 17.

6 *Ibid.*, VI, I, 16.

Digitized by Google

substancias separadas, realisam-se em successivas encarnações, femininas ou masculinas, cujo fim é o livramento das creaturas presas nos laços da materia. A primeira d'essas potencias é a que se chama por excellencia a «Grande», e que é a intelligencia d'este mundo, a universal Providencia [1]. É masculina. Simão era considerado como encarnação d'essa potencia. Ao lado d'ella está a sua syzygia feminina, «a Grande Idéa». Habituado a vestir as suas theorias com um symbolismo singular e a imaginar interpretações allegoricas para os antigos textos sagrados e profanos, Simão, ou o author da «Grande Exposição», dava a essa virtude divina o nome de «Helena», indicando assim que era o objecto universalmente procurado, a eterna causa de disputa entre os homens, a que se vinga dos seus inimigos fazendo-os cegos até ao momento em que se desdigam [2]; estranho thema que, mal comprehendido, ou desfigurado de proposito, inspirou aos Padres da Egreja os contos mais pueris [3]. O conhecimento da litteratura grega que possue o author da *Grande Exposição* é, em todo o caso, muito notavel. Sustentava elle que, para quem os comprehende, bastam os escriptos dos pagãos para o conhecimento de todas as cousas [4]. O seu largo eclectismo abraçava todas as revelações e tratava de constituir com ellas uma só ordem de verdades.

Quanto á essencia do seu systema, tem muita analogia com o de Valentim e com as doutrinas sobre as pessoas divinas que achamos no quarto Evangelho, em Philon e nos Targums [5]. Esse «Metatrono [6]», que os Judeus punham a par da Divindade e quasi em seu seio, assemelha-se muito á «Grande Potencia». Vemos figurar na theologia dos Samaritanos um Grande Anjo, cabeça dos outros, e especies de manifestações, ou «vir-

1 *Act.*, VIII, 10; *Philosophum.*, VI, I, 18; Homil. pseudo-clem., II, 22.
2 Allusão á aventura do poeta Stesichoro.
3 Ireneu, *Adv. hær.*, I, XXIII, 2-4; Homil. pseudo-clem., II, 23, 25; *Philosophumena*, VI, I, 19.
4 *Philosophum.*, VI, I, 16.
5 Vej. *Vida de Jesus*, pag. 221-223.
6 *Ibid.*, pag. 221, nota 1.

Digitized by Google

tudes divinas [1] », analogas ás que tambem imaginou a cabbala judaica. Parece pois que Simão de Gitton foi uma especie de theosopho, como Philon e os cabbalistas. Póde ser que chegasse a aproximar-se do christianismo; mas com certeza não se ligou a elle por modo definitivo.

É muito difficil decidir se realmente colheu alguma cousa dos discipulos de Jesus. Se na *Grande Exposição* ha alguma cousa que seja d'elle, deve-se admittir que em muitos pontos precedeu as idéas christãs, e que em outros abraçou-as com muita largueza [2]. Parece que ensaiou um eclectismo analogo áquelle que depois Mahomet poz em pratica, e que tentou estabelecer os seus actos religiosos na prévia aceitação da missão divina de João [3] e de Jesus. Imaginou estar em relações mysticas com elles. Diz-se que sustentou que era elle, Simão, que apparecera aos Samaritanos como Pae, aos Judeus pela crucifixão visivel do Filho, aos gentios pela infusão do Espirito Santo [4]. Parece que tambem preparou o caminho para a doutrina dos docêtes. Dizia que era elle que havia soffrido na Judéa na pessoa de Jesus, mas que esse soffrimento fôra só apparente [5]. A sua pretenção a ser a propria Divindade e a fazer-se adorar foi provavelmente exagerada pelos christãos, que só trataram de fazel-o odioso.

Em fim, vê-se que a doutrina da *Grande Exposição* é a de quasi todos os escriptos gnosticos; se em verdade Simão professou essas doutrinas, foi com muita razão que os Padres da Egreja o fizeram fundador do gnosticismo [6]. Parece-nos que *a Grande Exposição* só tem authenticidade relativa, que é pouco mais ou menos para

1 *Chron. samarit.*, c. 10 (ediç. Juynboll, Leyde, 1848). Confront. Reland, *De Sam.*, §. 7; em suas *Dissertat. miscell.*, parte II; Gesenius, *Comment. de Sam-Theol.*, pag. 21 e seg.

2 No extracto dado pelos *Philosophumena*, VI, I, 16 *sub finem*, lê-se uma citação colhida nos Evangelhos synopticos, que parece ser apresentada como existente no texto da *Grande Exposição*. Mas talvez haja aqui alguma inadvertencia.

3 Homil. pseudo-clem., II, 23-24.

4 Ireneu, *Adv. hær.*, I, XXIII, 3; *Philosophum.*, VI, I, 19.

5 Homil. pseudo-clem., II, 22; *Recogn.*, II, 14.

6 Ireneu, *Adv. hær.*, II, pref.; III, pref.

Digitized by Google

a doutrina de Simão o que o quarto Evangelho é para a idéa de Jesus, e que pertence aos primeiros annos do seculo II, isto é á época em que prevaleceram definitivamente as idéas theosophicas do *Logos*. Estas idéas, que acharemos em embryão na Egreja christã no anno de 60 [1], póde ser comtudo que fossem conhecidas de Simão, cuja carreira nos é licito prolongar até ao fim do seculo.

A idéa que fazemos d'este homem enigmatico é portanto a de uma especie de plagiario do christianismo. A falsificação parece que foi muito vulgar entre os Samaritanos [2]. Assim como tinham sempre imitado o judaismo de Jerusalem, esses sectarios tiveram tambem a sua copia do christianismo, a sua gnose, as suas especulações theosophicas, a sua cabbala. Mas Simão foi um imitador respeitavel a quem só faltou o bom successo, ou um prestidigitador immoral e sem seriedade [3], que explorasse em proveito da sua nomeada uma doutrina formada de retalhos colhidos em varios pontos? É o que provavelmente será sempre ignorado. Simão fica assim perante a historia em posição falsissima; andou sobre uma corda retesada que não permitte nenhuma hesitação; n'esta ordem, não ha meio termo entre uma queda ridicula e o mais maravilhoso successo.

Ainda teremos de tornar a fallar de Simão e de investigar se ha alguma realidade nas lendas relativas á sua estada em Roma. O que é certo é que a seita simoniana durou até ao seculo III [4]; que teve Egrejas até em Antiochia, talvez mesmo em Roma; que Menandro de Cepharetea e Cleobius [5] foram continuadores de Simão, ou

1 Veja-se a epistola, de authenticidade muito provavel, de S. Paulo aos Colossenses, I, 15 e seg.

2 Epiph., *Adv. hær.*, *hær.* LXXX, 1.

3 O que faria inclinar para esta segunda hypothese é que a seita de Simão transformou-se depressa em escóla de prestigios, em fabrica de philtros e encantamentos. *Philosophumena*, VI, I, 20; Tertulliano, *De anima*, 57.

4 *Philosophum.*, VI, I, 20. Confr. Origenes, *Contra Cels.*, I, 57; VI, 11.

5 Hegesippo em Eusebio, *Hist. eccles.*, IV, 22; Clem. d'Alex., *Strom.*, VII, 17; *Constit. apost.*, VI, 8, 16; XVIII, 1 e seg.; Justino, *Apol.*, I, 26, 56; Epiph., *Adv. hær.*, XXII e XXIII, init.; Theodoreto, *Hær. fab.*, I, 1, 2; Tertulliano, *De præscr.*, 46; *De anima*, 50; Ireneu, *Adv. hær.*, I, XXIII, 5; *Philosophum.*, VII, 28.

Digitized by Google

antes imitaram o seu papel de theurgista, com uma recordação mais ou menos presente de Jesus e dos seus apostolos. Simão e os seus discipulos lograram alta estima entre os seus co-religionarios. Seitas do mesmo genero, parallelas ao christianismo [1], e com mais ou menos gnosticismo, não cessaram de apparecer entre os Samaritanos até á sua quasi destruição por Justiniano. A sorte d'esta pequena religião foi receber a repercussão de tudo o que se passava de redor d'ella, sem produzir alguma cousa que fosse inteiramente original.

Quanto aos christãos, a memoria de Simão de Gitton foi por elles abominada. Irritavam-nos esses prestigios que tanto se pareciam com os seus. Ter contrapesado o successo dos apostolos foi o mais imperdoavel dos crimes. Disse-se que os prodigios de Simão e dos seus discipulos eram obra do diabo, e affrontou-se o theosopho samaritano com o nome de « Mago [2] », a que os fieis davam muito mau sentido. Toda a lenda christã de Simão, respirou colera concentrada. Attribuiram-se-lhe as maximas do quietismo e os excessos que se suppõe de ordinario que são consequencia d'essas maximas [3]. Foi tido por pae de todo o erro, pelo primeiro heresiarca. Folgavam os christãos de contar as suas risiveis desaventuras, as suas derrotas pelo apostolo Pedro [4]. Attribuiu-se ao mais vil motivo o movimento que o fez pender para o christianismo. O seu nome estava tão profundamente gravado em todas as imaginações, que até mesmo havia quem o lesse sem tom nem som em cippos onde elle não estava escripto [5]. O symbolismo com

1 A mais celebre é a de Dorithéa.

2 *Act.*, VIII, 9; Ireneu, *Adv. hær.*, I, XXIII, 1.

3 Philosophumena, VI, I, 19, 20. O author não attribue essas perversas doutrinas senão aos discipulos de Simão. Mas, se a escóla teve em verdade essa physionomia, tambem o mestre devia ter d'ella alguma cousa.

4 Teremos occasião de examinar estes contos.

5 A inscripção SIMONI DEO SANCTO, referida por Justino (Apol., I, 26) como existente na ilha de Tibre, e mencionada depois por outros Padres da Egreja, era uma inscripção latina ao deus sabino Semo Sancus, SEMONI DEO SANCO. Com effeito achou-se, no tempo de Gregorio XIII, na ilha S. Bartholomeu, uma inscripção, que está agora no Vaticano, e que tinha essa dedicação. Vej. Baroni, *Ann. eccles.*, anno de 44; Orelli, Inscr. lat., n.º 1860. Havia n'esse sitio da ilha de Tibre um collegio de *bidentaes* em honra de Semo Sancus, que tinha muitas inscripções do mesmo genero. Orelli, n.º 1861, (Mommsen, *Inscr.*

Digitized by Google

que elle vestira as suas idéas foi interpretado pelo modo mais ridiculo. A «Helena» que elle identificava com «a primeira intelligencia», veio a ser uma mulher publica que comprou no mercado de Tyro [1]. Emfim, o seu nome tão detestado como o de Judas, e tomado como synonymo de *anti-apostolo* [2], veio a ser a suprema injuria e uma palavra proverbial para indicar um impostor de profissão, um adversario da verdade, que se queria indicar com mysterio [3]. Foi o primeiro inimigo do christianismo, ou antes o primeiro homem que o christianismo tratou como inimigo. Dizendo que para infamal-o não foram poupadas as fraudes pias nem as calumnias [4], fica dito tudo. A critica, em tal caso, não poderia tentar uma rehabilitação; faltam-lhe os documentos contradictorios. O mais que póde fazer é assignalar a physionomia das tradições e o firme proposito de diffamação que n'ellas se nota.

Pelo menos não deve fazer pesar sobre a memoria do theurgista samaritano uma confrontação que talvez fosse puramente casual. Lê-se em uma obra de Josepho que um mago judeu, chamado Simão, nascido em Chypre, foi alcaiote do procurador Felix [5]. As circumstancias d'esta noticia não quadram tanto a Simão de Gittos que possamos fazel-o responsavel pelos feitos de uma creatura que talvez só tivesse de commum com elle um nome que era então de milhares de homens, e uma pretenção a obras sobrenaturaes que infelizmente tinham muitos dos seus contemporaneos.

lat. regni Neapol., n.º 6770). Comp. Orelli, n.º 1859, Henzen, n.º 6999; Mabillon, *Museum Ital.*, I, 1.ª parte, pag. 84. O n.º 1862 de Orelli não deve ser tomado em consideração (vej. Corp. inscr. lat., I, n.º 542).

1 Esta grosseira equivocação não poderia originar-se se não fosse a descoberta dos *Philosophumena*, unico livro que dá extractos textuaes da *Apophasis magna* (vej. VI, I, 19). Tyro era celebre pelas suas mulheres publicas.

2 *Echthros anthropos*, *anticheimenos*. Vej. Homil. pseudo-clem., hom. XVII toda.

3 Assim, na litteratura pseudo-clementina, o nome de Simão Mago indica ás vezes o apostolo Paulo, a quem o author quer mal.

4 Cumpre notar que nos *Actos* não é ainda tratado como inimigo. Só se lhe reprova um sentimento baixo, e dá-se a entender que se arrependeu (VIII, 24). Talvez Simão ainda vivesse quando foram escriptas essas linhas, e ainda não fossem absolutamente más as suas relações com o christianismo.

5 Jos., *Ant.*, XX, VII, 1.

Digitized by Google

CAPITULO XVI

ANDAMENTO GERAL DAS MISSÕES CHRISTÃS

Vimos Barnabé partir de Antiochia para entregar aos fieis de Jerusalem a collecta dos seus irmãos da Syria. Vimol-o assistir a alguns dos abalos que deu á Egreja de Jerusalem a perseguição de Herodes Agrippa I [1]. Voltemos com elle a Antiochia, onde parece estar concentrada toda a actividade creadora da seita.

Levou Barnabé por companheiro um zeloso collaborador. Era seu primo João Marcos, discipulo intimo de Pedro [2], filho d'aquella Maria em cuja casa folgava de estar o primeiro dos apostolos. De certo, quando se associou a esse novo cooperador, já pensava no grande commettimento de que havia de fazel-o participante. Até mesmo póde ser que presentisse as discordias que esse commettimento moveria, e que folgasse de poder valer-se de um homem que todos sabiam ser o braço direito de Pedro, isto é do apostolo que tinha mais authoridade nos negocios geraes.

1 *Act.*, XII, 1, 25. Note-se todo o tecido do capitulo.
2 I Pedro, v, 13; Papias, em Eusebio, *Hist. eccl.*, III, 39.

Digitized by Google

Esse commettimento não era menos do que uma serie de grandes missões que haviam de partir de Antiochia, tendo por programma approvado a conversão de todo o mundo. Como todas as grandes resoluções que eram tomadas na Egreja, foi esta attribuida a inspiração do Espirito Santo. Creram os fieis em uma vocação especial, em uma eleição sobrenatural, que suppozeram ter sido communicada á Egreja de Antiochia no meio de jejuns e orações. Póde ser que um dos prophetas da Egreja, Menahem ou Lucius, em um dos seus accessos de glossolalia, proferisse palavras de que se concluisse que Paulo e Barnabé eram predestinados para essa missão (*Act.*, XIII, 2). Quanto a Paulo, estava convencido de que já no ventre materno o elegera Deus para a obra a que ia dedicar-se devéras [1].

Os dous apostolos associaram-se áquelle João Marcos que Barnabé levára comsigo de Jerusalem, para ajudal-os, como subordinado, nos cuidados materiaes da sua empreza (*Act.*, XIII, 5). Terminados os preparativos, houve jejuns e orações. Conta-se que foram impostas as mãos aos dous apostolos em signal de uma missão conferida pela propria Egreja [2]; foram entregues á graça de Deus e partiram (*Act.*, XIII, 3; XIV, 25). Para onde vão? Que mundo vão evangelisar? É o que cumpre agora averiguar.

Todas as grandes missões christãs primitivas dirigiram-se para o occidente, ou, por outras palavras, tomaram o imperio romano por campo dos seus trabalhos. Exceptuando algumas pequenas porções do territorio, tributario dos Arsacidas, comprehendido entre o Euphrates e o Tigre, o imperio dos Parthas não recebeu missões christãs, no primeiro seculo [3]. O Tigre foi, do lado do oriente, uma raia que o christianismo não trans-

1 Gal., I, 15-16; *Act.*, XXII, 15, 21; XXVI, 17-18; I Cor., I, 1; Rom., I, 1, 5; XV, 15 e seguintes.

2 O author dos *Actos*, partidario da hierarchia e do poder da Egreja, inventou talvez esta circumstancia. Paulo não diz nada de tal ordenação ou consagração. A sua missão vem-lhe de Jesus, e elle não se tem por enviado de Antiochia como não se julgava enviado de Jerusalem.

3 Em I Pedro, V, 13, Babylonia designa Roma.

Digitized by Google

poz senão no tempo dos Sassanides. Duas grandes causas, o Mediterraneo e o imperio romano, determinaram este facto capital.

O Mediterraneo era ha mil annos a grande estrada onde se haviam cruzado todas as civilisações e todas as idéas. Os Romanos, tendo-o varrido de piratas, haviam feito d'elle uma via de communicação que não tinha igual. Numerosa marinha de navegação costeira fazia muito faceis as viagens nas costas d'este grande lago. A segurança relativa nas estradas do Imperio, as garantias que davam os poderes publicos, a diffusão dos Judeus em todo o littoral do Mediterraneo, o uso da lingua grega na parte oriental d'este mar [1], a unidade de civilisação que ahi haviam instituido primeiro os Gregos e depois os Romanos, fizeram que o mappa do Imperio fosse o mappa dos paizes reservados para as missões christãs e destinados para virem a ser christãos. O *orbis* romano tornou-se o *orbis* christão, e n'este sentido póde-se dizer que os fundadores do Imperio foram os fundadores da monarchia christã, ou pelo menos traçaram-lhe os delineamentos. Provincia conquistada pelo imperio romano foi provincia conquistada para o christianismo. Afigurem-se os apostolos na presença de uma Asia Menor, de uma Grecia, de uma Italia divididas em cem republicasinhas, de uma Gallia, de uma Hespanha, de uma Africa, de um Egypto de posse de antigas instituições nacionaes, e não se imaginará o seu successo, ou antes não se imaginará que o seu projecto podesse formar-se. A unidade do Imperio era a condição prévia de todo o grande proselytismo religioso, que se erguia acima das nacionalidades. Bem o sentiu o Imperio no seculo IV; tornou-se christão; viu que o christianismo era a religião que elle constituira sem saber o que fazia, a religião delimitada pelas suas fronteiras, identificada com elle, capaz de alcançar-lhe segunda vida. A Egreja, pela sua parte, fez-se toda romana, e tem permanecido até hoje

1 Cicero, *Pro Archia*, 10.

Digitized by Google

como um resto do Imperio. Se se dissesse a Paulo que Claudio era o seu primeiro cooperador, e a Claudio que esse Judeu que parte de Antiochia vai fundar a parte mais solida do edificio imperial, ficariam ambos muito admirados: mas seria a verdade.

De todos os paizes estranhos á Judéa, o primeiro em que se estabeleceu o christianismo foi naturalmente a Syria. A visinhança da Palestina e o grande numero de Judeus estabelecidos n'esse paiz [1], faziam inevitavel esse facto. Chypre, a Asia Menor, a Macedonia, a Grecia e a Italia foram depois visitadas pelos homens apostolos com intervallo de alguns annos. O sul da Gallia, a Hespanha, a costa de Africa, posto que fossem terras evangelisadas muito cedo, podem ser consideradas como um andar mais recente formado nas sub-construcções do christianismo.

O mesmo succedeu com o Egypto. O Egypto figura mui pouco na historia apostolica; parece que os missionarios christãos lhe davam systematicamente as costas. Esse paiz em que, desde o seculo III, se deram acontecimentos tão importantes na historia da religião, esteve ao principio muito em atraso com o christianismo. Apollos é o unico doutor christão que sahiu da escóla de Alexandria, e cumpre notar que aprendera o christianismo nas suas viagens (*Act.*, XVIII, 24 e seg.) É mister procurar a causa d'este notavel phenomeno nas poucas relações que havia entre os Judeus do Egypto e os da Palestina, e especialmente no facto de ter, por assim dizermos, o Egypto judaico o seu desenvolvimento religioso á parte. O Egypto tinha Philon e os therapeutas; estava n'isso o seu christianismo [2], que o dispensava e o demovia de dar attento ouvido ao outro. Quanto ao Egypto pagão, possuia instituições religiosas muito mais resistentes do que as do paganismo greco-romano [3]; a religião egypcia estava ainda em toda a sua força; era quasi o

1 Jos., *B. J.*, II, XX, 2; VII, III, 3.
2 Vej. Philon, *De vita contemplativa*.
3 Pseudo-Hermes, *Asclepius*, fol. 158 v., 159 r. (Florença, 1512).

Digitized by Google

tempo em que se fabricavam aquelles enormes templos de Esneh, de Ombos, onde a esperança de ter no pequeno Cesarião um ultimo rei Ptolomeu, um Messias nacional, fazia surgir da terra aquelles sanctuarios de Denderah, de Hermonthis, comparaveis ás bellas obras pharaonicas. O christianismo assentou-se em toda a parte sobre as ruinas do sentimento nacional e dos cultos locaes. De mais, o aviltamento das almas no Egypto fazia raras as aspirações que em toda a parte abriram ao christianismo tão faceis entradas.

Um rapido relampago despedido da Syria, illuminando quasi simultaneamente as tres grandes peninsulas da Asia Menor, da Grecia e da Italia, e breve seguido por segundo reflexo que abraçou quasi todas as costas do Mediterraneo, é o que foi o primeiro apparecimento do christianismo. A derrota das naus apostolicas é quasi sempre a mesma. A prégação christã parece seguir uma esteira anterior, que não é senão a da emigração judaica. Como um contagio que, sahindo do extremo do Mediterraneo, apparece de repente em certo numero de pontos do littoral por uma correspondencia secreta, o christianismo teve seus portos de arribada de certo modo indicados de ante-mão. Esses portos eram quasi todos balizados por colonias judaicas. Uma synagoga precedeu, em geral, o estabelecimento da Egreja. Poder-se-hia dizer que era um rastilho de polvora, ou antes uma especie de cadeia electrica, ao longo da qual a idéa nova correu quasi instantanea.

Com effeito, havia cento e cincoenta annos que o judaismo, até então limitado ao Oriente e ao Egypto, despregára os vôos para o Occidente. Cyrene, Chypre, a Asia Menor, certas cidades da Macedonia e da Grecia, a Italia, tinham importantes judiarias [1]. Os judeus davam o primeiro exemplo d'aquelle genero de patriotismo que os Parsis, os Armenios, e, até certo ponto, os Gregos modernos haviam de manifestar mais tarde; patriotismo

[1] Cicero, *Pro Flacco*, 28; Philon, *In Flaccum*, §. 7; *Leg. ad Caium*, §. 36; *Act.*, II, 5-11; VI, 9; *Corp. inscr. gr.*, n.º 5361.

Digitized by Google

em extremo energico, posto que não addicto a um territorio determinado; patriotismo de mercadores derramados por toda a parte, e em toda a parte reconhecendo-se como irmãos; patriotismo de que procedia a formação não de grandes Estados compactos, mas de pequenas communidades autonomas no seio dos outros Estados. Solidamente associados, esses judeus da dispersão constituiam nas cidades congregações quasi independentes, que tinham seus magistrados e seus conselhos. Em certas cidades, tinham um ethnarcha ou alabarcha, com direitos quasi soberanos. Occupavam bairros á parte, isentos da jurisdicção ordinaria e muito desprezados do resto do mundo, mas onde eram felizes. Havia ahi mais pobreza do que riqueza. Ainda não tinha chegado o tempo das grandes riquezas judaicas, que começaram na Hespanha, no tempo dos Visigodos [1]. O monopolio dos negocios da fazenda pelos judeus foi effeito da incapacidade administrativa dos barbaros, do odio da Egreja á sciencia do dinheiro, e das suas idéas superficiaes sobre o emprestimo a juros. No tempo do imperio romano não havia nada d'isso. Ora, judeu que não é rico, é pobre; a mediania burgueza não póde convir-lhe. Em todo o caso, o judeu sabe muito bem supportar a pobreza. Mas o que sabe ainda melhor é ligar a mais rara pericia commercial com a mais exaltada preoccupação religiosa. As excentricidades theologicas não excluem por nenhum modo o bom senso em negocios. Na Inglaterra, na America, na Russia, os sectarios mais singulares (irvingios, santos dos ultimos dias, raskolmiks) são excellentes negociantes.

Foi sempre proprio da vida judaica piamente praticada produzir muita alegria e cordialidade. Amavam-se n'aquelle pequeno mundo, e amavam um passado e o mesmo passado; as ceremonias religiosas abraçavam deliciosamente a vida. Era uma cousa analoga áquellas communidades distinctas que existem ainda em cada uma

1 *Lex Wisigoth.*, livro XII, tit. II e III, em Walter, *Corpus juris germanici antiqui*, t. I, pag. 630 e seg.

Digitized by Google

das grandes cidades turcas; por exemplo, ás communidades grega, armenia, judaica, de Smyrna, estreitas camaradagens em que todos se conhecem, vivem juntos, intrigam juntos. N'essas pequenas republicas, as questões religiosas dominam sempre as questões politicas, ou antes supprem a falta d'estas. Ahi uma heresia é um negocio de Estado; um schisma tem sempre por origem uma questão de pessoas. Os Romanos, salvas raras excepções, nunca entravam n'esses bairros. As synagogas promulgavam decretos, conferiam honras [1], eram como verdadeiras municipalidades. Era muito grande a influencia d'essas corporações. Em Alexandria, era da primeira ordem, e superior a tudo o mais da historia interior da cidade [2]. Em Roma, os judeus eram numerosos [3] e formavam um arrimo que era tido em muita conta. Ter ousado resistir-lhes é acto que Cicero assignala como de coragem [4]. Cesar favoreceu-os e achou-os fieis [5]. Tiberio, para contel-os, teve de ser severo [6]. Caligula, cujo reinado foi para elles infausto no Oriente, tornou-lhes a liberdade de associação em Roma [7]. Claudio, que os favorecia na Judéa, foi forçado a lançal-os da cidade [8]. Havia judeus em toda a parte [9], e ousavam dizer d'elles como dos Gregos, que, vencidos, tinham prescripto leis aos seus dominadores [10].

Eram mui diversas as disposições dos povos indigenas para com esses estrangeiros. De um lado, mani-

1 Vej. *Vida de Jesus*, pag. 121.
2 Philon, *In Flacc.*, §. 5 e 6; Jos., *Ant.*, XVIII, VIII, 1; XIX, V, 2; *B. J.*, II, XVIII, 7 e seg.; VII, X, 1; Papyrus publicado nas *Noticias e extractos*, XVIII, 2.ª parte, pag. 383 e seg.
3 Dion. Cassius, XXXVII, 17; LX, 6; Philon, *Leg. ad Caium*, §. 23; Jos., *Ant.*, XIV, X, 8; XVII, XI, 1; XVIII, III, 5; Hor., *Sat.*, I, IV, 142-143; V, 100; IX, 69 e seg.; Persio, V, 179-184; Suetonio, *Tib.*, 36; *Claud.*, 25; *Domit.*, 12; Juvenal, III, 14; VI, 542 e seg.
4 *Pro Flacco*, 28.
5 Jos., *Ant.*, XIV, X; Suetonio, *Julius*, 84.
6 Suet., *Tib.*, 36; Tac., *Ann.*, II, 85; Jos., Ant., XVIII, III, 4, 5.
7 Dion. Cassius, LX, 6.
8 Suetonio, *Claudio*, 25; *Act.*, XVIII, 2; Dion. Cassius, LX, 6.
9 Jos., *B. J.*, VII, III, 3.
10 Seneca, fragmento em S. Agost., *De civ. Dei*, VI, 11; Rutilius Numatianus, I, 395 e seg.; Jos., *Contra Apio*, II, 39; Juvenal, Sat. VI, 544; XIV, 96 e seg.

Digitized by Google

festava-se com força o sentimento de repulsão e de antipathia que os judeus, por sua propensão para a insulação desconfiada, pelo seu caracter rancoroso, pelos seus habitos insociaveis, moveram de redor d'elles em toda a parte onde foram numerosos e organisados [1]. Quando eram livres, eram na realidade privilegiados; porque logravam as vantagens da sociedade sem lhe soffrerem os encargos [2]. Charlatães exploravam o movimento de curiosidade que causava o seu culto, e a pretexto de lhe exporem os segredos, davam-se a todos os generos de trapaças [3]. Folhetos satyricos, violentos e meio burlescos, como o de Apio, folhetos onde os escriptores profanos tem ido muitas vezes beber noticias [4], corriam por toda a parte, servindo de alimento ás coleras do publico pagão. Parece que os judeus foram em geral birrentos, e que se queixavam sempre. Via-se n'elles uma sociedade secreta, malevola para todos os outros homens, e cujos membros instigavam uns aos outros para trabalharem, custasse o que custasse, em prejuizo alheio [5].

Os seus usos singulares, a sua aversão por certos alimentos, a sua sordidez, a sua falta de consideração, o mau cheiro que exhalavam [6], os seus escrupulos religiosos, as suas frioleiras na observancia do sabbado, tudo era tido como ridiculo [7]. Engeitados pela sociedade, os judeus, por consequencia natural, não se lembravam de darem de si mostras afidalgadas. Por toda a parte eram

1 Philon, *In Flacc.*, §. 5; Tac., Hist., V, 4, 5, 8; Dion Cassius, XLIX, 22; Juvenal, XIV, 103; Diod. Sic., fragm. I do livro XXXIV e III do livro XL; Philostrato, *Vida de Apoll.*, V, 33; I Thess., II, 15.

2 Jos., *Ant.*, XIV, X; XVI, VI; XX, VIII, 7; Philon, *In Flaccum* e *Legatio ad Caium*.

3 Jos., *Ant.*, XVIII, III, 4, 5; Juvenal, VI, 543 e seg.

4 Jos., *Contra Apio*; passagens já citadas de Tacito e de Diodoro de Sicilia; Trogo Pompeu (Justino) XXXVI, II; Ptolomeu Hephestion ou Chennus, nos *Script. poet. hist. græci* de Westermann, pag. 194. Confr. Quintiliano, III, VII, 2.

5 Cic., *Pro Flacco*, 28; Tac., *Hist.*, V, 5; Juvenal, XIV, 103-104; Diodoro de Sicilia e Philostrato, nos lugares citados; Rutilius Numatianus, I, 383, e seg.

6 Marcial, IV, 4; Ammiano Marcelino, XXII, 5.

7 Suet., *Aug.*, 76; Horac., *Sat.*, I, IX, 69 e seg.; Juvenal, III, 13-16, 296; VI, 156-160, 542-547; XIV, 96-107; Marcial, *Epigr.*, IV, 4; VII, 29, 34, 54; XI, 95; XII, 57; Rutilius Numat., loc. cit., e sobre tudo Jos., *Contra Apio*, II, 13; Philon, *Leg. ad Caium*, §. 26-28.

Digitized by Google

encontrados jornadeando com o fato a luzir de immundicie, com apparencia desairosa, aspecto de enojados, côr pallida, grandes olhos doentes [1], expressão beata, fazendo rancho á parte com suas mulheres, com seus filhos, com suas trouxas de roupa de cama, com o cabaz que constituia toda a sua mobilia [2]. Nas cidades, exerciam os traficos mais despreziveis, mendigos [3], trapeiros, adelos, vendedores de mechas [4]. Desprezava-se injustamente a sua lei e a sua historia. Umas vezes chamavam-lhes supersticiosos [5], crueis [6]; outras vezes, atheus, desprezadores dos deuses [7]. A sua aversão ás imagens parecia pura impiedade. A circumcisão dava thema para interminaveis motejos [8].

Mas estas opiniões superficiaes não eram de todos. Os judeus tinham tantos amigos como detractores. A sua gravidade, os seus bons costumes, a simplicidade do seu culto eram agradaveis para muita gente. Sentia-se n'elles alguma cousa superior. Organisava-se uma vasta propaganda monotheista e moisaica [9]; uma especie de poderoso turbilhão formava-se de redor d'este povosinho singular. O pobre regatão judeu do Transtévere [10], que sahia de manhã com o seu cesto de fazendas, entrava muitas vezes á noite em casa, rico de esmolas de uma mão pia [11]. As mulheres especialmente

1 Marcial *Epigr.*, XII, 57.
2 Juvenal, *Sat.*, III, 14; VI, 542.
3 Juvenal, *Sat.*, III, 296; VI, 543 e seg.; Marcial, *Epigr.*, I, 42; XII, 57.
4 Marcial, *Epigr.*, I, 42; XII, 57; Stacio, *Silves*, I, VI, 73-74. Vej. Forcellini, na palavra *sulphuratum*.
5 Horacio, *Sat.*, I, V, 100; Juv., *Sat.*, VI, 544 e seg.; XIV, 96 e seg., Apuleu, *Florida*, I, 6.
6 Dion Cassius, LXVIII, 32.
7 Tacito, *Hist.*, V, 5, 9; Dion Cassius, LXVII, 14.
8 Hor., *Sat.*, I, IX, 70; em *Judæus Apella* parece haver um motejo do mesmo genero (vejam-se os escoliastes Acro e Porphyrio, sobre Hor., *Sat.*, I, V, 100; compare-se a passagem de S. Avitus, *Poemata*, V, 364, citada por Forcellini, na palavra *Apella*, mas que não acho nas edições d'este Padre nem no antigo manuscripto latino, Bibl. Imp., n.º 11320, tal como a dá o sabio lexicographo); Juvenal, *Sat.*, XIV, 99 e seg.; Marcial, Epigr., VII, 29, 34, 54; XI, 95.
9 Jos., *Contra Apio*, II, 39; Tac., *Ann.*, II, 85; *Hist.*, V, 5; Hor., *Sat.*, I, IV, 142-143; Juvenal, XIV, 96 e seg.; Dion Cassius, XXXVII, 17.
10 Marcial, *Epigr.*, I, 42; XII, 57.
11 Juvenal, *Sat.*, VI, 546 e seg.

Digitized by Google

sympathisavam com estes missionarios mal-trajados [1]. Juvenal conta a propensão para a religião judaica no numero dos vicios que exprobra ás matronas do seu tempo. As que eram convertidas gabavam o thesouro que haviam achado e a felicidade que logravam [2]. O velho caracter hellenico e romano resistia, porém, energicamente; o desprezo e o odio pelos judeus são de todos os engenhos cultivados, Cicero, Horacio, Seneca, Juvenal, Tacito, Quintiliano, Suetonio [3]. Pelo contrario, a massa enorme de povos mixtos que o Imperio havia submettido, povos a quem eram estranhos ou indifferentes o antigo espirito romano e a sabedoria hellenica, acudiam a uma sociedade que lhes dava dôces exemplos de concordia, de caridade, de soccorros mutuos [4], de apêgo ao seu estado, de gosto pelo trabalho [5] e de altiva pobreza. A mendicidade, que depois foi uma cousa inteiramente christã, era então uma cousa judaica. O mendigo por profissão, « formado por sua mãe », apresentava-se como um judeu á idéa dos poetas de então [6].

A isenção de certos cargos civis, em particular da milicia, tambem podia contribuir para que fosse tida por invejavel a sorte dos judeus [7]. O estado pedia então muitos sacrificios e dava poucas alegrias moraes. Sentia-se um frio glacial, como em planicie monotona e desabrigada. A vida, tão triste no seio do paganismo, cobrava os seus attractivos e o seu valor n'aquellas tepidas atmospheras de synagoga e de egreja. O que lá se achava não era a liberdade. Os confrades espiavam-se muito, e de continuo se molestavam mutuamente. Mas, apesar de muito agitada a vida interior d'essas pequenas communidades, eram para todos uma cousa deliciosa;

1 Jos., *Ant.*, XVIII, III, 5; XX, II, 4; *B. J.*, II, XX, 2; *Act.*, XVII, 50 XVI, 14.
2 Jos., *Ant.*, XX, II, 5; IV, 1.
3 Passagens já citadas. Strabo mostra muito mais justeza e perspicacia (XVI, II, 34 e seg.) Comp. Dion Cassius, XXXVII, 17 e seg.
4 Tacito, *Hist.*, V, 5.
5 Josepho, *Contra Apio*, II, 39.
6 Marcial, XII, 57.
7 Jos., *Ant.*, XIV, X, 6, 11-14.

Digitized by Google

ninguem as deixava; não havia apostata. Vivia n'ellas contente o pobre, sem inveja do rico, com a tranquillidade de uma boa consciencia [1]. O sentimento verdadeiramente democratico da loucura dos mundanos, da vaidade das riquezas e das grandezas profanas, era alli expresso engenhosamente. Comprehendia-se pouco o mundo pagão, e era julgado com exagerada severidade; a civilisação romana parecia um acervo de impurezas e de odiosos vicios (Rom., I, 24 e seg.), do mesmo modo que um operario de hoje, com os ouvidos cheios de declamações socialistas, se afigura os «aristocratas» com as côres mais negras. Mas havia vida, alegria, affeição, como hoje nas mais pobres synagogas dos judeus da Polonia e da Gallicia. A falta de elegancia e de delicadeza nos usos era compensada por precioso espirito de familia e de singeleza patriarchal. Na grande sociedade, pelo contrario, o egoismo e a insulação das almas tinham dado os seus ultimos fructos.

Verificava-se o que dissera Zacharias (VIII, 23): o mundo agarrava-se ás abas da vestidura dos Judeus e dizia-lhes: «Levem-me a Jerusalem». Não havia cidade consideravel onde não fosse guardado o sabbado, onde não se tivesse em conta o jejum e as outras ceremonias do judaismo [2]. Josepho [3] ousa provocar os que d'isso duvidassem a observarem a sua patria ou mesmo as suas casas, para vêrem se lá não acharão a confirmação do que elle diz. A presença em Roma e junto do imperador de muitos membros da familia dos Herodes, que exerciam com esplendor o seu culto á vista de todos [4], contribuia muito para essa publicidade. De mais, a observancia do sabbado era uma necessidade nos bairros onde havia judeus. A absoluta pertinacia em não abrirem as suas lojas n'esse dia forçava os visinhos a

1 *Ecclesiastico*, x, 25, 26, 27.

2 Hor., *Sat.*, I, IX, 69; Persio, v, 179 e seg.; Juven., *Sat.*, VI, 159; XIV, 96.

3 *Contra Apio*, II, 39.

4 Persio, v, 179-184; Juven., VI, 157-160. Procede d'esta circumstancia a notavel preoccupação do judaismo que se nota nos escriptores romanos do primeiro seculo, mórmente nos satyricos.

Digitized by Google

modificarem os seus costumes. É assim que em Salonica, póde-se dizer que ainda hoje se guarda o sabbado, por serem ahi os judeus bastante ricos e bastante numerosos para dictarem a lei, e para marcarem o dia do descanço pelo encerramento dos seus escriptorios.

Quasi tanto como o Judeu, e muitas vezes de parceria com elle, o Syrio era activo instrumento da conquista do Occidente pelo Oriente [1]. Ás vezes os estranhos confundiam uns com outros, e Cicero julgava ter achado a linha de união que os ligava dando-lhes o nome de « nações que nasceram para a servidão [2] ». Era o que lhes assegurava o futuro; porque então o futuro era dos escravos. Uma qualidade não menos essencial do Syrio era a sua promptidão de engenho, a sua subtileza, a clareza superficial do seu espirito. A natureza syria é como imagem fugitiva nas nuvens do céo. Ás vezes traçam-se certas linhas; mas essas linhas nunca chegam a formar um desenho completo. Na sombra, á luz dubia de uma alampada, a mulher syriaca, debaixo dos seus véos, com o seu olhar vago, com a sua infinita languidez, produz alguns instantes de illusão. Depois, quando se quer analysar essa belleza, esvaece-se; não soffre exame. De mais, tudo isso dura apenas tres ou quatro annos. O que ha encantador na raça syriaca é a creança de cinco a seis annos; ao contrario da Grecia, onde a creança pouco valia, onde o mancebo era inferior ao homem já feito e o homem feito inferior ao velho [3]. A intelligencia syriaca attrahe por certo ar de promptidão e de vivacidade; mas não tem firmeza, não tem solidez, é quasi como o « vinho de ouro » do Libano, que causa agradavel arrobamento, mas que depressa enjôa. Os verdadeiros dons de Deus teem não sei o quê que é ao mesmo tempo delicado e forte, inebriante e duravel. A Grecia é hoje tida em mais preço do que nunca foi; esse preço ha-de subir cada vez mais.

1 Juvenal, *Sat.*, III, 62 e seg.
2 Cic., *De prov. consul.*, 5.
3 As creanças de que gostára quando fiz a minha primeira viagem, fui achal-as, quatro annos depois, feias, vulgares, grosseiras.

Digitized by Google

Muitos dos emigrantes syrios levados para o Occidente pelo desejo de enriquecerem eram mais ou menos affectos ao judaismo. Os que não o eram conservavam-se fieis ao culto da sua aldêa [1], isto é á memoria de algum templo dedicado a um « Jupiter » local [2], que não era de ordinario senão o Deus supremo, determinado por algum titulo particular [3]. Era na essencia uma especie de monotheismo que esses Syrios levavam comsigo á sombra dos seus deuses estranhos. Comparados pelo menos com as personalidades divinas altamente distinctas do polytheismo grego e romano, esses deuses, pela maior parte synonymos do Sol, eram quasi irmãos do deus unico [4]. Semelhantes a longas melopéas, que effeminam, esses cultos da Syria podiam parecer menos aridos do que o culto latino, menos vãos do que o culto grego. As mulheres colhiam d'elles não sei o quê que era ao mesmo tempo volupia e exaltação. Essas mulheres foram sempre creaturas singulares, disputadas entre o demonio e Deus, meio santas e meio possessas. A santa das virtudes serias, dos heroicos desapegos, das resoluções firmes pertence a outras raças e a outros climas; a santa de forte imaginar, dos attractivos absolutos, dos promptos amores, é a santa da Syria. A possessa da nossa idade média é escrava de Satan por baixeza ou por peccado; a possessa da Syria é a douda por ideal, a mulher cujo sentimento foi offendido, que se vinga pelo frenesi ou se dá inteiramente á mudez [5], que não espera para ser curada senão uma palavra meiga ou meigo olhar. No Occidente, essas syriacas adquiriam influencia, ás vezes por más artes de mulher, o mais das

1 *Patroois theois*, formula muito frequente nas inscripções de Syrios (*Corpus inscr. græc.*, n.os 4449, 4450, 4451, 4479, 4480, 6015).

2 *Corpus inscr. gr.*, n.o 4474, 4475, 5936; *Mission de Phenicie*, livro II, cap. II, inscripção de Abedat. Comp. *Corpus*, 2271, 5853.

3 *Zeus ouranios, epouranios, epsistos, megistos, theos satrapes. Corpus inscr. græc.*, n.os 4500, 4501, 4502, 4503, 6012; Lepsius, *Denkmæler*, tomo XII, folha 100, n.o 590; *Mission de Phenicie*, pag. 103, 104, e o que se segue.

4 Desenvolvi isto mesmo no *Journal Asiatique*, fev.-março de 1859, pag. 259 e seg.; e na *Mission de Phenicie*, livro II, c. II.

5 Codigo syrio, em Land, *Anecdota Syriaca*, I, pag. 152; factos diversos de que fui testemunha.

Digitized by Google

vezes por certa superioridade moral e por uma aptidão real. Viu-se isto principalmente cento e cincbenta annos mais tarde, quando os personagens mais importantes de Roma desposaram Syriacas, que logo cobraram grandissima influencia nos negocios. A mulher musulmana de hoje, ralhadora Megera, estupidamente fanatica, existindo quasi só para o mal, quasi incapaz de virtude, não deve fazer esquecer as Julia Domna, as Julia Mœsa, as Julia Mamœa, as Julia Soemia, que levaram a Roma, em pontos de religião, uma tolerancia e instinctos de mysticidade até então desconhecidos. O que tambem é muito notavel é que a dynastia syriaca induzida d'esse modo mostrou-se favoravel ao christianismo, e que Maméo, e depois o imperador Philippe o Arabe (nascido no Hauran), foram tidos por christãos. O christianismo, nos seculos III e IV, foi por excellencia a religião da Syria. Depois da Palestina, foi a Syria que teve maior parte na sua fundação.

Foi principalmente em Roma que o Syrio, no primeiro seculo, exerceu a sua perspicaz actividade. Encarregado de quasi todos os pequenos misteres, moço da praça, moço de recados, liteireiro, o *Syrus* [1] entrava em toda a parte, e em toda a parte introduzia a lingua e os costumes do seu paiz [2]. Não tinha a arrogancia nem a soberba philosophica dos Europeus, e ainda menos o vigor d'estes; fraco, pallido, muitas vezes febricitante, sem saber comer nem dormir a horas certas, como as nossas rudes e solidas raças, pouco consummidor de carne, vivendo de cebolas e de aboboras, dormindo pouco e de leve, o Syrio morria novo e era de ordinario doente [3]. O que elle tinha de propriedade era a humildade, a affabilidade, certa bondade; nenhuma solidez de espirito, mas muito attractivo; pouco bom senso, salvo quando se tratava do seu negocio, mas um ardor admiravel e uma seducção perfeitamente feminina. O

1 Vej. Forcellini, na palavra *Syrus*. Essa palavra designava em geral « os Orientaes ». Leblant, *Inscr. chrét. de la Gaule*, I, p. 207, 328-329.
2 Juvenal, III, 62-63.
3 Tal é hoje o temperamento do Syrio christão.

Digitized by Google

Syrio, como nunca tivesse tido vida politica, tem aptidão muito particular para os movimentos religiosos. O pobre Maronita, meio mulher, humilde, andrajoso, fez a maior das revoluções. Seu avô, o *Syrus* de Roma, foi o mais zeloso portador da boa nova a todos os afflictos. Cada anno passavam para a Grecia, para a Italia, para a Gallia, colonias d'esses Syrios movidos pelo gosto natural que tinham pelos negocios miudos [1]. Eram conhecidos nos navios pela sua familia numerosa, por grande numero de lindas creanças, quasi da mesma idade, que os seguiam, vendo-se a mãe, com o ar infantil de uma menina de quatorze annos, ao lado de seu marido, submissa, meigamente risonha, apenas superior a seus filhos mais velhos [2]. As cabeças, n'esse rancho pacifico, são pouco expressivas: de certo não ha alli Archimedes, Platão, Phidias. Mas esse mercador syriaco, chegado a Roma, será um homem bom e de misericordia, caridoso para os seus compatriotas, amigo dos pobres. Conversará com os escravos, revelar-lhes-ha um asylo onde esses miseraveis, reduzidos pela dureza romana, á mais triste solidão, poderão achar alguma consolação. As raças gregas e latinas, raças de senhores, feitas para o grande, não sabiam tirar partido de uma posição humilde [3]. O escravo d'essas raças passava a vida na rebellião e no desejo do mal. O escravo ideal da antiguidade tem todos os defeitos: guloso, mentiroso, malevolo, inimigo natural de seu senhor [4]. Assim, provava de alguma maneira a sua nobreza; protestava contra uma situação anti-natural. O bom Syrio não protestava; aceitava a sua ignominia, e tratava de tirar d'ella o melhor partido possivel. Careava a benevolencia de seu senhor, atrevia-se a fallar-lhe, sabia agradar á mulher de seu senhor. Esse grande agente de democracia ia assim destecendo malha

1 Inscripções nas *Mem. de la Soc. des Antiquaires de Fr.*, tomo XXVIII, 4 e seg.; em Leblant, *Inscr. chret. de la Gaule*, I, pag. CXLIV, 207, 324 e seg., 353 e seg., 375 e seg.; II, 259, 459 e seg.

2 Os Maronitas ainda colonisam em quasi todo o Levante á maneira dos Judeus, dos Armenios e dos Gregos, posto que em menor escala.

3 Cicero, *De offic.*, I, 42; Dionisio de Halicarnasso, II, 28; IX, 25.

4 Vejam-se os typos de escravos em Plauto e Terencio.

Digitized by Google

por malha a rede da civilisação antiga. As antigas sociedades, fundadas no desdem, na desigualdade das raças, no valor militar, estavam perdidas. A enfermidade, a baixeza, vão ser agora uma vantagem, um aperfeiçoamento da virtude (II Cor., XII, 9). A nobreza romana, a sabedoria grega, ainda lutarão tres seculos. Tacito achará bom que sejam desterrados milhares d'esses infelizes: « si interissent, vile damnum [3] ! » A aristocracia romana ha-de irritar-se, ha-de achar mau que essa gente vil tenha os seus deuses e as suas instituições. Mas a victoria está predestinada. O Syrio, o pobre homem que ama os seus semelhantes, que reparte com elles, que se associa com elles, ha-de vencer. A aristocracia romana perecerá, por falta de compaixão.

Para entendermos a revolução que vai realisar-se, é preciso que conheçamos o estado politico, social, moral, intellectual e religioso dos paizes onde o proselytismo judaico tinha assim rasgado sulcos que a prédica christã ha-de fecundar. Espero que esse estudo mostrará com evidencia que a conversão do mundo ás idéas judaicas e christãs era inevitavel, e não permittirá assombro senão em operar-se tão lenta e tão tarde.

[3] Tacito, *Ann.*, II, 85.

Digitized by Google

CAPITULO XVII

ESTADO DO MUNDO NO MEIO DO PRIMEIRO SECULO

Não podia ser mais triste o estado politico do mundo. Toda a authoridade estava concentrada em Roma e nas legiões, e nas legiões e em Roma davam-se os espectaculos mais vergonhosos e mais aviltantes. A aristocracia romana, que havia conquistado o mundo, e que, em summa, teve na sua mão todas as cousas publicas no tempo dos Cesares, entregava-se á mais desregrada saturnal de crimes de que ha memoria no mundo. Cesar e Augusto, estabelecendo o principado, tinham acertado perfeitamente com as necessidades do tempo. Estava tanto em baixo o mundo, do lado politico, que já não era possivel outro governo. Desde que Roma conquistára provincias sem numero, a antiga constituição, baseada no privilegio das familias patricias, que eram como *tories* emperrados e malevolos, não podia continuar a ser [1]. Mas Augusto faltara a todos os deveres do verdadeiro politico, deixando o futuro ao acaso. Sem direito de suc-

1 Tacito, *Ann.*, I, 2; Floro, IV, 3; Pomponio, no Digesto, livro I, tit. II, fr. 2.

Digitized by Google

cessão regular, sem regras fixas de adopção, sem lei de eleição, sem limites constitucionaes, o cesarismo era como um peso colossal na coberta de um navio sem lastro. Eram inevitaveis as mais terriveis sacudiduras. Tres vezes em um seculo, no tempo de Caligula, no de Nero e no de Domiciano, cahiu nas mãos de homens execraveis ou desassisados o maior poder que o mundo tem visto. D'ahi procederam atrocidades que mal foram excedidas pelos monstros das dynastias mongolicas. N'essa fatal serie de soberanos chega-se quasi a desculpar um Tiberio, que não foi completamente mau senão no fim da sua vida, e um Claudio, que só foi caprichoso, desastrado e de maus validos. Roma tornou-se uma escóla de immoralidade e de crueldade. Cumpre acrescentar que o mal vinha sobre tudo do Oriente, d'aquelles lisongeiros de baixa condição, d'aquelles homens infames que o Egypto e a Syria despediam para Roma [1], onde, aproveitando-se da oppressão dos verdadeiros Romanos, se sentiam omnipotentes ao pé dos malvados que governavam. As mais repugnantes ignominias do imperio, taes como a apotheose do imperador, a sua divinisação quando ainda vivo, procediam do Oriente, e principalmente do Egypto, que era então um dos paizes mais corrompidos do universo [2].

O verdadeiro espirito romano, com effeito, ainda vivia. A nobreza humana estava longe de extincta. Uma grande tradição de brios e de virtude continuava em algumas familias, que chegaram ao poder com Nerva, que fizeram o esplendor do seculo dos Antoninos e de que foi Tacito eloquente interprete. Tempo em que se preparavam engenhos tão altamente honestos como Quintiliano, Plinio o Moço, Tacito, não é tempo de que se deva descoroçoar. O tresbordo da superficie não che-

1 Helicon, Apelles, Eucerio, etc. Os «reis do Oriente» eram considerados pelos romanos como mestres de tyrannia dos seus maus imperadores. Dion Cassius, LIX, 24.

2 Veja-se a inscripção do parasito de Antonio, nas *Comptes rendus de l'Acad. des Inscr. et B. L.*, 1864, pag. 166 e seg. Compare-se Tacito, *Ann.*, IV, 55-56.

Digitized by Google

gava ao grande fundo de honestidade e de seriedade que estava na boa sociedade romana; algumas familias ainda eram modêlos de ordem, de dedicação ao dever, de concordia, de solida virtude. Havia nas casas nobres admiraveis esposas, admiraveis irmãs [1]. Houve já mais sympathico destino do que o d'aquella joven e casta Octavia, filha de Claudio, mulher de Nero, que se conservou pura no meio de todas as infamias, que foi morta aos vinte e dous annos, sem nunca ter sentido uma alegria? Não são raras as mulheres a quem nas inscripções se dá o titulo de *castissimæ, univiræ* [2]. Houve esposas que acompanharam seus maridos ao desterro [3]; outras morreram nobremente com elles [4]. A antiga simplicidade romana não estava perdida; a educação da infancia era grave e aprimorada. As mais nobres mulheres trabalhavam em obras de lã [5]; o cuidado de se ataviarem era quasi desconhecido nas boas familias [6].

Os excellentes estadistas que rebentam, por assim dizermos, do chão no reinado de Trajano não se improvisaram. Tinham servido nos reinados precedentes; mas tinham tido pouca influencia, porque os libertos e os infimos validos do imperador os forçavam a retrahir-se. Homens da mais alta valia occuparam assim grandes cargos no reinado de Nero. Os quadros eram bons; a passagem dos maus imperadores para o poder, apesar

1 Veja-se como exemplo a oração funebre de Turia, por seu marido Q. Lucrecio Vespillo; texto epigraphico publicado pela primeira vez completamente por Mommsen nas *Memoires de l'Academie de Berlin* para 1863, pag. 455 e seg. Compare-se a oração funebre de Murdia (Orelli, *Inscr. lat.* n.º 4860) e a de Matidia, pelo imperador Adriano (*Mem. de l'Academie de Berlin*, vol. citado, pag. 483 e seg.) Ha quem se deixe mover muito pelas passagens dos satyricos latinos em que são asperamente censurados os vicios das mulheres. E como se se pintassem os costumes geraes do seculo XVII pelo que dizem Mathurino Regnier e Boileau.

2 Orelli, n.os 2647 e seg., sobre tudo 2677, 2742, 4530, 4860; Henzen, n.os 7382 e seg.; sobre tudo 7406; Renier, *Inscr. de l'Algerie*, n.º 1987. Póde ser que esses epithetos sejam muitas vezes mentirosos; mas pelo menos provam o preço que se dava á virtude.

3 Plinio, *Epist.*, VII, 19; IX, 13; Appiano, *Guerras civis*, IV, 36. Fannia acompanhou duas vezes ao desterro seu marido Helvidio Paisco; foi desterrada terceira vez depois da morte d'elle.

4 É conhecido de todos o heroismo de Arria.

5 Suetonio, *Aug.*, 73; oração funebre de Turia, I, linha 30.

6 Oração funebre de Turia, I, linha 31.

Digitized by Google

de muito desastrosa, não era o sufficiente para mudar o andamento geral dos negocios e os principios do estado. O Imperio, longe de estar em decadencia, estava em toda a força da mais robusta mocidade. A decadencia ha-de vir, mas duzentos annos mais tarde, e, cousa singular! quando tiverem o mando soberanos muito menos maus. Attentando só na politica, vemos que a situação era analoga á da França, que, sem ter desde a Revolução uma regra constantemente seguida na successão dos poderes, pôde passar por tão perigosas aventuras, sem que por isso soffressem muito a sua organisação interna e a sua força nacional. Attentando só no lado moral, póde-se comparar o tempo de que fallamos com o seculo XVIII, época que julgariamos completamente corrompida se a julgassemos pelas memorias, pela litteratura manuscripta, pelas collecções d'anecdotas d'esse tempo, e em que todavia certas casas eram de alta austeridade de costumes [1].

A philosophia fizera alliança com as honestas familias romanas e resistia nobremente. A escóla estoica produzia os grandes caracteres de Cremutius Cordus, de Thraseas, de Arria, de Helvidius Priscus, de Annœus Cornutus, de Musonius Rufus, mestres admiraveis de aristocratica virtude. A rigidez e as exagerações d'essa escóla procediam da horrivel crueldade do governo dos Cesares. O pensamento perpetuo do homem de bem era endurecer-se para os supplicios e apparelhar-se para a morte [2]. Lucano, com mau gosto, Persio, com um talento superior, exprimiam os mais elevados sentimentos de uma grande alma. Seneca o Philosopho, Plinio o Velho, Papirius Fabianus, sustentavam alta tradição de sciencia e de philosophia. Não se aviltava tudo; havia sabios. Mas muitas vezes o seu unico recurso era mor-

1 Explica-se do mesmo modo a opinião excessivamente severa de S. Paulo (Rom., 1, 24 e seg.) S. Paulo não conhecia a alta sociedade romana. De mais, são invectivas como as fazem os prégadores, e que nunca devem ser tomadas á letra.

2 Seneca, *Epist.*, XII, XXIV, XXVI, LVIII, LXX; *De ira*, III, 15; *De tranquillitate animi*, 10.

Digitized by Google

rer. As porções ignobeis da humanidade tinham o mundo por momentos. Então transbordava o espirito de vertigem e de crueldade, e fazia de Roma um verdadeiro inferno [1].

Esse governo, tão assombrosamente instavel em Roma, era muito melhor nas provincias, onde mal se sentiam os abalos da capital. Apesar dos seus defeitos, a administração romana valia mais do que as realezas e as republicas que a conquista havia supprimido. Havia seculos que tinha passado o tempo das municipalidades soberanas. Esses pequenos Estados tinham-se destruido por seu egoismo, por suas invejas, por sua ignorancia ou por seu pouco cuidado das liberdades particulares. A antiga vida grega, toda de lutas, toda exterior, já não satisfazia ninguem. Tinha sido deliciosa no seu tempo; mas aquelle brilhante Olympo de uma democracia de semi-deuses, tendo perdido a sua frescura, viera a ser uma cousa secca, fria, sem valia, vã, superficial, á mingua de bondade e de solida honestidade. Foi o que fez a legitimidade da dominação macedonica, e depois da administração romana. O Imperio ainda não conhecia os excessos da centralisação. Até ao tempo de Diocleciano, permittia ás provincias e ás cidades muita liberdade. Havia reinos quasi independentes na Palestina, na Syria, na Asia Menor, na pequena Armenia e na Thracia, sob a protecção de Roma. Esses reinos não vieram a ser de perigo, desde Caligula, senão porque ninguem curou de seguir para com elles as regras de grande e alta politica que havia traçado Augusto [2]. As cidades livres, que eram em grande numero, governavam-se segundo as suas leis; tinham o poder legislativo e todas as magistraturas de um Estado autonomo; até ao seculo III, os decretos municipaes são lavrados com a fórmula: « O senado e o povo... [3] » Os theatros não serviam sómente

1 Apocal., XVII. Confr. Seneca, *Epist.*, XCV, 16 e seg.
2 Suetonio, *Augusto*, 48.
3 Os exemplos são em grande copia nas inscripções.

Digitized by Google

para o recreio dos espectaculos; eram em toda a parte focos de opinião e de movimento. A maior parte das cidades eram, com diversos pretextos, pequenas republicas, onde era muito energico o espirito municipal [1]. Tinham perdido sómente o direito de declararem guerra umas ás outras, funesto direito que havia feito do mundo um campo de carnificina. « Os beneficios do povo romano para com o genero humano » eram o thema de declamações ás vezes aduladoras, mas a que seria uma injustiça negar alguma sinceridade [2]. O culto da « paz romana [3] », a idéa de uma grande democracia, organisada sob a tutela de Roma, estava na mente de todos [4]. Um rhetorico grego desenvolvia vasta erudição para provar que a gloria de Roma devia ser colhida por todos os ramos da raça hellenica como uma especie de patrimonio commum [5]. Da Syria, da Asia Menor e do Egypto, póde-se dizer que a conquista romana não lhes destruiu nenhuma liberdade. Esses paizes estavam mortos de muito tempo para a vida politica, se algum dia a tinham tido.

Em summa, apesar das concussões dos governadores e das violencias inherentes a um governo absoluto, o mundo, em muitas cousas, ainda não havia sido tão feliz. Uma administração que emanava de um centro apartado era tamanha vantagem, que nem mesmo as rapinas dos pretores dos ultimos tempos da Republica tinham podido fazel-a odiosa. De mais, a lei *Julia* havia limitado muito o campo dos abusos e das concussões. Os desatinos ou as crueldades do imperador, excepto no tempo de Nero, não passaram da aristocracia romana, e dos que ladeavam mais de perto o principe. O homem que não quer occupar-se com politica nunca viveu mais

1 Plutarco, Præc. ger. reipubl., xv, 3-4; *An semi sit ger. resp.*, todo.
2 Jos., *Ant.*, XIV, x, 22, 23. Comp. Tacito, *Ann.*, IV, 55-56; Rutilius Numatianus, *Itin.*, I, 63 e seg.
3 « Immensa romanæ pacis majestas ». Plinio, *Hist. nat.*, XXVII, 1.
4 Ælius Aristides, *Elogio de Roma;* Plutarco, tratado da *Fortuna dos Romanos*, no principio; Philon, Leg. ad Caium, §. 21, 22, 39, 40.
5 Dionysio de Halicarnasso, *Antiq. Rom.*, I, no principio.

Digitized by Google

á sua vontade. As republicas da antiguidade, em que cada um era forçado a occupar-se com questões de partidos [1], eram estancias muito incommodas, em que o homem era de continuo inquietado e proscripto. Agora, parecia talhado o tempo para os largos proselytismos, superiores ás questões de pequenas cidades, ás rivalidades de dynastias. Os attentados contra a liberdade procediam do que ainda restava de independencia nas provincias ou nas communidades, muito mais do que da administração romana [2]. Temos tido e teremos ainda n'esta historia muitas occasiões de o fazer vêr.

Nos paizes conquistados onde já de seculos não existiam as necessidades politicas, e onde os habitantes só eram privados do direito de se destruirem por continuadas guerras, o Imperio foi uma era de prosperidade como ainda não houvera outra [3], e até mesmo se póde acrescentar sem paradoxo, de liberdade. Por um lado, a liberdade do commercio e da industria, de que não tinham idéa as republicas gregas, veio a ser possivel. Por outro lado, a liberdade de pensar tem só que ganhar com o novo regime. É uma liberdade que se dá sempre melhor com um rei ou com um principe do que com burguezes invejosos e de curta capacidade. As republicas antigas não a tiveram. Os Gregos fizeram sem ella grandes cousas pela incomparavel força do seu engenho; mas não esqueçamos que Athenas tinha uma verdadeira inquisição [4]. O inquisidor era o archonte-rei; o santo officio era o portico Real, a cuja alçada pertenciam as accusações de « impiedade ». Accusações d'essas eram muito numerosas; é o genero de causas que mais vezes achamos nos oradores atticos. Não só os delictos philosophicos, como negar Deus ou a Providencia, mas os mais leves insultos aos cultos municipaes, a prégação de religiões estranhas, as mais pueris infracções á escrupu-

1 Plutarco, *Vida de Solon*, 20.
2 Vej. Atheneu, XII, 68; Eliano, Var. Hist., IX, 12; Suidas, na palavra *Epichouros*.
3 Tacito, *Ann.*, I, 2.
4 Estude-se o caracter de Eutyphron em Platão.

Digitized by Google

losa legislação dos mysterios, eram crimes de morte. Os deuses de que Aristophanes mofava no theatro matavam algumas vezes. Mataram Socrates, e pouco faltou para matarem Alcibiades. Anaxagoras, Protagoras, Theodoro o Atheu, Diagoras de Melos, Prodicus de Céos, Stilpon, Aristoteles, Theophrasto, Aspasia, Euripides [1], foram mais ou menos seriamente inquietados. A liberdade de pensar foi, em summa, o fructo das realezas procedentes da conquista macedonica. Foram os Attalos, os Ptolomeus os primeiros que deram aos pensadores as largas que nunca lhes havia dado nenhuma das velhas republicas. O imperio romano continuou a mesma tradição. Durante o Imperio deram-se actos arbitrarios contra os philosophos; mas isso procedia sempre de se ingerirem na politica [2]. Debalde procurariamos, em leis romanas anteriores a Constantino, um texto contra a liberdade de pensar, ou na historia dos imperadores um processo de doutrina abstracta. Não houve um sabio que fosse inquietado. Homens que a idade media teria queimado, como Galeno, Luciano, Plotino, viveram tranquillos á sombra da lei. O Imperio inaugurou um periodo de liberdade, extinguindo a absoluta soberania da familia, da cidade, da tribu, e substituindo ou temperando essas soberanias pela do Estado. Ora, um poder absoluto é tanto mais vexatorio quando mais apertado é o circulo em que se exerce. As republicas antigas, o feudalismo tyrannisaram o individuo muito mais do que o tyrannisou o Estado. O imperio romano, em certas épocas, perseguiu duramente o christianismo [3]; mas ao menos não o atalhou. Ora, as republicas tel-o-hiam feito impossivel; o judaismo, se não houvesse soffrido a pressão da authoridade romana, seria de sobra para abafal-o. O que

1 Diog. Laercio, II, 101, 116; V, 5, 6, 37, 38; IX, 52; Atheneu, XIII, 92; XV, 52; Eliano, *Var. Hist.*, II, 23; III, 36; Plutarco, *Pericles*, 32; *De plac. philos.*, I, VII, 2; Diod. Siculo, XIII, VI, 7; Scol. d'Aristoph., in *Aves*, 1073.

2 Em particular no tempo de Vespasiano; facto de Helvidio Prisco.

3 Havemos de mostrar que essas perseguições, pelo menos até á de Decio, tem sido exageradas.

Digitized by Google

impediu que os pharisens matassem o christianismo, foram os magistrados romanos [1].

Largas idéas de fraternidade universal, filhas pela maior parte do estoicismo [2], uma especie de sentimento geral da humanidade, eram o fructo do regime menos estreito e da educação menos exclusiva a que era submettido o individuo [3]. Sonhava-se nova era e novos mundos [4]. A riqueza publica era avantajada, e, apesar da imperfeição das doutrinas economicas, a vida commoda era cousa vulgar. Os costumes não eram o que muitas vezes se imagina. É verdade que em Roma todos os vicios se ostentavam com repugnante cynismo [5]; mórmente os espectaculos tinham introduzido horrorosa corrupção. Certos paizes, como o Egypto, tambem tinham descido a extremos de baixeza. Mas havia na maior parte das provincias uma classe media em que não faltavam a bondade, a fé conjugal, as virtudes domesticas, a probidade [6]. Ha em alguma parte um ideal da vida de familia, entre honrados burguezes de cidades pequenas, mais encantador do que o que nos deixou Plutarco? Que candura! que doçura de costumes! que casta e amavel simplicidade [7]! É evidente que Cheronéa não era o unico lugar onde a vida fosse tão pura e tão innocente.

1 Os primeiros christãos são, com effeito, muito respeitosos para com a authoridade romana. Rom., XIII, 1 e seg.; I Pedro, IV, 14-16. Quanto a S. Lucas, veja-se o que dissemos na Introducção, pag. XVIII.

2 Diogenes Laercio, VII, I, 32, 33; Eusebio, Prepar. evang., XV, 15; e, em geral, o *De legibus* e o *De officiis* de Cicero.

3 Terencio, Heautont., I, I, 77; Cic., *De finibus bon. et mal.*, V, 23; *Partit. orat.*, 16, 24; Ovidio, *Fastos*, II, 684; Lucano, VI, 54 e seg.; Seneca, *Epist.*, XLVIII, XCV, 51 e seg.; *De ira*, I, 5; III, 43; Arriano, *Dissert. d'Epict.*, I, IX, 6; II, V, 26; Plutarco, *Da fort. dos Rom.*, 2; *Da fort. de Alexandre*, I, 8, 9.

4 Virgilio, *Egl.*, IV; Seneca, *Medéa*, 375 e seg.

5 Tac., *Ann.*, II, 85; Suetonio, *Tib.*, 35; Ovidio, *Fast.*, II, 497-514.

6 Nas inscripções de mulheres ha expressões das mais tocantes. «Mater omnium hominum, parens omnibus subveniens», em Renier, *Inscr. de l'Algerie*, n.º 1987. Comp. *ibid.*, n.º 2756; Mommsen, *Inscr. R. N.*, n.º 1431. «Duobus virtutis et castitatis exemplis», *Not. et mém. de la Soc. de Constantine*, 1865, pag. 158. Vej. a inscripção de Urbanille, em Guerin, *Voyage archeol. dans la rég. de Tunis*, I, 289 e a deliciosa inscripção Orelli, n.º 4648. Muitos d'estes textos são posteriores ao primeiro seculo; mas os sentimentos que exprimem não eram novos quando foram escriptos.

7 *Praticas á mesa*, I, V, 1; *Vida de Demosthenes*, 2; o dialogo do *Amor*, 2, e sobre tudo a *Consolação* a sua mulher.

Digitized by Google

As usanças, mesmo fóra de Roma, tinham ainda certo cunho de crueldade, ou como resto dos costumes antigos, em toda a parte tão sanguinarios, ou pela influencia especial da dureza romana. Mas por esse lado havia progresso. Que sentimento suave e puro, que impressão de melancolica ternura não tinham achado a sua mais delicada expressão na penna de Virgilio ou de Tibullo? O mundo abrandava, perdia o seu antigo rigor, adquiria molleza e sensibilidade. Vulgarisavam-se maximas de humanidade [1]; a igualdade, a idéa abstracta dos direitos do homem, eram altamente prégadas pelo estoicismo [2]. A mulher, pelo systema dotal do direito romano, tornava-se cada vez mais senhora de si; os preceitos sobre a maneira de tratar os escravos iam-se elevando [3]. Seneca comia com os seus. O escravo já não é aquelle ente necessariamente ridiculo e mau, que a comedia latina introduziu para provocar gargalhadas, e que Catão recommenda que seja tratado como besta de carga [4]. Agora os tempos estão muito mudados. O escravo é moralmente igual a seu senhor; admitte-se que elle seja capaz de virtude, de fidelidade, de dedicação, e de tudo isso dá elle provas [5]. Iam-se extinguindo os preconceitos sobre a nobreza de nascimento [6]. Estabeleciam-se muitas leis altamente humanas e justas, mesmo no tempo dos peores imperadores [7]. Tiberio era um habil fa-

1 «Caritas generis humani,» Cic., *De finibus* V, 23. «Homo sacra res homini,» Seneca, *Epist.*, XCV, 33.

2 Seneca, *Epist.*, XXXI, XLVII; *De benef.*, III, 18 e seg.

3 Tacito, *Ann.*, XIV, 42 e seg.; Suetonio, *Claudio*, 25; Dion Cassius, LX, 29; Plinio, Epist., VIII, 16; Inscripc. de Lanuvium, col. 2, linhas 1-4 (em Mommsen, *De coll. et sodal. Rom.*, ad calcem); Seneca o Rhetorico, *Controv.*, III, 21; VII, 6; Seneca o Phil., *Epist.*, XLVII; *De benef.*, III, 18 e seg.; Columella, *De re rustica*, I, 8; Plutarco, *Vida de Catão o Velho*, 5; *De ira*, 11.

4 Catão, *De re rustica*, 58, 59, 104; Plutarco, *Vida de Catão*, 4, 5. Comparem-se as maximas quasi igualmente duras do *Ecclesiastico*, XXXIII, 25 e seg.

5 Tac., *Ann.*, XIV, 60; Dion Cassius, XLVII, 10; LX, 16; LXII, 13; LXVI, 14; Suet., *Caius*, 16; Appiano, *Guerras civis*, IV, desde o cap. XVII (sobre tudo XXVI e seg.) até LI. Juven., VI, 476 e seg., pinta os costumes do peor mundo.

6 Hor., *Sat.*, I, VI, 1 e seg.; Cic., *Epist.*, III, 7; Seneca o Rhetorico, Controv., I, 6.

7 Suet., *Caius*, 15, 16; *Claudio*, 19, 23, 25; *Nero*, 16; Dion Cassius, LX, 25, 29.

Digitized by Google

zendista, que assentou em excellentes bases um estabelecimento de credito territorial [1]. Nero introduziu no systema dos impostos, até então iniquo e barbaro, aperfeiçoamentos que envergonham o nosso tempo [2]. O progresso da legislação era consideravel, posto que a pena de morte fosse ainda estupidamente prodigalisada. O amor ao pobre, a sympathia por todos, a esmola, tornavam-se virtudes [3].

O theatro era um dos escandalos mais insupportaveis para as pessoas de bem, e uma das primeiras cousas que excitavam a antipathia de todos os judeus e judaisantes contra a civilisação profana d'aquelle tempo. Essas cubas gigantescas pareciam-lhes sentina em que ferviam todos os vicios. Em quanto que dos lugares da frente se erguiam applausos, manifestavam-se muitas vezes nos bancos mais altos a repulsão e o horror. Não foi cousa facil estabelecer nas provinçias os espectaculos de gladiadores. Pelo menos os paizes hellenicos reprovaram-nos, e quasi todos sustentaram os antigos exercicios gregos [4]. Os jogos sanguinolentos conservaram sempre no Oriente um signal de origem romana muito caracterisado [5]. Conta-se que tendo um dia os Athenienses, por emulação com os de Corintho [6], deliberado imitar esses jogos barbaros, se levantou um philosopho, e propoz que fosse primeiro derribado o altar da Piedade [7]. O horror do theatro, do estadio, do gymnasio, is-

1 Tac., *Ann.*, VI, 17; Compar. IV, 6.

2 Tac., *Ann.*, XIII, 50-51; Suetonio, *Nero*, 10.

3 Epitaphio do joialheiro Evhodus (hominis boni, misericordis, amantis pauperes), *Corpus. inscr. lat.*, n.º 1027, inscripção do seculo de Augusto, (Confr. Egger, *Mém. d'hist. anc. et de phil.* pag. 351 e seg.); Perrot, *Exploration de la Galatie*, etc., pag. 118-119 (*ptochous phileonta*); Oração funebre de Matidia, por Adriano (*Mém. de l'Acad. de Berlin* para 1863, pag. 489); Mommsen, *Inscr. regni Neap.*, n.º 1438, 2868, 4880; Seneca o Rhetorico, *Controv.*, I, 1; III, 19 IV; 27; VIII, 6; Seneca o Philos. *De Clem.*, II, 5, 6; *De benef.*, I, 1; II, 11; IV, 14; VII, 31. Comp. Leblant, *Inscr. chrét. de la Gaule*, II, pag. 23 e seg; Orelli, n.º 4657; Fea, *Framm. dé fasti consol.*, pag. 90; R. Garrucci, *Cimitero degli ant. Ebrei*, pag. 44.

4 *Corpus inscr. græc.*, n.º 2758.

5 Ibid., n.ºs 2194 *b*, 2511, 2759 *b*.

6 É preciso não esquecer que a Corintho da época romana era uma colonia de estrangeiros, formada por Cesar e Augusto no sitio da antiga cidade.

7 Luciano, *Demonax*, 57.

Digitized by Google

to é dos lugares publicos, do que constituia essencialmente uma cidade grega ou romana, foi assim um dos sentimentos mais profundos dos christãos, e um dos que tiveram mais consequencia. A civilisação antiga era uma civilisação publica; as cousas passavam-se ao ar livre, perante os cidadãos reunidos; era o inverso das nossas sociedades, em que a vida é toda privada e fechada no recinto da casa. O theatro herdára do *agora* e do *forum*. O anathema lançado sobre o theatro recahiu sobre toda a sociedade. Profunda rivalidade se estabeleceu entre a Egreja, de uma parte, e os jogos publicos, da outra. O escravo, repellido dos jogos, acolheu-se á egreja. Nunca me assentei n'esses melancolicos circos, que são sempre as reliquias mais bem conservadas de uma cidade antiga, que não visse em espirito a luta dos dous mundos: — aqui o pobre homem virtuoso, já meio christão, assentado nos lugares inferiores, cobrindo o rosto com as mãos e sahindo escandalisado, — alli um philosopho erguendo-se de repente e reprehendendo as turbas pela sua baixeza [1]. Esses exemplos eram raros no primeiro seculo. Entretanto o protesto começava a fazer-se ouvir [2]. O theatro começava a ser um lugar muito desacreditado [3].

A legislação e as regras administrativas do Imperio eram ainda um verdadeiro cahos. O despotismo central, as immunidades municipaes e provinciaes, o capricho dos governadores, as violencias das communidades independentes tudo se encontroava pelo modo mais estranho. Mas a liberdade religiosa ganhava com estes conflictos. A bella administração unitaria que se estabeleceu desde o tempo de Trajano será muito mais fatal ao culto nascente do que o estado irregular, sem futuro certo, sem policia rigorosa, do tempo dos Cesares.

1 Dion Cassius, LXVI, 15.

2 Vej. especialmente Ælius Aristides, tratado contra a comedia (I, pag. 751 e seg., ediç. Dindorf.)

3 É notavel que, em muitas cidades da Asia Menor, os restos dos theatros antigos são ainda hoje antros de prostituição. Comp. Ovidio, *Arte de amar*, 1, 89 e seg.

Digitized by Google

As sociedades de soccorros publicos, baseadas no principio que o Estado tem deveres paternaes para com seus membros, não se desenvolveram largamente senão desde Nerva e Trajano [1]. Comtudo acham-se signaes d'ellas no primeiro seculo [2]. Já havia soccorros para as creanças [3], distribuições de alimentos aos indigentes, tarifas do fabrico do pão com indemnisação para os negociantes, precauções para o abastecimento de generos, premios e seguros para os donos de navios, vales de pão que permittiam a compra do trigo por preço reduzido [4]. Todos os imperadores, sem excepção, mostraram a maior solicitude por estas questões, que alguem póde chamar de segunda ordem, mas que, em certas épocas, levam a palma a todas as outras. Na alta antiguidade, póde-se dizer que o mundo não tinha necessidade de caridade. O homem então era robusto, valente; o hospital era inutil. A boa e simples moral homerica, segundo a qual o hospede, o mendigo, veem da parte de Jupiter [5], é a moral de robustos e alegres adolescentes. A Grecia, na sua idade classica, enunciou as mais delicadas maximas de piedade, de beneficencia, de humanidade, sem que nascessem de uma previsão de inquietação social ou de melancolia [6]. O homem, n'essa época, era ainda sadio e feliz; podia-se passar sem pensar no mal. Quanto a instituições de soccorros mutuos, os Gregos tiveram grande prioridade sobre os Romanos [7]. Nunca uma disposição liberal, benevola, sahiu da cruel nobreza que tão oppressivo poder exerceu durante a Republica. No

1 Orelli-Henzen, n.os 1172, 3362 e seg., 6669; Guérin, *Voy. en Tunisie*, II, pag. 59; Borghesi, *Obras completas*, IV, pag. 269 e seg.; E. Desjardins, *De tabulis alimentariis*; Aurelius Victor, *Epitome*, Nerva; Plinio, *Epist.*, I, 8; VII, 18.

2 Inscripções em Desjardins, *op. cit.*, parte II, cap. I.

3 Suetonio, *Augusto*, 41, 46; Dion Cassius, LI, 21; LVIII, 2.

4 Tacito, *Ann.*, II, 87; VI, 13; XV, 18, 39; Suetonio, *Aug.*, 41, 42; *Claudio*, 18. Comp. Dion Cassius LXII, 18; Orelli, n.º 3358 e seg.; Henzen, 6662 e seg.; Forcellini, no artigo *Tessera frumentaria*.

5 *Odisséa*, VI, 207.

6 Euripides, *Suppl.*, v. 773 e seguinte; Aristoteles, Rhetor., II, VIII; *Moral a Nicomaco*, VIII, I; IX, X. Veja-se Stobeu, *Florilegio*, XXXVII e CXIII, e, em geral, os fragmentos de Menandro e dos comicos gregos.

7 Aristoteles, *Politica*, VI, III, 4 e 5.

Digitized by Google

tempo em que estamos, os haveres colossaes da aristocracia, o luxo, as grandes agglomerações de homens em certos pontos, e mais do que tudo a dureza particular aos Romanos, a sua aversão á piedade [1], tinham feito nascer o «pauperismo». As complacencias de certos imperadores com a gentalha de Roma só tinham servido para aggravar o mal. A esportula, as *tesseræ frumentariæ*, animavam o vicio e a ociosidade, mas não davam nenhum remedio á miseria. N'isto, como em muitas outras cousas, o Oriente tinha verdadeira superioridade sobre o Occidente. Os Judeus tinham verdadeiras instituições de caridade. Parece que os templos do Egypto tiveram algumas vezes uma caixa dos pobres [2]. O collegio de reclusos e de reclusas do Serapeum de Memphis [3] tambem era uma especie de estabelecimento de caridade. A terrivel crise por que passava a humanidade na capital do Imperio fazia-se sentir pouco nos paizes apartados onde a vida se conservára mais simples. A accusação de haver envenenado a terra, a comparação de Roma com uma mulher publica que deu ao mundo do vinho da sua immoralidade, era justa a muitos respeitos (Apoc., XVII, e seg.) A provincia valia mais do que Roma, ou antes os elementos impuros que de todas as partes acudiam a amontoar-se em Roma, como em um cano de despejos, tinham lá formado um foco de infecção, onde as antigas virtudes romanas eram afogadas, e onde se desenvolviam lentamente as sementes que vinham de outras partes.

O estado intellectual das diversas partes do Imperio era pouco satisfactorio. Havia uma verdadeira decadencia. A alta cultura da intelligencia não é tão independente das circumstancias politicas como a moralidade particular. De mais, é preciso que os progressos da alta cultura da intelligencia e os da moralidade sejam parallelos. Marco Aurelio foi de certo um homem mais pro-

1 Cicero, *Tuscul.*, IV, 7, 8; Seneca, De clem., II, 5, 6.

2 Papirus do Louvre, n.º 37, col. 1, linha 21, nas *Noticias e extractos*, tomo XVII, 2.ª parte, pag. 298.

3 Veja-se o que dissemos a pag. 48.

Digitized by Google

bo do que todos os antigos philosophos gregos; e comtudo as suas noções positivas sobre as realidades do universo são inferiores ás de Aristoteles e de Epicuro; porque elle crê nos deuses como em personagens finitos e distinctos, nos sonhos e nos presagios. O mundo, na época romana, realisou um progresso de moralidade e soffreu uma decadencia scientifica. Desde Tiberio até Nerva essa decadencia é perfeitamente sensivel. O engenho grego, com uma originalidade, uma força, uma riqueza que nunca foram igualadas, creára desde seculos a encyclopedia racional, a disciplina normal do espirito. Esse maravilhoso movimento, que data de Thales e das primeiras escólas da Jonia (seiscentos annos antes de Jesus Christo), estava quasi suspenso no anno 120 antes de Jesus Christo. Os ultimos sobreviventes d'esses cinco seculos de engenho, Apollonio de Perge, Eratosthenes, Aristarco, Heron, Archimedes, Hipparco, Chrysippo, Carnéade, Parecio, tinham morrido sem successores. Não vejo senão Posidonio e alguns astronomos que ainda dão vida ás velhas tradições de Alexandria, de Rhodes, de Pergamo. A Grecia, tão habil em crear, não tinha sabido tirar da sua sciencia nem da sua philosophia uma instrucção popular, um remedio contra as superstições. O Egypto, a Asia Menor, mesmo a Grecia tinham em seu seio admiraveis institutos scientificos, mas estavam entregues ás crenças mais nescias. Ora, quando a sciencia não chega a dominar a superstição, a superstição abafa a sciencia. Entre estas duas forças oppostas o duello é de morte.

A Italia, adoptando a sciencia grega, tinha sabido, por um pouco, animal-a com um sentimento novo. Lucrecio dera o modélo do grande poema philosophico, ao mesmo tempo hymno e blasphemia, inspirando ora a serenidade ora a desesperação, movido do profundo sentimento do destino humano que faltou sempre aos Gregos. Estes, como verdadeiras creanças que eram, aceitavam a vida tão alegremente que nunca pensaram em amaldiçoar os deuses, em ter a natureza por injusta

Digitized by Google

e perfida para com o homem. Entre os philosophos latinos desabrocharam pensamentos mais graves. Mas Roma, como a Grecia, tambem não soube fazer da sciencia a base de uma educação popular. Em quanto Cicero dava com o mais delicado juizo uma fórma aprimorada ás idéas que colhia dos Hellenos, e Lucrecio escrevia o seu assombroso poema, e Horacio confessava a Augusto, que o ouvia com indifferença, a sua franca incredulidade, e um dos mais mimosos poetas d'esse tempo, Ovidio, tratava como elegante libertino as mais respeitaveis fabulas, e os grandes estoicos tiravam as consequencias praticas da philosophia grega, as mais desassisadas chimeras eram acreditadas, e a fé no maravilhoso não tinha limites. Nunca se tratou tanto de prophecias e de prodigios [1]. O bello deismo eclectico de Cicero [2], ainda continuado e aperfeiçoado por Seneca [3], não passava de crença de pequeno numero de engenhos elevados, que não exerciam nenhuma acção sobre o seu seculo.

O Imperio, até Vespasiano, não tinha nada que podesse chamar-se instrucção publica [4]. O que depois teve n'esse genero limitou-se quasi a insulsos exercicios de grammaticos, o que apressou mais do que demorou a geral decadencia. Os ultimos tempos do governo republicano e o reinado de Augusto foram testemunhas de um dos mais bellos movimentos litterarios que o mundo tem visto. Mas, depois da morte do grande imperador, a decadencia é rapida, ou, por melhor dizermos, inteiramente subita. A sociedade intelligente e cultivada dos Cicero, Attico, dos Cesar, dos Mecena, dos Agrippa, dos Pollion, desapparecera como um sonho. Em verdade, havia ainda homens illustrados, versados na sciencia do seu tempo, collocados em altas posições sociaes, taes como

1 Virgilio, *Egl.*, IV; *Georg.*, I, 463 e seg.; Horacio, *Odes*, I, II; Tacito, *Ann.*, VI, 12, Suetonio, *Aug.*, 31.

2 Veja-se, por exemplo, *De republ.*, III, 22, citado e conservado por Lactancio, *Instit. div.*, VI, 8.

3 Veja-se, por exemplo, a admiravel carta XXXI a Lucilio.

4 Suetonio, *Vespasiano*, 89; Dion Cassius, tomo VI, pag. 558; Eusebio *Chron.*, no anno 89; Plinio, *Epist.*, I, 8; Henzen, pag. 124, n.º 1172.

Digitized by Google

os Senecas e a sociedade litteraria de que eram centro, Lucilo, Gallio, Plinio. O compendio do direito romano, que é a philosophia posta em codigo, a pratica do racionalismo grego, continuava no seu magestoso crescimento. As grandes familias romanas tinham conservado um fundo de religião elevada e grande horror á superstição [1]. Os geographos Strabo e Pomponio Mela, o medico e encyclopedista Celsio, o botanico Dioscorides, o jurisconsulto Sempronio Próculo, eram cabeças de excellente organisação. Mas eram excepções. Pondo de parte alguns milhares de homens illustrados, o mundo estava abysmado em completa ignorancia das leis da natureza [2]. A credulidade era uma molestia geral [3]. A cultura litteraria reduzia-se a ôca rhetorica que não ensinava nada. A direcção essencialmente moral e pratica que a philosophia tinha tomado não admittia as grandes especulações. Os conhecimentos humanos, exceptuando a geographia, não progrediam. O curioso instruido e lettrado substituia o sabio creador. O supremo defeito dos Romanos fazia sentir n'isto a sua fatal influencia. Esse povo, tão grande pelo imperio, era de segunda ordem pelo engenho. Os Romanos mais instruidos, Lucrecio, Vitruvio, Celsio, Plinio, Seneca, eram, em conhecimentos positivos, discipulos dos Gregos. Até mesmo muitas vezes era a mais mediocre sciencia grega o que mediocremente se copiava [4]. A cidade de Roma nunca teve grande escóla scientifica. Reinava n'ella o charlatanismo quasi sem opposição. Emfim, a litteratura latina, que em verdade teve partes admiraveis, floresceu pouco tempo e não sahiu do Occidente [5].

A Grecia, felizmente, conservava-se fiel ao seu engenho. O prodigioso esplendor do poder romano tinha-a deslumbrado, turbado, mas não aniquilado. Em cin-

1 Oração funebre de Turia, I, linhas 30-31.

2 Veja-se sobre tudo o primeiro livro de Valerio Maximo, a obra de Julio Obsequens sobre os Prodigios, e os *Discursos sagrados* de Ælio Aristides.

3 Augusto (Suetonio, *Aug.*, 90-92), e mesmo Cesar, segundo se diz (Plinio, *Hist. nat.*, XXVIII, IV, 7, mas duvido d'isso), não lhe escapavam.

4 Manilio, Hygino, traducções de Arato.

5 Cicero, *Pro Archia*, 10.

Digitized by Google

coenta annos terá reconquistado o mundo, será de novo a mestra de todos os que pensam, assentar-se-ha no throno com os Antoninos. Mas agora a Grecia está em uma das suas horas de cansaço. É raro o engenho que n'ella desabrocha; a sciencia original é inferior ao que fôra nos seculos precedentes e ao que será no seculo seguinte. A escóla de Alexandria, em decadencia ha quasi dous seculos, que, comtudo, na época de Cesar, ainda tinha Sosigenes, está agora muda.

Da morte de Augusto até ao começo do governo de Trajano, é preciso pois marcar um periodico de abatimento momentaneo para o espirito humano. O mundo antigo estava longe de ter dito as suas ultimas palavras; mas a cruel prova por que passava tirava-lhe a voz e a coragem. Ahi veem dias melhores, e o espirito, livre do lamentavel regime dos Cesares, ha-de parecer que revive. Epicteto, Plutarco, Dion Chrysostomo, Quintiliano, Tacito, Plinio o Moço, Juvenal, Rufo de Epheso, Areteu, Galeno, Ptolomeu, Hypsicles, Theon, Luciano, abrirão de novo os mais bellos dias da Grecia, não d'aquella inimitavel Grecia que só existiu uma vez para desesperação e encanto dos que amam o bello, mas de uma Grecia rica e ainda fecunda, que, misturando os seus dons com os do engenho romano, produzirá novos fructos ricos em originalidade.

O gosto geral era muito mau. Já não existem os grandes escriptores gregos. Os escriptores latinos que conhecemos, exceptuando o satyrico Persio, são mediocres e sem engenho. A declamação damnava tudo. O principio pelo qual o publico julgava as obras do espirito era quasi o mesmo que é hoje. Não se procurava senão a passagem brilhante. A palavra já não era aquelle vestido simples do pensamento, que colhe toda a sua elegancia na sua perfeita proporção com a idéa que se quer exprimir. Cultivava-se a palavra pelo que ella era. O fim de um author quando escrevia era mostrar o seu talento. Media-se a excellencia de uma « recitação » ou leitura publica, pelo numero de palavras applaudidas de

Digitized by Google

que estava recheada. O grande principio que no que toca á arte deve tudo servir para ornamento, mas que é mau tudo o que é empregado de proposito para ornamento, estava profundamente esquecido. O tempo era, digamol-o assim, muito litterario. Não se fallava senão de eloquencia, de bom estilo, e por fim de contas quasi todos escreviam mal; não havia um orador; porque o bom orador e o bom escriptor são homens que não fazem o seu officio com eloquencia nem com estilo. No theatro, o actor principal absorvia a attenção; supprimiam-se as peças para só serem recitados os trechos pomposos, os *cantica*. O espirito da litteratura era um « dilettantismo » parvo, em que cahiam mesmo os imperadores, uma louca vaidade que movia cada um a provar que tinha espirito. O resultado d'isto era extrema semsaboria, interminaveis « Theseidas », dramas feitos para serem lidos em sociedade, uma perfeita frivolidade poetica que só se póde comparar com as epopéas e tragedias classicas de ha sessenta annos.

O proprio estoicismo não pôde escapar a este defeito, ou pelo menos não soube, antes de Epicteto e de Marco Aurelio, achar uma bella fórma para vestir as suas doutrinas. São monumentos verdadeiramente singulares aquellas tragedias de Seneca, em que os mais altos sentimentos são expressos no tom de um charlatanismo litterario perfeitamente fastidioso, indicios ao mesmo tempo de um progresso moral e de irremediavel decadencia de gosto. O mesmo se deve dizer de Lucano. A tensão d'alma, effeito natural do que havia de eminentemente tragico na situação, dava origem a um genero emphatico, em que só se curava de brilhar por bellas sentenças. Acontecia uma cousa parecida com o que passou em França no tempo da Revolução; a crise mais violenta que o mundo tem visto pouco mais produziu do que uma litteratura de rhetoricos, cheia de declamação. Cumpre não parar ahi. As idéas novas exprimem-se ás vezes com muita presumpção. O estilo de Seneca é moderado, simples e puro, comparado com o de Santo Agosti-

Digitized by Google

nho. Ora, nós perdoamos a Santo Agostinho o seu estilo muitas vezes detestavel, os seus insipidos *concetti*, pelos seus bellos sentimentos.

Em todo o caso, essa educação, que a muitos respeitos era nobre e distincta, não chegava até ao povo. Teria sido um mediocre inconveniente, se o povo tivesse ao menos um alimento religioso, alguma cousa parecida com o que recebem, na egreja, as porções mais desherdadas das nossas sociedades. Mas a religião em todas as partes do imperio estava muito abatida. Roma, com a sua alta razão, havia deixado subsistir os antigos cultos, não lhes cerceando senão o que era deshumano [1], sedicioso ou injurioso para os outros [2]. Havia estendido sobre todos uma especie de verniz official, que fazia que se asemelhassem uns aos outros, e bem ou mal fazia d'elles um só. Infelizmente, esses velhos cultos, de origem muito diversa, tinham uma feição commum: era igual impossibilidade de chegar a uma doutrina theologica, a uma moral applicada, a uma prédica de bom exemplo, a um ministerio pastoral verdadeiramente fructifero para o povo. O templo pagão estava muito longe de ser o que foram na sua bella época a synagoga e a egreja, isto é casa commum, escóla, hospedaria, hospicio, abrigo onde o pobre vai buscar um asylo [3]. Era uma fria *cella*, onde raro se entrava, onde nada se aprendia. O culto romano era talvez o menos mau dos que se praticavam ainda. A pureza do coração e do corpo era considerada n'esse culto como cousa que fazia parte da religião [4]. Pela sua gravidade, decencia e austeridade, esse culto, pondo de parte algumas farças analogas ao nosso carnaval, era superior ás singulares e ridiculas ceremonias que as pessoas tomadas das manias orientaes introduziam secretamente. A affeição com que os romanos estremavam «a religião», isto é o seu proprio culto, da «superstição», isto é dos cultos es-

1 Suetonio, *Claudio*, 25.
2 Josepho, *Ant.*, XIX, v, 3.
3 *Bereschith rabba*, cap. LXV, fol. 65 *b*; Du Cange, em *matricularios*.
4 Cicero, *De legibus*, II, 8; Vopiscus, *Aureliano*, 19.

Digitized by Google

trangeiros [1], parece-nos comtudo muito pueril. O campino que hoje lança qualquer moeda na caixinha de um nicho milagrento, que invoca um santo para que acuda aos seus bois ou aos seus cavallos, que bebe de certa agua em certos padecimentos, é n'isso um pagão. Quasi todas as nossas superstições são reliquias de uma religião anterior ao christianismo, que este não tem podido desarraigar de todo. Se quizessemos achar hoje a imagem do paganismo, cumpriria que a procurassemos em alguma aldêa perdida no mais apartado das menos cultas povoações ruraes.

Não tendo por guardas senão uma vacillante tradição popular e interesseiros sacristães, os cultos pagãos não podiam deixar de degenerar em adulação [2]. Augusto, ainda que com circumspecção, admittiu que nas provincias o adorassem em vida [3]. Tiberio consentiu em assistir ao julgamento d'aquelle ignobil concurso das cidades da Asia, que disputavam entre si a honra de lhe erguerem um templo [4]. As extravagantes impiedades de Caligula [5] não produziram nenhuma reacção; fóra do judaismo, não se achou um sacerdote que resistisse a taes desvarios. Filhos pela maior parte de um culto primitivo das forças naturaes, muitas vezes transformados por variadas misturas e pela imaginação dos povos, os cultos pagãos eram limitados pelo seu passado. Não se podia tirar d'elles o que nunca houve n'elles, o deismo, o bom exemplo. Os Padres da Egreja fazem-nos rir quando censuram os erros de Saturno como pae de familia, de Jupiter como marido. Mas de certo era ainda muito mais ridiculo fazer de Jupiter (isto é da atmosphe-

1 «Religio sine superstitione». Oração funebre de Turia, I, linhas 30-31. Veja o *Tratado da superstição* de Plutarco.

2 Veja Meliton, *Peri aletheias*, no *Spicilegium syriacum* de Cureton, pag. 43 ou no *Spicil. Solesmense* de dom Pitra, tom. II, pag. XLI, para bem se comprehender a impressão que isso fazia em judeus e christãos.

3 Suetonio, Aug., 52; Dion Cass., LI, 20; Tac., *Ann.*, I, 10, Aurel. Victor, *Cæs.*, 1; Appiano, *Bell. civ.*, V, 132; Jos., B. J., I, XXI, 2, 3, 4, 7; Noris, *Cenotaphia pisana*, dissert. I, cap. 4; *Kalendarium Cumanum*, em Corpus inscr. lat., I, pag. 310; Eckhel, *Doctrina num. vet.*, parte 2.ª Vol. VI, pag. 100, 124 e seg.

4 Tacito, *Ann.*, IV, 55-56. Comp. Valerio Maximo, prologo.

5 Veja-se o que dissemos a pag. 120 e seg.

Digitized by Google

ra) um deus moral, que ordena, prohibe, galardoa e castiga. Em uma sociedade que aspirava a ter um cathecismo, o que é que se podia fazer de um culto como o de Venus, que nasceu de uma antiga necessidade social das primeiras navegações phenicias no Mediterraneo, mas que veio a ser com o tempo um ultrage ao que se considerava cada vez mais como essencia da religião?

Com effeito, em toda a parte se manifestava com energia a necessidade de uma religião monotheista, que désse por base á moral prescripções divinas. Vem assim uma época em que as religiões naturalistas, reduzidas a meras puerilidades, a momices de bruxos, já não podem satisfazer sociedades em que a humanidade quer uma religião moral, philosophica. O buddhismo, o zoroastrismo, responderam a essa necessidade na India e na Persia. O orphismo, os mysterios, tinham tentado a mesma cousa na sociedade grega, sem o conseguirem por modo duravel. Na época em que estamos, estabelecia-se o problema para todo o mundo com certa unanimidade solemne e imperiosa grandeza.

A Grecia, em verdade, era n'este ponto uma excepção. O hellenismo estava muito menos gasto do que as outras religiões do Imperio. Plutarco, na sua pequena cidade da Beocia, viveu do hellenismo, tranquillo, feliz, contente como uma creança, com a mais serena consciencia religiosa. Não ha n'elle um signal de crise, de laceração, de inquietação, de revolução imminente. Mas só o espirito grego é que era capaz de serenidade tão infantil. Sempre satisfeita de si, orgulhosa com o seu passado e com a brilhante mythologia de que possuia todos os lugares santos, a Grecia não participava dos tormentos interiores que affligiam o resto do mundo. Era só ella que não chamava o christianismo; só ella quiz passar sem elle; só ella aspirou a fazer cousa melhor [1]. Era isso inherente á eterna mocidade, ao patriotismo, á alegria, que sempre caracterisaram o verdadei-

1 Corintho, a unica cidade da Grecia que, nos primeiros seculos, teve uma christandade consideravel, já não era n'essa época uma cidade hellenica.

Digitized by Google

ro Helleno, e que, ainda hoje, fazem que o Grego pareça indifferente ás profundas inquietações que nos atormentam. Assim o hellenismo pôde tentar um renascimento que nenhum dos outros cultos do Imperio teria podido ensaiar. Nos seculos II, III e IV da nossa era, o hellenismo constituir-se-ha em religião organisada, por uma especie de fusão entre a mythologia e a philosophia grega, e, com os seus philosophos thaumaturgos, seus antigos sabios constituidos reveladores, suas lendas de Pythagoras e de Apollonio, opporá ao christianismo uma rivalidade que, pelo facto de ter sido impotente, não deixou de ser o mais perigoso obstaculo que a religião de Jesus encontrou no seu caminho.

Essa tentativa não se operou ainda no tempo dos Cesares. Os primeiros philosophos que ensaiaram uma especie de alliança entre a philosophia e o paganismo, Euphrato de Tyro, Apollonio de Tyania e Plutarco, são do fim do seculo. Temos muito pouco conhecimento de Euphrato de Tyro. A lenda cobriu de tal modo o tecido da verdadeira biographia de Apollonio, que não sabemos se devemos contal-o no numero dos sabios, se tel-o por um dos fundadores religiosos ou por um charlatão. Quanto a Plutarco, é menos um pensador, um innovador, do que um engenho moderado que quer pôr todo o mundo de accordo fazendo timida a philosophia e meio-razoavel a religião. N'elle não ha nada de Porphyrio nem de Juliano. São de muito pouco valor os ensaios de exegese allegorica dos estoicos [1]. Os mysterios, como os de Baccho, em que se ensinava a immortalidade da alma em graciosos symbolos [2], eram limitados a certos paizes e não tinham larga influencia. A incredulidade na religião official era geral na classe illustrada [3]. Os homens politicos que mais fingiram sustentar o culto do Estado chas-

1 Heraclides, Cornutus. Comp. Cic. *De natura deorum*, III, 23-25, 60, 62-64.

2 Plutarco, *Consolatio ad uxorem*, 10; *De sera numinis vindicta*, 22; Henzey, *Missão da Macedonia*, pag. 128; *Revista archeologica*, pag. 282.

3 Lucrecio, I, 63 e seg.; Sallustio, *Catil.*, 52; Cic., *De nat. deor.*, II, 24, 28; *De divinit.* II, 33, 35, 57; *De haruspicum responsis*, quasi todo; *Tuscul.*, I, 16; Juvenal, Sat., II, 149-152; Seneca, *Epist.*, XXIV, 17.

Digitized by Google

queavam-no com ditos espirituosos [1]. Enunciava-se abertamente o systema immoral segundo o qual as fabulas religiosas não são boas senão para o povo, e devem ser por elle conservadas [2]. Precaução muito inutil; porque a fé popular tambem estava profundamente abalada [3].

Em verdade, desde o começo do governo de Tiberio é sensivel uma reacção religiosa. Parece que o mundo se apavora com a incredulidade declarada dos tempos de Cesar e de Augusto; preludia-se a desastrada tentativa de Juliano; todas as superstições se veem rehabilitadas por uma razão de Estado [4]. Valerio Maximo dá o primeiro exemplo de um escriptor de baixa condição que se faz auxiliar de theologos em apertos, com uma penna venal ou inquinada posta ao serviço da religião. Mas são os cultos estrangeiros que mais aproveitam com este retrocesso. A reacção séria em favor do culto grecoromano só se verificará no seculo II. Agora, as classes tomadas de inquietação religiosa volvem-se para os cultos vindos do Oriente [5]. Isis e Serapis teem uma aura que nunca tiveram [6]. Os impostores de todos os generos, thaumaturgos, magos, valem-se d'esta necessidade, e, como de ordinario acontece nas épocas e nos paizes em que é fraca a religião do Estado, pullulam de todos os lados [7]; sirvam de exemplo os typos reaes ou ficticios de Apollonio de Tyania, de Alexandre de Abonotica, de Peregrino, de Simão de Gitton [8]. Mesmo esses erros e essas chimeras eram como uma prece da

1 «Sua cuique civitate religio est, nostra nobis». Cic., *Pro Flacco*, 28.

2 Cic., *De nat. deorum*, I, 30, 42; *De divinat.*, II, 12, 33, 35, 72; *De harusp. resp.*, 6, etc., Tito Livio, I, 19; Quinto Curcio, IV, 10; Plutarco. *De plac. phil.*, I, VII, 2; Diod. Sic., I, II, 2; Varro, em S. Agost., *De civit Dei*, IV, 31, 32; VI, 6; Dionisio de Halic., II, 20, VIII, 5; Valerio Maximo, I, II.

3 Cic., *De divinat.*, II, 15; Juvenal, II, 149 e seg.

4 Tac., *Ann.*, XI, 15; Plinio, *Epist.*, X, 97, *sub fin.* Estude-se o personagem de Serapião em Plutarco, *Pythiæ oraculis*. Comp. *De EI apud Delphos*, init. Vej. sobre tudo Valerio Maximo, livro I, todo.

5 Juv., Sat., VI, 489, 527 e seg.; Tacito, *Ann.*, XI, 15. Comp. Luciano, *a Assembléa dos deuses;* Tertull., Apol., 6.

6 Jos., *Ant.*, XVIII, III, 4; Tacito, *Ann.*, II, 85; Le Bas, *Inscr.*, parte V, n.º 395.

7 Plut., *De Pyth. orac.*, 25.

8 Luciano, *Alexander seu pseudomantis* e *De morte Peregrini*.

Digitized by Google

terra em angustias, como infructiferas tentativas de um mundo que procurava a sua regra, e chegava ás vezes em seus esforços convulsos a monstruosas creações condemnadas ao esquecimento.

Em summa, o meado do primeiro seculo é uma das épocas peores da historia antiga. A sociedade grega e romana mostra-se em decadencia relativamente ao anterior, e muito atrazada em relação ao ulterior. Mas a magnitude da crise revelava alguma formação extraordinaria e secreta. A vida parecia ter perdido os seus motores; os suicidios eram cada vez mais [1]. Ainda nenhum seculo tinha apresentado uma luta assim entre o bem e o mal. O mal, era um despotismo terrivel, que punha o mundo nas mãos de homens atrozes e de doudos; era a corrupção de costumes, que resultava da introducção em Roma dos vicios do Oriente; era a ausencia de uma boa religião e de uma séria instrucção publica. O bem era, por um lado, a philosophia, combatendo a peito descoberto contra os tyrannos, desafiando os monstros, tres ou quatro vezes proscripta em meio seculo (no tempo de Nero, no de Vespasiano e no de Domiciano) [2]; eram, por outro lado, os esforços da virtude popular, essas legitimas aspirações a melhor estado religioso, essa tendencia para as confrarias, para os cultos monotheistas, essa rehabilitação do pobre, que nasciam principalmente á sombra do judaismo e do christianismo. Esses dous grandes protestos estavam longe de accordo; o partido philosophico e o partido christão não se conheciam, e tinham tão pouca consciencia da communidade dos seus esforços, que o partido philosophico, tendo chegado ao poder com a exaltação de Nerva ao throno, esteve longe de ser favoravel ao christianismo. Em verdade, o plano dos christãos era muito mais radical. Os estoicos, senhores do Imperio, reformaram-n'o e presidiram aos cem

1 Seneca, *Epist.*, XII, XXIV, LXX; Inscripção de Lanuvium, 2.ª col., linhas 5-6; Orelli, 4404.

2 Dion Cassius, LXVI, 13; LXVII, 13; Suetonio, *Domit.*, 10; Tacito, *Agricola*, 2, 45; Plinio, *Epist.*, III, 11; Philostrato, *Vida de Apollonio*, todo o livro VII; Eusebio, *Chron.*, no anno de Chr. 90.

Digitized by Google

annos mais bellos da historia da humanidade. Os christãos, senhores do Imperio desde Constantino, acabaram de arruinal-o. O heroismo de uns não deve fazer esquecer o dos outros. O christianismo, tão injusto com as virtudes pagãs, tomou á sua conta menoscabar aquelles que não haviam combatido os inimigos que elle combatera. Houve na resistencia da philosophia, no primeiro seculo, tanta grandeza como na do christianismo; mas quão desigual foi a recompensa! O martyr que com um pé deitou por terra os idolos tem a sua lenda; porque é que Annœus Cornutus, que declarou na presença de Nero que os livros d'este nunca valeriam tanto como os de Chrysippo [1]; porque é que Helvidius Priscus, que disse a Vespasiano: «Tu podes matar; eu posso morrer [2]»; porque é que Demetrius o Cynico, que respondeu a Nero irritado: «Tu ameaças-me com a morte; mas com a morte te ameaça a natureza [3]», porque é que não teem a sua imagem entre os heroes populares que todos amam e reverenceiam? A humanidade dispõe de tantas forças contra o vicio e baixeza, que seja licito a cada escóla de virtude engeitar o auxilio das outras, e sustentar que só ella tem o direito de ser corajosa, altiva, resignada?

1 Dion Cassius, LXII, 29.
2 Arriano, Dissert. d'Epitéto, I, II, 21.
3 *Ibid.*, I, XXV, 22.

Digitized by Google

CAPITULO XVIII

LEGISLAÇÃO RELIGIOSA D'ESTE TEMPO

O Imperio, no primeiro seculo, posto que se mostrasse hostil ás innovações religiosas que vinham do Oriente, ainda não as combatia deliberadamente. O principio da religião de Estado era sustentado com muita frouxidão. Durante a Republica, por varias vezes haviam sido proscriptos os ritos estrangeiros, em particular os de Sabazins, de Isis, de Serapis [1]. Foram actos perfeitamente inuteis. O povo parecia ser movido para esses cultos por uma attracção irresistivel [2]. Quando se decretou, no anno de Roma de 535, a demolição do templo de Isis e de Serapis, não se achou um operario que pozesse mãos n'esse trabalho, e o consul viu-se na necessidade de com as suas quebrar a porta a machado [3]. É claro que o culto latino já não satisfazia as turbas. Suppõe-se, não sem razão, que foi por lisongear os instinctos po-

1 Valerio Max., I, III; Tito Livio, XXXIX, 8-18; Cicero, *De legibus*, II, 8; Dion de Halic., II, 20; Dion Cassius, XL, 47; XLII, 26; Tertull., *Apol.*, 6; *Adv. nationes*, I, 10.

2 Propercio, IV, I, 17; Lucano, VIII, 831; Dion Cassius, XLVII, 15; Arnobio, II, 73.

3 Valerio Maximo, I, III, 3.

Digitized by Google

pulares que Cesar restabeleceu os cultos de Isis e de Serapis [1].

Com a profunda e liberal intuição que o caracterisa, esse grande homem havia-se mostrado favoravel a uma completa liberdade de consciencia [2]. Augusto foi mais aferrado á religião nacional [3]. Tinha antipathia pelos cultos orientaes [4]; chegou mesmo a prohibir a propagação das ceremonias egypcias na Italia [5]; mas quiz que cada culto, e em particular o culto judaico, tivesse mando no que era seu [6]. Isentou os Judeus de tudo o que poderia ser-lhes de peso para a consciencia, mórmente de toda a acção civil no dia do sabbado [7]. Algumas pessoas que o ladeavam mostravam menos tolerancia e de bom grado teriam feito d'elle um perseguidor religioso em proveito do culto latino [8]. Não parece que elle cedesse a esses funestos conselhos. Josepho, que n'este ponto é suspeito de exageração, até quer que elle fizesse presentes de vasos sagrados ao templo de Jerusalem [9].

Foi Tiberio o primeiro que estabeleceu o principio da religião de Estado com clareza, e tomou sérias precauções contra a propaganda judaica e oriental [10]. É preciso ter em conta que o imperador era «summo pontifice», e que protegendo o velho culto romano, parecia cumprir um dever do seu cargo. Caligula abrogou os editos de Tiberio [11]; mas a sua estulticia não lhe permittia regularidade. Claudio parece que imitou a politica de Augusto. Em Roma, fortificou o culto latino, mostrou-

1 Dion Cassius, XLVII, 15.
2 Jos., XIV, x. Comp. Cicero, *Pro Flacco*, 28.
3 Suet., *Aug.*, 31, 93; Dion Cassius, LII, 36.
4 Suet., *Aug.*, 93.
5 Dion Cassius, LIV, 6.
6 Jos., *Ant.*, XVI, VI.
7 *Ibid.*, XVI, VI, 2.
8 Dion Cassius, LII, 36.
9 Jos., *B. J.*, V, XIII, 6. Comp. Suetonio, *Aug.*, 93.
10 Suetonio, *Tib.*, 36; Tac., *Ann.*, II, 85; Jos., *Ant.*, XVIII, III, 4, 5; Philon, *In Flaccum*, §. 1; *Leg. ad Caium*, §. 24; Seneca, *Epist.*, CVIII, 22. A asserção de Tertulliano (*Apol.*, 5), reproduzida por outros escriptores ecclesiasticos, sobre a intenção de Tiberio de pôr Jesus Christo no numero dos deuses, não merece ser discutida.
11 Dion Cassius, LX, 6.

Digitized by Google

se receioso dos progressos das religiões estrangeiras [1], usou de rigor contra os judeus [2], e perseguiu com animosidade as confrarias [3]. Na Judéa, pelo contrario, mostrou-se benevolo com os indigenas [4]. O valimento que tiveram em Roma os Agrippa durante estes dous ultimos reinados assegurava aos seus co-religionarios uma poderosa protecção, fóra dos casos em que a policia de Roma exigia providencias de segurança.

Quanto a Nero, occupou-se pouco com cousas de religião [5]. Os seus actos odiosos para com os christãos foram actos de ferocidade, e não disposições legislativas [6]. Os exemplos de perseguição dados pela sociedade romana d'esse tempo emanam mais da authoridade da familia do que da authoridade publica [7]. E demais, esses factos só se davam nas casas nobres de Roma, que conservavam as antigas tradições [8]. Nas provincias havia perfeita liberdade de culto, com tanto que não ultrajassem os cultos dos outros paizes [9]. Os provinciaes [10], em Roma, tinham o mesmo direito, com a condição de não darem escandalo. As duas unicas religiões a que o imperio foi hostil no primeiro seculo, o druidismo e o judaismo, eram fortalezas em que se defendiam nacionalidades. Todo o mundo estava convencido de que á profissão do judaismo era inherente o desprezo das leis civis e a indifferença pela prosperidade do Estado [11]. Quando o judaismo queria ser uma simples religião individual, ninguem o perseguia [12]. Os rigores contra o culto de Sérapis provinham talvez

1 Tacito, *Ann.*, XI, 15.
2 Dion Cassius, LX, 6; Suetonio, *Claudio*, 25; *Act.*, XVIII, 2.
3 Dion Cassius, LX, 6.
4 Jos., *Ant.*, XIX, v, 2; XX, VI, 3; *B. J.*, II, XII, 7.
5 Suet., *Nero*, 56.
6 Tacito, *Ann.*, XV, 44; Suetonio, *Nero*, 16. Desenvolveremos isto em outro ponto.
7 Tacito, *Ann.*, XIII, 32.
8 Comp. Dion Cassius (Xiphilino), *Domit.*, sub fin.; Suetonio, *Domit.*, 15. Essa distincção é formalmente feita no Digesto, liv. XLVII, tit. XXII, *de Coll. et Corp.*, 1 e 3.
9 Cic., *Pro Flacco*, 28.
10 Esta distincção é indicada nos *Actos*, XVI, 20-21. Confr. XVIII, 13.
11 Cic., *Pro Flacco*, 28; Juven., XIV, 100 e seg.; Tacito, *Hist.*, V, 4, 5; Plinio, *Epist.*, X, 97; Dion Cassius, LII, 36.
12 Jos., *B. J.*, VII, v, 2.

Digitized by Google

do caracter monotheista que apresentava [1], e que já fazia que o confundissem com o culto judaico e com o christão [2].

Nenhuma lei fixa [3] prohibia pois, no tempo dos apostolos, a profissão das religiões monotheistas. Essas religiões, até ao começo do governo dos imperadores syriacos, são sempre vigiadas; mas só desde Trajano é que vemos o Imperio perseguil-as systematicamente, como hostis ás outras, como intolerantes, e como religiões que envolviam em si a negação do Estado. Em summa, a unica cousa a que o imperio romano declarou guerra, em pontos de religião, foi a theocracia. O seu principio era o do Estado leigo; não admittia que uma religião tivesse consequencias civis ou politicas, fossem quaes fossem; sobre tudo não admittia nenhuma associação no Estado desprendida do Estado. Este ultimo ponto é essencial; é, na verdade, a raiz de todas as perseguições. A lei sobre as confrarias foi, muito mais do que a intolerancia religiosa, a causa fatal das violencias que deslustraram os reinados dos melhores soberanos.

Os paizes gregos, tanto no que toca a associação como em todas as cousas boas e delicadas, tinham tido a prioridade sobre os Romanos. Os *eranes* ou *thiases* gregos de Athenas, de Rhodes, das ilhas do Archipelago, tinham sido bellas sociedades de soccorros mutuos, de credito, de seguros contra incendio, de piedade, de divertimentos honestos [4]. Cada erane tinha as suas decisões gravadas em stelas, os seus archivos, a sua caixa

1 Ælio Aristides, *Pro Serapide*, 53; Juliano, Orat. IV, pag. 136 da ediç. de Spanheim, e as pedras gravadas colleccionadas por Leblant no *Bulletin de la Soc. des Antiq. de Fr.*, 1859, pag. 191-195.

2 Tac., *Ann.*, II, 85; Suet., *Tib.*, 36; Jos., *Ant.*, XVIII, III, 4, 5; carta de Adriano, em Vopiscus, *Vita Saturnini*, 8.

3 Dion Cassius, XXXVII, 17.

4 Vejam-se as inscripções publicadas ou emendadas na *Revue archéol.*, Nov. 1864, 397 e seg.; Dez. 1864, 460 e seg.; Junho de 1865, 451-452 e 497 e seg.; Set. 1865, 214 e seg.; Abril 1866; Ross, *Inscript. græc. ined.*, fasc. II, n.° 282, 291, 292; Hamilton, *Researches in Asia Minor*, vol. II, n.° 301; *Corpus inser. græc.*, n.° 120, 126, 2525 *b*, 2562; Rhangabé, *Antiq. hellen.*, n.° 811; Henzen, n.° 6082; Virgil., *Ecl.*, V, 30. Comp. Harpocration, *Lex.*, na palavra *eranistes*; Festus, em *Thiasitæ*; Digesto, XLVII, XXII, *De Coll. et Corp.*, 4; Plinio, *Epist.*, X, 93, 94.

Digitized by Google

commum, sustentada por donativos voluntarios e por derramas. Os eranistas, ou thiasitas, celebravam juntos certas festas, reuniam-se para banquetes em que não faltava a cordialidade [1]. O socio, se se visse em grande necessidade de dinheiro, podia pedir emprestado á caixa, com obrigação de re-embolso. As mulheres faziam parte d'estes eranes, e tinham a sua presidente á parte (*proeranistria*). As reuniões eram absolutamente secretas; a ordem era n'ellas conservada por severo regulamento; parece que se verificavam em jardins fechados, cercados de porticos ou de pequenas construcções, e no meio dos quaes se levantava o altar dos sacrificios [2]. Em fim, cada congregação tinha um corpo de dignatarios, tirados á sorte por um anno (*clerotes* [3]), segundo o costume das antigas democracias gregas, e de que póde ser que tirasse o seu nome o «clero» christão [4]. Só o presidente era eleito. Esses dignatarios sujeitavam o candidato a uma especie de exame, e deviam certificar que elle era «santo, pio e bom» [5]. Houve, n'essas pequenas confrarias, durante os dous ou tres seculos que precederam a nossa era, um movimento quasi tão variado como aquelle que na idade media produziu tantas ordens religiosas e sub-divisões d'essas ordens. Só na ilha de Rhodes contaram-se até dezenove [6], muitas das quaes teem os nomes dos seus fundadores e dos reformadores. Alguns d'esses thiases, em particular os de Baccho, tinham excellentes doutrinas, e tratavam de dar alguma consolação aos homens de boa vontade. Se ainda havia entre

1 Aristot., *Mor. à Nicom.*, VIII, IX, 5; Plut., *Quest. gregas*, 44.

2 Wescher, nos *Archives des missions scientif.*, 2.ª serie, tom. I, pag. 432, e *Rev. arch.*, Set. 1865, 221-222. Confr. Aristot., *Œconom.*, II, 3; Strabo, IX, I, 15; *Corpus inscr. gr.*, n.º 2271, lin. 13-14.

3 *Klerotoi*, em grego.

4 *Kleros*. A etymologia ecclesiastica de *chleros* é differente e encerra uma allusão á posição da tribu de Levi em Israel. Mas não é impossivel que a palavra fosse primitivamente tirada das confrarias gregas (confr. *Act.*, I, 25-26; I Pedro, V, 3; Clem. d'Alex., em Eusebio, *H. E.*, III, 23). Wescher achou entre os dignatarios d'essas confrarias um *episcopos* (*Revue archéol.*, Abril 1866). Veja-se o que dissemos a pag. 53. Á reunião dava-se ás vezes o nome de *synagoga* (*Revue arch.*, Set. 1865, pag. 216; Pollux, IX, VIII, 143).

5 *Corp. inscr. gr.*, n.º 126; Comp. *Rev. arch.*, Set. 1865, pag. 216.

6 Wescher, na *Revue archeol.*, Dez. 1864, pag. 460 e seg.

Digitized by Google

gregos um pouco de amor, de piedade, de moral religiosa, era pela liberdade d'esses cultos privados. E esses cultos estavam de certo modo em competencia com a religião official, cujo abandono era cada vez mais sensivel.

Em Roma, as associações da mesma natureza encontravam mais obstaculos [1], e não menos credito nas classes desherdadas. Os principios da politica romana ácerca das confrarias tinham sido promulgados pela primeira vez no tempo da Republica (186 antes de J. C.), a proposito das bacchanaes. Os Romanos, por gosto natural, eram muito inclinados a associações [2], mórmente religiosas [3]; mas essas especies de congregações permanentes desagradavam aos patricios [4], depositarios dos poderes publicos, que, em sua mesquinha e secca concepção da vida, só admittiam como ajuntamentos sociaes a familia e o Estado. Foram tomadas as mais miudas precauções, taes como: necessidade de authorisação prévia, determinação do numero dos assistentes, prohibição de terem um *magister sacrorum* permanente e de constituirem um fundo commum por meio de subscripções [5]. Igual solicitude se manifesta varias vezes na historia do Imperio. O arsenal das leis continha textos para todas as repressões [6]. Mas do poder dependia usar ou não usar d'ellas. Os cultos proscriptos reappareciam muitas vezes mui poucos annos depois da sua proscripção [7]. De mais, a emigração estrangeira, mórmente a dos Syrios, renovava de continuo o fundo, em que se alimentavam as crenças que em vão se tratava de exterminar.

É para espantar o muito cuidado que dava ás mais robustas intelligencias um assumpto que parecia de tão

1 As confrarias gregas não foram inteiramente isentas de embaraços. Inscrip. na *Rev. arch.*, Dez. 1864, pag. 462 e seg.

2 Digesto, XLVII, XXII, *De Coll. et Corp.*, 4.

3 Tito-Livio, XXIX, 10 e seg.; Orelli e Henzen, *Inscr. lat.*, v, §. 21.

4 Dion Cassius, LII, 36; LX, 6.

5 Tito-Livio, XXXIX, 8-18. Comp. o decreto epigraphico no *Corpus inscr. latinarum*, I, pag. 43-44. Confr. Cic. *De legibus*, II, 8.

6 Cic. *Pro Sext.*, 25; *In Pis.*, 4; Asconius, *In Cornelianam*, 75 (ediç. Orelli); *In Pisonianam*, pag. 7-8; Dion Cassius, XXXVIII, 13, 14; Digesto, III, IV, *Quod cujusc.*, 1; XLVII, XXII, *de Coll. et Corp.*, todo.

7 Suetonio, *Domit.*, 1; Dion Cassius, XLVII, 15; LX, 6; LXVI, 24; passagens de Tertulliano e de Arnobio, já citadas.

Digitized by Google

pouco peso. Uma das principaes attenções de Cesar e de Augusto foi obstar á formação de novos collegios e destruir os que já estavam estabelecidos [1]. Por um decreto que parece ser do tempo de Augusto, tratou-se de definir com clareza os limites do direito de reunião e de associação. Esses limites eram em extremo apertados. Os *collegios* devem ser unicamente funerarios. Não lhes é permittido reunirem-se mais do que uma vez por mez; não podem tratar senão do enterro dos membros fallecidos; não é admittido nenhum pretexto para ampliação das suas attribuições [2]. O Imperio obstinava-se no impossivel. Queria, em consequencia da sua idéa exagerada do Estado, insular o individuo, destruir todo o laço moral entre os homens, combater um desejo legitimo dos pobres, como era o de se chegarem uns para os outros para terem calor. Na antiga Grecia, a cidade era muito tyrannica; mas dava em troca das suas vexações tanto prazer, tanta luz, tanta gloria, que ninguem se lembrava de queixar-se. Morria-se por ella com alegria; soffriam-se sem resistencia os seus mais injustos caprichos. O imperio romano, esse, era vasto de mais para patria. A todos offerecia grandes vantagens materiaes; mas não dava nada amoravel. A insupportavel tristeza de tal vida pareceu peor do que a morte.

Por isso, apesar de todos os esforços dos homens politicos, as confrarias tiveram immensos desenvolvimentos. Foi uma cousa perfeitamente analoga ás nossas confrarias da idade media, com os seus santos padroeiros e as suas refeições em corporação. As grandes familias zelavam o seu nome, a patria, a tradição; mas os humildes, os pequenos, não tinham senão o *collegium*. Era as suas delicias. Todos os textos nos mostram esses *colle-*

1 Suetonio, *Cesar*, 42; *Aug.*; 32; Jos., *Ant.*, XIV, x, 8; Dion Cassius, LII, 36.

2 «Kaput ex S. C. P. R. Quibus coïre, convenire, collegiumque habere liceat. Qui stipem menstruam conferre volent in funera, ii in collegium coeant, neque sub specie ejus collegi nisi semel in mense coeant conferendi causa unde defuncti sepeliantur.» Inscripção de Lanuvium, 1.ª col., lin. 10-13, em Mommsen, *De collegiis et sodaliciis Romanorum* (Kiliæ, 1843), pag. 81-82 e *ad calcem*. Confr. Digesto, XLVII, XXII, *de Coll. et Corp.*, 1; Tertulliano, Apolog., 39.

Digitized by Google

gia ou *cœtus* como compostos de escravos [1], de veteranos [2], de gente miuda (*tenuiores*) [3]. Ahi reinava a igualdade entre os homens livres, os libertos, e as pessoas servis [4]: as mulheres eram numerosas [5]. A risco de mil incommodos, e algumas vezes de severas penas, todos queriam ser membros de um d'esses *collegia*, em que viviam ligados por agradavel confraternidade, em que achavam soccorros mutuos, em que contrahiam laços que duravam depois da morte [6]. O lugar de reunião, ou *schola collegii*, tinha de ordinario um *tetrastylo* (portico de quatro faces) [7], onde estava affixado o regulamento do collegio, ao lado do altar do deus protector, e um *triclinium* para os banquetes. Os banquetes eram esperados com impaciencia; verificavam-se nas festas padroaes ou nos anniversarios de certos confrades, a quem se deviam doações [8]. Cada um contribuia para elles com a sua esportula; de cada vez, um dos confrades fornecia os accessorios do jantar, isto é os leitos, a baixella de mesa, o pão, o vinho, as sardinhas, a agua quente [9]. O escravo recentemente liberto devia aos seus camaradas uma amphora de bom vinho [10]. Deliciosa alegria animava o festim; era expressamente determinado que não se devia n'elle tratar nenhum negocio relativo ao collegio,

1 Inscripção de Lanuvium, 2.ª col., lin. 3, 7; Digesto, XLVII, XXII, *De Coll. et Corp.*, 3.

2 Digesto, XLVII, XI, *De Extr. crim.*, 2.

3 Ibid., XLVII, XXII, *de Coll. et Corp.*, 1 e 3.

4 Heuzey, *Mission de Macédoine*, pag. 71 e seg.; Orelli, *Inscr.*, n.° 4093.

5 Orelli, 2409; Melchiorri e P. Visconti, *Silloge de iscrizioni antiche*, pag. 6.

6 Vej. as peças relativas aos collegios de Esculapio e Hygia, de Jupiter Cernenus e de Diana e Antinous, em Mommsent, *op. cit.*, 93 e seg. Comp. Orelli, *Inscr. lat.*, n.os 1710 e seg.; 2394, 2395, 2413, 4075, 4079, 4107, 4207, 4938, 5044; Mommsen, *op. cit.*, pag. 96, 113, 114; de Rossi, *Bullet. di archeol. cristiana*, 2.° anno, n.° 8.

7 Inscripção de Lanuvium, 1.ª col., linhas 6-7; Orelli, 2270; de Rossi, *Bullet. di archeol. crist.*, 2.° anno, n.° 8.

8 Inscripção de Lanuvium, 2.ª col., lin. 11-13; Orelli, 4120.

9 Inscr. de Lanuvium, 1.ª col., lin. 3-9, 21; 2.ª col., lin. 7-17; Mommsen, *Inscr. regni. Neap.*, 2559; Marini, *Atti*, pag. 398; Muratori, 491, 7; Mommsen, *De coll. et sod.*, pag. 109 e 113; Comp. I Cor., XI, 20 e seg. O presidente das egrejas christãs é chamado pelos pagãos *thiasarches*. Luciano, *Peregrinus*, 11.

10 Inscr. de Lanuvium, 2.ª col., linha 7.

Digitized by Google

para que nada enturbasse o quarto de hora de alegria e de tranquillidade que essas pobres creaturas reservavam para si [1]. Um acto de turbulencia ou uma palavra desagradavel eram punidos com uma multa [2].

Tendo em conta só as apparencias, esses collegios não eram mais do que associações de enterramentos mutuos [3]. Mas só isso bastaria para dar-lhes um caracter moral. Na época romana, como hoje e em todas as épocas em que a religião está desvigorada, o sentimento pio pelas sepulturas era quasi o unico que o povo conservava. O homem do povo folgava de pensar que não seria arrojado ás vallas communs [4], que o collegio teria cuidado dos seus funeraes, que os confrades que fossem a pé á fogueira funebre receberiam uma pequena remuneração (*funeraticium*) de trinta e cinco reis [5]. Os escravos, em particular, careciam de crêr que, se seu senhor mandasse atirar seus corpos ao monturo, haveria alguns amigos que lhe fizessem «funeraes imaginarios [6]». O pobre homem lançava cada mez uma moeda de cobre na caixa commum para ter depois da sua morte uma pequena urna em um *columbarium*, com uma taboinha de marmore em que o seu nome fosse gravado. A sepultura entre os Romanos tinha extrema importancia, por estar intimamente ligada com os *sacra gentilitia* ou ritos de familia. As pessoas enterradas juntas contrahiam uma especie de fraternidade intima e de parentesco [7].

Foi por isso que o christianismo se apresentou muito tempo em Roma como uma especie de collegium

1 Inscripç. de Lanuvium, 2.ª col., linhas 24-25.
2 *Ibid.*, 2.ª col., linhas 26-29. Confr. *Corpus inscr. gr.*, n.º 126.
3 Orelli, *Inscr. lat.*, n.ºs 2399, 2400, 2405, 4093, 4103; Mommsen, *De coll. et sod Rom.*, pag. 97; Heuzey, passagem citada. Comparem-se ainda hoje os pequenos cemiterios de confrarias em Roma.
4 Horat., *Sat.*, I, VIII, 8 e seg.
5 Inscripção de Lanuvium, 1.ª col., lin. 24, 25, 32.
6 *Ibid.* 2.ª col., lin. 3-5.
7 Cicero, *De offic.*, I, 17; Schol. Bobb. ad Cic., *Pro Archia*, X, 1. Comp. Plut., *De frat. amore*, 7; Digesto, XLVII, XXII, *de Coll. et Corp.*, 4. Em uma inscripção de Roma, o fundador de uma sepultura estipula que todos os que n'ella forem depositados deverão ser da sua religião, *ad religionem pertinentes meam* (De Rossi, *Bulletino di archeol. crist.*, 3.º anno, n.º 7, pag. 54).

Digitized by Google

funebre, e que os primeiros sanctuarios christãos foram as sepulturas dos martyres [1]. Se o christianismo não passasse d'ahi, não teria provocado tantos rigores: mas elle era ainda outra cousa; tinha caixas communs [2]; jactava-se de ser um completo corpo de cidadãos; julgava-se certo de ter o futuro. Quando se entra no sabbado á noite em uma egreja grega na Turquia, por exemplo na de Santa Photini, em Smyrna, causa admiração o poder d'essas religiões de pequena sociedade no meio de uma grande sociedade perseguidora ou malevola. Esse acervo irregular de construcções (egreja, presbyterio, escólas, prisão), esses fieis que vão e veem na sua pequena cidade fechada, essas sepulturas recentemente abertas, e sobre as quaes arde uma lampada, esse cheiro cadaverico, essa impressão de podridão humida, esse murmurar de orações, essas provocações á esmola, formam uma atmosphera languida e quente, que a um estrangeiro póde parecer sem-sabor, mas que ha-de ser de delicias para o adepto.

As sociedades, depois de munidas de uma authorisação especial tinham em Roma todos os direitos de pessoas civis [3]; mas essa authorisação não era concedida senão com muitas restricções quando as sociedades tinham uma caixa e se tratava de mais alguma cousa do que de enterros [4]. O pretexto de religião ou de cumprimento de votos em communidade, é previsto e formalmente indicado entre as circumstancias que dão a uma reunião o caracter de delicto [5]; e esse delicto não era outro senão o de lesa-magestade, pelo menos para o in-

1 Tertull., *Ad Scapulam*, 3; de Rossi, *op. cit.*, 3.º anno, n.º 12.

2 S. Justino, *Apol.*, I, 67; Tertull., *Apolog.*, 39.

3 Ulpiano, Fragm., XXII, 6; Digesto, III, IV; Quod cujusc., 1; XLVI, I, *de Fid. et Mand.*, 22; XLVII, II, *de Furtis*, 31; XLVII, XXII, *de Coll. et Corp.*, 1 e 3; Gruter, 322, 3 e 4; 424, 12; Orelli, 4080; Marini, *Atti*, pag. 95; Muratori, 516, 1; *Mem. de la Soc. des Antiq. de Fr.*, XX, pag. 78.

4 Dig., XLVII, XXII, *de Coll. et Corp.*, todo; Inscr. de Lanuvium, 1.ª col., lin. 10-13; Marini, *Atti*, pag. 552; Muratori, 520, 3; Orelli, 4075, 4115; 1567, 2797, 3140, 3913; Henzen, 6633, 6745; ainda outras em Mommsen, *op. cit.*, pag. 80 e seg.

5 Digesto, XLVII, XI, *de Extr. crim.*, 2.

Digitized by Google

dividuo que houvesse promovido a reunião [1]. Claudio levou as cousas ao ponto de mandar fechar as tascas em que os confrades se reuniam, e de prohibir as pequenas casas de pasto onde os pobres achavam barato o cozido e a agua quente [2]. Trajano e os melhores imperadores desconfiaram de todas as associações [3]. A extrema humildade das pessoas foi uma condição essencial para que o direito de reunião religiosa fosse concedido; e ainda assim era com muitas restricções [4]. Os legistas que constituiram o direito romano, tão eminentes como jurisconsultos, patentearam quanto desconheciam a natureza humana perseguindo por todas as maneiras, mesmo com ameaça de pena de morte, restringindo por toda a qualidade de precauções odiosas ou pueris uma eterna necessidade da alma [5]. Como os authores do nosso «Codigo civil», afiguravam-se a vida com mortal frieza. Se a vida consistisse em divertir-se o homem por ordem superior, em comer o seu bocado de pão, em gozar o seu prazer na sua classe e sob a vigilancia do chefe, tudo isso seria bem concebido. Mas o castigo das sociedades que se dão completamente a essa direcção falsa e limitada, é primeiro o enojo, depois o triumpho violento dos partidos religiosos. Nunca o homem consentirá em respirar esse ar glacial; carece do recinto breve, da confraria onde se vive e se morre com outros. As nossas grandes sociedades abstractas não são sufficientes para corresponderem a todos os instinctos de sociabialidade que o homem tem em si. Deixem-n'o dar o coração a alguma

1 Digesto, XLVII, XXII, *de Coll. et Corp.*, 2; XLVIII, IV, *ad Leg. Jul. majest.*, 1.

2 Dion Cassius, LX, 6. Comp. Suetonio, *Nero*, 16.

3 Veja-se a correspondencia administrativa de Plinio e Trajano. Plinio, *Epist.*, X, 43, 93, 94, 97, 98.

4 «Permittitur tenuioribus stipem menstruam conferre, dum tamen semel in mense coeant, ne sub prætextu hujusmodi illicitum collegium coeant (Dig., XLVII, XXII, *de Coll. et Corp.*, 1).» «Servos quoque licet in collegio tenuiorum recipi volentibus dominis (*ibid.*, 3).» Confr. Plinio, *Epist.*, X, 94; Tertull., *Apol.*, 39.

5 Digesto, I, XII, *de Off. præf. urbi*, 1, §. 14 (confr. Mommsen, *op. cit.*, pag. 127), III, IV, *Quod cujusc.*, 1; XLVII, XX, *de Coll. et Corp.*, 3. Cumpre notar que o excellente Marco Aurelio alargou, tanto quanto pôde, o direito de associação. Dig., XXXIV, V, *de Rebus dubiis*, 20; XL, III, *de Manumissionibus*, 1; e mesmo XLVII, XXII, *de Coll. et Corp.*, 1.

Digitized by Google

cousa, procurar a sua consolação onde a encontra, adquirir irmãos, contrahir laços do coração. Não intervenha a mão fria do Estado n'esse reino da alma, que é o reino da liberdade. A vida, a alegria, não renascerão no mundo senão quando houver desapparecido a nossa desconfiança contra os *collegia,* triste herança do direito romano. A associação fóra do Estado, sem destruir o Estado, é a questão capital do porvir. A lei futura sobre as associações decidirá se a sociedade moderna terá ou não a sorte da antiga. Deveria bastar um exemplo: o imperio romano tinha ligado o seu destino á lei sobre os *cætus illiciti,* os *illicita collegia.* Os christãos e os barbaros, effeituando a obra da consciencia humana, rasgaram a lei. O Imperio, que a ella se prendera, soçobrou com ella.

A sociedade grega e romana, sociedade leiga, sociedade profana, que não sabia o que é um sacerdote, que não tinha lei divina, nem livro revelado, tocava aqui em problemas que não podia resolver. Acrescentemos que, se tivesse tido sacerdotes, uma theologia severa, uma religião vigorosamente organisada, não teria criado o Estado leigo, inaugurado a idéa de uma sociedade racional, d'uma sociedade fundada sobre as simples necessidades humanas e sobre as relações naturaes dos individuos. A inferioridade religiosa dos Gregos e dos Romanos era a consequencia da sua superioridade politica e intellectual. A superioridade religiosa do povo judaico, pelo contrario, foi a causa da sua inferioridade politica e philosophica. O judaismo, e o christianismo primitivo encerravam a negação do estado civil ou antes a sua sujeição a tutela. Como o islamismo, estabeleciam a sociedade sobre a religião. Quando se tomam por este lado as cousas humanas, fundam-se grandes proselytismos universaes, adquirem-se apostolos que correm o mundo de um a outro extremo e o convertem; mas não se fundam instituições politicas, uma independencia nacional, uma dynastia, um codigo, um povo.

Digitized by Google

CAPITULO XIX

FUTURO DAS MISSÕES

Tal era o mundo que os missionarios christãos commetteram converter. Parece-me que se deve vêr agora que esse commettimento não foi um desvario, e que o seu bom successo não foi um milagre. O mundo sentia-se apertado por necessidades moraes a que a religião nova respondia admiravelmente. Os costumes temperavam-se, queria-se um culto mais puro; a noção dos direitos do homem, as idéas de melhoramentos sociaes lavravam em toda a parte. Por outro lado, a credulidade era extrema, e mui pouco consideravel o numero das pessoas instruidas. Appareçam apostolos fervorosos, judeus, isto é monotheistas, discipulos de Jesus, isto é capazes de dôce predica moral como nunca ouviram homens, e de certo serão escutados. As chimeras que entremêam na sua doutrina não serão um obstaculo ao seu successo; é muito pequeno o numero dos que não creem no sobrenatural, no milagre. Se são humildes e pobres, melhor. A humanidade, no porto em que está, só póde ser salva por um esforço que proceda do povo. As antigas religiões pagãs não são susceptiveis de reforma; o Estado romano é o que será sempre o

Digitized by Google

Estado, rigido, secco, justo e duro. N'este mundo que se definha á mingua de amor, o porvir pertence áquelle que tocar a fonte viva da piedade popular. O liberalismo grego, a velha gravidade romana são para isso inteiramente impotentes.

Considerada por este lado, a fundação do christianismo é a obra maior que teem levado ao cabo homens do povo. Não se póde duvidar que breve se filiaram na Egreja homens e mulheres da alta nobreza romana. No fim do primeiro seculo, Flavio Clemente e Flavia Domitilla mostram-nos o christianismo a entrar quasi no palacio dos Cesares [1]. Desde os primeiros Antoninos, ha homens ricos na communidade. Pelo fim do seculo II vemos n'ella alguns dos mais importantes personagens do Imperio [2]. Mas, no principio, todos ou quasi todos foram humildes [3]. Nas mais antigas Egrejas não se viram nobres e poderosos, como tambem não se haviam visto na Galiléa de redor de Jesus. Ora, n'essas grandes creações, a primeira hora é a decisiva. A gloria das religiões pertence toda aos seus fundadores. As religiões, com effeito, são uma questão de fé. Crêr é uma cousa vulgar; o que é grande é saber inspirar a fé.

Quem procura afigurar-se estas maravilhosas origens, imagina de ordinario as cousas pelo modélo do nosso tempo, e cahe assim em graves erros. O homem do povo, no primeiro seculo da nossa era, mórmente nos paizes gregos e orientaes, estava muito longe de parecer-se com o que é hoje. A educação não lançava então entre as classes uma barreira tão forte como agora. Aquellas raças do Mediterraneo, exceptuando os povos do Latium, que haviam desapparecido ou tinham perdido toda a importancia desde que o imperio romano, con-

1 Veja-se de Rossi, *Bullettino di archeol. cristiana*, 3.º anno, n.os 3. 5, 6, 12. O facto de Pomponia Græcina (Tac., *Ann.*, XIII, 32), no tempo de Nero, é já caracteristico; mas não é certo que ella fosse christã.

2 Veja de Rossi, *Roma sotterranea*, I, pag. 309; e taboa XXI, n.º 12; e as conciliações epigraphicas feitas por Léon Renier, *Comptes rendus de l'Acad. des Inscr. et B. L.*, 1865, pag. 289 e seg., e pelo general Creuly, *Rev. arch.*, Janeiro 1866, pag. 63-64. Comp. de Rossi, *Bullet.*, 3.º anno, n.º 10, pag. 77-79.

3 I Cor., I, 26 e seg.; Thiago, II, 5 e seg.

Digitized by Google

quistando o mundo, se tornára em cousa dos povos vencidos, aquellas raças, digo, eram menos solidas do que as nossas, mas mais subtis, mais vivas, mais espirituaes, mais idealistas. O pesado materialismo das nossas classes desherdadas, o não sei quê de sombrio e amortecido, effeito dos nossos climas e legado fatal da idade media, que dá aos nossos pobres uma physionomia tão pungente, não existia nos pobres de que fallamos. Posto que muito ignorantes e muito credulos, pouco mais o eram do que os ricos e poderosos. Não se deve pois imaginar o estabelecimento do christianismo como analogo ao que seria entre nós um movimento que partisse das classes populares e acabasse (o que temos por impossivel) por obter o assentimento dos homens instruidos. Os fundadores do christianismo eram homens do povo, porque trajavam todos do mesmo modo, porque viviam com simplicidade, porque fallavam mal, ou antes porque quando fallavam tratavam só de exprimir a sua idéa com vivacidade. Mas não eram inferiores quanto a intelligencia senão a um numero muito limitado de homens, sobreviventes cada vez mais raros do grande mundo de Cesar e de Augusto. Comparados com a flôr dos philosophos que ligavam o seculo de Augusto ao dos Antoninos, os primeiros christãos eram intelligencias curtas. Postos em balança com o total dos subditos do Imperio, eram illustrados. Ás vezes eram tratados como livres pensadores; o grito do vulgacho contra elles era: «Morram os atheus! [1]» E não é isto para admirar. O mundo realisava progressos assustadores em superstição. As duas primeiras capitaes do christianismo dos gentios, Antiochia e Epheso, eram as duas cidades do Imperio mais dadas ás crenças sobrenaturaes. Os seculos II e III levaram até ás raias da demencia a sêde do maravilhoso e a credulidade.

O christianismo nasceu fóra do mundo official, mas não exactamente abaixo d'elle. Só na apparencia e segundo os preconceitos mundanos é que os discipulos de Je-

1 *Aire tous atheous*. Vej. a relação do martyrio de S. Polycarpo, §. 3, 9, 12, em Ruinart, *Acta sincera*, pag. 31 e seg.

Digitized by Google

sus eram homens de baixa esphera. O mundano gosta do que é altivo e forte; falla sem affabilidade ao homem humilde; a honra, como elle a entende, consiste em não se deixar insultar; despreza aquelle que se confessa fraco, que soffre tudo, que se julga inferior a todos, que cede a sua tunica, que apresenta as faces ás bofetadas. Está n'isso o seu erro; porque o fraco, que elle desestima, é-lhe de ordinario superior; o capital de virtude é nos que obedecem (servos, operarios, soldados, marinheiros, etc.) maior do que nos que mandam e gozam. E isto está quasi na ordem, porque mandar e gozar, em vez de ajudarem o homem a ser virtuoso, embaraçam que o seja.

Jesus comprehendeu ás maravilhas que o povo tem em seu seio o grande reservatorio de dedicação e de resignação que salva o mundo. Foi por isso que proclamou felizes os pobres, julgando que lhes é mais facil do que aos outros ser bons. Os christãos primitivos foram essencialmente pobres. « Pobres » foi o seu nome [1]. Mesmo quando o christão foi rico, nos seculos II e III, foi em espirito, como já vimos, um *tenuior;* salvou-se pela lei sobre os *collegia tenuiorum*. De certo não eram escravos e pessoas de baixa condição todos os christãos; mas o equivalente social de um christão era um escravo; o que se dizia de um escravo dizia-se de um christão. Uns e outros illustravam-se com as mesmas virtudes, bondade, humildade, resignação, affabilidade. A este respeito é unanime o sentir dos authores pagãos. Todos sem excepção reconhecem no christão os signaes do caracter servil, indifferença pelos grandes negocios, ar triste e contricto, severa opinião do seculo, aversão aos jogos, theatros, gymnasios, banhos [2].

Em uma palavra, os pagãos eram o mundo; os christãos não eram do mundo. Eram um pequeno rebanho á parte, odiado pelo mundo, e que achava o mundo

1 *Ebionim*. Vej. *Vida de Jesus*, pag. 158 e seg., comparando com Thiago, II, 5 e seg. Comp. os *ptochoi to pneumati*. Matth., v. 3.

2 Tacito, *Ann.*, XV, 44; Plinio, *Epist.*, X, 97; Suet., *Nero*, 16; *Domic.*, 15; o *Philopatris*, todo; Rutilius Numatianus, I, 389 e seg., 440 e seg.

Digitized by Google

mau [1], e se esforçava por «conservar-se immaculado do mundo (Thiago, I, 27)». O ideal do christianismo será o contrario do do mundano [2]. O perfeito christão folgará com a abjecção; terá as virtudes do pobre, do simples, do que não trata de ter valia. Mas terá os defeitos das suas virtudes; declarará vãs e frivolas muitas cousas que não o são; agorentará o universo; será o inimigo ou o desprezador da belleza. Um systema em que a Venus de Milo não é mais do que um idolo é falso ou pelo menos parcial; porque o bello vale quasi tanto como o bem e o verdadeiro. Uma decadencia na arte é, em todo o caso, inevitavel com taes idéas. O christão não julgará bom o edificar, nem o esculpturar, nem o desenhar; elle é em extremo idealista. Pouco lhe importará o saber; a curiosidade parece-lhe cousa vã. Vedará a si mesmo o gozo confundindo com o prazer vulgar a alta volupia da alma, que é uma das maneiras de tocar o infinito. É virtuoso de mais.

Outra lei se manifesta já como lei que ha-de prevalecer n'esta historia. O estabelecimento do christianismo corresponde á suppressão da vida politica na sociedade do Mediterraneo; o christianismo nasce e dilata-se em uma época em que já não ha patria. Se alguma cousa falta totalmente aos fundadores da Egreja, é o patriotismo. Elles não são cosmopolitas; porque todo o planeta é para elles um lugar de desterro; são idealistas no sentido mais absoluto. A patria é um composto de corpo e de alma. A alma, são as recordações, os usos, as lendas, os infortunios, as esperanças, as magoas communs; o corpo é o solo, a raça, a lingua, as montanhas, os rios, os productos caracteristicos. Ora, nunca ninguem foi mais desapegado de tudo isso do que os primeiros christãos. Não lhes importa a Judéa; em alguns annos esquecem a Galiléa; é-lhes indifferente a gloria da Grecia e de Roma. Os paizes onde o christianismo se estabeleceu primeiro,

1 João, XV, 17 e seg., XVI, 8 e seg., 33; XVII, 15 e seg.

2 Falo das tendencias essenciaes e primitivas do christianismo, e não do christianismo completamente transformado, sobre tudo pelos jesuitas, que é hoje prégado.

Digitized by Google

a Syria, Chypre, a Asia Menor, já não se lembravam de tempos em que fossem livres. A Grecia e Roma tinham ainda alto sentimento nacional. Mas em Roma, o patriotismo vivia no exercito e em algumas familias; na Grecia, o christianismo não fructifica senão em Corintho, cidade que, desde a sua destruição por Mummius e a sua reconstrucção por Cesar, era um amontoado de homens de todas as qualidades. Os verdadeiros paizes gregos, então como hoje muito ciosos, muito enlevados nas recordações do seu passado, prestaram-se pouco á predica nova; foram sempre mediocremente christãos. Pelo contrario, aquelles paizes languidos, alegres, voluptuosos, da Asia, da Syria, paizes de prazer, de costumes livres, de desleixo, habituados a receberem de outra parte a vida e o governo, não tinham nada a que renunciar quanto a orgulho e a tradições. As mais antigas metropoles do christianismo, Antiochia, Epheso, Thesallonica, Corintho, Roma, foram cidades communs, deixem-m'o dizer assim, cidades á maneira da moderna Alexandria, onde affluiam todas as raças, onde estava absolutamente dissolvida a ligação entre o homem e o solo, que constitue uma nação.

A importancia dada ás questões sociaes é sempre ao inverso das preoccupações politicas. O socialismo domina quando o patriotismo se enfraquece. O christianismo foi a explosão de idéas sociaes e religiosas que deviam ser esperadas desde que Augusto poz fim ás lutas politicas. Culto universal, como o islamismo, o christianismo será na essencia o inimigo das nacionalidades. Serão precisos muitos seculos e muitos schismas para que se cheguem a formar Egrejas nacionaes com uma religião que foi ao principio a negação de toda a patria terrestre, que nasceu em uma época em que já não havia no mundo cidade nem cidadãos, e que as velhas republicas, rigidas e fortes, da Italia e da Grecia teriam de certo lançado de si como veneno mortal para o Estado.

E foi essa uma das causas de grandeza do culto novo. A humanidade é cousa varia, mudavel, empuxada

Digitized by Google

por desejos contradictorios. Grande é a patria, e santos são os heroes de Marathonia, das Thermopylas, de Valmy e de Fleurus. Mas a patria não é tudo n'este mundo. O homem, antes de ser francez ou allemão, é homem e filho de Deus. O reino de Deus, eterno sonho que ninguem desarraigará do coração do homem, é o protesto contra o que ha de excessivamente exclusivo no patriotismo. A idéa de uma organisação da humanidade em vista da sua maior felicidade e do seu melhoramento moral é christã e legitima. O Estado não sabe e não póde saber senão uma cousa, organisar o egoismo. Isto não é indifferente; porque o egoismo é de todos os moveis humanos o mais poderoso e de que mais facilmente se póde lançar mão. Mas isso não basta. Os governos que partiram da supposição que o homem não é composto senão de instinctos cubiçosos, teem-se enganado. A dedicação é tão natural como o egoismo ao homem de grande raça. A organisação da dedicação é a religião. Portanto ninguem espere poder passar sem religião e sem associações religiosas. Cada progresso das sociedades modernas ha-de fazer mais imperiosa essa necessidade.

Ahi está de que maneira essas relações de successos singulares podem ser para nós cheias de lições e de exemplos. Não sejam causa de duvida certas passagens que a differença dos tempos faz parecer extraordinarias. Quando se trata de crenças populares, ha sempre immensa desproporção entre a grandeza do fim ideal a que tende a fé e a pequenez das circumstancias materiaes que teem feito crêr. D'ahi procede a particularidade que, na historia religiosa, ha pormenores repugnantes e actos que dão ares de loucura que podem ser misturados com tudo o que ha mais sublime. O frade que inventou a santa ambula foi um dos fundadores do reino de França. Quem não quereria riscar da vida de Jesus o episodio dos endemoninhados de Gergesa? Não ha homem em perfeita tranquillidade de espirito que faça o que fizeram Francisco de Assis, Joanna d'Arc, Pedro Eremita, Ignacio de Loyola. Nada é mais relativo do que a palavra

Digitized by Google

loucura applicada ao passado do espirito humano. Segundo as idéas que hoje correm, não houve propheta, apostolo ou santo que não devesse ser clausurado. A consciencia humana é muito instavel, nas épocas em que a reflexão não está desenvolvida; n'esses estados da alma, é por passagens insensiveis que o bem se torna em mal e o mal em bem, que o bello confina com o feio e o feio vem a ser a belleza. Se não se admittir isto, não ha justiça possivel para com o passado. Um só sopro divino corre por toda a historia e faz a sua admiravel unidade; mas a variedade das combinações que podem produzir as faculdades humanas é infinita.

Os apostolos differem menos de nós do que os fundadores do buddhismo, que estavam mais visinhos de nós pela lingua e provavelmente pela raça. O nosso seculo tem visto movimentos religiosos tão extraordinarios como os de outr'ora, movimentos que teem incendido igual enthusiasmo, e que tem já tido, guardadas as devidas proporções, mais martyres, e cujo futuro ainda é incerto.

Não fallo dos Mormons, seita que por algumas circumstancias é tão inepta e tão abjecta que hesitamos em consideral-a seriamente. Mas é instructivo vêr, no seculo XIX, milhares de homens da nossa raça que vivem no milagre, que crêem com fé cega em maravilhas que dizem ter visto e tocado. Ha já uma litteratura completa a mostrar o accordo do mormonismo com a sciencia; e, o que ainda vale mais, essa religião, baseada em imposturas piegas, tem sabido realisar prodigios de paciencia e de abnegação; passados quinhentos annos, ha-de haver doutores que provarão a sua divindade pelas maravilhas do seu estabelecimento. O babismo, na Persia, foi um phenomeno diversamente consideravel [1]. Um homem affavel e sem nenhuma ambição, uma especie de Spinoza

1 Veja-se a historia das origens do babismo, contada por Gobineau, *les Relig. et les Philos. dans l'Asie central*, pag. 141 e seg.; e por Mirza kazem-beg, no *Journal asiatique*. Eu mesmo, em Constantinopla, pude colher, de duas pessoas que tiveram alguma cousa na historia do babismo, noticias que confirmam o que contam estes dous sabios.

Digitized by Google

modesto e pio, viu-se, quasi contra a sua vontade, elevado ao grau de thaumaturgo, de encarnação divina, e veio a ser director de uma seita numerosa, ardente e fanatica, que esteve para causar uma revolução comparavel com a do islam. Por elle correram com alegria milhares de martyres a affrontar a morte. Um dia talvez sem igual na historia do mundo foi o da grande carnificina de babis em Teheran. Um escriptor que soube bem como as cousas passaram [1], narra-as pelo modo seguinte:

« Viu-se n'esse dia nas ruas e nos bazares de Teheran, um espectaculo que o povo não terá nunca de esquecer. Quando, ainda hoje, a conversação recahe sobre este assumpto, pode-se fazer idéa da admiração e horror que o povo sentiu e que os annos não teem diminuido. Viram-se caminhar entre algozes creanças e mulheres, com as carnes rasgadas em todo o corpo, e com mechas accesas, introduzidas nas feridas. As victimas eram arrastadas por cordas, e obrigadas a caminhar á força de azorrague. E creanças e mulheres iam cantando um versiculo que diz: « Em verdade, vimos de Deus e para elle voltamos! » As suas vozes erguiam-se sonoras acima do profundo silencio da multidão. Quando cahia um dos suppliciados e o faziam levantar abaionetando-o ou azorragando-o, ainda que, pela perda do sangue que corria de todos os membros, lhe restassem muito poucas forças, elle punha-se a dançar e gritava com maior enthusiasmo: « Em verdade, viemos de Deus e voltamos para elle! » Algumas das creanças expiraram no caminho. Os algozes arremessaram-lhes os corpos debaixo dos pés de seus paes e de suas irmãs, que passaram com altivez por cima d'elles sem para elles olharem duas vezes. Quando se chegou ao lugar da execução, ainda se propoz ás victimas a vida pela abjuração. Um algoz lembrou-se de dizer a um pae que, se não cedesse, cortaria sobre o seu peito o pescoço a seus dous filhos. Eram dous rapazinhos, dos quaes o mais velho tinha quatorze annos, e que, tingidos pelo seu proprio sangue, com as

1 Gobineau, obra cit., pag, 301 e seg.

Digitized by Google

carnes calcinadas, escutavam friamente o dialogo; o pae respondeu, deitando-se na terra, que estava prompto; e o filho mais velho, reclamando energicamente o seu direito de primogenitura, pediu que o degolassem primeiro [1]. Por fim, tudo foi acabado; a noite fechou-se sobre um montão de carnes informes; as cabeças eram atadas em feixes ao poste da justiça, e os cães dos arrabaldes dirigiam-se em grande numero para esse lado».

Passava-se isto em 1852. A seita de Mazdak, no reinado de Chosroés Nouschirvan, foi abafada em igual banho de sangue. A dedicação absoluta é para os sinceros o mais delicado dos gozos e uma especie de necessidade. Quando foi a mortandade dos babis, houve individuos, que ainda mal pertenciam á seita, que se foram denunciar para entrarem no numero dos pacientes. É tão grato ao homem soffrer por alguma cousa, que em muitos casos o attractivo do martyrio basta para fazer crêr. Um discipulo que foi companheiro de supplicio do Bab, estando dependurado ao lado d'elle nas muralhas de Tebriz, e á espera da morte, não dizia senão: «Estás contente de mim, mestre?»

As pessoas que consideram como milagroso ou chimerico o que na historia vai além dos calculos de um bom senso vulgar, hão-de achar esses factos inexplicaveis. A condição fundamental da critica é saber comprehender os diversos estados do espirito humano. A fé absoluta é para nós um facto completamente estranho. Fóra das sciencias positivas, de uma certeza por assim dizer material, qualquer opinião é para nós apenas um quasi, que abrange uma parte de verdade e uma parte de erro. A parte de erro póde ser tão pequena quanto se quizer; mas nunca se reduz a zero quando se trata de cousas moraes em que se envolve uma questão de arte, de linguagem, de fórma litteraria, de pessoas. Não

1 Tambem sei o seguinte de excellente fonte: Alguns sectarios, a quem se queria induzir á retractação, foram atados á bocca de canhões, escorvados com uma mecha comprida que ardia de vagar. Dizia-se-lhes que a mecha seria cortada se renegassem o Bab. Elles, com os braços estendidos para o fogo, supplicavam-no para que não se demorasse em consummar a sua felicidade.

Digitized by Google

é esse o modo de vêr dos animos estreitos e porfiosos, dos Orientaes por exemplo. O olhar d'esses homens não é como o nosso; é o olhar de esmalte das figuras de mosaicos, embaciado, fixo. Não sabem vêr mais do que uma cousa por cada vez, e essa cousa os aperta e se apossa d'elles; então deixam de ser senhores de crêr ou não crêr; já não ha n'elles lugar para reflexão. Abraçada assim uma opinião, o homem deixa-se matar por ella. O martyr é em religião o que o homem de partido é em politica. Não houve grande numero de martyres de alta intelligencia. Os confessores do tempo de Diocleciano de certo foram, depois da paz da Egreja, creaturas importunas e orgulhosas. Nunca é bem tolerante quem crê que toda a razão está da sua parte, e que da parte dos outros só ha sem-razão.

Assim, os grandes abrasamentos religiosos, por serem consequencia de um modo muito determinado de vêr as cousas, vem a ser enigmas para um seculo como o nosso, em que tem afrouxado o rigor das convicções. Entre nós, o homem sincero modifica de continuo as suas opiniões; em primeiro lugar, porque o mundo muda; em segundo lugar, porque o apreciador muda tambem. Nós crêmos em muitas cousas ao mesmo tempo. Amamos a justiça e a verdade; por ellas exporiamos a vida: mas não admittimos que o justo e o verdadeiro sejam predicado de uma seita ou de um partido. Somos bons francezes; mas confessamos que os allemães, os inglezes nos são superiores em muitas cousas. Não é assim nas épocas e nos paizes em que cada um é todo da sua communhão, da sua raça, da sua escóla politica, e é por isso que todas as grandes creações religiosas se teem verificado em sociedades cujo caracter geral era mais ou menos analogo ao do Oriente. Até agora, com effeito, só a fé absoluta tem conseguido constranger as outras a aceital-a. Blandina, boa serva de Lyão que se fez matar pela sua fé ha mil e setecentos annos, e Clovis, brutal caudilho que, ha perto de quatorze seculos, achou bom abraçar o christianismo, ainda hoje nos dictam a lei.

Digitized by Google

Quem é que, percorrendo as nossas antigas cidades amodernadas, não tem parado ao pé dos gigantescos monumentos da fé de antigas eras? Tudo se tem renovado de redor; não ha vestigios de usanças de outr'ora; a cathedral está de pé, talvez um pouco deteriorada até onde chegou a mão do homem, mas profundamente enraizada no solo. *Mole sua stat!* A sua massa é o seu direito. Resistiu ao diluvio que tudo varreu de volta d'ella; nenhum dos homens de outr'ora, se volvesse a visitar os lugares onde viveu, poderia encontrar a sua casa; só o corvo, que assentou o seu ninho no mais alto do sagrado edificio, é que não tem visto erguer-se o camartelo sobre a sua morada. Singular prescripção! Aquelles bons martyres, aquelles rudes convertidos, aquelles piratas que edificaram egrejas, dominam-nos sempre. Somos christãos porque lhes aprouve serem christãos. Como em politica só duram as instituições barbaras, em religião só são contagiosas as affirmações espontaneas e, deixem-me dizer, fanaticas. É porque as religiões são obras inteiramente populares. O seu successo não pende das provas mais ou menos satisfactorias que dão da sua divindade; está na proporção do que ellas dizem ao coração do povo.

Segue-se d'aqui que a religião está condemnada a decrescer pouco a pouco, e a desapparecer como os erros populares sobre a magia, a feiticeria e os espiritos? De certo não. A religião não é um erro popular; é uma grande verdade de instincto, presentida pelo povo e expressa pelo povo. Todos os symbolos que servem para dar uma fórma ao sentimento religioso são incompletos, e a sua sorte é serem rejeitados uns após outros. Mas não ha nada mais falso do que o sonho de certas pessoas que, forcejando por conceberem a humanidade perfeita, concebem-n'a sem religião. É o inverso. A China, que é uma humanidade inferior, quasi não tem religião. Pelo contrario, supponhamos um planeta habitado por uma humanidade cujo poder intellectual, moral e physico, seja duplo do da humanidade terrestre; essa huma-

Digitized by Google

nidade seria pelo menos duas vezes mais religiosa do que a nossa. Digo « pelo menos », porque é provavel que o augmento das faculdades religiosas se verificasse em mais rapida progressão do que o da capacidade intellectual, e não segundo a simples proporção directa. Supponhamos uma humanidade dez vezes mais forte do que a nossa; essa humanidade seria infinitamente mais religiosa. Até mesmo é provavel que n'esse grau de sublimidade, isento de todos os cuidados materiaes e de todo o egoismo, dotado de perfeito tacto e de gosto divinamente delicado, vendo a baixeza e o nada de tudo o que não é o verdadeiro, o bem ou o bello, o homem fosse unicamente religioso, vivesse em perpetua adoração, passando de extasis a extasis, nascendo, vivendo e morrendo em um mar de delicias. Com effeito, o egoismo, pelo qual se mede a inferioridade dos seres, decresce ao passo que o ser se aparta do animal. Um ente perfeito não seria egoista; seria completamente religioso. Será pois effeito do progresso engrandecer a religião, e não destruil-a ou agorental-a.

Mas é tempo de voltar aos tres missionarios, Paulo, Barnabé e João Marcos, que deixamos no momento em que sahiam de Antiochia pela porta por onde se passava para a Seleucia. No meu terceiro livro, tentarei seguir as pisadas d'estes mensageiros de boa nova, por terra e por mar, em calma e em tormenta, em bons e em maus dias. Tenho pressa de expôr essa epopéa sem igual, de pintar aquellas estradas infinitas da Asia e da Europa, ao longo das quaes lançaram a semente do Evangelho, aquellas vagas que atravessaram tantas vezes em situações tão diversas. Vai abrir-se a grande odysséa christã. A barca apostolica já despregou as velas; o vento sopra, e não aspira senão a levar em suas azas as palavras de Jesus.

FIM

Digitized by Google

ADVERTENCIA

As referencias á Vida de Jesus, que se encontram em notas d'este livro, estão subordinadas á traducção d'essa obra que publicamos em 1864.

O editor.

Digitized by Google

PORTO: 1866 — TYPOGRAPHIA DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 62

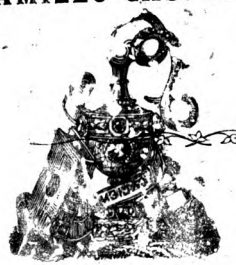
Digitized by Google

BIBLIOTHECA DO CARROÇÃO

PRIMEIRA SERIE

COUSAS LEVES E PESADAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO
EM CASA DE LUIZ JOSÉ D'OLIVEIRA — EDITOR
49, Rua de Santo Antonio, 49

1866

Digitized by Google

SYNONYMIA
CHIMICO-PHARMACEUTICA

CONTENDO

TODOS OS NOMES ANTIGOS E MODERNOS DAS SUBSTANCIAS MEDICINAES
E MEDICAMENTOS EMPREGADOS EM MEDICINA
BEM COMO AS ORIGENS E NOMES SCIENTIFICOS DE TODOS OS SIMPLES,
COM ESPAÇO PARA INDICE PARA USO DAS PHARMACIAS

OBRA UTILISSIMA Á CLASSE MEDICA EM GERAL

CONFECCIONADA

POR

AGOSTINHO DA SILVA VIEIRA

PHARMACEUTICO DO HOSPITAL REAL DE SANTO ANTONIO
DIRECTOR TECHNICO DA LAVANDERIA A VAPOR DO MESMO HOSPITAL
1.º OFFICIAL DO JARDIM BOTANICO DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO
REDACTOR DA REVISTA DE PHARMACIA E SCIENCIAS ACCESSORIAS ETC.

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Rua da Cancella Velha, 62

1865

Digitized by Google

OBRAS Á VENDA

NA

62, RUA DA CANCELLA VELHA, 62

E

EM TODAS AS LIVRARIAS

VIDA DE JESUS

POR

ERNESTO RENAN

TRADUZIDA

POR

EDUARDO AUGUSTO SALGADO, E FRANCISCO JOSÉ VIEIRA DE SÁ JUNIOR

A traducção d'esta obra, de que tão alto tem fallado a imprensa europêa, foi feita sobre a edição GRANDE de Paris, cujo preço é de 7 francos e 50 cent. (1$500 réis), e que contém mais que a edição POPULAR não só capitulos inteiros, mas um grande numero de notas e uma longa e curiosissima introducção.

Um grosso volume, nitidamente impresso em optimo papel. Preço 800 reis.

FABULAS DE PHEDRO

Traducção litteral com o texto accentuado á margem. — Preço 700 reis.

CONTOS MORAES

MIMO Á INFANCIA

Um volume nitidamente impresso e illustrado com gravuras. — Preço 200 reis.

ALMANACH POSTAL

Esta curiosa e interessante publicação, util e necessaria a todas as pessoas, por menor que seja a sua correspondencia; contém tudo o que é mister saber com referencia a correios. — Preço 800 reis.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT

This book is under no circumstances to be taken from the Building

form 419

Digitized by Google

Digitized by Google